

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

182^a Conferência Geral Anual

31 de março – 1^o de abril de 2012

Publicado por
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

© 2012 Intellectual Reserve, Inc.
Todos os direitos reservados

Aprovação do inglês: 12/11.
Aprovação da tradução: 12/11.
Tradução de *182nd Annual General Conference*
Portuguese
PD50038655 059

Sumário

SESSÃO DA MANHÃ DE SÁBADO

Ao Reunir-nos Novamente <i>Thomas S. Monson</i>	1
E um Menino Pequeno Os Guiará <i>Boyd K. Packer</i>	4
Ensinar Nossos Filhos a Compreender <i>Cheryl A. Esplin</i>	12
Convertidos a Seu Evangelho por Intermédio de Sua Igreja <i>Donald L. Hallstrom</i>	17
Ele Realmente Nos Ama <i>Paul E. Koelliker</i>	22
Sacrifício <i>Dallin H. Oaks</i>	27
Montanhas para Escalar <i>Henry B. Eyring</i>	34

SESSÃO DA TARDE DE SÁBADO

Apoio aos Líderes da Igreja <i>Dieter F. Uchtdorf</i>	41
Relatório do Departamento de Auditoria da Igreja para 2011 <i>Robert W. Cantwell</i>	45
Relatório Estatístico de 2011 <i>Brook P. Hales</i>	47
Os Trabalhadores da Vinha <i>Jeffrey R. Holland</i>	49
Lembrar Quem Somos : O Sacramento, o Templo e o Sacrifício no Serviço <i>Robert D. Hales</i>	55
Fé, Força, Realização: Mensagem para as Pessoas Que Criam Sozinhas os Filhos <i>David S. Baxter</i>	61
Permaneçam no Território do Senhor! <i>Ulisses Soares</i>	66
Em Sintonia com a Música da Fé <i>Quentin L. Cook</i>	70
Como Obter Revelação e Inspiração para a Vida Pessoal <i>Richard G. Scott</i>	78

SESSÃO DO SACERDÓCIO

Os Poderes do Céu <i>David A. Bednar</i>	84
Resgate para um Crescimento Real <i>Richard C. Edgley</i>	91
Sacerdócio Aarônico: Ergam-se e Usem o Poder de Deus <i>Adrián Ochoa</i>	96
O Porquê do Serviço no Sacerdócio <i>Dieter F. Uchtdorf</i>	101
Famílias sob Convênio <i>Henry B. Eyring</i>	108
Dispostos e Dignos de Servir <i>Thomas S. Monson</i>	116

SESSÃO DA MANHÃ DE DOMINGO

Os Misericordiosos Obterão Misericórdia <i>Dieter F. Uchtdorf</i>	123
Graças Demos a Deus <i>Russell M. Nelson</i>	130
Lições Especiais <i>Ronald A. Rasband</i>	136
A Visão dos Profetas Concernente à Sociedade de Socorro: Fé, Família e Auxílio <i>Julie B. Beck</i>	141
A Doutrina de Cristo <i>D. Todd Christofferson</i>	147
A Corrida da Vida <i>Thomas S. Monson</i>	156

SESSÃO DA TARDE DE DOMINGO

O Poder da Libertação <i>L. Tom Perry</i>	163
Para Encontrar a Que Se Perdeu <i>M. Russell Ballard</i>	169
Ter a Visão de Fazer <i>O. Vincent Haleck</i>	176
“A Não Ser de Acordo com os Princípios da Retidão” <i>Larry Y. Wilson</i>	181
Valeu a Pena? <i>David F. Evans</i>	186
Considerar Sagrado <i>Paul B. Pieper</i>	192
O Que Cristo Pensa de Mim? <i>Neil L. Andersen</i>	197
Ao Encerrarmos Esta Conferência <i>Thomas S. Monson</i>	203

REUNIÃO GERAL DAS MOÇAS

Erguei-Vos e Brilhais <i>Ann M. Dibb</i>	206
Procurem Conhecimento: Vocês Têm um Trabalho a Realizar <i>Mary N. Cook</i>	211

Este É o Momento de Erguer-se e Brilhar! | *Elaine S. Dalton*217
Crer, Obedecer e Perseverar | *Thomas S. Monson*224

Ao Reunir-nos Novamente

Presidente Thomas S. Monson

Nosso Pai Celestial Se preocupa com cada um de nós e com nossas necessidades. Que fiquemos plenos do Seu Espírito, ao participar desta conferência.

Meus amados irmãos e irmãs, ao reunir-nos mais uma vez em uma conferência geral da Igreja, dou-lhes as boas-vindas e expresso meu amor por vocês. Reunimo-nos a cada seis meses para fortalecer, incentivar e consolar uns aos outros e edificar a fé. Estamos aqui para aprender. Alguns de vocês podem estar buscando respostas para dúvidas e problemas que enfrentam na vida. Alguns se debatem com decepções ou perdas. Todos podemos ser individualmente iluminados, elevados e consolados ao sentir o Espírito do Senhor.

Caso haja mudanças que precisem ser feitas em sua vida, vocês podem encontrar o incentivo e a coragem para fazê-lo, ao ouvir as palavras inspiradas que serão proferidas. Que todos renovemos a determinação de viver de modo a sermos dignos filhos e filhas de nosso Pai Celestial. Continuemos a opor-nos ao mal, onde quer que ele seja encontrado.

Quão abençoados somos por estar na Terra num momento como este — um momento maravilhoso na longa história do mundo. Não podemos reunir-nos todos sob o mesmo teto, mas podemos agora participar da conferência por meio das maravilhas da televisão, do rádio, da transmissão via cabo e via satélite, e da Internet — até mesmo de dispositivos móveis. Reunimo-nos falando vários idiomas, morando em muitos países, mas todos com uma só fé, uma só doutrina e um único propósito.

A partir de um modesto princípio há 182 anos, nossa presença é agora sentida no mundo inteiro. Esta grandiosa causa na qual estamos engajados continuará a progredir, mudando e abençoando vidas. Nenhuma causa, nenhuma força no mundo inteiro pode parar a obra de Deus. A despeito do que vier, esta grandiosa causa vai avançar. Lembremos as palavras proféticas do Profeta Joseph Smith: “A mão do ímpio não conseguirá barrar o progresso da obra; mesmo que sejam deflagradas violentas perseguições, que se reúnam multidões enfurecidas, que exércitos sejam mobilizados, mesmo que haja calúnias e difamações, a verdade de Deus avançará com coragem, nobreza e independência, até que tenha penetrado cada continente, visitado cada clima, entrado em cada país e soado em cada ouvido, até que os propósitos de Deus sejam cumpridos e o grande Jeová diga que o trabalho está terminado”.¹

Há muitas coisas difíceis e desafiadoras no mundo de hoje, meus irmãos e irmãs, mas também há muito do que é bom e edificante. Conforme declaramos em nossa décima terceira regra de fé: “Se houver qualquer coisa virtuosa, amável, de boa fama ou louvável, nós a procuraremos”. Continuemos sempre a fazê-lo.

Agradeço a vocês por sua fé e devoção ao evangelho. Agradeço pelo amor e cuidado que demonstram uns para com os outros. Agradeço pelo serviço que prestam em suas alas e ramos e em suas estacas e distritos. É esse serviço que permite que o Senhor leve a efeito muitos dos Seus propósitos aqui na Terra.

Expresso minha gratidão pela bondade com que me recebem, aonde quer que eu vá. Obrigado por suas orações em meu favor. Tenho sentido essas orações e sinto imensa gratidão por elas.

Agora, meus irmãos e irmãs, viemos para ser instruídos e inspirados. Muitas mensagens serão compartilhadas nos próximos dois dias. Posso assegurar-lhes que os homens e as mulheres que vão falar-nos hoje buscaram a ajuda e a orientação do céu ao preparar suas mensagens e foram inspirados a respeito do que irão compartilhar conosco.

Nosso Pai Celestial Se preocupa com cada um de nós e com nossas necessidades. Que fiquemos plenos do Seu Espírito, ao

participar desta conferência, é minha sincera oração, no sagrado nome de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith, 2007*, p. 149.

E um Menino Pequeno Os Guiará

Presidente Boyd K. Packer

Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

O marido e a mulher devem compreender que seu primeiro chamado — um chamado do qual jamais serão desobrigados — é de um para com o outro e depois para com os filhos.

Há vários anos, numa noite fria, em uma estação ferroviária do Japão, ouvi alguém bater na janela do carro-leito em que eu estava. Ali estava um menino tremendo de frio, vestindo uma camisa rasgada, com um trapo sujo amarrado em torno do queixo inchado. A cabeça estava coberta de sarna. Tinha nas mãos uma lata enferrujada e uma colher, indicando ser um mendigo órfão. Enquanto eu me esforçava para abrir a porta para dar-lhe dinheiro, o trem partiu.

Jamais me esquecerei daquele menininho esfomeado, de pé ali no frio, segurando uma lata vazia. Tampouco esquecerei quão desolado me senti quando o trem partiu lentamente, deixando-o ali de pé na plataforma.

Alguns anos depois, em Cuzco, uma cidade localizada no alto dos Andes, no Peru, o Élder A. Theodore Tuttle e eu realizávamos uma reunião sacramental em um longo e comprido salão, que dava para a rua. Era noite, e enquanto o Élder Tuttle falava, um menininho de uns seis anos apareceu na porta. Ele vestia apenas uma camiseta rasgada que lhe chegava aos joelhos.

À esquerda do púlpito, havia uma pequena mesa com uma bandeja de pão para o sacramento. O faminto órfão de rua viu o pão e se esgueirou devagar junto à parede na direção dele. Quando quase tinha chegado à mesa, uma mulher sentada no

corredor o viu. Com um ríspido aceno de cabeça, ela o expulsou dali para o frio da noite. Gemi em meu íntimo.

Mais tarde, o menininho voltou. Foi-se esgueirando junto a parede, alternando o olhar para o pão e para mim. Quando estava chegando ao lugar em que a mulher o veria de novo, abri os braços e ele veio correndo para mim. Eu o segurei no colo.

Depois, como um gesto simbólico, coloquei-o sentado na cadeira do Élder Tuttle. Após a última oração, o menininho faminto disparou para a rua escura.

Quando voltei para casa, contei o que me acontecera ao Presidente Spencer W. Kimball. Ele ficou profundamente tocado e disse: “Você segurava uma nação no colo”. Ele me disse, mais de uma vez: “O que lhe aconteceu tem um significado bem maior do que você tem ideia”.

Ao visitar quase 100 vezes os países da América Latina, procurei aquele menino entre os rostos do povo. Agora sei o que o Presidente Kimball quis dizer.

Encontrei outro menino tremendo de frio nas ruas de Salt Lake City. Era tarde da noite, em outro dia frio de inverno. Estávamos saindo de um hotel, depois de um jantar de Natal. Descendo a rua, surgiram seis ou oito meninos fazendo algazarra. Todos eles deveriam estar em casa, longe do frio.

Um menino não tinha casaco. Ficava pulando bem rápido para afastar o frio. Desapareceu por uma rua secundária, com certeza para um apartamento pequeno e velho, com uma cama sem cobertores suficientes para mantê-lo aquecido.

Naquela noite, quando me cobri, fiz uma oração pelos que não tinham uma cama com cobertor para aquecê-los.

Minha base militar ficava em Osaka, Japão, no término da Segunda Guerra Mundial. A cidade estava em ruínas e as ruas estavam cobertas de tijolos, entulhos e crateras de bombas. Embora a maioria das árvores tivesse sido derrubada pelas explosões, restavam umas poucas ainda de pé, com os galhos e os troncos quebrados, ousando fazer brotar alguns ramos e folhas.

Uma menininha trajando um colorido quimono esfarrapado estava atarefada colhendo folhas amarelas de sicômoro para fazer um buquê. A criança parecia indiferente à devastação que a cercava, enquanto vasculhava os entulhos à procura de mais

folhas para sua coleção. Ela encontrara algo de belo que restava em seu mundo. Talvez eu deva dizer que *ela* era a beleza de seu mundo. De alguma forma, ao pensar nela, sinto minha fé aumentar. Aquela criança personificava a esperança.

Mórmon ensinou que “as criancinhas (...) estão vivas em Cristo”¹ e não precisam se arrepender.

Na virada do século anterior, dois missionários trabalhavam nas montanhas do sul dos Estados Unidos. Certo dia, do alto de uma colina, viram algumas pessoas reunidas numa clareira abaixo. Não era frequente que os missionários tivessem muitas pessoas a quem pregar, por isso desceram até a clareira.

Um menininho tinha-se afogado, e um funeral estava para ser realizado. Os pais mandaram chamar um ministro para “dizer algumas palavras” junto ao filho. Os missionários ficaram de longe, enquanto o ministro encarava o pai e a mãe enlutados e começava seu sermão. Se os pais esperavam receber consolo daquele homem religioso, ficariam desapontados.

Ele os repreendeu severamente por não terem batizado o menino. Haviam adiado o batismo, por um motivo ou outro, mas então era tarde demais. Disse-lhes de modo bem brusco que o menino tinha ido para o inferno. Era tudo culpa deles. Eram culpados pelo tormento infinito dele.

Depois que o sermão terminou e a sepultura foi coberta, os élderes se aproximaram dos pais enlutados. “Somos servos do Senhor”, disseram à mãe, “e temos uma mensagem para vocês”. Enquanto os pais lacrimosos ouviam, os dois leram trechos das revelações e prestaram seu testemunho da restauração das chaves da redenção tanto de vivos quanto de mortos.

Tenho certa pena daquele pregador. Ele estava fazendo o melhor que podia com a luz e o conhecimento que possuía. Porém, há mais do que ele seria capaz de oferecer. Há a plenitude do evangelho.

Os élderes surgiram ali como consoladores, como instrutores e como servos do Senhor, como ministros autorizados do evangelho de Jesus Cristo.

As crianças de quem falei representam todos os filhos de nosso Pai Celestial. “Eis que os filhos são herança do Senhor, e (...) bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava.”²

A criação da vida é uma grande responsabilidade para um homem e uma mulher que são casados entre si. É o desafio da mortalidade ser uma mãe ou um pai digno e responsável. Nem o homem nem a mulher pode gerar filhos sem o outro. Isso significa que os filhos têm dois pais: um pai e uma mãe. Nenhum padrão ou processo pode substituir esse modelo.

Há muito tempo, uma mulher me contou chorando que havia cometido um grave erro com o namorado, quando estava na faculdade. Fizera um aborto. No devido tempo, eles se formaram, se casaram e tiveram outros filhos. Ela me contou como se sentia atormentada ao olhar para sua família, seus belos filhos, e ver em sua mente o espaço, agora vazio, deixado por aquele filho que faltava.

Se aquele casal compreender e aplicar a Expição, saberá que aquele fato e a dor relacionada a ele podem ser apagados. Nenhuma dor dura para sempre. Não é fácil, mas nunca foi dito que a vida seria fácil ou justa. O arrependimento e a eterna esperança proporcionados pelo perdão sempre valerão o esforço.

Outro jovem casal me contou entre lágrimas que havia acabado de consultar um médico que disse a eles que não poderiam ter seus próprios filhos. Ficaram arrasados ao saber disso. Surpreenderam-se quando eu lhes disse que, na verdade, eles eram muito afortunados. Perguntaram por que eu diria uma coisa assim. Expliquei que o estado deles era infinitamente melhor do que o de casais que eram capazes de ser pais, porém, rejeitavam e evitavam de modo egoísta essa responsabilidade.

Eu lhes disse: “Pelo menos vocês querem ter filhos, e esse desejo vai pesar muito a seu favor em sua vida terrena e no mundo vindouro, porque lhes dará estabilidade espiritual e emocional. No final, estarão em uma situação muito melhor porque quiseram filhos e não puderam tê-los, em comparação com os que podiam, mas não quiseram tê-los”.

Há ainda outros casais que permanecem solteiros e, portanto, sem filhos. Alguns, devido a circunstâncias que lhes fogem ao controle, criam filhos sozinhos, sem o cônjuge. Essas condições são temporárias. No plano eterno das coisas — nem sempre na mortalidade — os anseios e desejos justos serão realizados.

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens”.³

O propósito final de toda a atividade na Igreja é ver o marido e a mulher e seus filhos felizes no lar, protegidos pelos princípios e pelas leis do evangelho, selados em segurança nos convênios do sacerdócio eterno. O marido e a mulher devem compreender que seu primeiro chamado — um chamado do qual jamais serão desobrigados — é de um para com o outro e depois para com os filhos.

Uma das grandes descobertas do papel de pai ou mãe é que aprendemos muito mais sobre o que realmente importa com nossos filhos do que aprendemos com nossos pais. Reconhecemos a verdade contida na profecia de Isaías, de que “um menino pequeno os guiará”.⁴

Em Jerusalém, “Jesus, chamando um menino, o pôs no meio deles,

E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.

Portanto, aquele que se tornar humilde como este menino, esse é o maior no reino dos céus”.⁵

“Jesus, porém, disse: Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus.

E, tendo-lhes imposto as mãos, partiu dali.”⁶

Lemos no Livro de Mórmon a respeito da visita de Jesus Cristo ao Novo Mundo. Ele curou e abençoou as pessoas e ordenou que os pequeninos fossem levados até Ele.

Mórmon relatou: “Levaram, pois, suas criancinhas e colocaram-nas no chão, ao redor dele; e Jesus ficou no meio; e a multidão cedeu espaço até que todas as crianças fossem levadas a ele”.⁷

Depois, ele ordenou que as pessoas se ajoelhassem. Com as crianças ao Seu redor, o Salvador Se ajoelhou e proferiu uma oração a nosso Pai Celestial. Após a oração, o Salvador chorou “e pegou as criancinhas, uma a uma, e abençoou-as e orou por elas ao Pai.

E depois de haver feito isso, chorou de novo”.⁸

Posso compreender os sentimentos expressos pelo Salvador em relação às crianças. Há muito que aprender seguindo Seu exemplo ao procurarmos orar, abençoar e ensinar “aqueles pequeninos”.⁹

Fui o décimo de uma família de onze filhos. Pelo que sei, nem meu pai nem minha mãe serviram em um cargo de destaque na Igreja.

Meus pais serviram fielmente em seu mais importante chamado: o de pais. Meu pai liderava nosso lar em retidão, nunca com raiva ou temor. E o vigoroso exemplo de meu pai era magnificado pelo terno conselho de minha mãe. O evangelho é uma influência vigorosa na vida de todos nós da família Packer e na geração seguinte, e na seguinte e na seguinte, até onde podemos ver.

Espero ser julgado como um homem tão bom quanto meu pai. Antes de ouvir as palavras “bem está, servo bom e fiel”, de meu Pai Celestial, espero ouvi-las primeiro de meu pai mortal.

Muitas vezes me questionei por que eu devia ser chamado apóstolo e depois Presidente do Quórum dos Doze, apesar de ter vindo de um lar em que o pai poderia ser chamado de menos ativo. Sou o único membro dos Doze que se encaixa nessa descrição.

Por fim, pude ver e compreender que isso pode ter acontecido por causa das circunstâncias em que fui chamado. E compreendi porque precisamos, em tudo o que fazemos na Igreja, prover o caminho, como líderes, para que pais e filhos se reúnam em família. Os líderes do sacerdócio precisam tomar cuidado para fazer com que a família da Igreja seja amigável.

Há muitas coisas em relação à aplicação prática do evangelho de Jesus Cristo que não podem ser medidas pelas coisas que são contadas ou compiladas nos registros de frequência. Atarefamos com edifícios, orçamentos, programas e procedimentos. Ao fazê-lo, é possível deixar passar despercebido o próprio espírito do evangelho de Jesus Cristo.

Muito frequentemente alguém me procura e diz: “Presidente Packer, não seria bom se (...)?”

Geralmente interrompo e digo “não”, porque suspeito que o que virá a seguir será uma nova atividade ou um programa que vai aumentar o fardo de tempo e recursos financeiros da família.

O tempo dedicado à família é sagrado e deve ser protegido e respeitado. Pedimos a nossos membros que demonstrem devoção a sua família.

Quando nos casamos, minha mulher e eu decidimos que aceitaríamos os filhos que nos nascessem com a responsabilidade de cuidar de seu nascimento e crescimento. No devido tempo, eles formaram a própria família.

Duas vezes, em nosso casamento, na época do nascimento de dois de nossos menininhos, ouvimos o médico dizer: “Acho que não vão conseguir ficar com este aqui”.

Em ambas as ocasiões, isso fez com que respondêssemos que daríamos a nossa vida, se nosso filhinho pudesse manter a dele. Ao fazermos essa oferta, demo-nos conta de que essa mesma devoção é semelhante ao que nosso Pai Celestial sente a respeito de cada um de nós. Que pensamento sublime!

Agora, no ocaso de nossa vida, minha mulher e eu compreendemos que a família pode ser eterna e temos testemunho disso. Se obedecermos aos mandamentos e vivermos plenamente o evangelho, seremos protegidos e abençoados. Com nossos filhos, netos e bisnetos, nossa oração é que cada membro de nossa crescente família tenha a mesma devoção a esses preciosos pequeninos.

Pais e mães, da próxima vez que embalarem um filho recém-nascido nos braços, poderão ter uma visão interior dos mistérios e propósito da vida. Compreenderão melhor por que a Igreja é como é, e por que a família é a organização básica nesta vida e na eternidade. Presto testemunho de que o evangelho de Jesus Cristo é verdadeiro, que o plano de redenção, que é chamado de o plano de felicidade, é um plano para as famílias. Oro ao Senhor para que as famílias da Igreja sejam abençoadas, os pais e os filhos, para que esta obra siga adiante como é da vontade do Pai. Presto esse testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Morôni 8:12.

2. Salmos 127:3, 5.

3. I Coríntios 15:19.

4. Isaías 11:6.

5. Mateus 18:3–4.
6. Mateus 19:14–15.
7. 3 Néfi 17:12.

8. 3 Néfi 17:21–22.
9. 3 Néfi 17:24.

Ensinar Nossos Filhos a Compreender

Cheryl A. Esplin

Segunda Conselheira na Presidência Geral da Primária

Ensinar nossos filhos a compreender é mais do que apenas dar-lhes a informação; é ajudá-los a gravar a doutrina no coração.

Com o passar dos anos, muitos detalhes de minha vida ficam nebulosos, contudo, as lembranças mais vívidas são o nascimento de cada um de nossos filhos. O céu parecia tão próximo que, se eu quisesse, quase poderia evocar a mesma reverência e assombro que senti a cada vez que tomei nos braços um daqueles preciosos bebês.

Nossos “filhos são herança do Senhor” (Salmos 127:3). Ele conhece e ama cada um deles com perfeito amor (ver Morôni 8:17). Que responsabilidade sagrada nosso Pai Celestial confiou aos pais como sócios Seus na tarefa de ajudar Seus preciosos espíritos a tornar-se o que Ele sabe que eles podem vir a ser.

Esse privilégio divino de criar os filhos é uma responsabilidade grande demais para cumprirmos sozinhos, sem a ajuda do Senhor. Ele sabe exatamente o que nossos filhos precisam saber, o que precisam fazer e o que precisam ser para voltar a Sua presença. Ele dá instruções e orientações específicas ao pai e à mãe por meio das escrituras, de Seus profetas e do Espírito Santo.

Em uma revelação moderna dada por intermédio do Profeta Joseph Smith, o Senhor instruiu os pais a ensinar os filhos a *compreender* a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, do batismo e do dom do Espírito Santo. Observem que o Senhor não disse apenas que devemos “ensinar a doutrina”. Suas instruções

são para que ensinemos nossos filhos a “compreender a doutrina” (ver D&C 68:25, 28; grifo da autora).

Em Salmos, lemos: “Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei, e observá-la-ei de todo o meu coração” (Salmos 119:34).

Para ensinar nossos filhos a compreender é preciso mais do que apenas transmitir informações. Trata-se de ajudar nossos filhos a gravar a doutrina no coração, de modo que se torne parte de seu próprio ser e se reflita em suas atitudes e em seu comportamento, por toda a vida.

Néfi ensinou que o papel do Espírito Santo é levar a verdade “ao coração dos filhos dos homens” (2 Néfi 33:1). Nosso papel, como pais, é fazer tudo o que pudermos para criar um ambiente no qual nossos filhos possam sentir a influência do Espírito e, depois, ajudá-los a reconhecer o que sentiram.

Lembro-me de um telefonema que recebi de nossa filha Michelle, há vários anos. Com terna emoção, ela disse: “Mãe, acabo de vivenciar uma coisa incrível com a Ashley”. Ashley é sua filha, que tinha cinco anos na época. Michelle disse que a Ashley passara a manhã inteira brigando com o Andrew, de três anos: um se recusava a dividir as coisas e o outro batia. Depois de ajudá-los a resolver as coisas, Michelle foi cuidar do bebê.

Logo em seguida, Ashley foi correndo dizer-lhe, zangada, que Andrew não queria dividir. Michelle lembrou Ashley do compromisso que haviam assumido na noite familiar de ser mais bondosos uns com os outros.

Perguntou se ela queria orar e pedir a ajuda do Pai Celestial, mas Ashley, ainda zangada, respondeu que não. Quando lhe foi perguntado se ela acreditava que o Pai Celestial responderia a sua oração, Ashley disse que não sabia. A mãe pediu-lhe que tentasse, e gentilmente tomou-lhe as mãos e ajoelhou-se com ela.

Michelle sugeriu que Ashley pedisse ao Pai Celestial que ajudasse o Andrew a dividir — e que a ajudasse a ser bondosa. A ideia de que o Pai Celestial ajudaria seu irmãozinho a compartilhar agradou-a, e ela começou a orar, pedindo primeiro que o Pai Celestial ajudasse o Andrew a dividir suas coisas. Ao pedir que Ele a ajudasse a ser bondosa, ela começou a chorar. Ashley terminou a oração e escondeu a cabeça no ombro da mãe.

Michelle a abraçou e perguntou por que estava chorando. Ela disse que não sabia.

A mãe disse: “Acho que sei por que você está chorando. Está com um sentimento bom?” Ashley fez que sim, e a mãe prosseguiu: “Isso é o Espírito ajudando você a sentir-se assim. É o modo de o Pai Celestial lhe dizer que a ama e que vai ajudá-la”.

Perguntou se Ashley acreditava naquilo, se acreditava que o Pai Celestial podia ajudá-la. Com os olhos cheios de lágrimas, ela respondeu que sim.

Às vezes, o modo mais eficaz de ensinar nossos filhos a compreender a doutrina é ensiná-la no contexto do que eles estão vivenciando naquele exato momento. Esses momentos são espontâneos e não planejados, e acontecem no decorrer da vida em família. Vêm e vão tão rapidamente que precisamos estar alertas e reconhecer um momento de ensino quando nossos filhos nos procuram com uma pergunta ou preocupação, quando não conseguem se dar bem com os irmãos ou amigos, quando precisam controlar sua raiva, quando cometem um erro ou quando precisam tomar uma decisão (ver *Ensino: Não Há Maior Chamado — Um Guia de Recursos para o Ensino do Evangelho*, 2009, pp. 140–141; *Relacionamento Conjugal e Familiar — Manual do Professor*, 2000, p. 58).

Se estivermos prontos e deixarmos o Espírito nos guiar nessas situações, nossos filhos serão ensinados com mais eficácia e compreensão.

Igualmente importantes são os momentos de ensino que ocorrem ao planejarmos cuidadosamente certas ocasiões habituais, como a oração familiar, o estudo das escrituras em família, a noite familiar e outras atividades da família.

Em toda situação de ensino, todo aprendizado e toda compreensão são mais bem nutridos em um ambiente de carinho e amor, no qual o Espírito esteja presente.

Uns dois meses antes de os filhos completarem oito anos, um pai reservava um tempo toda semana para prepará-los para o batismo. A filha disse que, quando chegou sua vez, ganhou dele um diário e sentaram-se juntos, apenas os dois, então conversaram e compartilharam sentimentos sobre princípios do evangelho. O pai pediu que ela desenhasse um auxílio visual, à

medida que conversavam, mostrando a existência pré-mortal, esta vida terrena e cada passo que ela precisaria dar para voltar a viver com o Pai Celestial. Ele prestou testemunho de cada passo do plano de salvação, à medida que o ensinava a ela.

Ao lembrar o que aconteceu, a filha, já adulta, disse: “Jamais esquecerei o amor que senti por meu pai naqueles momentos que passamos juntos. (...) Creio que essa experiência foi uma das principais razões pelas quais eu tinha um testemunho do evangelho quando fui batizada” (ver *Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 129).

É preciso determinação e constância para ensinar nossos filhos a compreender. É preciso ensinar por preceito e exemplo, e principalmente ajudar nossos filhos a aplicar o que aprenderam.

O Presidente Harold B. Lee ensinou: “Sem vivenciar um princípio do evangelho na prática, é muito mais difícil acreditar nesse princípio” (*Ensinos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee*, 2000, p. 121).

Aprendi a orar ajoelhando-me com minha família na oração familiar. Aprendi a linguagem da oração ao ouvir meus pais orar e quando eles me ajudaram a fazer minhas primeiras orações. Aprendi que podia conversar com o Pai Celestial e pedir orientação.

Todas as manhãs, sem falta, minha mãe e meu pai nos reuniam em volta da mesa da cozinha, antes do desjejum, e nos ajoelhávamos em família para orar. Orávamos em todas as refeições. À noite, antes de dormir, todos nos ajoelhávamos na sala e encerrávamos o dia com uma oração em família.

Mesmo não compreendendo muitas coisas sobre a oração, quando criança, ela se tornou parte da minha vida e permaneceu comigo. Ainda continuo a aprender, e minha compreensão do poder da oração continua a crescer.

O Élder Jeffrey R. Holland disse: “Todos nós entendemos que o sucesso da mensagem do evangelho depende de seu ensino, de sua compreensão e, depois, de vivermos de tal maneira que sua promessa de felicidade e salvação possa ser alcançada” (“Ensinar e Aprender na Igreja”, reunião mundial de treinamento de liderança, 10 de fevereiro de 2007; ou *A Liahona*, junho de 2007, p. 57).

A plena compreensão das doutrinas do evangelho é um processo de aprendizado para a vida inteira que vem “linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui e um pouco ali” (2 Néfi 28:30). À medida que os filhos aprendem e aplicam o que aprenderam, sua compreensão aumenta, e isso conduz a mais aprendizado, a mais ação e a uma compreensão ainda maior e mais duradoura.

Podemos saber que nossos filhos estão começando a compreender a doutrina quando a vemos refletida em suas atitudes e ações, sem ameaças ou recompensas externas. À medida que nossos filhos aprendem a compreender as doutrinas do evangelho, eles se tornam mais autossuficientes e mais responsáveis. Passam a ser parte da solução dos problemas de nossa família e fazem uma contribuição positiva ao ambiente de nosso lar e ao sucesso de nossa família.

Ensinamos nossos filhos a compreender aproveitando toda situação de ensino, convidando o Espírito, dando o exemplo e ajudando-os a aplicar o que aprenderam.

Quando fitamos os olhos de um bebezinho, lembramos do hino:

*Sou um filho de Deus,
Não me desampareis
E hoje mesmo começai
A ensinar-me as leis.*

*Ensinai-me, ajudai-me
As leis de Deus guardar
Para que um dia eu vá
Com Ele habitar.*

(“Sou um Filho de Deus”, *Hinos*, nº 193; grifo da autora)

Façamos isso. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Convertidos a Seu Evangelho por Intermédio de Sua Igreja

Élder Donald L. Hallstrom

Da Presidência dos Setenta

O propósito da Igreja é ajudar-nos a viver o evangelho.

Adoro o evangelho de Jesus Cristo e A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Às vezes, usamos os termos *evangelho* e *Igreja* como se fossem a mesma coisa, mas não são. No entanto, eles estão primorosamente inter-relacionados, e precisamos dos dois.

O evangelho é o glorioso plano de Deus por meio do qual nós, Seus filhos, temos a oportunidade de receber tudo o que o Pai tem (ver D&C 84:38). Isso se chama vida eterna e foi descrito como “o maior de todos os dons de Deus” (D&C 14:7). Uma parte vital do plano é nossa vida mortal, uma época para desenvolvermos a fé (ver Morôni 7:26), arrepender-nos (ver Mosias 3:12) e reconciliar-nos com Deus (ver Jacó 4:11).

Como nossas fraquezas mortais e a “oposição em todas as coisas” (2 Néfi 2:11) tornariam esta vida profundamente difícil, e como não poderíamos limpar nossos próprios pecados, era necessário que houvesse um Salvador. Quando Eloim, o Deus Eterno e Pai de nosso espírito, apresentou Seu plano de salvação, houve um entre nós que disse: “Eis-me aqui, envia-me” (Abraão 3:27). Seu nome era Jeová.

Nascido de um Pai Celestial, tanto espiritual quanto fisicamente, Ele possuía a onipotência para vencer o mundo. Nascido de uma mãe terrena, estava sujeito à dor e ao sofrimento da mortalidade. O grande Jeová também foi chamado de Jesus e

recebeu adicionalmente o título de Cristo, que significa o Messias ou o Ungido. Sua mais importante realização foi a Expição, por meio da qual Jesus, o Cristo, “desceu abaixo de todas as coisas” (D&C 88:6), o que Lhe possibilitou pagar um resgate redentor por todos nós, individualmente.

A Igreja foi estabelecida por Jesus Cristo durante Seu ministério terreno, “[edificada] sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas” (Efésios 2:20). Nesta que é a dispensação da plenitude dos tempos (D&C 128:18), o Senhor restaurou o que outrora existia, dizendo especificamente ao Profeta Joseph Smith: “E pelas tuas mãos estabalecerei uma igreja” (D&C 31:7). Jesus Cristo era e é o cabeça de Sua Igreja representado na Terra por profetas que possuem autoridade apostólica.

Esta é uma Igreja magnífica. Sua organização, eficácia e pura bondade são respeitadas por todos os que sinceramente procuram compreendê-la. A Igreja tem programas para as crianças, para os jovens, para os homens e para as mulheres. Conta com mais de 18.000 belas capelas. Há templos majestosos, hoje num total de 136, espalhados pela Terra, com outros 30 em construção ou anunciados. Temos um exército de mais de 56.000 missionários de tempo integral, formado por jovens e pessoas maduras, que servem em 150 países. O trabalho humanitário da Igreja é uma maravilhosa manifestação da generosidade de nossos membros. Nosso sistema de bem-estar cuida de nossos membros e promove a autossuficiência de modo inigualável. Nesta Igreja, temos líderes leigos abnegados e uma comunidade de santos disposta a servir uns aos outros de modo extraordinário. Nada há que se compare a esta Igreja no mundo inteiro.

Quando nasci, nossa família morava num pequeno chalé, no terreno de uma das grandes e históricas capelas da Igreja, o Tabernáculo de Honolulu. Peço hoje desculpas a meus queridos amigos do Bispado Presidente, que supervisionam as propriedades da Igreja, mas quando eu era menino percorri cada milímetro daquela propriedade, desde o fundo do espelho d’água ao topo da parte interna da imponente torre iluminada. Até me balancei (como Tarzã) nos longos cipós que brotavam das imensas figueiras que havia na propriedade.

A Igreja era tudo para nós. Frequentávamos muitas reuniões, até mais do que as que temos hoje. Assistíamos à Primária nas tardes de quinta-feira. As reuniões da Sociedade de Socorro eram nas manhãs de terça-feira. A Mutual para os jovens era nas noites de quarta-feira. O sábado era para as atividades da ala. Aos domingos, os homens e rapazes iam para a reunião do sacerdócio pela manhã. Ao meio-dia, frequentávamos a Escola Dominical. Depois, à noite, voltávamos para a reunião sacramental. Com as idas e vindas e as reuniões, parecia que nosso tempo era inteiramente tomado pelas atividades da Igreja durante todo o domingo e na maioria dos dias da semana.

Por mais que eu amasse a Igreja, foi naquela época da minha infância que, pela primeira vez, senti que havia algo mais. Quando eu tinha cinco anos, uma importante conferência foi realizada no tabernáculo. Caminhamos pela viela em que morávamos, atravessamos uma pequena ponte que conduzia ao imenso edifício e nos sentamos na décima fileira da grande capela. Quem presidiu e falou na reunião foi David O. McKay, o Presidente da Igreja. Não me lembro do que ele disse, mas recordo vividamente o que vi e o que senti. O Presidente McKay trajava um terno cor creme e tinha uma aparência muito nobre com seus cabelos brancos ondulados. Na tradição das ilhas, ele usava um colar havaiano de flores vermelhas. Quando ele falou, senti algo muito intenso e muito pessoal. Mais tarde, compreendi que estava sentindo a influência do Santo Espírito. Cantamos o último hino.

Quem segue ao Senhor?

Hoje iremos ver.

Clamemos sem temor

Quem segue ao Senhor?

(“Quem Segue ao Senhor?”, *Hinos*, nº 150)

Aquelas palavras foram cantadas por quase 2.000 pessoas, mas pareceu-me ser uma pergunta feita apenas para mim, e tive vontade de me levantar e dizer: “Eu sigo!”

Alguns acham que a atividade na Igreja é a meta final. Há um perigo nisso. É possível alguém ser ativo na Igreja e menos ativo no evangelho. Deixem-me salientar um ponto: a atividade na

Igreja é uma meta muito desejável, contudo é insuficiente. A atividade na Igreja é uma indicação externa de nosso desejo espiritual. Se frequentamos as reuniões, recebemos e cumprimos responsabilidades na Igreja e servimos ao próximo, isso é observado publicamente.

Em contrapartida, as coisas do evangelho geralmente são menos visíveis e mais difíceis de medir, mas são da maior importância eterna. Por exemplo: quanta fé temos realmente? Quão arrependidos estamos? Quão significativas são as ordenanças em nossa vida? Quão concentrados estamos em nossos convênios?

Repito: precisamos do evangelho e da Igreja. Na verdade, o propósito da Igreja é ajudar-nos a viver o evangelho. Frequentemente nos perguntamos: Como é que alguém pode ser plenamente ativo na Igreja, quando jovem, e depois deixar de ser, ao ficar mais velho? Como pode um adulto que frequentava e servia regularmente parar de vir à Igreja? Como pode uma pessoa que ficou decepcionada com um líder ou com outro membro permitir que isso encerre sua participação na Igreja? Talvez o motivo seja que eles não estavam suficientemente convertidos ao evangelho, às coisas da eternidade.

Sugiro três meios fundamentais de fazer com que o evangelho seja nosso alicerce:

1. *Aprofundar nossa compreensão de Deus.* Um conhecimento profundo dos três membros da Trindade e o amor que sentimos por Eles são coisas indispensáveis. Orar conscientemente ao Pai, em nome do Filho, e buscar a orientação do Espírito Santo. Unir a oração ao estudo constante e a humilde reflexão para edificar continuamente uma fé inabalável em Jesus Cristo. “Pois como conhece um homem o mestre a quem não serviu e que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e desígnios de seu coração?” (Mosias 5:13.)
2. *Concentrar-nos nas ordenanças e nos convênios.* Se houver alguma ordenança essencial que ainda falta ser realizada em sua vida, prepare-se conscientemente para receber cada uma

delas. Depois, precisamos disciplinar-nos para viver fielmente nossos convênios, usando plenamente a dádiva semanal do sacramento. Muitos de nós não estamos sendo constantemente mudados por seu poder purificador devido a nossa falta de reverência por essa sagrada ordenança.

3. *Unir o evangelho com a Igreja.* Ao concentrar-nos no evangelho, a Igreja se tornará uma bênção maior, e não menor, em nossa vida. Se formos a cada reunião preparados para “[procurar] conhecimento, sim, pelo estudo e também pela fé” (D&C 88:118), o Santo Espírito vai ser nosso professor. Se formos para nos entreter, com frequência nos frustraremos. Perguntaram certa vez ao Presidente Spencer W. Kimball: “O que você faz quando está numa reunião sacramental entediante?” Sua resposta: “Não sei. Nunca estive numa reunião assim” (citado por Gene R. Cook, em Gerry Avant, “Learning Gospel Is Lifetime Pursuit”, *Church News*, 24 de março de 1990, p. 10).

Em nossa vida, devemos desejar aquilo que aconteceu depois que o Senhor visitou o povo do Novo Mundo e estabeleceu Sua Igreja. Lemos nas escrituras: “E aconteceu que, assim, [Seus discípulos] andaram pelo meio de todo o povo de Néfi e pregaram o evangelho de Cristo a todas as pessoas de toda a face daquela terra; e elas foram convertidas ao Senhor e uniram-se à Igreja de Cristo; e assim foi abençoado o povo dessa geração” (3 Néfi 28:23).

O Senhor quer que os membros de Sua Igreja se convertam plenamente a Seu evangelho. Esse é o único meio seguro de termos segurança espiritual agora e felicidade para sempre. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Ele Realmente Nos Ama

Élder Paul E. Koelliker

Dos Setenta

Graças a esse padrão da família concebido no céu, compreendemos melhor como nosso Pai Celestial realmente ama igual e plenamente cada um de nós.

Amo estar com os missionários de tempo integral. Eles são cheios de fé, esperança e genuína caridade. Sua experiência missionária é como uma minivida embalada em 18 a 24 meses. Chegam como bebês, com grande apetite para aprender, e saem como adultos amadurecidos, aparentemente prontos para conquistar todo e qualquer desafio que lhes for apresentado. Também amo os dedicados missionários seniores, que são cheios de paciência, sabedoria e serena certeza. Eles trazem uma dádiva de estabilidade e amor para o ambiente cheio de energia juvenil que os cerca. Juntos, os missionários jovens e os casais seniores são uma vigorosa e perseverante força para o bem que está exercendo uma profunda influência na vida deles e na vida das pessoas que são tocadas por seu serviço.

Recentemente, ouvi dois desses excelentes jovens missionários analisar suas experiências e seus esforços. Naquele momento de reflexão, eles avaliaram as pessoas que contataram no dia, algumas das quais se mostraram mais interessadas que as outras. Ao pensarem naquelas circunstâncias, perguntaram-se: “Como podemos ajudar cada pessoa a desenvolver o desejo de conhecer mais a respeito do Pai Celestial? Como podemos ajudá-las a sentir Seu Espírito? Como podemos ajudá-las a saber que as amamos?”

Em minha mente, imaginei como seriam aqueles dois rapazes três ou quatro anos depois de terminar sua missão. Visualizei-os após terem encontrado sua companheira eterna, quando

estivessem servindo em um quórum de élderes ou ensinando um grupo de jovens. Em vez de pensar em seus pesquisadores, eles fariam as mesmas perguntas a respeito dos membros de seu quórum ou dos rapazes que eles ficaram encarregados de cuidar. Vi como sua experiência missionária poderia ser utilizada como um padrão para nutrir outras pessoas por todo o restante de sua vida. À medida que esse exército de discípulos justos retorna da missão para os vários países do mundo inteiro, eles se tornam contribuintes vitais na obra de estabelecimento da Igreja.

O profeta Leí do Livro de Mórmon pode ter ponderado as mesmas perguntas que aqueles missionários fizeram ao ouvir a resposta de seus filhos à orientação e visão que ele havia recebido: “E assim Lamã e Lemuel, sendo os mais velhos, murmuravam contra o pai. E murmuravam por desconhecerem os procedimentos daquele Deus que os havia criado (1 Néfi 2:12).

Talvez já tenhamos sentido a frustração que Leí sentiu em relação a seus dois filhos mais velhos. Ao nos depararmos com um filho que se afasta do caminho, um pesquisador que não se compromete ou um élder em perspectiva que não se interessa, nosso coração se compadece como o de Leí, e nos perguntamos: “Como posso ajudá-los a sentir e a ouvir o Espírito para que não sejam arrastados pelas distrações do mundo? Vieram-me à mente duas escrituras que podem ajudar-nos a encontrar o caminho em meio a essas distrações e a sentir o poder do amor de Deus.

Néfi revela uma das chaves da porta do aprendizado por meio de sua própria experiência: “Eu, Néfi, (...) tendo também grande desejo de saber dos mistérios de Deus, clamei, portanto, ao Senhor; e eis que ele me visitou e enterneceu meu coração, de maneira que acreditei em todas as palavras que meu pai dissera; por esta razão não me revoltei contra ele, como meus irmãos” (1 Néfi 2:16).

O desejo de conhecer, ao ser despertado, permite que nossa sensibilidade espiritual ouça a voz do céu. Encontrar um meio de despertar e nutrir esse desejo é a jornada e a responsabilidade de cada um de nós: missionários, pais e mães, professores, líderes e membros. À medida que sentirmos esse desejo de estimular nosso coração, estaremos preparados para nos beneficiar com o aprendizado da segunda escritura que quero citar.

Em junho de 1831, quando os primeiros líderes da Igreja receberam chamados, foi dito a Joseph Smith que “Satanás está solto na terra, enganando as nações”. Para combater essa influência perturbadora, o Senhor disse que nos daria “um modelo em todas as coisas, para que não [sejamos] enganados” (D&C 52:14).

Os modelos são padrões, guias, passos repetitivos ou caminhos que seguimos para permanecer alinhados com os propósitos de Deus. Se forem seguidos, vão manter-nos humildes, despertos e capazes de discernir a voz do Santo Espírito das vozes que nos distraem e nos conduzem para longe. O Senhor então nos instruiu, dizendo: “E também aquele que estremece sob o meu poder será fortalecido e produzirá frutos de louvor e sabedoria, de acordo com as revelações e verdades que vos dei” (D&C 52:17).

A bênção da humilde oração, proferida com real intenção, permite que o Espírito Santo toque nosso coração e nos ajude a lembrar o que sabíamos antes de nascer nesta vida mortal. À medida que compreendemos claramente o plano de nosso Pai Celestial para nós, começamos a reconhecer nossa responsabilidade de ajudar os outros a aprender e a compreender Seu plano. Intimamente ligado ao auxílio que prestamos às pessoas está o modo como vivemos pessoalmente e aplicamos o evangelho em nossa vida. Quando realmente vivemos o evangelho no padrão ensinado pelo Senhor Jesus Cristo, nossa capacidade de ajudar os outros aumenta. O seguinte relato é um exemplo de como esse princípio pode funcionar.

Dois jovens missionários bateram em uma porta, esperando encontrar alguém que aceitasse sua mensagem. A porta se abriu e um homem bem corpulento os cumprimentou com uma voz pouco amigável. “Acho que já lhes disse para não bater na minha porta de novo. Eu avisei a vocês que se voltassem, não teriam uma experiência agradável. Agora, deixem-me em paz.” E rapidamente fechou a porta.

Quando os élderes se puseram a caminhar, o missionário mais velho e experiente pôs o braço no ombro do missionário mais novo para consolá-lo e encorajá-lo. Sem que soubessem, o homem os observava da janela para certificar-se de que tinham

entendido sua mensagem. Ele esperava vê-los rindo e zombando de sua resposta grosseira à tentativa que fizeram de conversar com ele. Contudo, ao testemunhar a expressão de bondade entre os dois missionários, seu coração imediatamente se abrandou. Abriu novamente a porta e pediu aos missionários que voltassem e compartilhassem sua mensagem com ele.

É quando cedemos à vontade de Deus e vivemos Seu padrão que sentimos Seu Espírito. O Salvador ensinou: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35). Esse princípio de amar uns aos outros e de desenvolver nossa capacidade de centralizar-nos em Cristo e em nosso modo de pensar, falar e agir é fundamental para que nos tornemos discípulos de Cristo e ensinemos Seu evangelho.

O despertar desse desejo nos prepara para procurar os padrões prometidos. A procura dos padrões nos conduz à doutrina de Cristo, conforme foi ensinada pelo Salvador e Seus líderes profetas. Um padrão dessa doutrina é perseverar até o fim: “E abençoados os que procurarem estabelecer a minha Sião naquele dia, pois terão o dom e o poder do Espírito Santo; e se perseverarem até o fim, serão levantados no último dia e serão salvos no reino eterno do Cordeiro” (1 Néfi 13:37).

Qual é o meio mais importante de desfrutar o dom e poder do Espírito Santo? É o poder que advém do fato de sermos fiéis discípulos de Jesus Cristo. É nosso *amor* por Ele e por nosso semelhante. Foi o Salvador que definiu o padrão de amor quando nos ensinou: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis” (João 13:34).

O Presidente Gordon B. Hinckley confirmou esse princípio quando disse: “Amar ao Senhor não é apenas um conselho; não é apenas um desejo. É um mandamento. (...) O amor a Deus é a raiz de toda virtude, de toda bondade, de toda força de caráter, de toda fidelidade ao bem” (“Palavras do Profeta Vivo”, *A Liahona*, dezembro de 1996, p. 8).

O plano do Pai determinou o padrão da família que nos ajuda a aprender, aplicar e compreender o poder do amor. No dia em que minha família foi organizada, minha querida Ann e eu fomos ao templo e fizemos o convênio do casamento. Eu achava que a

amava muito naquele dia, mas tinha apenas começado a ter a visão do amor. À medida que cada um de nossos filhos e netos entrou em nossa vida, nosso amor aumentou para que amássemos igual e plenamente cada um deles. Parece não haver fim à capacidade de expansão do amor.

O sentimento de amor proveniente de nosso Pai Celestial é como uma força de atração gravitacional do céu. Ao removermos as distrações que nos puxam para o mundo e exercermos nosso arbítrio para buscá-Lo, abrimos o coração a uma força celestial que nos conduz a Ele. Néfi descreveu o impacto dessa força como sendo grande a ponto de “até consumir-[l]he] a carne” (2 Néfi 4:21). Ele fez com que Alma cantasse “o cântico do amor que redime” (Alma 5:26; ver também o versículo 9). Tocou Mórmon de tal modo que ele nos aconselhou a “[orar] (...) com toda a energia de [nosso] coração”, para que possamos estar cheios de Seu amor (Morôni 7:48).

Tanto as escrituras modernas quanto as antigas estão repletas de lembretes do eterno amor do Pai Celestial por Seus filhos. Tenho certeza de que os braços de nosso Pai Celestial estão constantemente estendidos, sempre prontos a abraçar cada um de nós e a dizer a cada um com aquela voz serena e penetrante: “Amo você”.

Graças a esse padrão da família concebido no céu, compreendemos melhor como nosso Pai Celestial realmente ama igual e plenamente cada um de nós. Testifico que isso é verdade. Deus nos conhece e nos ama. Ele nos deu a visão de Sua santa habitação e chamou profetas e apóstolos para ensinar os princípios e padrões que nos levarão de volta a Sua presença. Ao nos esforçarmos por despertar em nós e em outras pessoas o desejo de saber, e ao vivermos os padrões que descobriremos, nos achegaremos a Ele. Testifico que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus, nosso Exemplo, nosso amado Redentor, e digo isso em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sacrifício

Élder Dallin H. Oaks

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Nossa vida de serviço e sacrifício é a mais adequada expressão de nosso compromisso de servir ao Mestre e ao próximo.

O sacrifício expiatório de Jesus Cristo foi chamado de “o mais transcendental de todos os acontecimentos desde a aurora da criação até as infinitas eras da eternidade”.¹ Esse sacrifício é a mensagem central de todos os profetas. Ele foi prefigurado pelos sacrifícios de animais exigidos pela lei mosaica. Um profeta declarou que o significado total deles “[indicava] aquele grande e último sacrifício [do] (...) Filho de Deus, sim, infinito e eterno” (Alma 34:14). Jesus Cristo suportou um sofrimento incompreensível para tornar-Se o sacrifício pelos pecados de todos. Esse sacrifício ofereceu o maior bem — o Cordeiro puro e imaculado — pelo maior mal — os pecados do mundo inteiro. Nas memoráveis palavras de Eliza R. Snow:

*“Seu sangue pelos homens deu,
e assim nos libertou;
Seu sacrifício de amor
ao mundo resgatou”.*²

Esse sacrifício — a Expição de Jesus Cristo — está no cerne do plano de salvação.

O incompreensível sofrimento de Jesus Cristo encerrou os sacrifícios por derramamento de sangue, mas não encerrou a importância do sacrifício no plano do evangelho. Nosso Salvador exige que continuemos a oferecer sacrifícios, mas os sacrifícios que Ele agora ordena que façamos “[é o] sacrifício [de] um coração quebrantado e um espírito contrito” (3 Néfi 9:20). Ele

também ordena que amemos e sirvamos uns aos outros, ou seja, que ofereçamos uma pequena imitação de Seu próprio sacrifício, sacrificando nosso próprio tempo e prioridades egoístas. Em um hino inspirado, cantamos: “O sacrifício traz bênçãos celestiais”.³

Abordarei esses sacrifícios mortais que nosso Salvador pede que façamos. Não incluirei os sacrifícios que somos compelidos a fazer ou os atos motivados por vantagens pessoais e não por serviço ou sacrifício (ver 2 Néfi 26:29).

I.

A religião cristã tem uma história de sacrifícios, incluindo o maior de todos. Nos primeiros anos da Era Cristã, Roma martirizou milhares por causa da fé que tinham em Jesus Cristo. Nos séculos subsequentes, à medida que controvérsias doutrinárias dividiram os cristãos, houve grupos que perseguiram e até mataram os membros de outros grupos. Cristãos mortos por outros cristãos são os martírios mais trágicos da fé cristã.

Muitos cristãos ofereceram sacrifícios voluntários motivados pela fé em Cristo e por seu desejo de servi-Lo. Alguns decidiram dedicar toda a vida adulta a serviço do Mestre. Esse nobre grupo inclui os que fazem parte das ordens religiosas da Igreja Católica e os que dedicaram uma vida inteira de serviço como missionários cristãos nas várias religiões protestantes. Os exemplos deles são desafiadores e inspiradores, mas a maioria dos que creem em Cristo não precisam nem conseguem dedicar a vida inteira ao serviço religioso.

II.

Para a maioria dos seguidores de Cristo, nossos sacrifícios envolvem coisas que fazemos cotidianamente em nossa vida pessoal normal. Nesse sentido, não conheço nenhum grupo cujos membros façam mais sacrifícios do que os santos dos últimos dias. Seus sacrifícios, meus irmãos e irmãs, contrastam imensamente com a busca de realização pessoal que vemos no mundo.

Meu primeiro exemplo são os pioneiros mórmons. Seu épico sacrifício de vidas, de relacionamentos familiares, de lares e de conforto faz parte do alicerce do evangelho restaurado. Sarah

Rich explicou o que motivava aqueles pioneiros ao descrever a ocasião em que seu marido, Charles, foi chamado para uma missão: “Aquele foi um momento realmente difícil para mim e para meu marido, mas o dever nos chamou a separar-nos um do outro por um tempo, e sabendo que [estávamos] obedecendo à vontade do Senhor, sacrificamos nossos próprios sentimentos para estabelecer a obra (...) de ajudar a edificar o Reino de Deus na Terra”.⁴

Atualmente, a força mais visível da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o serviço e o sacrifício abnegados de seus membros. Antes da rededicação de um de nossos templos, um ministro cristão perguntou ao Presidente Gordon B. Hinckley por que o templo não tinha nenhuma representação da cruz, o símbolo mais comum da fé cristã. O Presidente Hinckley respondeu que o símbolo de *nossa* fé cristã é “a vida de nosso povo”.⁵ Realmente, nossa vida de serviço e sacrifício é a mais adequada expressão de nosso compromisso de servir ao Mestre e ao próximo.

III.

Não temos um clero remunerado com formação profissional na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Por isso, os membros leigos que são chamados para liderar e servir em nossas congregações têm de assumir todo o fardo de nossas numerosas reuniões, nossos programas e nossas atividades da Igreja. Eles fazem isso em mais de 14.000 congregações, apenas nos Estados Unidos e no Canadá. Evidentemente, não somos os únicos que temos membros leigos na congregação, servindo como professores e líderes. Mas o número de horas doadas por nossos membros para instruir e ministrar uns aos outros é extraordinariamente grande. Nosso empenho em fazer com que cada família de nossas congregações seja visitada por mestres familiares a cada mês e que cada mulher adulta seja visitada por professoras visitantes a cada mês é um exemplo disso. Não conheço nenhum serviço comparável em nenhuma organização do mundo.

O exemplo mais conhecido de serviço e sacrifício incomparáveis na Igreja é o trabalho de nossos missionários. Atualmente, eles são mais de 50.000 rapazes e moças, e mais de

5.000 homens e mulheres adultos. Eles dedicam de seis meses a dois anos da vida para ensinar o evangelho de Jesus Cristo e prestar serviço humanitário em mais de 160 países do mundo. Seu trabalho sempre envolve sacrifício, inclusive os anos que dedicam ao trabalho do Senhor e também os sacrifícios feitos para prover fundos para seu sustento.

Aqueles que permanecem no lar — os pais e outros membros da família — também se sacrificam privando-se da companhia e do serviço dos missionários que enviaram. Um jovem brasileiro, por exemplo, recebeu o chamado missionário quando trabalhava para sustentar os irmãos e as irmãs, depois que o pai e a mãe faleceram. Uma Autoridade Geral relatou que esses irmãos e essas irmãs se reuniram em conselho e lembraram que os falecidos pais lhes haviam ensinado a estarem sempre preparados para servir ao Senhor. O rapaz aceitou seu chamado missionário, e um irmão de dezesseis anos assumiu a responsabilidade de trabalhar para sustentar a família.⁶ A maioria de nós conhece muitos outros exemplos de sacrifício para servir uma missão ou sustentar um missionário. Não conheço nenhum outro serviço e sacrifício voluntário como esse em nenhuma outra organização do mundo.

Com frequência nos perguntam: “Como é que vocês convencem seus jovens e seus membros idosos a deixar os estudos ou a aposentadoria para sacrificar-se desse modo?” Ouvi muitos dar esta explicação: “Sabendo o que o Salvador fez por mim — Sua graça em sofrer por meus pecados e vencer a morte para que eu possa viver novamente — sinto-me privilegiado em fazer o pequeno sacrifício que me é pedido a Seu serviço. Quero compartilhar o entendimento que Ele me deu”. Como é que persuadimos esses seguidores de Cristo a servir? Um profeta explicou: “Simplesmente pedimos a eles que o façam”.⁷

Outros sacrifícios resultantes do serviço missionário são os sacrifícios daqueles que colocam em prática os ensinamentos dos missionários e se tornam membros da Igreja. Para muitos conversos, esses sacrifícios são extremamente significativos, incluindo a perda de amigos e do convívio familiar.

Há muitos anos, numa conferência como esta, ouvi falar de um rapaz que conheceu o evangelho restaurado enquanto

estudava nos Estados Unidos. Quando esse homem estava prestes a retornar a seu país de origem, o Presidente Gordon B. Hinckley perguntou o que aconteceria com ele quando voltasse para casa como cristão. “Minha família ficará decepcionada”, respondeu o rapaz. “Pode ser que me expulsem de casa e me considerem morto. Quanto ao meu futuro e a minha carreira, todas as oportunidades me serão negadas.”

“Está disposto a pagar um preço tão alto pelo evangelho?” Perguntou o Presidente Hinckley.

Com lágrimas nos olhos, o rapaz respondeu: “É a verdade, não é?” Quando lhe foi respondido que sim, ele replicou: “Então, o que mais importa?”⁸ Esse é o espírito de sacrifício que há entre muitos de nossos membros novos.

Outros exemplos de serviço e sacrifício aparecem na vida dos membros fiéis que servem em nossos templos. O serviço no templo é exclusivo dos santos dos últimos dias, mas o significado desse sacrifício deve ser compreensível a todos os cristãos. Os santos dos últimos dias não têm a tradição de serviço em um monastério, mas podemos compreender e honrar o sacrifício daqueles cuja fé cristã os motiva a dedicar a vida a essa atividade religiosa.

Nesta conferência, há apenas um ano, o Presidente Thomas S. Monson relatou um exemplo de sacrifício associado ao serviço no templo. Um pai e fiel santo dos últimos dias, de uma remota ilha do Pacífico, trabalhou arduamente em um local distante por seis anos para juntar o dinheiro necessário para levar a mulher e os dez filhos para fazer o casamento e o selamento para a eternidade no Templo da Nova Zelândia. O Presidente Monson explicou: “Aqueles que compreendem as bênçãos eternas que advêm do templo sabem que nenhum sacrifício é grande demais, nenhum preço é alto demais, nenhuma luta é difícil demais para receber essas bênçãos”.⁹

Sinto-me grato pelos maravilhosos exemplos de amor cristão, serviço e sacrifício que vi entre os santos dos últimos dias. Vejo-os desempenhando seus chamados da Igreja, geralmente com grande sacrifício de tempo e recursos. Vejo-os servindo missão com seus próprios recursos. Vejo-os doando alegremente suas habilidades profissionais a serviço de seus semelhantes. Vejo-os

cuidando dos pobres pessoalmente ou por meio de contribuições para o bem-estar e para os fundos humanitários da Igreja.¹⁰ Tudo isso é confirmado em um estudo em âmbito nacional nos Estados Unidos que concluiu que os membros ativos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias “voluntariam-se e doam bem mais que a média dos americanos, sendo muito mais generosos ao doarem tempo e dinheiro que os norte-americanos mais religiosos [20 por cento].”¹¹

Esses exemplos de doação fortalecem todos nós. Lembramos do ensinamento do Salvador:

“Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, (...)

Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á” (Mateus 16:24–25).

IV.

Talvez o exemplo mais conhecido e importante de serviço e sacrifício abnegados aconteça em nossa família. As mães se dedicam a criar e educar os filhos. Os maridos se dedicam a sustentar a mulher e os filhos. Os sacrifícios envolvidos no serviço de importância eterna prestado à família são numerosos demais para mencionar e conhecidos demais para que precisem ser lembrados.

Também vejo abnegados santos dos últimos dias adotando crianças, inclusive as que têm necessidades especiais, procurando dar-lhes a esperança e a oportunidade que lhes foram negadas no passado. Vejo-os cuidando de familiares e vizinhos acometidos de defeitos congênitos, de enfermidades mentais ou físicas, e dos efeitos da idade avançada. O Senhor os vê também, e Ele pediu que Seus profetas declarassem que “à medida que vocês se sacrificam uns pelos outros e por seus filhos, o Senhor vai abençoá-los”.¹²

Creio que os santos dos últimos dias que oferecem serviço e sacrifício abnegados em reverente imitação de nosso Salvador aderem mais plenamente a valores eternos do que qualquer outro grupo de pessoas. Os santos dos últimos dias consideram que seu sacrifício de tempo e recursos faz parte de seu aprendizado e de sua qualificação para a eternidade. Essa é a verdade revelada em *Lectures on Faith*, que ensina que “uma religião que não exige o

sacrifício de todas as coisas jamais terá força suficiente para produzir a fé necessária para a vida e salvação. (...) É por meio desse sacrifício, e dele somente, que Deus ordenou que o homem deva desfrutar a vida eterna”¹³

Assim como o sacrifício expiatório de Jesus Cristo é um ponto central do plano de salvação, nós, seguidores de Cristo, precisamos fazer nossos próprios sacrifícios para preparar-nos para o destino que esse plano provê para nós.

Sei que Jesus Cristo é o Filho Unigênito de Deus, o Pai Eterno. Sei que graças a Seu sacrifício expiatório, temos a certeza da imortalidade e a oportunidade da vida eterna. Ele é nosso Senhor, nosso Salvador e nosso Redentor, e presto testemunho Dele em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Bruce R. McConkie, *The Promised Messiah: The First Coming of Christ*, 1981, p. 218.
2. “How Great the Wisdom and the Love,” *Hymns*, nº 195.
3. “Praise to the Man”, *Hymns*, nº 27.
4. Sarah Rich, Guinevere Thomas Woolstenhulme, “I Have Seen Many Miracles”, em Richard E. Turley Jr. e Brittany A. Chapman, eds., *Women of Faith in the Latter Days: Volume 1, 1775–1820*, 2011, p. 283.
5. Gordon B. Hinckley, “O Símbolo de Nossa Fé”, *A Liahona*, abril de 2005, p. 3.
6. Ver Harold G. Hillam, “Sacrifice in the Service”, *Ensign*, novembro de 1995, p. 42.
7. Ver Gordon B. Hinckley, “O Milagre da Fé”, *A Liahona*, julho de 2001, p. 82.
8. Gordon B. Hinckley, “It’s True, Isn’t It?” *Tambuli*, outubro de 1993, pp. 3, 4; ver também Neil L. Andersen, “É Verdade, Não É? Então o Que Mais Importa?” *A Liahona*, maio de 2007, p. 74.
9. Thomas S. Monson, “O Templo Sagrado: Um Farol para o Mundo”, *A Liahona*, maio de 2011, p. 90.
10. Ver, por exemplo, Naomi Schaefer Riley, “What the Mormons Know about Welfare”, *Wall Street Journal*, 18 de fevereiro de 2012, A11.
11. RamCnaan and others, “Called to Serve: The Prosocial Behavior of Active Latter-day Saints” (draft), p. 16.
12. Ezra Taft Benson, “To the Single Adult Brethren of the Church”, *Ensign*, maio de 1988, p. 53.
13. *Lectures on Faith*, volume 6, p. 69, 1985.

Montanhas para Escalar

Presidente Henry B. Eyring

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Se tivermos fé em Jesus Cristo, os momentos mais difíceis bem como os mais fáceis da vida podem ser uma bênção.

Ouvi o Presidente Spencer W. Kimball, em uma sessão de conferência, pedir a Deus que lhe desse montanhas para escalar. Ele disse: “Há grandes desafios a nossa frente, imensas oportunidades por vir. Alegro-me com esse emocionante prospecto e sinto vontade de dizer ao Senhor, com humildade: ‘Dá-me essa montanha’, dá-me esses desafios”.¹

Senti o coração tocado por já conhecer alguns desafios e adversidades que ele havia enfrentado. Tive o desejo de ser mais semelhante a ele, um valoroso servo de Deus. Assim, orei uma noite pedindo um teste para provar minha coragem. Lembro-me vividamente. Naquela noite, ajoelhei-me no meu quarto, com uma fé que me enchia o coração a ponto de quase rompê-lo.

Um dia ou dois depois, minha oração foi atendida. Fui surpreendido pela mais dura provação de minha vida que me fez sentir muito humilde. Foi uma lição dupla para mim. Primeiro, recebi uma clara prova de que Deus tinha ouvido e respondido a minha oração. Mas em segundo lugar, comecei a aprender, desde aquela época até hoje, o motivo da confiança que senti naquela noite de que uma grande bênção adviria da adversidade, a ponto de compensar qualquer custo.

A adversidade que me sobreveio naquele dia distante parece-me hoje minúscula comparada ao que ocorreu desde aquele momento, a mim e a meus entes queridos. Muitos de vocês enfrentam hoje provações físicas, mentais e emocionais que podem fazê-los clamar, tal como um grande e fiel servo de Deus

que conheci muito bem. Sua enfermeira o ouviu exclamar em seu leito de dor: “Se eu procurei ser bom durante toda a minha vida, por que isso aconteceu comigo?”

Vocês sabem como o Senhor respondeu a uma pergunta igual a essa feita pelo Profeta Joseph Smith em sua cela de prisão:

“E se fores lançado na cova ou nas mãos de assassinos e receberes sentença de morte; se fores lançado no abismo; se vagas encapeladas conspirarem contra ti; se ventos furiosos se tornarem teus inimigos; se os céus se cobrirem de escuridão e todos os elementos se unirem para obstruir o caminho; e, acima de tudo, se as próprias mandíbulas do inferno escancararem a boca para tragar-te, sabe, meu filho, que todas essas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.

O Filho do Homem desceu abaixo de todas elas. És tu maior do que ele?

Portanto persevera em teu caminho e o sacerdócio permanecerá contigo; pois os limites deles estão determinados e não podem ultrapassá-los. Teus dias são conhecidos e teus anos não serão diminuídos; portanto não temas o que o homem possa fazer, pois Deus estará contigo para todo o sempre.”²

Parece-me não haver melhor resposta para a pergunta de “por que ocorrem provações” e “o que devemos fazer” do que as palavras do próprio Senhor que, por nossa causa, passou por provações mais terríveis do que podemos imaginar.

Devem lembrar Suas palavras quando nos aconselhou a arrependê-los por causa da fé que temos Nele:

“Portanto ordeno que te arrependas — arrepende-te, para que eu não te fira com a vara de minha boca e com minha ira e com minha cólera e teus sofrimentos sejam dolorosos — quão dolorosos tu não sabes, quão intensos tu não sabes, sim, quão difíceis de suportar tu não sabes.

Pois eis que eu, Deus, sofri essas coisas por todos, para que não precisem sofrer caso se arrependam;

Mas se não se arrependem, terão que sofrer assim como eu sofri;

Sufrimento que fez com que eu, Deus, o mais grandioso de todos, tremesse de dor e sangrasse por todos os poros; e sofresse,

tanto no corpo como no espírito — e desejasse não ter de beber a amarga taça e recuar —

Todavia, glória seja para o Pai; eu bebi e terminei meus preparativos para os filhos dos homens.”³

Temos fé no fato de que a maneira de erguer-nos em meio e acima das provações é acreditar que há um “bálsamo em Gileade”⁴ e que o Senhor nos prometeu, dizendo: “[Não] te desampararei”.⁵ Foi isso que o Presidente Thomas S. Monson ensinou para ajudar a nós e aqueles a quem servimos nas provações aparentemente solitárias e avassaladoras.⁶

Mas o Presidente Monson também ensinou sabiamente que um alicerce de fé na realidade dessas promessas leva tempo para ser edificado. Vocês podem ter visto, assim como eu, a necessidade desse alicerce junto ao leito de alguém prestes a desistir da luta para perseverar até o fim. Se não tivermos um firme alicerce de fé no coração, a capacidade de perseverar desmorona.

Meu propósito hoje é descrever o que sei sobre como podemos estabelecer esse alicerce inabalável. Faço isso com grande humildade, por dois motivos. Primeiro, o que direi pode desanimar alguém que esteja se debatendo em meio à grande adversidade e sentindo que seu alicerce de fé está desmoronando. E segundo, sei que maiores testes, que jamais enfrentei, ainda estão por vir antes do fim da vida. Entretanto, a receita que lhes darei ainda precisa ser testada em minha própria vida ao perseverar até o fim.

Quando jovem, trabalhei com um empreiteiro de obras construindo bases e alicerces para casas novas. No calor do verão, era um trabalho árduo preparar a terra para moldar a fôrma na qual seria despejado cimento para as bases. Não havia máquinas. Usávamos picaretas e pás. A construção de alicerces duradouros para os prédios era um trabalho árduo naquela época.

Também exigia paciência. Depois de cimentar as bases, tínhamos que esperar que secassem. Por mais que quiséssemos prosseguir com a tarefa, esperávamos por muito tempo depois de cimentar o alicerce antes de retirar as fôrmas.

E o que mais me impressionava, como pedreiro iniciante, era o cuidadoso processo de introduzir barras de ferro na fôrma para fortificar o alicerce, algo que me parecia tedioso e demorado.

De modo semelhante, o terreno precisa ser cuidadosamente preparado para que nosso alicerce de fé suporte as tempestades que ocorrerão na vida de todos. Essa sólida base para um alicerce de fé é a integridade pessoal.

Escolher constantemente o certo, sejam quais forem as opções colocadas diante de nós, cria um terreno sólido para amparar nossa fé. Isso pode começar na infância, já que toda alma nasce com a dádiva gratuita do Espírito de Cristo. Com esse Espírito podemos saber quando fizemos o certo perante Deus e quando fizemos algo errado à vista Dele.

Essas escolhas e decisões, centenas na maioria dos dias, preparam o terreno sólido sobre o qual construiremos nosso edifício de fé. A estrutura de ferro em torno da qual será derramada a substância de nossa fé é o evangelho de Jesus Cristo, com todos os seus convênios, suas ordenanças e seus princípios.

Um dos pontos-chave para uma fé duradoura é julgar corretamente o tempo de amadurecimento exigido. É por isso que foi insensato orar tão cedo em minha vida pedindo montanhas mais altas para escalar e maiores testes.

Esse amadurecimento não acontece automaticamente com o passar dos dias, mas, de fato, exige tempo. O simples fato de ficarmos mais velhos não é o suficiente. É o serviço constante prestado a Deus e ao próximo, de todo o coração e alma, que transforma o testemunho da verdade em uma força espiritual inabalável.

Quero encorajar aqueles que estão em meio a duras provações, que sentem que sua fé está fraquejando diante de tribulações implacáveis. As próprias provações podem ser seu meio de fortalecer e, por fim, adquirir uma fé inabalável. Morôni, filho de Mórmon, no Livro de Mórmon, explicou como essa bênção pode acontecer. Ele ensinou a simples e doce verdade de que, quando colocamos em prática mesmo que seja um pequeno broto de fé, isso permite que Deus a faça crescer:

“E agora eu, Morôni, quisera falar algo a respeito dessas coisas. Quisera mostrar ao mundo que fé são coisas que se

esperam, mas não se veem; portanto, não disputeis porque não vedes, porque não recebeis testemunho senão depois da prova de vossa fé.

Pois foi pela fé que Cristo apareceu a nossos pais depois de haver ressuscitado dentre os mortos; e ele não apareceu a nossos pais senão depois que nele tiveram fé; portanto foi necessário que alguns nele tivessem fé, porque ele não se mostrou ao mundo.

Mas em virtude da fé dos homens mostrou-se ao mundo e glorificou o nome do Pai; e preparou um caminho pelo qual outros pudessem ser participantes do dom celestial e tivessem esperança de coisas que não viram.

Portanto também vós podeis ter esperança e ser participantes do dom, se tão somente tiverdes fé".⁷

Essa partícula de fé mais preciosa que vocês devem proteger e usar o máximo possível é a fé no Senhor Jesus Cristo. Morôni ensinou o poder dessa fé, ao dizer: "Ninguém, em tempo algum, fez milagres antes de exercer fé; portanto, primeiro creram no Filho de Deus".⁸

Conversei com uma mulher que recebeu o milagre da força suficiente para suportar perdas inimagináveis apenas com a simples capacidade de repetir sem parar as palavras: "Eu sei que vive meu Senhor".⁹ Essa fé e essas palavras de testemunho continuaram com ela em meio à névoa que obscureceu, mas não apagou a lembrança de sua infância.

Fiquei atônito ao saber de outra mulher que perdoou uma pessoa que a prejudicara por muitos anos. Fiquei surpreso e perguntei-lhe por que havia decidido perdoar e esquecer anos de maus-tratos terríveis.

Ela disse serenamente: "Foi a coisa mais difícil que já fiz na vida, mas eu simplesmente sabia que precisava fazê-lo. Por isso o fiz". Sua fé no fato de que o Salvador a perdoaria, se ela perdoasse as pessoas, preparou-a com um sentimento de paz e esperança, ao enfrentar a morte, poucos meses depois de ter perdoado seu adversário que não se arrependera.

Ela me perguntou: "Quando eu chegar no céu, como será?"

Eu respondi: "O que sei é que pela sua capacidade de exercer fé e de perdoar, será maravilhoso para você".

Tenho outro incentivo para os que se questionam se sua fé em Jesus Cristo será suficiente para que perseverem bem até o fim. Tive a bênção de conhecer outros dentre vocês que me ouvem agora, quando eram mais jovens, vigorosos e mais talentosos do que a maioria a seu redor e que decidiram fazer o que o Salvador teria feito. Usando as muitas bênçãos que receberam, encontraram meios de ajudar e cuidar daqueles que talvez vocês teriam ignorado ou menosprezado do alto de sua posição na vida.

Quando surgirem provações difíceis, a fé para suportá-las bem estará ali, tendo sido edificada, como vocês percebem agora, mas que não perceberam no momento em que vocês colocaram em prática o puro amor de Cristo, servindo e perdoadando nosso semelhante, como o Salvador teria feito. Vocês edificam um alicerce de fé amando como o Salvador amou e servindo em nome Dele. Sua fé Nele os levou a realizar atos de caridade que ainda hão de lhes dar esperança.

Nunca é tarde para fortalecer o alicerce da fé. Sempre há tempo. Com fé no Salvador, vocês podem se arrepender e suplicar o perdão. Há alguém que vocês podem perdoar. Há alguém a quem vocês podem agradecer. Há alguém a quem vocês podem servir e elevar. Vocês podem fazer isso onde quer que estejam e por mais solitários e abandonados que se sintam.

Não posso prometer um fim para sua adversidade nesta vida. Não posso garantir que suas provações lhes parecerão durar apenas um momento. Uma das características das provações da vida é que elas parecem fazer o relógio andar mais lentamente e depois dar a impressão de quase parar.

Há motivos para isso. Conhecer essas coisas pode não lhes proporcionar grande consolo, mas pode dar-lhes um sentimento de paciência. Esses motivos provêm todos deste fato: em Seu perfeito amor por vocês, o Pai Celestial e o Salvador querem que vocês estejam aptos a viver com Eles como família para sempre. Somente os que são purificados e se tornam perfeitamente limpos por meio da Expição de Jesus Cristo podem habitar ali.

Minha mãe lutou contra o câncer por quase dez anos. Os tratamentos, as cirurgias e, por fim, o confinamento ao leito foram algumas de suas provações.

Lembro que meu pai disse ao vê-la dar seus últimos suspiros: “Uma menininha voltou para casa para descansar”.

Um dos oradores de seu funeral foi o Presidente Spencer W. Kimball. Entre os tributos feitos a ela, lembro-me de algo que foi dito: “Alguns de vocês podem achar que Mildred sofreu tanto e por muito tempo por ter feito algo errado que exigia provações. “Ele, então, disse: “Não, foi apenas porque Deus a quis refinar um pouco mais”. Lembro-me de ter pensado na ocasião: “Se uma mulher com tantas qualidades precisou desse refinamento, o que será que me aguarda?”

Se tivermos fé em Jesus Cristo, os momentos mais difíceis bem como os mais fáceis da vida podem ser uma bênção. Em todas as condições, podemos escolher o certo com a orientação do Espírito. Temos o evangelho de Jesus Cristo para moldar e guiar nossa vida, se assim decidirmos. E com profetas que nos revelam nossa posição no plano de salvação, podemos viver com perfeita esperança e um sentimento de paz. Jamais precisamos sentir que estamos sozinhos ou que não somos amados no serviço do Senhor, porque isso nunca acontece. Podemos sentir o amor de Deus. O Salvador prometeu anjos a nossa esquerda e a nossa direita para nos suster.¹⁰ E Ele sempre cumpre Suas promessas.

Testifico que Deus, o Pai, vive e que Seu Filho Amado é nosso Redentor. O Espírito Santo confirmou a verdade nesta conferência e o fará novamente, se vocês O buscarem ao ouvir e ao estudar mais tarde as mensagens dos servos autorizados do Senhor que aqui estão. O Presidente Thomas S. Monson é o profeta do Senhor para o mundo inteiro. O Senhor cuida de vocês. Deus, o Pai, vive. Seu Amado Filho, Jesus Cristo, é nosso Redentor. Seu amor é infalível. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Spencer W. Kimball, “Give Me This Mountain”, *Ensign*, novembro de 1979, p. 79.
2. Doutrina e Convênios 122:7-9.
3. Doutrina e Convênios 19:15-19.
4. Jeremias 8:22.
5. Josué 1:5.
6. Ver Thomas S. Monson, “Confiai em Deus para que Vivas”, *A Liahona*, julho de 1998, p. 58.
7. Éter 12:6-9.
8. Éter 12:18.
9. “Eu Sei Que Vive Meu Senhor”, *Hinos*, nº 70.
10. Ver Doutrina e Convênios 84:88.

Apoio aos Líderes da Igreja

Apresentado pelo Presidente Dieter F. Uchtdorf

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

É proposto que apoiemos Thomas Spencer Monson como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Henry Bennion Eyring como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, e Dieter Friedrich Uchtdorf como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Boyd Kenneth Packer como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, e os seguintes como membros desse quórum: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson e Neil L. Andersen.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver alguém, pelo mesmo sinal.

O Élder Steven E. Snow foi desobrigado como membro da Presidência dos Quóruns dos Setenta.

Os que quiserem juntar-se a nós em um voto de agradecimento, manifestem-se.

É proposto que apoiemos o Élder Richard J. Maynes como membro da Presidência dos Quóruns dos Setenta.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, se houver, manifestem-se.

É proposto que desobriguemos com um voto de agradecimento os Élderes Gérald Jean Caussé e Gary E. Stevenson como membros do Primeiro Quórum dos Setenta.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Após vários anos de serviço dedicado e fiel, é proposto que desobriguemos: os Bispos H. David Burton, Richard C. Edgley e Keith B. McMullin como o Bispado Presidente e os designamos como Autoridades Gerais Eméritas.

Os que desejam unir-se a nós em um voto de agradecimento, manifestem-se.

É proposto que desobriguemos os seguintes como Setentas de Área, a vigorar a partir de 1º de maio de 2012:

Richard K. Ahadjie, Climato C. A. Almeida, Fernando J. D. Araújo, Marvin T. Brinkerhoff, Mario L. Carlos, Rafael E. Castro, David L. Cook, César A. Dávila, Mosiah S. Delgado, Luis G. Duarte, Juan A. Etchegaray, Stephen L. Fluckiger, J. Roger Fluhman, Robert C. Gay, Miguel Hidalgo, Garith C. Hill, David J. Hoare, David H. Ingram, Tetsuji Ishii, Kapumba T. Kola, Glendon Lyons, R. Bruce Merrell, Enrique J. Montoya, Daniel A. Moreno, Adesina J. Olukanni, Gamaliel Osorno, Patrick H. Price, Marcos A. Prieto, Paulo R. Puerta, Carlos F. Rivas, A. Ricardo Sant'Ana, Fabian L. Sinamban, Natã C. Tobias, Stanley Wan, Perry M. Webb, Richard W. Wheeler e Scott D. Whiting.

Os que quiserem juntar-se a nós e expressar gratidão por seu excelente serviço, manifestem-se.

É proposto que desobriguemos com um voto de sincera gratidão as irmãs Julie B. Beck, Silvia H. Allred e Barbara Thompson como a presidência geral da Sociedade de Socorro.

Do mesmo modo, desobrigamos as irmãs membros da Junta Geral da Sociedade de Socorro.

Todos os que desejarem unir-se a nós ao expressarmos gratidão a essas irmãs por seu notável serviço e devoção, manifestem-se.

É proposto que apoiemos como novos membros do Primeiro Quórum dos Setenta Craig A. Cardon, Stanley G. Ellis, Larry Echo Hawk, Robert C. Gay e Scott D. Whiting.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos Gary E. Stevenson como Bispo Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com Gérald Jean Caussé como Primeiro Conselheiro e Dean Myron Davies como Segundo Conselheiro.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os seguintes como novos Setentas de Área:

Pedro U. Adduru, Detlef H. Adler, Angel H. Alarcon, Aley K. Auna Jr., W. Mark Bassett, Robert M. Call, Hernando Camargo, Gene R. Chidester, Joaquin E. Costa, Ralph L. Dewsnup, Ángel A. Duarte, Edward Dube, Moroni Gaona, Taylor G. Godoy, Francisco D. N. Granja, Yuriy A. Gushchin, Richard K. Hansen, Todd B. Hansen, Clifford T. Herbertson, Aniefiok Udo Inyon, Luiz M. Leal, Alejandro Lopez, L. Jean Claude Mabaya, Alvin F. Meredith III, Adonay S. Obando, Jared R. Ocampo, Adeyinka A. Ojediran, Andrew M. O’Riordan, Jesus A. Ortiz, Fred A. Parker, Siu Hong Pon, Abraham E. Quero, Robert Clare Rhien, Jorge Luis Romeu, Jorge Saldívar, Gordon H. Smith, Alin Spannaus, Moroni B. Torgan, Steven L. Toronto e Daniel Yirenya-Tawiah.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Os que se opuserem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos Linda Kjar Burton como presidente geral da Sociedade de Socorro, com Carole Manzel Stephens como primeira conselheira e Linda Sheffield Reeves como segunda conselheira.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos as demais Autoridades Gerais, Setentas de Área e presidências gerais das auxiliares como presentemente constituídas.

Os que forem a favor, manifestem-se.

Se alguém se opuser, manifeste-se.

Presidente Monson, pelo que pude observar, a votação no Centro de Conferências foi unânime a favor do que foi proposto.

Obrigado, irmãos e irmãs, por seu voto de apoio, por sua fé, devoção e orações contínuas.

Convidamos as Autoridades Gerais recém-chamadas e a presidência geral da Sociedade de Socorro a sentarem-se conosco ao púlpito.

Relatório do Departamento de Auditoria da Igreja para 2011

Apresentado por Robert W. Cantwell

Diretor Administrativo, Departamento de Auditoria da Igreja

Para a Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Prezados irmãos: Como prescrito por revelação na seção 120 de Doutrina e Convênios, o Conselho sobre a Disposição dos Dízimos autoriza o dispêndio dos fundos da Igreja. Esse conselho é composto pela Primeira Presidência, pelo Quórum dos Doze Apóstolos e pelo Bispado Presidente.

Esse conselho aprova os orçamentos dos departamentos, das operações e alocações relacionadas às unidades eclesiais da Igreja. Os departamentos da Igreja fazem uso desses fundos de acordo com os orçamentos aprovados e segundo as normas e os procedimentos da Igreja.

O Departamento de Auditoria da Igreja tem acesso a todos os registros e sistemas necessários para avaliar a adequação dos controles de recebimentos e das despesas de fundos, bem como para a proteção dos recursos da Igreja. O Departamento de Auditoria da Igreja realiza seu trabalho independentemente de todos os outros departamentos e operações da Igreja, e sua equipe consiste de contadores públicos credenciados, auditores internos credenciados, auditores de sistemas de informações credenciados e outros profissionais credenciados.

Com base nas auditorias realizadas, a opinião do Departamento de Auditoria da Igreja é de que, sob todos os aspectos materiais, as contribuições recebidas, as despesas e os

recursos da Igreja no ano de 2011 foram registrados e administrados de acordo com as devidas práticas contábeis, com os orçamentos aprovados e com as normas e os procedimentos da Igreja.

Respeitosamente,
Departamento de Auditoria da Igreja
Robert W. Cantwell
Diretor Administrativo

Relatório Estatístico de 2011

Apresentado por Brook P. Hales
Secretário da Primeira Presidência

Para a informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência divulgou o seguinte relatório estatístico referente ao crescimento e à situação da Igreja até 31 de dezembro de 2011.

Unidades da Igreja

Estacas	2.946
Missões	340
Distritos	608
Alas e Ramos	28.784

Membros da Igreja

Total de Membros	14.441.346
Novas Crianças Registradas na Igreja	119.917
Conversos Batizados durante 2011	281.312

Missionários

Missionários de Tempo Integral	55.410
Missionários de Serviço da Igreja	22.299

Templos

Templos Dedicados durante 2011 (Templo de San Salvador El Salvador e Templo de Quetzaltenango Guatemala)	2
--	---

Templos Rededicados durante 2011 (Templo de Atlanta Geórgia)	1
Templos em Funcionamento	136

Líderes Gerais da Igreja e Outros Que Faleceram desde a Conferência Geral de Abril do Ano Passado

Élderes Marion D. Hanks, Jack H Goaslind Jr., Monte J. Brough, Ronald E. Poelman, Keith W. Wilcox e Harold G. Hillam, todos ex-integrantes dos Quóruns dos Setenta; Irmãs Joy F. Evans e Chieko N. Okazaki, ex-conselheiras na presidência geral da Sociedade de Socorro; irmã Norma Voloy Sonntag, esposa do Élder Philip T. Sonntag, ex-integrante dos Setenta; irmã Leola George, viúva do Élder Lloyd P. George, ex-integrante dos Setenta; irmã Argelia Villanueva de Alvarez, esposa do Élder Lino Alvarez, também ex-integrante dos Setenta; e irmão Wendell M. Smoot Jr., ex-presidente do Coro do Tabernáculo.

Os Trabalhadores da Vinha

Élder Jeffrey R. Holland

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Ouçam o sussurro do Santo Espírito dizer-lhes, neste exato momento, que devem aceitar a dádiva da Expição do Senhor Jesus Cristo.

No tocante aos chamados e às desobrigações que a Primeira Presidência acabou de anunciar, falo por todos nós ao dizer que sempre lembraremos e amaremos os que serviram tão fielmente e que, de imediato, amamos e damos boas-vindas aos que assumiram seus cargos. Nossos sinceros agradecimentos a cada um de vocês.

Gostaria de abordar a parábola contada pelo Salvador na qual um dono de terras “saiu de madrugada a assalariar trabalhadores”. Depois de contratar o primeiro grupo às 6 horas da manhã, voltou às 9 horas, ao meio-dia e às 3 horas da tarde, contratando mais trabalhadores, à medida que a urgência da colheita aumentava. As escrituras dizem que ele voltou uma última vez, “perto da hora undécima” (aproximadamente às 5 horas da tarde), e contratou o último grupo de trabalhadores. Então apenas 1 hora depois, todos os trabalhadores se reuniram para receber o salário do dia. Para surpresa deles, todos receberam o *mesmo* salário, apesar da diferença de horas de trabalho. Imediatamente, os que foram contratados primeiro ficaram zangados, dizendo: “Estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualaste conosco, que suportamos a fadiga e a calma do dia”.¹ Ao ler essa parábola, pode ser que vocês, tal como aqueles trabalhadores, sintam que se fez uma injustiça aqui. Gostaria de abordar brevemente esse assunto.

Primeiro de tudo, é importante observar que *ninguém* foi tratado injustamente. Os primeiros trabalhadores concordaram

em receber um salário pleno pelo dia e foi o que eles receberam. Além disso, imagino que eles estivessem muito gratos por ter conseguido trabalho. Na época do Salvador, o homem comum e sua família não podiam fazer muito mais do que viver com o que conseguiam receber em um dia. Se não conseguissem trabalhar, colher, pescar ou vender, não teriam o que comer. Com mais candidatos do que ofertas de trabalho, aqueles primeiros homens escolhidos foram os mais felizardos dentre os possíveis trabalhadores daquela manhã.

De fato, se tivermos de ter pena, pelo menos em princípio, que seja dos homens que *não* foram escolhidos, mas que também tinham bocas para alimentar e familiares para vestir. A sorte nunca parecia estar com alguns deles. A cada visita do mordomo, ao longo do dia, eles sempre viam outros serem escolhidos.

Bem no final do dia, porém, o dono das terras surpreendentemente voltou pela quinta vez, com uma oferta incrível! Aqueles últimos e mais desanimados trabalhadores, sabendo apenas que seriam tratados com justiça, aceitaram o trabalho sem saber o salário, achando que *qualquer coisa* seria melhor do que nada, pois nada havia para eles, até então. Depois, ao reunir-se para o pagamento, ficaram atônitos ao receber o mesmo que todos os outros! Quão assombroso deve ter sido e quão gratos devem ter ficado! Sem dúvida, jamais tinham visto tamanha compaixão em toda a sua vida de trabalho.

Sinto que é no contexto dessa leitura da história que a reclamação dos primeiros trabalhadores deve ser analisada. Como lhes disse o dono da vinha, na parábola, (vou parafrasear, só um pouco): “Meus amigos, não estou sendo injusto com vocês. Você concordaram com o salário que receberiam pelo dia, um bom salário. Ficaram muito felizes por conseguir trabalho, e eu fiquei muito contente com o modo como serviram. Você receberam o salário completo. Peguem seu dinheiro e desfrutem a bênção. Quanto aos outros, *certamente tenho o direito de fazer o que quiser com o meu dinheiro*”. Depois, segue-se esta pungente pergunta para todos os que, naquela época ou agora, precisam ouvi-la: “*Por que vocês ficam com ciúme por eu ter decidido ser bondoso?*”

Irmãos e irmãs, haverá momentos em nossa vida em que alguém receberá uma bênção inesperada ou um reconhecimento especial. Peço que não fiquem magoados — e jamais sintam inveja — quando outra pessoa se der bem na vida. Não ficamos diminuídos quando outra pessoa cresce. Não estamos disputando uma corrida uns com os outros para ver quem é o mais rico, o mais talentoso, o mais bonito ou até o mais abençoado. A corrida que *realmente* disputamos é contra o pecado e, sem dúvida, a inveja é um dos mais universais deles.

Além disso, a inveja é um erro que perdura. É óbvio que ficamos um pouco tristes quando sofremos *revezes*, mas a inveja nos faz sofrer por *tudo de bom* que acontece com *todo mundo* que conhecemos! Que “brilhante” ideia seria beber um copo de vinagre toda vez que alguém a nosso redor tivesse um momento de alegria! Sem contar o desgosto no final, quando descobriremos que Deus é realmente justo e misericordioso e que dará a todos os que habitarem com Ele “*todos os seus bens*”,² conforme explicam as escrituras. Assim, a lição número um do Senhor da vinha é: o ato de cobiçar, reclamar ou prejudicar os outros *não* eleva *nossa* posição; e, tampouco, rebaixar alguém melhora a nossa autoimagem. Portanto, sejam bondosos e sejam gratos por Deus ser bondoso. Esse é um jeito feliz de viver.

Um segundo ponto que quero ressaltar na parábola é o triste erro que alguns podem cometer, se desistirem de receber o salário no *fim* do dia por estarem preocupados com os problemas percebidos *no decorrer* do dia. Não lemos ali que alguém jogou sua moeda no rosto do dono da vinha e foi-se embora sem um centavo, mas suponho que isso poderia ter acontecido.

Meus amados irmãos e irmãs, o que aconteceu naquela história às 9 horas, ao meio-dia ou às 3 horas foi ofuscado pela grandiosidade do pagamento generoso concedido a todos no *fim* do dia. A fórmula da fé é: prosseguir, continuar trabalhando, superar o problema e deixar a agitação do início — seja ela real ou imaginária — dissipar-se na abundância da recompensa final. Não se atenham a antigas questões ou ressentimentos — nem contra si mesmos, nem contra seu próximo, nem mesmo, eu acrescentaria, contra esta Igreja verdadeira e viva. A grandiosidade de sua vida, da vida de seu próximo e do

evangelho de Jesus Cristo se manifestarão no último dia, mesmo que essa grandiosidade não seja sempre reconhecida por todos, a princípio. Portanto, não se estressem com algo que aconteceu às 9 horas da manhã, já que a graça de Deus procura recompensá-los às 6 horas da tarde — sejam quais forem os acordos de trabalho que vocês firmaram durante o dia.

Consumimos uma quantia preciosa de recursos emocionais e espirituais ao nos atermos ferrenhamente à lembrança de uma nota desafinada que tocamos num recital de piano em nossa infância, ou a algo que um cônjuge disse ou fez há vinte anos, e que insistimos em jogar-lhe no rosto por mais vinte anos, ou a um incidente da história da Igreja que só prova que os mortais sempre terão dificuldade para corresponder às esperanças imortais colocadas diante deles. Mesmo que uma ofensa não tenha começado com vocês, ela pode terminar com vocês. E que grande recompensa haverá por essa contribuição, quando o Senhor da vinha olhar em seus olhos e acertar as contas no final de nosso dia terreno.

E isso me conduz ao terceiro e último ponto. Essa parábola, como todas as parábolas, não trata realmente de trabalhadores ou de salários, assim como as outras não tratavam de ovelhas ou de bodes. É uma história sobre a bondade de Deus, Sua paciência, Seu perdão e a Expição do Senhor Jesus Cristo. É uma história sobre generosidade e compaixão. É uma história sobre graça. Ela salienta o pensamento que ouvi há muitos anos de que, sem dúvida, a coisa que Deus mais aprecia no fato de ser Deus é a emoção de ser misericordioso, especialmente com os que não esperam misericórdia e que, com frequência, acham que não a merecem.

Não sei quem neste imenso público de hoje pode precisar ouvir a mensagem de perdão inerente a essa parábola. Mas, por mais tardios que se imaginem, por mais chances que achem que perderam, por mais erros que sintam ter cometido ou talentos que achem que não têm, ou por mais longe do lar, da família e de Deus que achem que se afastaram, testifico-lhes que vocês *não* foram para além do alcance do amor divino. Não lhes é possível afundar tanto a ponto de não ver brilhar a infinita luz da Expição de Cristo.

Quer sejam ou ainda não sejam de nossa religião ou quer tenham estado conosco antes e não tenham permanecido, não há nada, em ambos os casos, que fizeram que não possa ser desfeito. Não há nenhum problema que não possa ser vencido. Não há nenhum sonho que, no transcorrer do tempo e da eternidade, não possa ser realizado. Mesmo que sintam que estão perdidos e que são os últimos trabalhadores da undécima hora, o Senhor da vinha ainda lhes acena. “[Achequem-se] com confiança ao trono da graça”³ e caiam aos pés do Santo de Israel. Venham e banqueteiem-se “sem dinheiro e sem preço”⁴ à mesa do Senhor.

Faço um apelo especialmente para os maridos e pais, portadores do sacerdócio — ou portadores em perspectiva — dizendo-lhes, tal como fez Leí: “Desperta! e levantai-vos do pó (...) e sede homens”.⁵ Nem sempre, mas frequentemente, são os homens que decidem não atender à conclamação de “[integrar] as hostes do Senhor”.⁶ As mulheres e as crianças geralmente parecem mais dispostas. Irmãos, ergam-se. Façam isso por vocês mesmos. Façam isso por aqueles que os amam e estão orando para que aceitem a convocação. Façam isso pelo Senhor Jesus Cristo, que pagou um preço incomensurável pelo futuro que Ele deseja que vocês tenham.

Meus amados irmãos e irmãs, para aqueles de vocês que foram abençoados pelo evangelho ao longo de muitos anos, porque tiveram a felicidade de encontrá-lo cedo, para vocês que aceitaram o evangelho aos poucos, e para vocês — membros ou ainda não membros — que ainda estão hesitantes, para cada um de vocês e para todos, presto testemunho do poder renovador do amor de Deus e dos milagres de Sua graça. *A preocupação Dele é com a fé que virão a ter no final e não com a hora do dia em que chegarão lá.*

Portanto, se fizeram convênios, guardem-nos. Se ainda não fizeram, façam-nos. Se já os fizeram e os quebraram, arrependam-se e renovem-nos. *Nunca é tarde demais*, enquanto o Mestre da vinha disser que há tempo. Ouçam o sussurro do Santo Espírito dizer-lhes, neste exato momento, que devem aceitar a dádiva da Expição do Senhor Jesus Cristo e desfrutar o agradável convívio que há em Seu trabalho. Não demorem. Está ficando tarde. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Ver Mateus 20:1–15.
2. Lucas 12:44.
3. Hebreus 4:16.
4. Isaías 55:1.
5. 2 Néfi 1:14, 21.
6. “Somos os Soldados”, *Hinos*, nº 160.

Lembrar Quem Somos: O Sacramento, o Templo e o Sacrifício no Serviço

Élder Robert D. Hales

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Tornamo-nos convertidos e espiritualmente autossuficientes quando cumprimos fervorosamente nossos convênios.

O Salvador contou a Seus discípulos a história de um filho que saiu da casa do pai, que era rico, indo para um país distante, onde desperdiçou sua herança. Quando houve fome no país, o rapaz conseguiu um emprego humilde, alimentando porcos. Ficou tão faminto a ponto de querer comer as cascas que eram dadas aos animais.

Fora de casa, longe do lugar em que desejava estar, nas tristes condições em que se encontrava, algo de importância eterna aconteceu na vida daquele jovem. Citando as palavras do Salvador, ele “[tornou] em si”.¹ Lembrou-se de quem ele era, dando-se conta do que estava perdendo, e começou a desejar as bênçãos que estavam à disposição dele na casa do pai.

Ao longo da vida, mesmo nos momentos de escuridão, desafios, tristezas ou pecado, podemos sentir o Espírito Santo lembrar-nos que somos realmente filhos de um Pai Celestial amoroso, que nos ama, e podemos ansiar pelas sagradas bênçãos que só Ele pode nos dar. Nesses momentos, devemos esforçar-nos para *lembrar quem somos* e voltar para a luz do amor de nosso Salvador.

Essas bênçãos pertencem por direito a todos os filhos do Pai Celestial. O anseio por essas bênçãos, inclusive a de uma vida de

felicidade e alegria, é uma parte essencial do plano do Pai Celestial para cada um de nós. O profeta Alma ensinou: “Mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, deixai que esse desejo opere em vós”.²

À medida que nosso desejo espiritual aumenta, tornamo-nos espiritualmente autossuficientes. Como, então, ajudamos outras pessoas, nós mesmos e nossos familiares a aumentar o desejo que temos de seguir o Salvador e viver Seu evangelho? Como fortalecemos nosso desejo de arrepender-nos, de tornar-nos dignos e de perseverar até o fim? Como ajudamos nossos jovens e jovens adultos a permitir que esse desejo opere neles até que se convertam e se tornem verdadeiramente “[santos] pela expiação de Cristo”?³

Tornamo-nos convertidos e espiritualmente autossuficientes quando cumprimos fervorosamente nossos convênios — partilhando dignamente o sacramento, sendo dignos de uma recomendação para o templo e sacrificando-nos a serviço do próximo.

Para tomar dignamente o sacramento, lembramos que estamos renovando o convênio que fizemos no batismo. Para que o sacramento seja uma experiência espiritualmente purificadora a cada semana, precisamos preparar-nos *antes* de ir para a reunião sacramental. Fazemos isso, deixando deliberadamente nosso trabalho diário, as atividades recreativas, os pensamentos e as preocupações mundanos de lado. Ao fazer isso, abrimos espaço na mente e no coração para o Espírito Santo.

Assim, estamos preparados para refletir sobre a Expição. Mais do que apenas pensar nos fatos do sofrimento e da morte do Salvador, nossa reflexão nos ajuda a reconhecer que, graças ao sacrifício do Salvador, temos esperança, oportunidade e forças para fazer mudanças reais e sinceras em nossa vida.

Ao cantar o hino sacramental, participar das orações do sacramento e partilhar dos emblemas de Sua carne e de Seu sangue, buscamos fervorosamente o perdão de nossos pecados e nossas falhas. Pensamos nas promessas que fizemos e guardamos na semana anterior e assumimos o compromisso específico e pessoal de seguir o Salvador na semana seguinte.

Pais e líderes, vocês podem ajudar os jovens a sentir as incomparáveis bênçãos do sacramento provendo oportunidades especiais para que eles aprendam, discutam e descubram a importância da Expição na vida deles. Deixem que examinem as escrituras por eles mesmos e que ensinem uns aos outros usando suas próprias experiências.

Os pais, os líderes do sacerdócio e as presidências de quórum têm a responsabilidade especial de ajudar os portadores do Sacerdócio Aarônico a se prepararem sinceramente para realizar seus sagrados deveres em relação ao sacramento. Essa preparação é feita ao longo da semana por meio da aplicação prática dos padrões do evangelho. Quando os rapazes preparam, abençoam e distribuem o sacramento com dignidade e reverência, eles literalmente seguem o exemplo do Salvador na Última Ceia⁴ e se tornam semelhantes a Ele.

Testifico que o sacramento nos dá a oportunidade de *lembrar quem somos* e de sentir “uma grande mudança [no] coração”⁵ — para lembrar quem somos e o que mais desejamos. Ao renovar o convênio de guardar os mandamentos, recebemos a companhia do Espírito Santo para guiar-nos de volta à presença de nosso Pai Celestial. Não admira que sejamos ordenados a “[reunir-nos] frequentemente para partilhar o pão e [a água]”⁶ e a partilhar o sacramento para nossa alma.⁷

Nosso desejo de retornar ao Pai Celestial aumenta quando, além de tomarmos o sacramento, nos tornamos dignos de receber uma recomendação para o templo. Tornamo-nos dignos obedecendo constantemente aos mandamentos. Essa obediência começa na infância e se intensifica pelas experiências pessoais no Sacerdócio Aarônico e nas Moças, durante os anos de preparação. Então, esperamos que os sacerdotes e as lauréis estabeleçam metas e se preparem especificamente para receber a investidura e o selamento no templo.

Quais são os padrões para os portadores de recomendação? O salmista nos lembra:

“Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo?

Aquele que é limpo de mãos e puro de coração”.⁸

A dignidade de possuir uma recomendação para o templo nos dá forças para cumprir nossos convênios do templo. Como adquirimos pessoalmente essa força? Esforçamo-nos para adquirir um testemunho do Pai Celestial, de Jesus Cristo e do Espírito Santo, da realidade da Expição e da veracidade do Profeta Joseph Smith e da Restauração. Apoiamos nossos líderes, tratamos nossos familiares com bondade, somos testemunhas da verdadeira Igreja do Senhor, frequentamos as reuniões da Igreja, honramos nossos convênios, cumprimos nossas obrigações de pais e temos uma vida virtuosa. Vocês podem dizer que isso parece assemelhar-se ao que significa ser um santo dos últimos dias fiel! Têm razão. O padrão para os portadores de recomendação para o templo não é demasiadamente elevado para alcançarmos. Trata-se simplesmente de viver fielmente o evangelho e seguir os profetas.

Assim, como portadores de recomendação para o templo com investidura, estabelecemos os padrões do viver cristão. Isso inclui a obediência, os sacrifícios feitos para cumprir os mandamentos, o amor uns pelos outros, a castidade de pensamentos e ações, e a doação de nós mesmos para a edificação do reino de Deus. Por meio da Expição do Salvador e do cumprimento desses padrões básicos de fidelidade, recebemos “poder do alto”⁹ para enfrentar os desafios da vida. Precisamos desse poder divino hoje mais do que nunca. É um poder que somente recebemos por meio das ordenanças do templo. Testifico que os sacrifícios que fazemos para receber as ordenanças do templo valem todo o esforço que fazemos.

À medida que nosso desejo de aprender e viver o evangelho aumenta, naturalmente buscamos servir uns aos outros. O Salvador disse a Pedro: “Quando te converteres, confirma teus irmãos”.¹⁰ Fico impressionado com o fato de que os jovens de hoje têm profundo desejo de servir e abençoar as pessoas — de fazer uma diferença neste mundo. Eles também anseiam pela alegria que a prestação de serviço lhes proporciona.

Contudo, é difícil para os jovens compreender como as presentes ações vão prepará-los ou desqualificá-los para as futuras oportunidades de serviço. Todos temos a “obrigação imperiosa”¹¹ de ajudar os jovens na preparação para uma vida

inteira de serviço, auxiliando-os a tornarem-se autossuficientes. Além da autossuficiência espiritual que abordamos, há a autossuficiência temporal, que inclui adquirir instrução superior ou formação profissional, aprender a trabalhar e viver dentro de seus recursos. Evitando dívidas e economizando agora, estaremos preparados para o serviço de tempo integral na Igreja, nos anos vindouros. O propósito da autossuficiência tanto temporal quanto espiritual é elevar-nos a uma posição melhor para que possamos erguer outros que passam necessidades.

Quer sejamos jovens ou idosos, o que fazemos hoje determina o serviço que poderemos prestar e desfrutar amanhã. Como nos lembra o poeta: “De todas as palavras tristes proferidas ou escritas, as mais tristes são estas: ‘Poderia ter sido!’”¹² Não passemos a vida lamentando o que fizemos ou deixamos de fazer!

Amados irmãos e irmãs, o jovem mencionado pelo Salvador, o que é chamado de filho pródigo, *voltou realmente para casa*. Seu pai não se esquecera dele, mas aguardava seu retorno. “E quando [o filho] ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, (...) o beijou.”¹³ Para comemorar a volta do filho, ele pediu um manto, um anel e um banquete em que foi servido um bezerro¹⁴ lembretes de que nenhuma bênção nos será negada se perseverarmos fielmente em trilhar o caminho de volta à presença de nosso Pai Celestial.

Com Seu amor e com o amor de Seu filho no coração, convido todos a seguir nosso desejo espiritual e a *lembrar quem somos*. Tenhamos uma conversa com nós mesmos no espelho e perguntemos: “Onde estou no cumprimento de meus convênios?” Estamos no caminho certo quando dizemos: “Tomo dignamente o sacramento todas as semanas, sou digno de ter uma recomendação para o templo, frequentá-lo, e me sacrifico para servir e abençoar as pessoas”.

Compartilho meu testemunho especial de que Deus ama de tal maneira cada um de nós que “deu o seu Filho unigênito”¹⁵ para expiar nossos pecados. Ele nos conhece e nos aguarda, mesmo que estejamos bem distantes. Se colocarmos em prática nosso desejo e lembrarmos quem somos, seremos “eternamente envolvidos pelos braços de seu amor”¹⁶ e recebidos com alegria

de volta ao lar. Presto testemunho disso no sagrado nome de nosso Salvador Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Lucas 15:17.
2. Alma 32:27.
3. Mosias 3:19.
4. Ver Mateus 26:17–28; Lucas 22:1–20.
5. Alma 5:12; ver também Mosias 5:2; Alma 5:13–14.
6. Morôni 6:6.
7. Ver Morôni 4:3; Doutrina e Convênios 20:77.
8. Salmos 24:3–4.
9. Doutrina e Convênios 95:8.
10. Lucas 22:32.
11. Doutrina e Convênios 123:11.
12. John Greenleaf Whittier, “Maud Muller”, *The Complete Poetical Works of Whittier*, 1848, p. 48.
13. Lucas 15:20.
14. Ver Lucas 15:22–24.
15. João 3:16.
16. 2 Néfi 1:15.

Fé, Força, Realização: Mensagem para as Pessoas Que Criam Sozinhas os Filhos

Élder David S. Baxter

Dos Setenta

Vocês se esforcem para criar os filhos em retidão e verdade, sabendo que embora não consigam mudar o passado, podem moldar o futuro.

Minha mensagem dirige-se àquelas pessoas da Igreja que criam sozinhas os filhos, em sua maioria mães — vocês, mulheres valorosas que, nas mais variadas condições de vida, criam os filhos e administram o lar sozinhas. Talvez sejam viúvas ou divorciadas. Pode ser que enfrentem esse desafio por terem tomado um rumo errado, fora do casamento, porém hoje vivem dentro da estrutura do evangelho, tendo acertado sua vida. Abençoadas sejam por evitarem o tipo de companhia que lhes cobraria um alto preço de virtude e discipulado. Esse seria um preço elevado demais.

Embora às vezes se perguntem “por que eu?”, é por meio das provações que crescemos rumo à divindade, à medida que nosso caráter se molda na fornalha da aflição e no transcorrer da vida, enquanto Deus respeita o arbítrio do homem. Como comentou o Élder Neal A. Maxwell, não podemos compreender todas as coisas porque “não conhecemos todos os fatos”.¹

Sejam quais forem suas circunstâncias ou os motivos delas, vocês são pessoas maravilhosas. Dia a dia, enfrentam os problemas da vida, fazendo praticamente sozinhas o trabalho que

devia ser para dois. Vocês têm de ser o pai e a mãe. Administram a casa, cuidam da família, às vezes têm dificuldade para pagar as contas e, milagrosamente, até encontram meios de servir na Igreja de modo significativo. Vocês nutrem seus filhos. Choram e oram com eles e por eles. Querem o melhor para eles, mas se angustiam todas as noites achando que o melhor que podem oferecer não será o suficiente.

Embora relute em partilhar algo extremamente pessoal, sou fruto de um lar assim. Durante a maior parte de minha infância e adolescência, minha mãe nos criou sozinha, em condições humildes. O dinheiro era cuidadosamente controlado. Ela teve de lidar com a solidão íntima, às vezes ansiando desesperadamente por apoio e companhia. Apesar de tudo isso, havia dignidade em minha mãe: uma tremenda fonte de determinação e pura perseverança escocesas.

Felizmente, seus últimos anos foram mais abençoados do que no início. Ela casou-se com um recém-converso, viúvo. Foram selados no Templo de Londres Inglaterra e, mais tarde, serviram brevemente ali como oficiantes de ordenanças. Ficaram juntos por quase um quarto de século: felizes, contentes e realizados até o fim de sua vida mortal.

No mundo inteiro, há muitas de vocês, boas mulheres da Igreja, que enfrentam circunstâncias semelhantes e demonstram, ano a ano, essa mesma capacidade de suportar as pressões e dificuldades.

Não é exatamente o que esperavam, planejaram, pediram em oração ou ansiaram, quando começaram há vários anos. Sua jornada pela vida teve solavancos, desvios, contornos e voltas, em grande parte por vivermos em um mundo decaído que foi feito para ser um lugar de provas e testes.

Enquanto isso, vocês se esforçam para criar os filhos em retidão e verdade, sabendo que embora não consigam mudar o passado, podem moldar o futuro. Ao longo do caminho, receberão bênçãos compensatórias, mesmo que não sejam evidentes de imediato.

Com a ajuda de Deus, não precisam temer o futuro. Seus filhos vão crescer e chamá-las de abençoadas, e cada uma das muitas realizações que eles terão será um tributo a vocês.

Nunca sintam que estão em um tipo de segundo escalão, uma subcategoria de membros da Igreja, e que de certa forma são menos merecedoras das bênçãos do Senhor do que os outros. No reino de Deus não há cidadãos de segunda classe.

Esperamos que, quando assistirem às reuniões e virem famílias aparentemente completas e felizes ou ouvirem falar de famílias ideais, sintam-se felizes por fazer parte de uma Igreja que enfoca a família e ensina o papel central que ela desempenha no plano do Pai Celestial para a felicidade de seus filhos; e que neste mundo de calamidades e de decadência moral, temos a doutrina, a autoridade, as ordenanças e os convênios que são a melhor esperança para o mundo, inclusive para a futura felicidade de seus filhos e da família que cada um deles vai criar.

Na reunião geral da Sociedade de Socorro, em setembro de 2006, o Presidente Gordon B. Hinckley contou uma experiência compartilhada por uma mãe que criava sozinha sete filhos entre sete e dezesseis anos. Ela havia atravessado a rua para entregar algo a uma vizinha. E ela conta:

“Quando me virei para voltar para casa, vi as luzes acesas. Era como se eu ainda ouvisse o eco do que meus filhos me disseram uns minutos antes, quando eu ia saindo: ‘Mãe, o que vai ter para o jantar?’ ‘Me leva na biblioteca?’ ‘Tenho de comprar cartolina ainda hoje!’ Cansada e desanimada, olhei para a minha casa e vi cada cômodo iluminado. Pensei em todos os meus filhos, em casa, esperando que eu chegasse para dar-lhes o que precisavam. Senti como se meu fardo fosse maior do que eu poderia suportar.

Lembro-me de olhar para o céu com lágrimas nos olhos e dizer: ‘Meu Pai, hoje eu não aguento mais. Estou muito cansada. Não consigo. Não vou aguentar ir para casa e cuidar sozinha dos meus filhos. Será que não posso ir para a Tua casa e ficar com o Senhor só hoje? (...)’

Na verdade, eu não ouvi as palavras, mas a resposta veio a minha mente: ‘Não, filhinha, não pode voltar para Mim agora. (...) Mas Eu posso ir para onde você está’”.²

Obrigado, irmãs, por tudo o que fazem para criar sua família e manter um lar amoroso onde há bondade, paz e oportunidades.

Embora muitas vezes se sintam solitárias, na verdade, jamais estão *totalmente* sozinhas. Ao prosseguirem com paciência e fé, a Providência divina estará com vocês. O céu lhes concederá as bênçãos necessárias.

Sua perspectiva e visão da vida vão mudar quando, em vez de se sentirem desanimadas, olharem para cima.

Muitas de vocês já descobriram a grandiosa e transformadora verdade de que, quando vivem para aliviar os fardos de outros, seus próprios fardos se tornam mais leves. Embora as circunstâncias não tenham mudado, sua atitude muda. Vocês são capazes de enfrentar as próprias provações com mais aceitação, com um coração mais compreensivo, com uma gratidão mais profunda pelo que têm, em vez de ansiarem pelo que não têm.

Vocês descobriram que, quando emprestamos esperança àqueles cuja vida parece não ter nenhuma, nosso próprio tesouro de consolo se enriquece e se enche. Nosso cálice realmente transborda (ver Salmos 23:5).

Por meio de um viver reto, vocês e seus filhos poderão um dia desfrutar das bênçãos por fazer parte de uma família completa e eterna.

Membros e líderes, há algo mais que vocês podem fazer para apoiar a família das pessoas que criam sozinhas os filhos, sem julgar nem criticar? Será que poderiam cuidar dos jovens dessas famílias, em especial oferecendo aos rapazes um exemplo de como os bons homens agem e vivem? Na falta do pai, será que estão dando um exemplo digno de ser imitado?

É claro que existem famílias em que o pai é que cuida dos filhos sozinho. Irmãos, também oramos por vocês e os elogiamos. Esta mensagem também se dirige a vocês.

Vocês, que criam os filhos sozinhos, testifico que, se derem o melhor de vocês nos mais difíceis desafios humanos, o céu lhes há de sorrir. Vocês realmente não estão sozinhos. Que o poder redentor e amoroso de Jesus Cristo ilumine sua vida agora e os encha de esperança na promessa eterna. Tenham coragem. Tenham fé e esperança. Encarem o presente com força e olhem para o futuro com confiança. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Neal A. Maxwell, *Notwithstanding My Weakness*, 1981, p. 68.
2. Gordon B. Hinckley, "Nos Braços de Seu Amor", *A Liahona*, novembro de 2006, p. 115.

Permaneçam no Território do Senhor!

Élder Ulisses Soares

Dos Setenta

Nossa pergunta diária deve ser: “Será que minhas ações me colocam no território do Senhor ou do inimigo?”

O Presidente Thomas S. Monson disse certa vez: “Vou dar-lhes uma fórmula simples pela qual podem medir as escolhas com que se defrontam. É fácil recordá-la: ‘Não se pode estar certo fazendo o que é errado nem se pode estar errado, fazendo o que é certo’” (“O Caminho da Perfeição”, *A Liahona*, julho de 2002, p. 111). A fórmula do Presidente Monson é simples e direta. Funciona da mesma forma que a Liahona dada a Leí. Se exercermos fé e formos diligentes na obediência aos mandamentos do Senhor, encontraremos facilmente o rumo certo a seguir ao nos depararmos com as pequenas decisões cotidianas.

O Apóstolo Paulo nos exortou sobre a importância de semear no Espírito e de estar cientes de não semear na carne, ao dizer:

“Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.

Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna.

E não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido” (Gálatas 6:7–9).

Semear no Espírito significa que todos os nossos pensamentos, palavras e ações precisam elevar-nos ao nível da divindade de nossos pais celestes. Contudo, as escrituras se referem à carne como a natureza física ou carnal do homem

natural, que permite às pessoas serem influenciadas por paixões, desejos, apetites e tendências da carne, em vez de buscar a inspiração do Espírito Santo. Se não tomarmos cuidado, essas influências combinadas com a pressão mundana do mal podem levar-nos a adotar uma conduta vulgar e leviana que pode tornar-se parte de nosso caráter. Para evitarmos essas más influências, devemos seguir o que o Senhor instruiu ao Profeta Joseph Smith sobre semear continuamente no Espírito: “Portanto não vos canseis de fazer o bem, porque estais lançando o alicerce de uma grande obra. E de pequenas coisas provém aquilo que é grande” (D&C 64:33).

Para edificarmos nosso espírito, é preciso que “toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas dentre [nós]” (Efésios 4:31) e que “[sejamos] sábios nos dias de [nossa] provação; [despojando-nos] de todas as impurezas” (Mórmon 9:28).

Ao estudarmos as escrituras, aprendemos que as promessas que o Senhor fez para nós dependem de nossa obediência e incentivam o viver reto. Essas promessas devem nutrir-nos a alma, dando-nos esperança, incentivando-nos a não desistir, mesmo diante dos desafios diários de viver num mundo em que os valores éticos e morais se extinguem, motivando ainda mais as pessoas a semear na carne. No entanto, como podemos ter certeza de que nossas escolhas estão nos ajudando a semear no Espírito e não na carne?

O Presidente George Albert Smith, repetindo conselhos dados por seu avô, disse certa vez: “Há uma linha demarcatória bem definida entre o território do Senhor e o território do diabo. Se você vai ficar na linha no lado do Senhor estará sob Sua influência e não terá nenhum desejo de fazer coisas erradas, mas, se você cruzar para o lado do diabo, um centímetro que seja, estará em poder do tentador, e, se ele for bem-sucedido, você não será capaz de pensar nem raciocinar corretamente porque terá perdido o Espírito do Senhor” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: George Albert Smith*, 2011, p. 193).

Portanto, nossa pergunta diária deve ser: “Será que minhas ações me colocam no território do Senhor ou no território do inimigo?”

O profeta Mórmon alertou seu povo sobre a importância da capacidade de distinguir o bem do mal:

“Portanto todas as coisas boas vêm de Deus; e o que é mau vem do diabo; porque o diabo é inimigo de Deus e luta constantemente contra ele e convida e incita a pecar e a fazer continuamente o mal.

Eis, porém, que aquilo que é de Deus convida e impele a fazer o bem continuamente” (Morôni 7:12–13).

A Luz de Cristo juntamente com a companhia do Espírito Santo devem ajudar-nos a determinar se nosso modo de vida nos coloca no território do Senhor ou não. Se nossas atitudes forem boas, elas são inspiradas por Deus, porque toda coisa boa vem de Deus. Contudo, se nossas atitudes forem más, estamos sendo influenciados pelo inimigo, porque ele persuade os homens a fazer o mal.

O povo africano aqueceu meu coração por sua determinação e diligência em permanecer no território do Senhor. Mesmo nas circunstâncias adversas da vida, aqueles que aceitam o convite de vir a Cristo se tornam uma luz para o mundo. Há poucas semanas, ao visitar uma das alas na África do Sul, tive o privilégio de acompanhar dois jovens sacerdotes, seu bispo e seu presidente de estaca em uma visita aos rapazes menos ativos de seu quórum. Fiquei muito impressionado com a coragem e a humildade que aqueles dois sacerdotes mostraram ao convidar os rapazes menos ativos a voltar para a Igreja. Enquanto conversavam com os rapazes menos ativos, observei que seu semblante refletia a luz do Salvador e, ao mesmo tempo, enchia de luz as pessoas a seu redor. Eles estavam cumprindo seu dever de “[socorrer] os fracos, [erguer] as mãos que pendem e [fortalecer] os joelhos enfraquecidos” (D&C 81:5). A atitude daqueles dois sacerdotes os colocou no território do Senhor, e eles serviram de instrumentos em Suas mãos, ao convidar outros a fazer o mesmo.

Em Doutrina e Convênios 20:37, o Senhor ensina o que significa semear no Espírito e o que realmente acontece no território do Senhor, da seguinte maneira: Humilhar-nos perante Deus, ter o coração quebrantado e o espírito contrito, testificar diante da Igreja que realmente nos arrendemos de todos os

nossos pecados, tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo, ter a determinação de servi-Lo até o fim, manifestar por nossas obras, que recebemos o Espírito de Cristo e fomos recebidos pelo batismo em Sua Igreja. Nossa disposição de cumprir esses convênios nos prepara para viver na presença de Deus como seres exaltados. A lembrança desses convênios deve guiar nossa conduta em relação a nossa família, a nossas interações sociais com outras pessoas e, especialmente, em nosso relacionamento com o Salvador.

Jesus Cristo estabeleceu o perfeito padrão de conduta pelo qual podemos edificar nossas atitudes, a fim de poder cumprir esses convênios sagrados. O Salvador banuiu de Sua vida toda influência que pudesse desviar-Lhe a atenção de Sua missão divina, especialmente ao ser tentado pelo inimigo ou por seus seguidores, enquanto ministrava aqui na Terra. Embora jamais tenha pecado, Ele tinha um coração quebrantado e um espírito contrito, cheio de amor por nosso Pai Celestial e por todos os homens. Ele Se humilhou perante nosso Pai Celestial, negando Sua própria vontade para cumprir o que o Pai pedira Dele, em todas as coisas, até o fim. Mesmo naquele momento de extrema dor física e espiritual, carregando nos ombros o fardo dos pecados de toda a humanidade e vertendo sangue por todos os poros, Ele disse ao Pai: “Não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres” (Marcos 14:36).

Minha oração, irmãos e irmãs, é que, ao pensarmos em nossos convênios, mantenhamo-nos fortes contra “os ardentes dardos do adversário” (1 Néfi 15:24), seguindo o exemplo do Salvador para semearmos no Espírito e habitarmos no território do Senhor. Lembremos a fórmula do Presidente Monson: “Não se pode estar certo fazendo o que é errado nem se pode estar errado, fazendo o que é certo”. Digo essas coisas em nome de Jesus Cristo. Amém.

Em Sintonia com a Música da Fé

Élder Quentin L. Cook

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Deus ama todos os Seus filhos. Ele quer que todos voltem à presença Dele. Ele deseja que todos estejam em sintonia com a sagrada música da fé.

Quando as Autoridades Gerais da Igreja se reúnem com os membros no mundo inteiro, vemos pessoalmente como os santos dos últimos dias são uma força para promover o bem. Elogiamos vocês por tudo o que fazem para abençoar a vida de todas as pessoas.

Aqueles dentre nós que estão encarregados dos assuntos públicos sabem muito bem que muitos formadores de opinião e jornalistas dos Estados Unidos e do mundo inteiro têm falado mais da Igreja e de seus membros. Uma confluência incomum de fatores aumentou significativamente a visibilidade da Igreja.¹

Muitos que escrevem sobre a Igreja se esforçaram sinceramente para compreender nosso povo e nossa doutrina. Foram bem respeitosos e procuraram ser objetivos, pelo que lhes somos gratos.

Também reconhecemos que há muitas pessoas que não estão em sintonia com as coisas sagradas. Lord Sacks, o rabino-chefe da Inglaterra, dirigindo-se aos líderes da igreja católica em dezembro passado, na Universidade Pontifícia Gregoriana, observou como algumas partes do mundo se tornaram seculares. Ele afirmou que a culpa é “de um ateísmo científico agressivo que se faz surdo à música da fé”.²

A grande visão introdutória do Livro de Mórmon é o sonho profético que Leí teve da árvore da vida.³ Essa visão descreve

com clareza os desafios à fé que existem em nossos dias e a grande divisão entre os que amam, adoram e sentem que devem prestar contas a Deus e os que não o fazem. Leí explicou algumas condutas que destroem a fé. Alguns são orgulhosos, vaidosos e tolos. Interessam-se apenas pela suposta sabedoria do mundo.⁴ Outros têm algum interesse em Deus mas se perdem nas névoas de escuridão e no pecado do mundo.⁵ Alguns já provaram o amor de Deus e Sua palavra, mas sentem-se envergonhados por causa dos que zombam deles, e se afastam, seguindo por “caminhos proibidos”.⁶

Por fim, há os que estão em sintonia com a música da fé. Vocês sabem quem vocês são. Vocês amam o Senhor e Seu evangelho e procuram constantemente viver e compartilhar Sua mensagem, especialmente com sua família.⁷ Vivem em harmonia com os sussurros do Espírito, foram despertados em relação ao poder da palavra de Deus, cumprem preceitos religiosos no lar e procuram diligentemente levar uma vida cristã como discípulos de Cristo.

Reconhecemos o quanto vocês são atarefados. Sem um ministério profissional remunerado, a responsabilidade de administrar a Igreja foi confiada a vocês, membros consagrados. Sabemos que é comum os membros dos bispados e das presidências de estaca e muitos outros doarem longas horas de serviço dedicado. As presidências das auxiliares e dos quóruns são um exemplo de sacrifício abnegado. Esse serviço e sacrifício são feitos por todos os membros, pelos que mantêm registros administrativos, pelos mestres familiares, pelas professoras visitantes fiéis e pelos que dão aulas. Quão gratos somos aos que corajosamente servem como líderes de escoteiros ou líderes do berçário. Todos vocês contam com nosso amor e apreço pelo que fazem e pelo que são!

Reconhecemos que há membros menos interessados e menos fiéis a alguns dos ensinamentos do Salvador. Nosso desejo é que esses membros despertem plenamente para a fé e aumentem seu nível de atividade e de comprometimento. Deus ama todos os Seus filhos. Ele quer que todos voltem à presença Dele. Ele deseja que todos estejam em sintonia com a sagrada música da fé. A Expição do Salvador é uma dádiva para todos.

É preciso que seja ensinado e compreendido que amamos e respeitamos todas as pessoas descritas por Leí.⁸ Lembrem-se de que não nos cabe julgar as pessoas. O julgamento é uma prerrogativa do Senhor.⁹ O Presidente Thomas S. Monson nos pediu especificamente que tenhamos a “coragem de não julgar (...) as pessoas”.¹⁰ Ele também pediu que todo membro fiel *resgate* os que provaram do fruto do evangelho e depois se afastaram, bem como aqueles que ainda não encontraram o caminho estreito e apertado. Oramos para que eles se agarrem à barra e partilhem do amor de Deus, que vai lhes encher “a alma de imensa alegria”.¹¹

Embora a visão de Leí incluía todas as pessoas, o conceito doutrinário mais importante é o significado eterno da família. “A família foi ordenada por Deus. É a mais importante unidade nesta vida e na eternidade.”¹² Quando Leí partilhou do fruto da árvore da vida (o amor de Deus), desejou que sua família “dele também comesse”.¹³

Nosso grande desejo é criar nossos filhos em verdade e retidão. Um princípio que nos vai ajudar a fazer isso é não sermos demasiadamente severos em julgar uma conduta tola ou insensata, porém não pecaminosa. Há muitos anos, quando minha mulher e eu tínhamos os filhos em casa, o Élder Dallin H. Oaks ensinou que era importante fazer a distinção entre erros juvenis, que devem ser corrigidos, e pecados, que exigem repreensão e arrependimento.¹⁴ Quando há falta de sabedoria, nossos filhos precisam de instrução. Quando há pecado, o arrependimento é essencial.¹⁵ Descobrimos que isso foi muito útil para nossa própria família.

O cumprimento de preceitos religiosos no lar abençoa nossa família. O exemplo é particularmente importante. O que *somos* fala tão alto que nossos filhos talvez não ouçam o que dizemos. Quando eu tinha quase cinco anos, minha mãe ficou sabendo que seu irmão caçula tinha sido morto quando o navio de guerra em que servia foi bombardeado, ao largo da costa do Japão, quase no fim da Segunda Guerra Mundial.¹⁶ Aquela notícia a deixou arrasada. Ela ficou muito emocionada e foi para o quarto. Depois de um tempo, fui espiar para ver se ela estava bem e a vi ajoelhada junto à cama, em oração. Senti uma grande paz porque

ela me havia ensinado a orar e a amar o Salvador. Isso ilustra o exemplo que ela sempre me deu. A mãe ou o pai orando com os filhos pode ser mais importante do que qualquer outro exemplo.

A mensagem, o ministério e a Expição de Jesus Cristo, nosso Salvador, fazem parte de nosso currículo familiar essencial. A escritura que melhor descreve nossa fé está em 2 Néfi 25:26: “E falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte procurar a remissão de seus pecados”.

Uma das premissas da visão de Leí é a de que os membros fiéis precisam agarrar-se firmemente à barra de ferro para manter-se no caminho estreito e apertado que conduz à árvore da vida. É essencial que os membros leiam, ponderem e estudem as escrituras.¹⁷

O Livro de Mórmon é de importância vital.¹⁸ É evidente que sempre haverá aqueles que subestimam o significado desse livro sagrado ou até venham a denegri-lo. Alguns fazem piada. Antes de eu servir missão, ouvi um professor universitário citar a declaração de Mark Twain de que, se fosse tirada a expressão “E aconteceu” do Livro de Mórmon, “ele seria apenas um panfleto”.¹⁹

Poucos meses depois, enquanto eu servia missão em Londres, Inglaterra, um renomado professor formado pela Universidade Oxford e que trabalhava na Universidade de Londres, um egípcio que era perito em línguas semitas, leu o Livro de Mórmon, correspondeu-se com o Presidente David O. McKay e reuniu-se com os missionários. Disse-lhes que estava convencido de que o Livro de Mórmon era realmente uma tradução do conhecimento dos judeus e da língua dos egípcios referente aos períodos descritos no livro.²⁰ Um dos exemplos que ele usou foi a expressão conjuntiva “E aconteceu”, que ele disse espelhar como ele traduziria a fraseologia usada nos antigos escritos semitas.²¹ O professor foi informado de que embora sua abordagem intelectual com base em seu conhecimento acadêmico o ajudasse, ainda era essencial que tivesse um testemunho espiritual. Por meio do estudo e da oração, ele adquiriu um testemunho espiritual e foi batizado. Portanto, o que um famoso humorista

viu como tema de piada, um estudioso renomado viu como uma profunda evidência da veracidade do Livro de Mórmon, o que lhe foi confirmado pelo Espírito.

A doutrina essencial do arbítrio exige que um testemunho do evangelho restaurado baseie-se na fé e não simplesmente em provas externas ou científicas. O enfoque obsessivo em coisas que ainda não foram plenamente reveladas — por exemplo: como o Salvador nasceu de uma virgem ou ressuscitou, ou de que modo Joseph Smith traduziu nossas escrituras — não será eficaz nem proporcionará progresso espiritual. Essas coisas são questões de fé. No final, o conselho de Morôni para ler, ponderar e depois perguntar a Deus com toda a sinceridade do coração e com real intenção para confirmar a veracidade das escrituras pelo testemunho do Espírito é a resposta.²² Além disso, quando acrescentamos à nossa vida os mandamentos encontrados nas escrituras e vivemos o evangelho, somos abençoados com o Espírito e provamos da Sua bondade por meio de sentimentos de alegria, felicidade e principalmente paz.²³

Vemos claramente que uma linha divisória que separa os que ouvem a música da fé dos que são surdos ou fora de sintonia é o estudo ativo das escrituras. Fiquei profundamente tocado, há vários anos, quando o amado profeta, Spencer W. Kimball, enfatizou a necessidade de lermos e estudarmos continuamente as escrituras. Ele disse: “Percebo que, quando negligencio meu relacionamento com a Deidade e tenho a impressão de que nenhum ouvido divino está escutando o que digo e nenhuma voz celestial está falando comigo, parece que estou muito, muito longe. Se mergulho nas escrituras, a distância diminui e a espiritualidade volta”.²⁴

Espero que estejamos lendo o Livro de Mórmon regularmente com nossos filhos. Abordei esse assunto com meus próprios filhos. Eles compartilharam comigo duas observações. A primeira é que a persistência na leitura diária das escrituras em família é fundamental. Minha filha descreveu com bom-humor o esforço que faz bem cedo pela manhã com seus filhos, a maioria adolescentes, para ler constantemente as escrituras. Ela e o marido acordam bem cedo e lutam contra o sono para agarrar-se ao corrimão da escada que leva ao local onde a família se reúne

para ler a palavra de Deus. A persistência é a resposta, e um bom senso de humor ajuda. É preciso grande empenho de todos da família, todos os dias, mas vale a pena. Os obstáculos temporários são vencidos pela persistência.

A segunda é o modo como nosso filho caçula e a esposa leem as escrituras com sua jovem família. Dois de seus quatro filhos ainda não têm idade para ler. Para o filho de cinco anos, eles criaram cinco sinais com os dedos para que ele participe plenamente da leitura das escrituras em família. O sinal com o dedo indicador é para que ele repita: “E aconteceu”, sempre que isso aparece no Livro de Mórmon. Tenho de admitir que adoro ver essa expressão aparecer com tanta frequência. Aliás, para o interesse das famílias jovens, o sinal com o indicador e o médio é para “E assim vemos que...”; os sinais três, quatro e cinco são escolhidos pelos pais de acordo com as palavras contidas no capítulo que estão lendo.

Sabemos que o estudo das escrituras em família e a noite familiar nem sempre são perfeitos. A despeito dos desafios que enfrentarem, não desanimem.

Compreendam que ter fé no Senhor Jesus Cristo e cumprir Seus mandamentos são e sempre serão o teste decisivo da mortalidade. Acima de tudo, cada um de nós precisa compreender que, quando ficamos surdos à música da fé, estamos fora de sintonia com o Espírito. Como ensinou o profeta Néfi: “Haveis ouvido sua voz (...); e ele vos falou numa voz mansa e delicada, mas havíeis perdido a sensibilidade, de modo que não pudestes perceber suas palavras”.²⁵

Uma doutrina é clara: precisamos ser positivos e ter bom ânimo. Enfatizamos nossa fé, não nossos temores. Regozijamo-nos na certeza proporcionada pelo Senhor de que Ele estará ao nosso lado e nos orientará e conduzirá.²⁶ O Espírito Santo testifica ao nosso coração que temos um Pai Celestial amoroso, cujo plano misericordioso para nossa redenção será cumprido, em todos os aspectos, graças ao sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

Como Naomi W. Randall, autora de “Sou um Filho de Deus”, escreveu: “E o Seu Espírito de amor afasta todo o meu temor”.²⁷

Portanto, onde quer que estejamos no caminho do discipulado, na visão de Leí, tomemos a firme decisão de

despertar dentro de nós e de nossa família maior desejo de reivindicar a incompreensível dádiva de vida eterna que o Salvador nos concedeu. Oro para que permaneçamos em sintonia com a música da fé. Presto testemunho da divindade de Jesus Cristo e da realidade de Sua Expição. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Ver Doutrina e Convênios 1:30.
2. Jonathan Sacks, “Has Europe Lost Its Soul?” [Terá a Europa Perdido a Alma?] (discurso proferido em 12 de dezembro de 2011, na Universidade Pontifícia Gregoriana, chiefrabbi.org/ReadArtical.aspx?id=1843).
3. Ver 1 Néfi 8.
4. Ver 1 Néfi 8:27; 11:35.
5. Ver 1 Néfi 8:23; 12:17.
6. 1 Néfi 8:28.
7. Ver 1 Néfi 8:12.
8. O Salvador nos instruiu a buscar a ovelha perdida; ver Mateus 18:12–14.
9. Ver João 5:22; ver também Mateus 7:1–2.
10. Thomas S. Monson, “Tenham Coragem”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 123.
11. 1 Néfi 8:12.
12. *Manual 2: Administração da Igreja*, 2010, 1.1.1.
13. 1 Néfi 8:12.
14. Ver Dallin H. Oaks, “Sins and Mistakes” [Pecados e Erros], *Ensign*, outubro de 1996, p. 62. O Élder Oaks ensinou essa ideia quando foi presidente da Universidade Brigham Young, aproximadamente em 1980.
15. Ver Doutrina e Convênios 1:25–27.
16. Ver Marva Jeanne Kimball Pedersen, *Vaughn Roberts Kimball, a Memorial* (publicado pela família Crozier Kimball, novembro de 1995). Vaughn jogava futebol americano como capitão da equipe pela Universidade Brigham Young, no outono de 1941. Um dia após o ataque a Pearl Harbor, em 8 de dezembro de 1941, ele se alistou na Marinha dos Estados Unidos. Foi morto em 11 de maio de 1945, por um ataque inimigo que bombardeou o navio USS *Bunker Hill*, sendo sepultado no mar.
17. Ver João 5:39.
18. Ver Ezra Taft Benson, “The Book of Mormon—Keystone of Our Religion” [O Livro de Mórmon, Pedra Angular de Nossa Religião], *Ensign*, novembro de 1986, p. 4, ou *A Liahona*, outubro de 2011, p. 52.
19. Mark Twain, *Roughing It*, 1901, p. 133. A cada nova geração, os comentários de Twain são apresentados como se fossem uma nova descoberta importante. Pouco se comenta que Mark Twain tinha desprezo tanto pelo cristianismo quanto pelas religiões de modo geral.
20. Ver 1 Néfi 1:2.
21. Conheci o Dr. Ebeid Sarofim em Londres, quando os élderes o ensinavam. Ver também N. Eldon Tanner, Conference Report, abril de 1962, p. 53. Muitos estudiosos dos antigos escritos semitas/egípcios observaram o uso repetitivo da expressão conjuntiva “E aconteceu...” no início das sentenças; ver Hugh Nibley, *Since Cumorah*, 2ª edição, 1988, p. 150.
22. Ver Morôni 10:4; pouquíssimos críticos colocaram isso à prova com sinceridade e real intenção.
23. Ver Doutrina e Convênios 59:23.

24. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball*, 2006, p. 75.
25. 1 Néfi 17:45; ver também Ezra Taft Benson, "Seek the Spirit of the Lord", *Tambuli*, setembro de 1988, p. 4: "É mais frequente ouvirmos as palavras do Senhor por meio de um sentimento. Se formos humildes e sensíveis, o Senhor vai inspirar-nos por meio de nossos sentimentos".
26. Ver Doutrina e Convênios 68:6.
27. "Se Tenho Fé", *Hinos*, nº 53.

Como Obter Revelação e Inspiração para a Vida Pessoal

Élder Richard G. Scott

Do Quórum dos Doze Apóstolos

*“Por que o Senhor quer que oremos a Ele pedindo?”
Porque é assim que se recebe revelação.*

Qualquer um que venha a este púlpito para proferir uma mensagem sente a força e o apoio dos membros em todo o mundo. Sou grato por essa mesma força vir de uma amada companheira do outro lado do véu. Obrigado, Jeanene.

O Espírito Santo comunica-nos importantes informações de que necessitamos para nos guiar na jornada da mortalidade. Quando ela é nítida, clara e essencial recebe o título de ‘revelação’. Quando ela vem por uma série de sugestões e temos de nos guiar passo a passo a um objetivo digno, até alcançarmos o propósito dessa mensagem, ela é inspiração.

Um exemplo de revelação seria aquela orientação que o Presidente Spencer W. Kimball recebeu, após sua longa e contínua súplica ao Senhor, para proporcionar o sacerdócio a todos os homens dignos da Igreja, numa época em que ele podia ser conferido somente a alguns deles.

Outro exemplo de revelação é esta orientação dada ao Presidente Joseph F. Smith: “Creio que nos movemos e vivemos na presença de mensageiros celestiais e outros seres celestes. Não há separação entre nós e eles. (...) Temos um relacionamento próximo com nossos parentes e ancestrais que foram para o mundo espiritual antes de nós. Não podemos esquecê-los; não deixamos de amá-los; sempre estarão em nosso coração, na

lembrança, e por isso estamos ligados a eles por laços que não podemos romper. (...) Se isso ocorre a nós em nossa condição finita, cercados das fraquezas da mortalidade, (...) com certeza quanto mais é (...) para nós crermos que os que foram fiéis e que já passaram pelo véu (...) podem ver-nos melhor do que nós a eles; que nos conhecem melhor do que nós a eles. (...) Vivemos na presença deles, eles nos veem, preocupam-se com o nosso bem-estar, amam-nos agora mais que nunca antes. Pois agora enxergam os perigos que nos cercam; (...) daí seu amor por nós e seu desejo pelo nosso bem-estar serem muito maiores do que sentimos por nós próprios”.¹

Os relacionamentos com aqueles a quem conhecemos e amamos podem ser estreitados através do véu. Isso se dá por nosso esforço contínuo de fazer o que é certo. Podemos estreitar nosso relacionamento com a pessoa que amamos ao reconhecer que a separação é temporária e que os convênios feitos no templo são eternos. Quando cumpridos consistentemente, esses convênios asseguram a eterna realização das promessas a eles inerentes.

Um caso muito nítido de revelação em minha vida ocorreu quando senti uma forte impressão do Espírito para pedir a Jeanene Watkins para ser selada a mim no templo.

Uma das grandes lições que cada um de nós precisa aprender é pedir. “Por que o Senhor quer que oremos a Ele pedindo?” Porque é assim que se recebe revelação.

Quando enfrento uma questão muito difícil, eis como procuro saber o que fazer: Eu jejuo. Eu oro para encontrar e compreender as escrituras que serão úteis. Esse é um processo cíclico. Começo por ler uma passagem de escritura; pondero sobre o significado do versículo e oro por inspiração. Em seguida, pondero e oro para saber se captei tudo o que o Senhor quer que eu faça. Em geral, outras impressões se seguem com compreensão ampliada da doutrina. Descobri que esse processo é uma boa forma de aprender com as escrituras.

Há alguns princípios práticos que ampliam a revelação. Primeiro, ceder a emoções como raiva ou mágoa ou inventar desculpas pelos erros afastará o Espírito Santo. Tais emoções

devem ser eliminadas ou nossa chance de receber revelação será mínima.

Outro princípio é a cautela com o humor. O riso escandaloso e inadequado ofende o Espírito. Risos comedidos convidam a revelação; mas o riso escandaloso não. O senso de humor adequado ajuda à revelação, mas o riso escandaloso não. Senso de humor é uma válvula de escape para as pressões da vida.

Outro inimigo da revelação é o exagero e a estridência na maneira de nos expressar. A fala cautelosa e mansa favorece o recebimento da revelação.

Por outro lado, a comunicação espiritual pode ser ampliada por meio de práticas saudáveis. Exercitar-se, dormir o suficiente e ter bons hábitos alimentares aumentam nossa capacidade de receber e entender a revelação. Viveremos pelo tempo que nos for designado. Entretanto, podemos melhorar tanto a qualidade de nosso serviço quanto o nosso bem-estar por meio de escolhas cuidadosas e apropriadas.

É importante que nossas atividades diárias não perturbem a nossa capacidade de ouvir o Espírito.

A revelação pode-nos ser dada também em um sonho, quando há uma transição quase imperceptível do sono para o despertar. Se procurarmos capturar seu conteúdo de imediato, podemos registrá-la nos mínimos detalhes, mas se não o fizermos, ela se apaga rapidamente. A comunicação inspirada à noite é em geral acompanhada de um sentimento sagrado. O Senhor usa pessoas por quem nutrimos grande respeito para ensinar-nos verdades em sonhos, porque confiamos nelas e ouviremos seus conselhos. É o Senhor ensinando por meio do Espírito Santo. No entanto, Ele pode fazer com que no sonho seja mais fácil entendermos ou que toque nosso coração ao sermos ensinados por alguém a quem amamos e respeitamos.

Se for para atender aos propósitos do Senhor, Ele pode trazer a nossa memória tudo o que já nos ocorreu. Isso não deve enfraquecer nossa determinação de registrarmos as impressões do Espírito. Esse registro detalhado da inspiração mostra a Deus que Suas comunicações são sagradas para nós e também ampliará nossa habilidade de recapturá-las. Tais registros de

orientação pelo Espírito devem ser protegidos contra perdas ou a intromissão de outras pessoas.

As escrituras dão-nos eloquente confirmação de como a verdade, quando vivida com consistência, abre as portas à inspiração para sabermos o que fazer e, quando necessário, termos a capacidade pessoal ampliada pelo poder divino. As escrituras descrevem como a capacidade pessoal de vencer uma dificuldade, dúvida ou desafios aparentemente invencíveis é ampliada pelo Senhor em épocas de necessidade. Ao ponderar sobre tais exemplos, você terá uma serena confirmação por meio do Espírito Santo de que tais experiências são verdadeiras. E você saberá que uma ajuda semelhante está a sua disposição.

Já vi pessoas vencerem desafios que estavam além de sua capacidade, porque confiaram no Senhor e souberam que Ele as guiaria a soluções que eram necessárias urgentemente.

O Senhor declarou: “Sereis ensinados do alto. Santificai-vos e sereis investidos de poder, para que ensineis como falei”.² As palavras *santificai-vos* podem soar estranhas. O Presidente Harold B. Lee explicou certa vez que podemos substituir essas palavras pela expressão “guardai meus mandamentos”. Lido dessa forma, o conselho parece mais claro.³

A pessoa deve estar sempre limpa mental e fisicamente e ter pureza de intenção para que o Senhor a inspire. Aquele que é obediente aos Seus mandamentos tem a confiança do Senhor. Tal pessoa tem acesso a Sua inspiração para saber o que fazer e, se necessário, o poder de fazê-lo.

Para que a espiritualidade se fortaleça e esteja mais disponível, ela deve ser plantada em um ambiente de retidão. A altivez, o orgulho e a presunção são solo rochoso que nunca dará frutos espirituais.

A humildade é o solo fértil onde a espiritualidade cresce e produz os frutos da inspiração para sabermos o que fazer. Ela dá acesso ao poder divino para realizar o que for necessário. A pessoa motivada pelo desejo de elogios ou reconhecimento não estará qualificada para ser ensinada pelo Espírito. O arrogante ou aquele que deixa as emoções influenciarem suas decisões não será guiado com poder pelo Espírito.

Quando agimos como instrumentos para abençoar outros, podemos ser inspirados mais facilmente do que quando pensamos só em nós mesmos. Enquanto nos empenhamos em ajudar os outros, o Senhor pode acrescentar orientação para nosso próprio benefício.

Nosso Pai Celestial não nos mandou à Terra para fracassarmos, mas sim para triunfarmos gloriosamente. Pode parecer um paradoxo, mas é por isso que o reconhecimento de resposta às orações pode ser às vezes difícil. Às vezes tentamos tola e ingenuamente enfrentar a vida dependendo de nossa experiência e capacidade. É muito mais sábio procurarmos saber o que fazer por meio da oração e da inspiração divina. Nossa obediência garante que, se for necessário, nos qualifiquemos a ter o poder divino para realizar um objetivo inspirado.

Como muitos de nós, Oliver Cowdery não reconheceu a evidência das respostas à oração já dadas pelo Senhor. Para abrir os olhos dele, assim como os nossos, esta revelação foi dada por meio de Joseph Smith:

“Bem-aventurado és pelo que fizeste; porque me procuraste e eis que, tantas vezes quantas inquiriste, recebeste instruções de meu Espírito. Se assim não fora, não terias chegado ao lugar onde agora estás.

Eis que tu sabes que me inquiriste e que te iluminei a mente; e agora te digo estas coisas para que saibas que foste iluminado pelo Espírito da verdade”.⁴

Se você sentir que Deus não respondeu a suas orações, pondere nessas escrituras — depois procure cuidadosamente em sua própria vida evidências de que Ele já lhe respondeu.

Dois indicadores de que um sentimento ou uma inspiração veio de Deus são a paz no coração e um sentimento cálido e tranquilo. Ao seguir os princípios aqui debatidos, estaremos preparados para reconhecer a revelação em momentos críticos de nossa própria vida.

Quanto mais de perto seguirmos a orientação divina, maior será a nossa felicidade aqui e na eternidade — além do que, mais abundante será nosso progresso e nossa capacidade de servir. Não compreendo plenamente como isso se dá, mas essa orientação em nossa vida não nos tira o arbítrio. Podemos ainda

tomar as decisões que quisermos. Mas, lembremo-nos que a disposição de fazer o certo traz paz de espírito e felicidade.

Se errarmos, podemos nos arrepender. Quando as condições do arrependimento são plenamente satisfeitas, a Expição de Jesus Cristo, nosso Salvador, livra-nos das exigências da justiça relativas aos erros cometidos. É maravilhosamente simples e de uma beleza incomparável. Ao continuarmos a viver em retidão, sempre seremos inspirados a saber o que fazer. Às vezes, saber o que fazer pode exigir significativo esforço e confiança de nossa parte. No entanto, seremos inspirados a saber o que fazer, se atendermos às condições para receber orientação divina em nossa vida, ou seja, obediência aos mandamentos do Senhor, confiança em Seu divino plano de felicidade e afastamento de tudo o que for contrário a isso.

A comunicação com nosso Pai Celestial não é uma questão trivial. É um privilégio sagrado e baseia-se em princípios eternos e imutáveis. Recebemos ajuda de nosso Pai Celeste em resposta a nossa fé, obediência e pelo uso adequado do arbítrio.

Que o Senhor nos inspire para que compreendamos e usemos os princípios que levam à revelação e à inspiração pessoal, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Joseph F. Smith, em Conference Report, abril de 1916, pp. 2 e 3; ver também *Doutrina do Evangelho*, 1975, pp. 394–395. Tradução atualizada.
2. Doutrina e Convênios 43:16.
3. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja*: Harold B. Lee, 2000, p. 34.
4. Doutrina e Convênios 6:14–15.

Os Poderes do Céu

Élder David A. Bednar

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Os portadores do sacerdócio, jovens e idosos, precisam de autoridade e poder: a permissão necessária e a capacidade espiritual de representar Deus no trabalho de salvação.

Meus amados irmãos, sinto-me grato por podermos adorar juntos como um imenso grupo de portadores do sacerdócio. Amo e admiro vocês por sua dignidade e sua influência para o bem no mundo inteiro.

Convido cada um de vocês a refletir sobre como responderiam à seguinte pergunta feita há muitos anos aos membros da Igreja pelo Presidente David O. McKay: “Se neste instante alguém pedisse a cada um de vocês que declarasse, em uma única frase ou sentença, a característica mais marcante de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, qual seria sua resposta?” (“The Mission of the Church and Its Members”, *Improvement Era*, novembro de 1956, p. 781).

A resposta que o Presidente McKay deu a sua própria pergunta foi: a “autoridade divina” do sacerdócio. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias distingue-se de outras igrejas que afirmam evocar sua autoridade da sucessão histórica, das escrituras ou da formação teológica. Declaramos de modo exclusivo que a autoridade do sacerdócio foi conferida ao Profeta Joseph Smith pela imposição de mãos, diretamente de mensageiros celestiais.

Meu discurso concentra-se nessa autoridade divina e nos poderes do céu. Oro sinceramente pedindo a ajuda do Espírito do

Senhor, para que juntos aprendamos algo a respeito dessas importantes verdades.

A Autoridade e o Poder do Sacerdócio

O sacerdócio é a autoridade de Deus delegada na Terra aos homens para que atuem em todas as coisas referentes à salvação da humanidade (ver Spencer W. Kimball, “The Example of Abraham”, *Ensign*, junho de 1975, p. 3). O sacerdócio é o meio pelo qual o Senhor age por intermédio de homens para salvar almas. Uma das características marcantes da Igreja de Jesus Cristo, tanto no passado quanto no presente, é Sua autoridade. Não pode haver uma Igreja verdadeira sem autoridade divina.

A autoridade do sacerdócio é concedida a homens comuns. A dignidade e a disposição de servir — não a experiência, o conhecimento ou a formação — são as qualificações para a ordenação ao sacerdócio.

O padrão para o recebimento da autoridade do sacerdócio é descrito na quinta regra de fé: “Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, por profecia e pela imposição de mãos, por quem possua autoridade, para pregar o Evangelho e administrar suas ordenanças”. Assim, um rapaz ou homem recebe a autoridade do sacerdócio e é ordenado a um ofício específico por alguém que já possui o sacerdócio e que tenha sido autorizado por um líder que possua as devidas chaves do sacerdócio.

Espera-se que o portador do sacerdócio exerça essa autoridade sagrada de acordo com a mente, a vontade e os propósitos sagrados de Deus. Nada em relação ao sacerdócio é de natureza egocêntrica. O sacerdócio sempre é usado para servir, abençoar e fortalecer outras pessoas.

O sacerdócio maior é recebido por um solene convênio que inclui a obrigação de agir pela autoridade (ver D&C 68:8) e no ofício (ver D&C 107:99) para o qual foram designados. Como portadores da santa autoridade de Deus, somos agentes que atuam e não subordinados que recebem a ação (ver 2 Néfi 2:26). O sacerdócio é inerentemente ativo, e não passivo.

O Presidente Ezra Taft Benson ensinou:

“Não é suficiente receber o sacerdócio e depois esperar sentados e passivos até que sejamos impelidos à atividade por alguém. Quando recebemos o sacerdócio, temos a obrigação de

tornar-nos ativa e avidamente engajados na promoção da causa da retidão na Terra, porque o Senhor disse:

‘O que nada faz até que seja mandado e recebe um mandamento com o coração duvidoso e guarda-o com indolência, é condenado’ (D&C 58:29)” (*So Shall Ye Reap*, 1960, p. 21).

O Presidente Spencer W. Kimball também salientou enfaticamente a natureza ativa do sacerdócio. “[Rompe-se] o convênio do sacerdócio transgredindo os mandamentos — e também deixando de cumprir as respectivas obrigações e deveres. Portanto, *para quebrar esse convênio, basta apenas não fazer nada*” (*O Milagre do Perdão*, 1999, p. 96).

Quando damos o melhor de nós para cumprir nossas responsabilidades do sacerdócio, podemosabençoar com o poder do sacerdócio. O poder do sacerdócio é o poder de Deus que atua por intermédio de rapazes e homens iguais a nós e requer retidão pessoal, fé, obediência e diligência. Um rapaz ou homem pode receber a autoridade do sacerdócio pela imposição de mãos, mas não ter o poder do sacerdócio, se for desobediente, indigno ou desprovido de vontade de servir.

“Os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados com os poderes do céu e (...) os *poderes* do céu não podem ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão.

Que eles nos podem ser conferidos, é verdade; mas quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem” (D&C 121:36–37; grifo do autor).

Irmãos, é inaceitável ao Senhor que um rapaz ou homem receba a autoridade do sacerdócio, mas deixe negligentemente de fazer o que é necessário a fim de qualificar-se para o poder do sacerdócio. Os portadores do sacerdócio, jovens e idosos, precisam de autoridade e poder: a permissão necessária e a capacidade espiritual de representar Deus no trabalho de salvação.

Uma Lição de Meu Pai

Fui criado em um lar que tinha uma mãe fiel e um pai maravilhoso. Minha mãe era descendente de pioneiros que sacrificaram tudo pela Igreja e pelo reino de Deus. Meu pai não era membro de nossa Igreja e, quando jovem, teve o desejo de tornar-se sacerdote católico. Por fim, decidi não entrar para o seminário teológico e escolheu a carreira de ferramenteiro.

Por muito tempo, meu pai assistiu às reuniões da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias com a nossa família. Na verdade, muitas pessoas de nossa ala não faziam ideia de que meu pai não era membro da Igreja. Ele integrava e treinava o time de *softball* de nossa ala, ajudava nas atividades escoteiras e apoiava minha mãe em seus vários chamados e responsabilidades. Quero contar-lhes uma das grandes lições que aprendi com meu pai sobre a autoridade e o poder do sacerdócio.

Quando menino, eu perguntava a meu pai muitas vezes por semana quando ele seria batizado. Ele respondia com amor, mas com firmeza, toda vez que eu o importunava: “David, não vou me filiar à Igreja por sua mãe, por você, ou por quem quer que seja. Vou me filiar à Igreja quando souber que é a coisa certa a fazer”.

Creio que foi no início da minha adolescência que tive a seguinte conversa com meu pai. Tínhamos acabado de voltar das reuniões de domingo, às quais fomos juntos, e perguntei a meu pai quando ele seria batizado. Ele sorriu e disse: “Você está sempre me perguntando quando serei batizado. Hoje tenho uma pergunta para você”. Com rapidez e entusiasmo concluí que estávamos fazendo progresso!

Meu pai prosseguiu, dizendo: “David, sua igreja ensina que o sacerdócio foi retirado da Terra no passado e foi restaurado por mensageiros celestes ao Profeta Joseph Smith, certo?” Respondi que sua afirmação era correta. Ele então disse: “Aqui vai minha pergunta. Toda semana, na reunião do sacerdócio, ouço o bispo e outros líderes do sacerdócio lembrarem, pedirem e implorarem que os homens façam suas visitas de ensino familiar e cumpram seus deveres do sacerdócio. Se sua igreja realmente tem o sacerdócio restaurado de Deus, por que há tantos homens em sua igreja quanto há na minha, que não diferem no cumprimento de

seus deveres religiosos?" De imediato, deu-me um branco na mente. Fiquei sem uma resposta adequada para meu pai.

Creio que meu pai estava errado ao julgar a validade da afirmação de que a Igreja tinha autoridade divina por causa das falhas dos homens com quem ele convivia na ala. Mas, para mim, sua pergunta carregava o pressuposto correto de que os homens que possuem o santo sacerdócio de Deus devem ser diferentes dos outros. Os homens que possuem o sacerdócio não são inerentemente melhores que os outros, mas devem agir de modo diferente. Os homens que possuem o sacerdócio devem não apenas receber a autoridade do sacerdócio, mas também tornar-se condutores dignos e fiéis do poder de Deus. "Sede limpos, vós que portais os vasos do Senhor" (D&C 38:42).

Nunca me esquecerei das lições sobre a autoridade e o poder do sacerdócio que aprendi com meu pai, um homem bom que não era de nossa religião, que esperava mais dos homens que afirmavam possuir o sacerdócio de Deus. A conversa que tive com meu pai, naquela tarde de domingo, há muitos anos, produziu em mim o desejo de ser um "bom rapaz". Eu não queria ser um mau exemplo e uma pedra de tropeço para o progresso de meu pai no aprendizado do evangelho restaurado. Simplesmente queria ser um bom rapaz. O Senhor precisa que todos nós, portadores de Sua autoridade, sejamos honrados, virtuosos e bons, em todos os momentos e em todos os lugares.

Talvez se interessem em saber que, alguns anos depois, meu pai foi batizado. E no devido momento, tive a oportunidade de conferir-lhe o Sacerdócio Aarônico e o de Melquisedeque. Uma das grandes experiências pessoais de minha vida foi observar meu pai receber a autoridade e, por fim, o poder do sacerdócio.

Compartilho com vocês essa pungente lição que aprendi com meu pai para salientar uma verdade simples. O recebimento da autoridade do sacerdócio pela imposição de mãos é um começo importante, mas não é o suficiente. A ordenação confere autoridade, mas exige-se retidão para agirmos com poder, ao nos esforçarmos para elevar almas, ensinar e testificar, abençoar, aconselhar e levar adiante a obra de salvação.

Nesta gloriosa época da história da Terra, nós, portadores do sacerdócio, precisamos ser homens justos e instrumentos eficazes

nas mãos de Deus. Precisamos erguer-nos como homens de Deus. Seria bom que aprendêssemos com Néfi, neto de Helamã e o primeiro dos doze discípulos chamados pelo Salvador no início de Seu ministério entre os nefitas, e seguíssemos seu exemplo: “E [Néfi] ensinou-lhes muitas coisas. E (...) Néfi ensinou com poder e grande autoridade” (3 Néfi 7:17).

“Por Favor, Ajude Meu Marido a Compreender”

Ao término das entrevistas de recomendação para o templo, que eu realizava como bispo e presidente de estaca, geralmente perguntava às irmãs casadas como é que eu poderia prestar-lhes serviço e ajudar sua família. A resposta constante que eu ouvia daquelas mulheres fiéis era instrutiva, mas também alarmante. As irmãs raramente reclamavam ou criticavam, mas geralmente respondiam assim: “Por favor, ajude meu marido a compreender sua responsabilidade como líder do sacerdócio no lar. Fico feliz em tomar a iniciativa no estudo das escrituras, na oração em família e na noite familiar, e vou continuar a fazê-lo. Mas gostaria que meu marido participasse igualmente e provesse a sólida liderança do sacerdócio que só ele pode oferecer. Por favor, ajude meu marido a aprender a ser um patriarca e um líder do sacerdócio que presida e proteja nosso lar”.

Com frequência, reflito na sinceridade daquelas irmãs e em seu pedido. Os líderes do sacerdócio ouvem preocupações semelhantes hoje em dia. Muitas esposas suplicam que o marido tenha não apenas a autoridade do sacerdócio, mas também o poder do sacerdócio. Elas anseiam em dividir igualmente a tarefa com um marido fiel e companheiro do sacerdócio na criação de um lar centralizado em Cristo e focado no evangelho.

Irmãos, prometo que se ponderarmos fervorosamente o pedido daquelas irmãs, o Espírito Santo vai ajudar-nos a vermos a nós mesmos, como realmente somos (ver D&C 93:24) e a reconhecer as coisas que precisamos mudar e melhorar. E a hora de agir é agora!

Ser um Exemplo de Retidão

Quero reiterar os ensinamentos do Presidente Thomas S. Monson, que nos convidou, como portadores do sacerdócio, a ser “exemplos de retidão”. Ele nos lembrou muitas vezes que

estamos a serviço do Senhor e que temos direito a Sua ajuda, sob a condição de sermos dignos (ver “Exemplos de Retidão”, *A Liahona*, maio de 2008, p. 65). Possuímos a autoridade do sacerdócio que foi trazida de volta à Terra nesta dispensação por mensageiros celestes, sim, por João Batista, e por Pedro, Tiago e João. Portanto, todo homem que recebe o Sacerdócio de Melquisedeque pode seguir sua linha pessoal de autoridade diretamente até o Senhor Jesus Cristo. Espero que sejamos gratos por essa maravilhosa bênção. Oro para que sejamos limpos e dignos de representar o Senhor ao exercer Sua sagrada autoridade. Qualifiquemo-nos todos para o poder do sacerdócio.

Testifico que o santo sacerdócio foi realmente restaurado na Terra, nestes últimos dias, e que ele se encontra em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Também testifico que o Presidente Thomas S. Monson é o sumo sacerdote que preside o sumo sacerdócio da Igreja (ver D&C 107:9, 22, 65–66, 91–92) e a única pessoa na Terra que possui todas as chaves do sacerdócio e tem autoridade para exercê-las. Presto solene testemunho dessas verdades, no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Resgate para um Crescimento Real

Bispo Richard C. Edgley

Recém-Desobrigado Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

A salvação de almas é o trabalho para o qual o Salvador nos chamou.

Nos últimos meses, deu-se mais ênfase ao estabelecimento do “crescimento real” na Igreja, fazendo com que todos os que assim o desejarem recebam e guardem os convênios e as ordenanças de salvação, e vivam com uma poderosa mudança de coração descrita por Alma (ver Alma 5:14). Um dos meios mais significativos e importantes de estabelecer o crescimento real na Igreja é estender a mão e resgatar aqueles que foram batizados, mas que se encontram em um estado menos ativo, carentes das bênçãos e das ordenanças de salvação. Independentemente de nosso chamado individual — mestre familiar ou professora visitante, professor da Escola Dominical, bispo, pai, mãe ou Autoridade Geral — todos podemos engajar-nos de modo significativo no trabalho de resgate. Afinal, trazer todos — nossa família, os não membros, os menos ativos, os pecadores — a Cristo para que recebam as ordenanças de salvação é o chamado divino que todos compartilhamos.

Numa manhã de domingo, há 30 anos, quando eu servia em uma presidência de estaca, recebemos um telefonema de um de nossos fiéis bispos. Ele explicou que sua ala havia crescido tão rápido que ele já não conseguia dar um chamado significativo para todos os membros dignos. Pediu-nos que dividíssemos a ala. Enquanto esperávamos essa aprovação, decidimos como presidência de estaca que visitaríamos a ala e chamaríamos todos

aqueles maravilhosos e dignos irmãos e irmãs como missionários de estaca.

A terceira pessoa que entrevistei era uma estudante que frequentava a universidade local. Depois de conversarmos um pouco, fiz o chamado para que ela servisse como missionária. Fez-se silêncio por alguns instantes. Então, ela disse: “Presidente, você sabia que não sou ativa na Igreja?”

Depois de alguns momentos de silêncio da minha parte, eu disse: “Não, eu não sabia que você não era ativa”.

Ela respondeu: “Já faz anos que não sou ativa na Igreja”. Então, ela disse: “Sabia que depois de alguém ficar inativo, não é tão fácil voltar?”

Respondi: “Sua ala começa às 9 horas da manhã. É só ir para a capela, e você está conosco”.

Ela replicou: “Não, não é tão fácil assim. A gente se preocupa com um monte de coisas. Preocupamo-nos se alguém vai nos cumprimentar, ou se vamos sentar-nos sozinhos e passar a reunião despercebidos. E preocupamo-nos se vamos ser aceitos e quem serão nossos novos amigos”.

Ela prosseguiu com lágrimas rolando em sua face: “Sei que minha mãe e meu pai estão orando por mim há anos para que eu volte para a Igreja”. Depois de um momento de silêncio, ela disse: “Nos últimos três meses, estive orando para encontrar a coragem, as forças e os meios para voltar à atividade”. Em seguida, ela perguntou: “Presidente, acha que esse chamado poderia ser uma resposta a essas orações?”

Meus olhos se encheram de lágrimas ao responder: “Creio que o Senhor respondeu a suas orações”.

Ela não apenas aceitou o chamado, mas tornou-se uma ótima missionária. E tenho certeza de que ela proporcionou muita alegria não apenas a si mesma, mas também aos pais e provavelmente a outros familiares.

Há várias coisas que aprendi, ou das quais fui lembrado, com essa e com entrevistas semelhantes:

- Aprendi que muitos membros menos ativos têm entes queridos de joelhos, rogando que o Senhor ajude a resgatar os seus amados familiares.

- Aprendi que não é tão fácil ou agradável para um membro menos ativo simplesmente entrar na Igreja de novo. Eles precisam de ajuda. Precisam de apoio. Precisam de integração.
- Aprendi que temos membros menos ativos que estão dispostos a voltar e procurando encontrar o caminho de volta à atividade.
- Aprendi que muitos membros menos ativos vão aceitar um chamado que lhes for feito.
- Aprendi que um membro menos ativo merece ser tratado como igual e visto como filho ou filha de um Deus amoroso.

Ao longo dos anos, perguntei-me como teria sido aquela entrevista se eu tivesse tratado aquela irmã como membro menos ativo da Igreja. Deixo esse julgamento a vocês.

A reativação sempre foi uma parte importante da obra do Senhor. Embora o resgate seja responsabilidade de todo membro, os portadores do Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque têm a responsabilidade de liderar esse trabalho. Afinal, é nisso que consiste o serviço no sacerdócio — trazer todas as pessoas aos convênios que levam à exaltação; proporcionar paz, felicidade e autoestima.

No Livro de Mórmon, devem lembrar-se de quando Alma, o filho, descobriu que os zoramitas tinham-se afastado da Igreja e organizou uma equipe de reativação para resgatar aquelas pessoas. Ao aceitar essa tarefa, Alma rogou ao Senhor, dizendo:

“Ó Senhor, permite que tenhamos êxito em trazê-los novamente a ti, em Cristo.

Eis, ó Senhor, que sua alma é preciosa e *muitos deles são nossos irmãos*; dá-nos, portanto, ó Senhor, poder e sabedoria para trazermos esses nossos irmãos novamente a ti” (Alma 31:34–35; grifo do autor).

Há poucos meses, após reunir-me com recém-conversos e membros menos ativos, um membro reativado, um senhor da minha idade me procurou e disse: “Sou um dos que foi menos ativo durante a maior parte da vida. Afastei-me da Igreja na

juventude. Mas agora estou de volta, e trabalho no templo com minha mulher”.

Para fazer com que ele soubesse que tudo estava bem, respondi desta forma: “Tudo está bem quando termina bem”.

Ele replicou: “Não, não está tudo bem. Estou de volta à Igreja, mas perdi todos os meus filhos e meus netos. E agora estou vendo meus bisnetos se perderem — todos estão fora da Igreja. Não está tudo bem”.

Em nossa família, temos um antepassado que se filiou à Igreja na Europa, nos primeiros dias da Igreja. Um de seus filhos se tornou inativo. Minha mulher e eu tentamos calcular quantos seriam os descendentes inativos daquele antepassado.

Foi fácil para nós concluir que nessas seis gerações, com uma aproximação aceitável, podem ter-se perdido cerca de 3.000 membros da família. Projetemos isso para mais duas gerações. A perda poderia teoricamente se aproximar de 20.000 a 30.000 filhos de nosso Pai Celestial.

O encargo de resgatar é fundamentado em uma das doutrinas mais importantes da Igreja.

“Lembra-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus;

Pois eis que o Senhor vosso Redentor sofreu a morte na carne; portanto sofreu a dor de *todos os homens*, para que *todos os homens se arrependessem e viessem a ele*. (...)

E, se trabalhades todos os vossos dias clamando arrependimento a este povo e trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será vossa alegria com ela no reino de meu Pai!” (D&C 18:10–11, 15; grifo do autor.)

Tive o privilégio de resgatar alguns membros menos ativos ao longo de minha vida. Agora, quando trago alguém de volta à atividade na Igreja, não visualizo uma única alma — vejo seis, sete ou mais gerações — milhares de almas. Então penso na escritura: “Se (...) trouxerdes a mim mesmo que seja uma só alma, quão grande será vossa alegria” (D&C 18:15).

O Senhor disse a Seus apóstolos: “A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros” (Mateus 9:37). Os ceifeiros não precisam ser poucos. Temos milhares de portadores do sacerdócio dignos e capazes, e milhões de membros da Igreja dedicados em todas as

partes do mundo. Temos conselhos de ala, quóruns do sacerdócio, Sociedades de Socorro e outras organizações funcionando, todos com o encargo de resgatar. A salvação de almas é o trabalho para o qual o Salvador nos chamou.

Neste meu discurso, citei a oração que Alma ofereceu quando ele e seus companheiros lançaram-se ao trabalho de resgate dos zoramitas. Durante a Segunda Guerra Mundial aproximadamente 500 soldados norte-americanos e vários moradores locais que os apoiavam foram presos em um campo de prisioneiros. Devido ao sofrimento e à preocupação com sua segurança, um esquadrão de voluntários de aproximadamente 100 soldados norte-americanos foi selecionado para resgatar aqueles prisioneiros. Depois que os voluntários foram reunidos, o oficial comandante os instruiu, dizendo: “Hoje à noite, reúnam-se com seus líderes religiosos, ajoelhem-se e jurem a Deus que, enquanto tiverem um sopro de vida, não permitirão que um daqueles homens sofra mais um só momento que seja” (ver Hampton Sides, *Ghost Soldiers: The Forgotten Epic Story of World War II's Most Dramatic Mission*, 2001, pp. 28–29). Aquele resgate bem-sucedido foi um resgate do sofrimento físico e temporal. Deveria ser menos valoroso o nosso empenho de resgatar aqueles que sofrem consequências espirituais e eternas? Deveríamos assumir um compromisso menor com o Senhor?

Para concluir, nosso compromisso como membros da Igreja verdadeira de Cristo decorre do fato de que o Senhor sofreu por todos nós — o não membro, o membro menos ativo, o pecador e cada membro de nossa família. Creio que podemos proporcionar a alegria, a paz e a grande doçura do evangelho a centenas de milhares, mesmo milhões de seus descendentes. Creio que podemos ter sucesso porque esta é a Igreja do Senhor e porque, em virtude de nosso sacerdócio e de nossa condição de membros, somos chamados para ter sucesso. Presto testemunho disso a vocês, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sacerdócio Aarônico: Ergam-se e Usem o Poder de Deus

Adrián Ochoa

Segundo Conselheiro na Presidência Geral dos Rapazes

O sacerdócio precisa ser exercido para efetuar qualquer bem. Vocês são chamados para erguer-se e brilhar, e não para esconder sua luz nas trevas.

Há pouco tempo, estive na África do Sul visitando uma pessoa com Thabiso, que é o primeiro assistente do quórum de sacerdotes da Ala Kagiso. Seu bispo, que preside o quórum e possui as chaves do quórum, e Thabiso estiveram orando pelos membros menos ativos do quórum, buscando inspiração sobre quem poderiam visitar e como ajudá-los. Sentiram-se inspirados a visitar a casa de Tebello e convidaram-me para ir com eles.

Depois que passamos pelo feroz cão de guarda, reunimo-nos na sala de estar com Tebello, um rapaz de espírito sereno que parou de ir à Igreja por ter ficado atarefado com outras coisas aos domingos. Ele estava nervoso, mas feliz em receber-nos, e até convidou sua família para participar. O bispo expressou seu amor pela família e seu desejo de ajudá-los a tornar-se uma família eterna, sendo selados no templo. O coração deles foi tocado e pudemos sentir a forte presença do Espírito Santo guiando cada palavra e cada sentimento.

Mas foram as palavras de Thabiso que fizeram a diferença na visita. Pareceu-me que aquele jovem sacerdote falava na língua dos anjos — palavras de amor que todos pudemos compreender plenamente, mas que tocaram em especial o seu amigo. “Eu gostava muito de conversar com você o tempo todo na Igreja”,

disse ele. “Você sempre me dizia coisas boas. E sabe, nosso time de futebol praticamente desapareceu agora que não temos você. Você joga muito bem.”

“Sinto muito”, respondeu Tebello. “Vou voltar a estar com vocês.”

“Isso vai ser ótimo”, disse Thabiso. “E lembra como costumávamos nos preparar para servir como missionários? Podemos começar a fazer isso de novo?”

“Claro”, respondeu Tebello, “Eu quero voltar”.

Talvez a maior alegria que senti como conselheiro na presidência geral dos Rapazes tenha sido a de ver os portadores do Sacerdócio Aarônico do mundo inteiro exercerem o poder do Sacerdócio Aarônico. Mas, às vezes, também tenho visto, com o coração entristecido, como muitos rapazes não compreendem quantas coisas boas eles podem fazer com o poder que possuem.

O sacerdócio é o poder e a autoridade do próprio Deus para agir a serviço de Seus filhos. Oh, se todo rapaz, todo portador do Sacerdócio Aarônico, pudesse compreender plenamente que seu sacerdócio possui as chaves do ministério de anjos! Se eles apenas pudessem compreender que têm o sagrado dever de ajudar seus amigos a encontrar o caminho que conduz ao Salvador. Se apenas soubessem que o Pai Celestial lhes deu o poder de explicar as verdades do evangelho restaurado com tamanha clareza e sinceridade para que outros sintam a veracidade inegável das palavras de Cristo.

Caros rapazes da Igreja, quero fazer-lhes uma pergunta que espero que levem no coração por todo o restante de sua vida. Que poder maior vocês poderiam obter na Terra do que o do sacerdócio de Deus? Que poder poderia ser maior do que a capacidade de ajudar o Pai Celestial a mudar a vida de seus semelhantes, de ajudá-los ao longo do caminho para a felicidade eterna, sendo purificados dos pecados e dos erros?

Como qualquer outro poder, o sacerdócio precisa ser exercido para efetuar qualquer bem. Vocês são chamados para erguer-se e brilhar (ver D&C 115:5), e não para esconder sua luz nas trevas. Somente os que forem corajosos serão contados entre os escolhidos. Ao exercerem o poder de seu sagrado sacerdócio, sua coragem e confiança aumentarão. Rapazes, vocês sabem que

estão dando o melhor de si quando estão a serviço de Deus. Sabem que são mais felizes quando estão zelosamente ocupados em uma boa obra. Magnifiquem o poder de seu sacerdócio sendo puros e sendo dignos.

Reitero as palavras do Élder Jeffrey R. Holland, que falou há seis meses deste púlpito, dizendo: “Estou olhando hoje para homens e rapazes que se importam o suficiente com essa batalha entre o bem e o mal para dar um passo à frente e abrir a boca. Estamos em guerra”, ele continuou: “Peço uma voz mais forte e mais dedicada, uma voz não só contra o mal (...), mas também uma voz do bem, uma voz do evangelho, uma voz de Deus” (“Somos os Soldados”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 44).

Sim, portadores do Sacerdócio Aarônico, estamos em guerra. E nessa guerra, a melhor maneira de nos defender do mal é promover ativamente a retidão. Não podemos ouvir palavras impróprias e fingir que não as ouvimos. Não podemos ver, sozinhos ou com outros, imagens que sabemos ser indecentes e fingir que não as vimos. Não podemos tocar em nada impuro e fingir que isso não tem importância. Não podemos ser passivos quando Satanás procura destruir aquilo que é sadio e puro. Em vez disso, defendam corajosamente o que sabem ser verdade! Quando ouvirem ou virem algo que viole os padrões do Senhor, lembrem-se de quem vocês são — soldados no exército do próprio Deus, investidos com o poder de Seu santo sacerdócio. Não há melhor arma contra o inimigo, o pai das mentiras, do que a verdade que sai de sua boca, ao exercerem o poder do sacerdócio. A maioria de seus colegas vai respeitá-los por sua coragem e sua integridade. Alguns não vão. Mas isso não importa. Vocês vão conquistar o respeito e a confiança do Pai Celestial, porque usaram o poder Dele para realizar os propósitos Dele.

Conclamo todas as presidências de quórum do Sacerdócio Aarônico a erguer novamente o estandarte da liberdade e a organizar e liderar seus batalhões. Utilizem seu poder do sacerdócio, convidando as pessoas a seu redor a vir a Cristo por meio do arrependimento e do batismo. Vocês receberam o mandamento e o poder do Pai Celestial para fazer isso.

Há dois anos, quando eu visitava Santiago, no Chile, fiquei muito impressionado com Daniel Olate, um rapaz que sempre acompanhava os missionários. Pedi-lhe que me escrevesse e, com permissão dele, vou ler parte de seu recente e-mail: “Acabei de fazer dezesseis anos e, no domingo, fui ordenado ao ofício de sacerdote. No mesmo dia, batizei uma amiga. O nome dela é Carolina. Ensinei-lhe o evangelho, e ela frequentava regularmente a Igreja e até recebeu seu certificado de Progresso Pessoal, mas os pais dela não permitiram que fosse batizada até que passaram a me conhecer e a confiar em mim. Ela quis que eu a batizasse, por isso tivemos que esperar um mês, até o domingo, quando fiz dezesseis. Sinto-me muito bem por ter ajudado uma pessoa tão boa a ser batizada, e sinto-me feliz por ter sido eu quem a batizou”.

Daniel é apenas um dos muitos rapazes do mundo inteiro que estão vivendo à altura do poder que Deus lhes confiou. Outro deles é Luis Fernando, de Honduras, que percebeu que seu amigo estava seguindo um caminho perigoso e compartilhou seu testemunho com ele, literalmente salvando-lhe a vida (ver “Mudança de Coração”, lds.org/youth/video). Olavo, do Brasil, é outro exemplo. Um verdadeiro ministro local no lar (ver D&C 84:111), Olavo inspirou sua mãe a voltar à plena atividade na Igreja (ver “Reunited by Faith”, lds.org/youth/video). Vocês podem encontrar algumas dessas histórias e muitas outras semelhantes no site dos jovens da Igreja, youth.lds.org. A propósito, a Internet, as mídias sociais e outras tecnologias são ferramentas que o Senhor colocou em suas mãos para ajudá-los a exercer seus deveres do sacerdócio e a estender a influência da verdade e da virtude.

Caros rapazes, quando vocês exercem o Sacerdócio Aarônico da maneira que descrevi, estão se preparando para as responsabilidades que terão no futuro. Mas estão fazendo muito mais que isso. Como João Batista, aquele exemplar portador do Sacerdócio Aarônico, estão também preparando o caminho do Senhor e endireitando Suas veredas. Quando declaram destemidamente o evangelho do arrependimento e do batismo, como fez João, estão preparando as pessoas para a vinda do Senhor (ver Mateus 3:3; D&C 65:1–3; 84:26–28). Com frequência

vocês ouvem dizer que têm um grande potencial. Bem, agora é o momento de colocar esse potencial em ação, de usar as habilidades que Deus lhes deu para abençoar os outros, levando-os da obscuridade para a luz, e de preparar o caminho do Senhor.

A Igreja lhes deu o livreto *Dever para com Deus* como recurso para ajudá-los a aprender e a cumprir seus deveres. Estudem-no sempre. Ajoelhem-se, longe dos dispositivos tecnológicos, e busquem a orientação do Senhor. Depois, ergam-se e usem o poder de Deus. Prometo que receberão respostas do Pai Celestial sobre como conduzir sua própria vida e sobre como ajudar os outros.

Vou citar as palavras do Presidente Thomas S. Monson: “Jamais subestimem a influência de longo alcance de seu testemunho. Vocês (...) podem ter a habilidade de notar o que não é notado. Quando vocês têm olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para sentir, vocês podem dar de si e socorrer [outros]” (“Sê o Exemplo”, *A Liahona*, maio de 2005, p. 112).

Testifico que o poder do sacerdócio é real. Adquiri meu testemunho exercendo eu mesmo o sacerdócio. Vi milagre após milagre ser realizado por aqueles que possuem o poder do Sacerdócio Aarônico. Testemunhei o poder da ministração de anjos quando fiéis portadores do Sacerdócio Aarônico proferiram palavras cheias de Espírito e de esperança, tocando o coração de alguém carente de luz e amor. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, nosso líder e nosso Salvador. Amém.

O *Porquê* do Serviço no Sacerdócio

Presidente Dieter F. Uchtdorf

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A compreensão do quê do evangelho e do porquê do sacerdócio nos ajudará a ver o propósito divino de tudo.

Estimo imensamente esta maravilhosa oportunidade de reunir-me com os irmãos do sacerdócio e regozijar-me com vocês na maravilha e beleza do evangelho de Jesus Cristo. Eu os elogio por sua fé, suas boas obras e sua contínua disposição de fazer o bem.

Compartilhamos um elo comum pelo fato de termos todos recebido a ordenação ao sacerdócio de Deus por meio daqueles a quem foi confiada a santa autoridade e o poder do sacerdócio. Não se trata de uma bênção pequena. É uma sagrada responsabilidade.

O Poder do *Porquê*

Recentemente tenho pensado em dois chamados importantes que recebi como portador do sacerdócio na Igreja.

O primeiro desses chamados foi quando eu era diácono. Eu frequentava com minha família o ramo da Igreja que ficava em Frankfurt, Alemanha. Éramos abençoados com muitas pessoas maravilhosas em nosso pequeno ramo. Uma dessas pessoas era nosso presidente do ramo, o irmão Landschulz. Eu o admirava muito, mesmo que sempre me parecesse muito sério e formal, e quase sempre trajasse um terno escuro. Lembro de, quando jovem, ter çaoado com meus amigos do presidente do ramo, de como ele parecia antiquado.

Faz-me rir pensar nisso agora, porque é bem provável que os jovens da Igreja, hoje, me vejam de modo muito semelhante.

Certo domingo, o presidente Landschulz me chamou para conversar com ele. A primeira coisa que pensei foi: “O que fiz de errado?” Bem rápido repassei na mente as muitas coisas que eu poderia ter feito para inspirar aquela conversa do presidente do ramo com um diácono.

O presidente Landschulz me convidou para uma pequena sala de aula — nossa capela não tinha escritório para o presidente do ramo — e ali me fez o chamado para servir como presidente do quórum de diáconos.

“É um cargo importante”, disse ele, e então passou um tempo descrevendo o motivo disso. Explicou o que ele e o Senhor esperavam de mim e como eu seria ajudado.

Não lembro muito do que ele disse, mas lembro bem o que senti. Um Espírito sagrado e divino me encheu o coração à medida que ele falava. Pude sentir que esta era a Igreja do Salvador. E senti que aquele chamado que ele fizera tinha sido inspirado pelo Espírito Santo. Lembro que saí daquela salinha sentindo-me bem mais alto do que antes.

Já se passaram quase 60 anos desde aquele dia, mas ainda guardo na memória aqueles sentimentos de confiança e amor.

Quando relembrava esse fato, tentei lembrar precisamente quantos diáconos tínhamos em nosso ramo naquela época. Pelo que me recordo, creio que havia apenas dois. No entanto, isso pode ser um grande exagero da minha parte.

Mas não importava que houvesse um diácono ou uma dezena. Senti-me honrado e desejei servir da melhor forma possível, sem desapontar o presidente do ramo ou o Senhor.

Dou-me conta agora de que o presidente do ramo poderia ter agido displicentemente ao chamar-me para aquele cargo. Poderia ter simplesmente me dito no corredor, ou durante nossa reunião do sacerdócio, que eu era o novo presidente do quórum de diáconos.

Em vez disso, ele passou um tempo comigo e me ajudou a compreender não apenas o *quê* da minha designação e nova responsabilidade, mas também, muito mais importante, o *porquê*.

Isso é algo de que jamais me esquecerei.

O ponto-chave dessa história não é apenas descrever como fazer um chamado na Igreja (embora esse tenha sido para mim um excelente exemplo da maneira certa de fazê-lo). Trata-se de uma lição sobre o poder motivador da liderança do sacerdócio que desperta o espírito e inspira à ação.

Precisamos ser constantemente lembrados dos motivos eternos que estão por trás das coisas que somos ordenados a fazer. Os princípios básicos do evangelho precisam fazer parte do cerne de nossa vida, mesmo que isso signifique reaprendê-los muitas e muitas vezes. Isso não quer dizer que esse processo deva ser mecânico ou tedioso. Em vez disso, quando ensinamos os princípios fundamentais, no lar ou na Igreja, devemos fazer com que a chama do entusiasmo pelo evangelho e o fogo do testemunho levem luz, calor e alegria ao coração das pessoas que ensinamos.

Desde o diácono recém-ordenado ao mais antigo sumo sacerdote, todos temos listas do *quê* podemos e devemos fazer em nossas responsabilidades do sacerdócio. O *quê* é importante em nosso trabalho, e precisamos cuidar dele. Mas é no *porquê* do serviço no sacerdócio que descobrimos o fogo, a paixão e o poder do sacerdócio.

O *quê* de servir no sacerdócio nos ensina o que fazer. O *porquê* inspira a alma.

O *quê* informa, mas o *porquê* transforma.

Uma Abundância de Coisas “Boas” para Fazer

Outro chamado no sacerdócio em que tenho pensado muito veio vários anos depois, quando eu já tinha minha própria família. Havíamos-nos mudado de volta para Frankfurt, Alemanha, e eu acabara de receber uma promoção no trabalho que exigiria muito tempo e atenção da minha parte. Naquela época atarefada da minha vida, o Élder Joseph B. Wirthlin me chamou para servir como presidente de estaca.

Em minha entrevista com ele, muitos pensamentos me passaram pela mente, inclusive a preocupação de que talvez eu não dispusesse do tempo exigido para servir naquele chamado. Embora me sentisse humilde e honrado pelo chamado, questionei-me brevemente se poderia aceitá-lo. Mas foi apenas um pensamento fugaz, porque eu sabia que o Élder Wirthlin fora

chamado por Deus e fazia o trabalho do Senhor. O que mais eu poderia fazer senão aceitar?

Há ocasiões em que, com fé, temos de dar um passo na escuridão, confiando que o Senhor colocará terreno sólido sob nossos pés, assim que o fizermos. Portanto, aceitei com alegria, sabendo que Deus providenciaria o necessário.

Nos primeiros dias daquela designação, tivemos na estaca o privilégio de receber treinamento de alguns dos maiores mestres e líderes da Igreja: homens como o Élder Russell M. Nelson e o Presidente Thomas S. Monson visitavam nossa área. Seus ensinamentos eram como orvalho do céu e foram uma inspiração para nós. Ainda tenho as anotações que fiz naquelas sessões de treinamento. Esses irmãos nos deram a *visão* do que significa estabelecer o reino de Deus, edificando o testemunho pessoal e fortalecendo famílias. Eles nos ajudaram a ver como aplicar a verdade e os princípios do evangelho a nossas circunstâncias e época específicas. Em outras palavras, líderes inspirados nos ajudaram a ver o *porquê* do evangelho e, depois, nós tivemos de arregaçar as mangas e trabalhar.

Em pouco tempo percebemos que havia muitas coisas que uma presidência de estaca poderia fazer — tantas, na verdade, que se não estabelecêssemos prioridades inspiradas, acabaríamos deixando de fazer as coisas importantes. Começaram a surgir prioridades alternativas, tirando nosso enfoque da visão compartilhada pelas Autoridades Gerais. Havia muitas coisas “boas” a fazer, mas nem todas eram as que mais importavam.

Aprendemos uma importante lição: o fato de algo ser bom nem sempre é motivo suficiente para demandar nosso tempo e recursos. Nossas atividades, iniciativas e nossos planos devem ser inspirados e amparados pelo *porquê* de nosso serviço no sacerdócio, e não por qualquer modismo ou interesse superficial do momento. Caso contrário, podem distrair nosso trabalho, diluir nossa energia e aprisionar-nos em nossos próprios passatempos espirituais ou temporais que não são o cerne de nosso discipulado.

Irmãos, saibam que é preciso autodisciplina para manter-nos concentrados nas coisas que mais podem aumentar o amor a Deus e ao semelhante: revigorar casamentos, fortalecer famílias e

edificar o reino de Deus na Terra. Como uma árvore frutífera com uma abundância de ramos e folhas, nossa vida precisa ser podada regularmente para garantir que usemos nossa energia e nosso tempo para cumprir nosso real propósito: “dar frutos bons”!¹

Não Estamos Sozinhos

Então, como saber o que selecionar? Cada um de nós tem a responsabilidade de determinar isso por si mesmo. Contudo, fomos ordenado que estudássemos as escrituras diligentemente, atendêssemos às palavras dos profetas e fizéssemos disso uma questão de oração séria, dedicada e fervorosa.

Irmãos, Deus é fiel. Por meio do Espírito Santo, Ele nos falará a nossa mente e ao nosso coração em relação ao caminho que devemos seguir durante cada parte de nossa vida.

Se nosso coração for puro — se não buscarmos nossa própria glória, mas a glória do Deus Todo-Poderoso, se procurarmos fazer a vontade Dele, se desejarmos abençoar a vida de nossa família e de nosso semelhante — não caminharemos sozinhos. Como o Presidente Monson sempre nos lembra: “Quando estamos a serviço do Senhor, temos o direito de receber sua ajuda”.²

Nosso Pai Celestial “[irá] adiante de vós. [Estará] a vossa direita e a vossa esquerda e [Seu] Espírito estará em vosso coração e [Seus] anjos ao vosso redor para vos suster”.³

O Poder de Fazer

Meus queridos irmãos, as bênçãos divinas pelo serviço no sacerdócio são ativadas por nosso esforço diligente, nossa disposição em sacrificar-nos e pelo nosso desejo de fazer o que é correto. Sejamos aqueles que agem, e não os que recebem a ação. É bom pregar, mas os sermões que não levam à ação são como fogo sem calor ou água que não mata a sede.

É na aplicação prática da doutrina que a chama purificadora do evangelho cresce e o poder do sacerdócio incendeia nossa alma.

Thomas Edison, o homem que banhou o mundo com a brilhante luz elétrica, disse que “o valor de uma ideia está na

utilização dela”.⁴ De modo semelhante, a doutrina do evangelho se torna mais preciosa quando colocada em prática.

Não podemos permitir que as doutrinas do sacerdócio fiquem adormecidas em nosso coração, sem ser aplicadas em nossa vida. Se houver um casamento ou uma família que necessite de resgate — quem sabe a nossa própria — não podemos esperar sem fazer nada. Em vez disso, sejamos gratos a Deus pelo plano de felicidade que inclui fé, arrependimento, perdão e um novo início. A aplicação da doutrina do evangelho nos qualificará como maridos, como pais, como filhos, que compreendem o *porquê* do sacerdócio e seu poder de recuperar e manter a beleza e a santidade de uma família eterna.

A conferência geral sempre é uma boa época para ouvir e fazer. Portanto, sejamos “cumpridores da palavra, e não somente ouvintes”.⁵ Irmãos, convido-os a ponderar as palavras proferidas pelos servos de Deus neste fim de semana. Depois, ajoelhem-se. Peçam ao Senhor, nosso Pai Celestial, que ilumine sua mente e toque seu coração. Implorem que Ele lhes dê orientação para sua vida diária, suas responsabilidades na Igreja e seus desafios específicos nesta época. Sigam os sussurros do Espírito, sem demora. Se fizerem tudo isso, prometo que o Senhor não permitirá que caminhem sozinhos.

Prosseguir com Paciência

Sabemos que, apesar de nossas melhores intenções, as coisas nem sempre saem de acordo com o que planejamos. Cometemos erros tanto na vida como em nosso serviço no sacerdócio. Vez por outra, falhamos e deixamos a desejar.

Quando o Senhor nos aconselha, dizendo “continuai pacientemente até que sejais aperfeiçoados”,⁶ Ele reconhece que isso exige tempo e perseverança. A compreensão do *porquê* do evangelho e do *porquê* do sacerdócio nos ajudará a ver o propósito divino de tudo. Isso nos dará motivação e forças para fazer o que é certo, mesmo quando for difícil. Seremos abençoados com clareza, sabedoria e orientação se permanecermos concentrados em viver os princípios fundamentais do evangelho.

“Não prosseguiremos em tão grande causa?”⁷ Sim, irmãos, prosseguiremos!

Guiados pelo Santo Espírito, aprenderemos com nossos erros. Se cairmos, vamos nos erguer. Se tropeçarmos, seguiremos em frente. Jamais vacilaremos, jamais desistiremos.

Como uma vigorosa irmandade do sacerdócio eterno de Deus, estaremos unidos, ombro a ombro, concentrados nos princípios do evangelho restaurado de Jesus Cristo e com gratidão serviremos a nosso Deus e a nosso semelhante com dedicação e amor.

Deus Vive!

Meus queridos irmãos, testifico a vocês que Deus, o Pai, e Seu Filho Jesus Cristo vivem. Eles são reais! Eles estão ao nosso lado!

Vocês não estão sozinhos. Seu Pai Celestial Se importa com vocês e quer abençoá-los e sustê-los em retidão.

Tenham a certeza de que Deus fala à humanidade em nossos dias. Ele vai falar com vocês!

O Profeta Joseph Smith viu o que disse que viu. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi restaurada na Terra pelo poder e pela autoridade do Deus Todo-Poderoso.

Minha oração é que, como portadores de Seu sacerdócio, estejamos sempre em sintonia com o *porquê* do serviço no sacerdócio e usemos os princípios fundamentais do evangelho restaurado para transformar nossa vida e a vida daqueles a quem servimos.

Ao fazermos isso, o infinito poder da Expição vai purificar, limpar e refinar nosso espírito e caráter, até que nos tornemos os homens que devemos ser. Presto testemunho disso no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

- | | |
|---|--|
| 1. Mateus 7:18 | <i>Homes of Good Men and Great, Livro 2, 1910, p. 155.</i> |
| 2. Thomas S. Monson, "Aprender, Fazer e Ser", <i>A Liahona</i> , novembro de 2008, p. 60. | 5. Tiago 1:22. |
| 3. Doutrina e Convênios 84:88. | 6. Doutrina e Convênios 67:13. |
| 4. Thomas Edison, em Elbert Hubbard, <i>Little Journeys to the</i> | 7. Doutrina e Convênios 128:22. |

Famílias sob Convênio

Presidente Henry B. Eyring

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Não há nada que tenha acontecido ou que venha a acontecer em sua família que seja tão importante quanto as bênçãos do selamento.

Sinto-me grato por estar com vocês nesta reunião à qual todos os portadores do sacerdócio de Deus na Terra foram convidados. Temos a bênção de ser presididos pelo Presidente Thomas S. Monson. Como Presidente da Igreja, ele é o único homem vivo responsável pelas chaves que selam as famílias e por todas as ordenanças do sacerdócio necessárias para se alcançar a vida eterna, a maior de todas as dádivas de Deus.

Há um pai que nos ouve hoje que voltou à atividade na Igreja por desejar de todo o coração a garantia dessa dádiva. Ele e a mulher amam seus dois filhinhos, um menino e uma menina. Como outros pais, ele consegue antever a felicidade celestial ao ler estas palavras: “E (...) a mesma sociabilidade que existe entre nós, aqui, existirá entre nós lá, só que será acompanhada de glória eterna, glória essa que não experimentamos agora”.¹

Esse pai que nos ouve hoje conhece o caminho para esse destino glorioso. Não é fácil. Ele já sabe que não é. Exigiu fé em Jesus Cristo, profundo arrependimento e a mudança no coração que lhe sobreveio quando um bondoso bispo o ajudou a sentir o amoroso perdão do Senhor.

Continuaram a haver mudanças maravilhosas quando ele foi ao templo sagrado para receber a investidura que o Senhor descreveu aos que Dele receberam poder no primeiro templo desta dispensação, em Kirtland, Ohio. O Senhor disse a esse respeito:

“Portanto por esta razão vos dei o mandamento de que fôsseis para o Ohio; e lá vos darei minha lei e lá sereis investidos de poder do alto;

E de lá (...) eis que tenho uma grande obra reservada, pois Israel será salvo e guiá-lo-ei para onde eu desejar; e nenhum poder deterá minha mão”.²

Para meu amigo que voltou à atividade na Igreja e para todo o sacerdócio, uma grande obra está reservada na salvação da parte de Israel pela qual somos ou seremos responsáveis: nossa família. Meu amigo e sua esposa sabiam que isso exigia que ele fosse selado num templo sagrado de Deus pelo poder do Sacerdócio de Melquisedeque.

Pedi-me que eu realizasse o selamento. Ele e a mulher queriam que isso fosse feito o mais rápido possível. Mas, devido à aproximação da época atarefada da conferência geral, deixei que o casal e o bispo combinassem com meu secretário a melhor data.

Imaginem minha surpresa e deleite quando o pai me disse, na Igreja, que o selamento estava marcado para 3 de abril. Esse foi o dia, em 1836, em que Elias, o profeta transladado, foi enviado ao Templo de Kirtland para conferir o poder selador a Joseph Smith e Oliver Cowdery. Essas chaves estão na Igreja hoje e continuarão nela até o fim dos tempos.³

É a mesma autorização divina dada pelo Senhor a Pedro, ao prometer: “E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”.⁴

O retorno de Elias abençoou todos os que são portadores do sacerdócio. O Élder Harold B. Lee deixou isso bem claro ao dizer o seguinte em uma conferência geral — e vou citar o Presidente Joseph Fielding Smith, prestem atenção: “Eu tenho o sacerdócio. Vocês, irmãos, têm o sacerdócio. Recebemos o Sacerdócio de Melquisedeque, o mesmo que tinha Elias e outros profetas e Pedro, Tiago e João. Contudo, embora tenhamos autoridade para batizar, para impor as mãos para o dom do Espírito Santo e para ordenar outros e fazer todas essas coisas, sem o poder de selamento nada poderíamos fazer, porque não haveria validade naquilo que fizéssemos”.

O Presidente Smith prosseguiu, dizendo:

“As ordenanças mais elevadas, as maiores bênçãos que são essenciais à exaltação no reino de Deus e que somente podem ser obtidas em certos lugares, nenhum homem tem direito de realizá-las, a menos que, para fazê-lo, receba autoridade daquele que possua as chaves. (...)”

“(...) Não há nenhum homem na face desta Terra que tenha o direito de ministrar em quaisquer das ordenanças deste evangelho a menos que o Presidente da Igreja, que possui as chaves, autorize. Ele concedeu-nos a autoridade e o poder de selamento do sacerdócio porque ele possui essas chaves”.⁵

Essa mesma certeza foi confirmada pelo Presidente Boyd K. Packer, ao escrever sobre o poder de selamento. O fato de eu saber que estas palavras são verdadeiras é um consolo para mim, como será para a família que vou selar em 3 de abril: “Pedro foi o escolhido para ser o portador das chaves. A Pedro foi conferido o poder selador, (...) de ligar ou selar, ou de desligar na Terra e também no céu. Essas chaves pertencem ao presidente da Igreja — o profeta, vidente e revelador. Esse poder sagrado de selamento está na Igreja hoje. Nada é considerado mais sagrado por aqueles que conhecem o significado dessa autoridade. Nada é conservado com maior cuidado. Há relativamente poucos homens a quem foi [delegado] esse poder selador na Terra, em qualquer época — em cada templo há irmãos aos quais foi conferido o poder selador. Ninguém pode obtê-lo a não ser que o receba do profeta, vidente e revelador, e presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”.⁶

Na vinda de Elias, não apenas se conferiu poder ao sacerdócio, mas o coração de muitos seria tocado: “O espírito, poder e chamado de Elias, o profeta, é que vocês têm o poder para possuir a chave da revelação, ordenanças, oráculos, poderes e investiduras da plenitude do Sacerdócio de Melquisedeque e do reino de Deus na Terra; e para receber, obter e realizar todas as ordenanças pertencentes ao reino de Deus, sim, para voltar o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais, sim, daqueles que estão no céu”.⁷

Esse sentimento de voltar o coração já está acontecendo a meu amigo e sua família. Pode estar acontecendo com vocês

nesta reunião. Pode ser que tenham visto em sua mente, como aconteceu comigo, o rosto de seu pai ou de sua mãe. Pode ter sido o rosto de uma irmã ou um irmão. Ou ainda de uma filha ou um filho.

Pode ser que eles estejam no mundo espiritual ou em outro continente da Terra. Mas a alegria de sentir esse vínculo com eles é real porque vocês estão ou podem vir a estar ligados a eles por ordenanças do sacerdócio que serão honradas por Deus.

Os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque que são pais em uma família selada aprenderam o que precisam fazer. Não há nada que tenha acontecido ou que venha a acontecer em sua família que seja tão importante quanto as bênçãos do selamento. Nada há que seja mais importante do que honrar o casamento e a família nos convênios que vocês fizeram ou que farão nos templos de Deus.

O modo de fazer isso acontecer é bem claro. O Santo Espírito da Promessa, por meio de nossa obediência e nosso sacrifício, deve selar nossos convênios do templo para que eles sejam válidos no mundo vindouro. O Presidente Harold B. Lee explicou o que significa ser selado pelo Santo Espírito da Promessa, citando o Élder Melvin J. Ballard: “Podemos enganar os homens, mas não podemos enganar o Espírito Santo, e nossas bênçãos não serão eternas a menos que também sejam seladas pelo Santo Espírito da promessa. O Espírito Santo é quem lê os pensamentos e o coração dos homens e concede Seu selo de aprovação às bênçãos proferidas sobre a cabeça deles. Então, elas se tornam válidas, eficazes e entram plenamente em vigor”.⁸

Quando minha mulher e eu fomos selados no Templo de Logan Utah, eu não compreendia, na época, o pleno significado daquela promessa. Ainda procuro entender seu significado completo, mas minha mulher e eu decidimos no início de nossos quase 50 anos de casados que propiciaríamos ao máximo a presença do Espírito Santo em nossa vida e em nossa família.

Como jovem pai, selado no templo e com o coração voltado para minha mulher e para minha jovem família, conheci o Presidente Joseph Fielding Smith. Na sala de conselho da Primeira Presidência, para a qual fui convidado, senti um testemunho plenamente seguro, quando o Presidente Harold B.

Lee, apontando para o Presidente Smith, que estava sentado ao meu lado, perguntou: “Acredita que este homem possa ser o profeta de Deus?”

O Presidente Smith acabara de entrar na sala e ainda não tinha falado nada. Sinto-me eternamente grato por ter podido responder, graças ao que senti no coração: “Eu sei que ele é”, e soube tão seguramente como sabia que o sol estava brilhando que ele tinha o poder de selamento do sacerdócio para o mundo inteiro.

Aquela experiência pessoal deu mais força a suas palavras, para mim e para minha mulher, em uma sessão de conferência, em 6 de abril de 1972, quando o Presidente Joseph Fielding Smith deu o seguinte conselho: “É a vontade do Senhor fortalecer e preservar a unidade familiar. Pedimos aos pais que assumam seu lugar de direito na liderança da casa. Pedimos às mães que apoiem seu marido e sejam uma luz para seus filhos”.⁹

Gostaria de sugerir quatro coisas que vocês podem fazer como pais portadores do sacerdócio para liderar sua família de volta à presença do Pai Celestial e do Salvador.

Primeiro, adquiram e conservem um testemunho seguro de que as chaves do sacerdócio estão conosco e que o presidente da Igreja as possui. Orem por isso todos os dias. A resposta virá acompanhada de uma maior determinação de liderar sua família, de sentimentos de esperança e de maior felicidade em seu serviço. Vocês se tornarão mais alegres e otimistas: uma grande bênção para sua esposa e sua família.

A segunda coisa essencial é amar sua esposa. Será preciso fé e humildade para colocar os interesses dela acima dos seus próprios nos desafios da vida. Vocês têm a responsabilidade de prover e de, com ela, nutrir a família, ao mesmo tempo que prestam serviço ao próximo. Isso, às vezes, pode consumir toda a energia e as forças que vocês têm. A idade e a doença podem aumentar as necessidades de sua esposa. Se decidirem mesmo colocar a felicidade dela acima da sua própria, prometo que seu amor por ela vai aumentar.

Terceiro, conclamem a família inteira a amar uns aos outros. O Presidente Ezra Taft Benson ensinou:

“Num sentido eterno, a salvação é uma questão de família. (...)

Acima de tudo, os filhos precisam saber e sentir que são amados, queridos e valorizados. Precisam ter certeza disso sempre. Obviamente, esse é um papel que os pais devem desempenhar. E com mais frequência é a mãe que consegue fazer isso melhor”.¹⁰

Mas outra fonte essencial desse sentimento de ser amado é o amor entre os filhos. O constante cuidado dos irmãos e das irmãs uns pelos outros só vem depois de esforço persistente dos pais, com a ajuda de Deus. Vocês sabem que isso é verdade pelo que vivenciaram em sua própria família. E isso se confirma toda vez que leem sobre os conflitos familiares enfrentados pelo justo Leí e sua esposa Saria, no Livro de Mórmon.

Os sucessos que eles tiveram são um guia para nós. Eles ensinaram o evangelho de Jesus Cristo tão bem e com tanta persistência que os filhos e até alguns descendentes, ao longo de gerações, abrandaram o coração para com Deus e uns para com os outros. Por exemplo: Néfi e outros escreveram e estenderam a mão para outros membros da família que haviam sido seus inimigos. O Espírito, em certas ocasiões, abrandou o coração de milhares e substituiu o ódio pelo amor.

Uma maneira de vocês alcançarem os sucessos do patriarca Leí é pelo modo como conduzem a oração familiar e as reuniões da noite familiar. Deem aos filhos, quando já puderem orar, oportunidades de orar por aqueles da família que precisam de bênçãos. Discirnam rapidamente o início de discórdias e reconheçam atos de serviço abnegado, especialmente de uns para com os outros. Se eles orarem uns pelos outros e servirem uns aos outros, o coração deles será abrandado e se voltará uns para os outros e para os pais.

A quarta oportunidade de liderar sua família, à maneira do Senhor, surge quando é necessário disciplinar. Podemos cumprir essa nossa obrigação à maneira do Senhor e, depois, liderar nossos filhos rumo à vida eterna.

Vocês devem lembrar estas palavras, mas talvez não tenham visto o poder que elas têm para um portador do Sacerdócio de Melquisedeque que prepara sua família para viver com a mesma

sociabilidade que terão no reino celestial. Vocês vão lembrar as palavras, elas são bem conhecidas:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido;

Com bondade e conhecimento puro, que grandemente expandirão a alma, sem hipocrisia e sem dolo—

Reprovando prontamente com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando então um amor maior por aquele que repreendeste, para que ele não te julgue seu inimigo;

Para que ele saiba que tua fidelidade é mais forte que os laços da morte”.¹¹

Depois, vemos a promessa de grande valor para nós, como pais em Sião: “O Espírito Santo será teu companheiro constante, e teu cetro, um cetro imutável de retidão e verdade; e teu domínio será um domínio eterno e, sem ser compelido, fluirá para ti eternamente”.¹²

É um padrão elevado para nós, mas ao controlarmos nosso temperamento e subjugarmos nosso orgulho com fé, o Espírito Santo concede Sua aprovação, assegurando-nos promessas e convênios sagrados.

Vocês terão sucesso se tiverem fé que o Senhor nos enviou de novo as chaves do sacerdócio — que ainda estão conosco — por meio de um firme elo de amor com sua esposa, tendo a ajuda do Senhor para voltar o coração de seus filhos uns para os outros e para os pais; e serão guiados pelo amor ao corrigir e exortar de modo a propiciar a presença do Espírito.

Sei que Jesus é o Cristo e o nosso Salvador. Testifico que o Presidente Thomas S. Monson possui e exerce todas as chaves do sacerdócio na Terra atualmente. Eu o amo e apoio. Amo vocês e oro por vocês. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Doutrina e Convênios 130:2.
2. Doutrina e Convênios 38:32–33.
3. Ver Joseph Fielding Smith, *Sealing Power and Salvation*, Brigham Young University Speeches of the

Year (12 de janeiro de 1971); no site: speeches.byu.edu.

4. Mateus 16:19.
5. Joseph Fielding Smith, citado por Harold B. Lee, *Conference Report*, outubro de 1944, p. 75.

6. Boyd K. Packer, "O Templo Sagrado", *A Liahona*, outubro de 2010, p. 28.
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith, 2007*, p. 326.
8. Melvin J. Ballard, citado por Harold B. Lee, *Conference Report*, outubro de 1970, p. 111.
9. Joseph Fielding Smith, "Counsel to the Saints and to the World", *Ensign*, julho de 1972, p. 27.
10. Ezra Taft Benson, "Salvation—a Family Affair", *Tambuli*, novembro de 1992, pp. 3, 4.
11. Doutrina e Convênios 121:41–44.
12. Doutrina e Convênios 121:46.

Dispostos e Dignos para Servir

Presidente Thomas S. Monson

São vistos milagres em toda parte quando o sacerdócio é compreendido, quando seu poder é honrado e devidamente utilizado, exercendo-se fé.

Meus amados irmãos, como é bom reunir-nos novamente com vocês. Sempre que assisto à reunião geral do sacerdócio, reflito nos ensinamentos de alguns dos mais nobres líderes de Deus que falaram nas reuniões gerais do sacerdócio da Igreja. Muitos já foram para sua recompensa eterna, mas com o brilhantismo de sua mente, a profundidade de sua alma e o calor de seu coração, eles nos deram orientação inspirada. Compartilharei hoje com vocês alguns dos ensinamentos deles a respeito do sacerdócio.

Do Profeta Joseph Smith: “O Sacerdócio é um princípio eterno e existiu com Deus desde a eternidade e existirá por toda a eternidade, sem princípio de dias ou fim de anos”.¹

Com as palavras do Presidente Wilford Woodruff, aprendemos: “O santo sacerdócio é o canal por meio do qual Deus Se comunica e interage com o homem na Terra; e os mensageiros celestes que visitaram a Terra para comunicar-se com o homem são homens que possuíram e honraram o sacerdócio enquanto viveram na carne. E tudo o que Deus ordenou que se fizesse para a salvação do homem desde a vinda do homem à Terra até a redenção do mundo foi e será realizado pela virtude do sacerdócio eterno”.²

O Presidente Joseph F. Smith esclareceu ainda mais: “O sacerdócio é (...) o poder de Deus delegado ao homem pelo qual este pode agir na Terra para a salvação da família humana, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, com legitimidade; sem usurpar essa autoridade, nem tomá-la emprestada de gerações que se foram, mas a autoridade que foi concedida nestes dias em que vivemos pela ministração de anjos e de espíritos do alto, *diretamente da presença do Deus Todo-Poderoso*”.³

E por fim, do Presidente John Taylor: “O que é sacerdócio? (...) É o governo de Deus, seja na Terra ou no céu; pois todas as coisas na Terra e no céu são governadas por meio dele, de seu poder, decisão e princípios, e é por intermédio desse poder que tudo se sustém. Ele governa tudo, controla tudo, sustenta tudo e está presente em tudo o que tem relação com Deus e com a verdade”.⁴

Quão abençoados somos por estar aqui nestes últimos dias, quando o sacerdócio de Deus está na Terra. Quão privilegiados somos por ser portadores desse sacerdócio. O sacerdócio não é apenas um dom, mas um encargo de servir, um privilégio de elevar e uma oportunidade de abençoar a vida das pessoas.

Essas oportunidades vêm acompanhadas de responsabilidades e deveres. Amo e valorizo a nobre palavra *dever* e tudo o que ela implica.

Em vários cargos, em diversas situações, venho assistindo às reuniões do sacerdócio há 72 anos: desde que fui ordenado diácono, aos doze anos de idade. Sem dúvida o tempo passa. O dever acompanha o ritmo dessa marcha. O dever não se obscurece nem diminui. Conflitos catastróficos vêm e vão, mas a guerra travada pela alma dos homens prossegue sem se arrefecer. Como um toque de trombeta chega a palavra do Senhor para todos nós, portadores do sacerdócio do mundo inteiro: “Portanto agora todo homem aprenda seu *dever* e a agir no ofício para o qual for designado com toda diligência”.⁵

O chamado ao dever veio para os profetas Adão, Noé, Abraão, Moisés, Samuel e Davi. Veio para o Profeta Joseph Smith e para cada um dos seus sucessores. O chamado ao dever veio ao jovem Néfi quando foi instruído pelo Senhor, por intermédio de seu pai Leí, a voltar a Jerusalém com seus irmãos para obter de

Labão as placas de latão. Os irmãos de Néfi reclamaram, dizendo que era uma coisa difícil aquilo que se pedia deles. Qual foi a resposta de Néfi? Ele disse: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, porque sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens possam ser cumpridas”.⁶

Quando o mesmo chamado vier a nós, qual será nossa resposta? Será que vamos reclamar, como fizeram Lamã e Lemuel, dizendo: “É uma coisa difícil aquilo que nos foi pedido”?⁷ Ou será que, tal como Néfi, declararemos individualmente: “Eu irei. Eu cumprirei”? Será que estaremos dispostos a servir e a obedecer?

Às vezes, a sabedoria de Deus parece tolice ou simplesmente difícil demais, mas uma das maiores e mais valiosas lições que podemos aprender na mortalidade é que, quando Deus fala e o homem obedece, esse homem está sempre certo.

Quando penso na palavra *dever* e em como o cumprimento do dever pode enriquecer nossa vida e a de outras pessoas, relembro as palavras escritas por um renomado poeta e escritor:

*Eu dormia e sonhava
Que a vida era alegria
Despertei e vi
Que a vida era serviço
Servi, e vi que
O serviço era alegria.*⁸

Robert Louis Stevenson expressou isso de outra forma, dizendo: “Sei o que é a satisfação, porque fiz uma boa obra”.⁹

Ao cumprirmos nosso dever e exercermos nosso sacerdócio, sentiremos a verdadeira alegria. Vivenciaremos a satisfação de ter concluído nossas tarefas.

Aprendemos os deveres específicos do sacerdócio que temos, seja o Sacerdócio Aarônico ou o de Melquisedeque. Peço que pensem nesses deveres e depois façam tudo a seu alcance para cumpri-los. Para isso, cada um de vocês precisa ser digno. Tenhamos as mãos prontas, limpas e dispostas para poder participar da tarefa de oferecer o que o Pai Celestial deseja que outros recebam Dele. Se não formos dignos, é possível que

percamos o poder do sacerdócio; e se o perdermos, teremos perdido a essência da exaltação. Sejam dignos de servir.

O Presidente Harold B. Lee, um dos maiores professores da Igreja, disse: “Quando um homem se torna portador do sacerdócio, torna-se um agente do Senhor. Ele deve encarar seu chamado verdadeiramente como o serviço do Senhor”.¹⁰

Durante a Segunda Guerra Mundial, no início de 1944, aconteceu algo envolvendo o sacerdócio quando os fuzileiros navais dos Estados Unidos tomaram o Atol de Kwajalein, que faz parte das ilhas Marshall, no Oceano Pacífico, entre a Austrália e o Havaí. O que aconteceu foi relatado por um correspondente que não era membro da Igreja e trabalhava para um jornal do Havaí. Num artigo de jornal de 1944, ele contou o seguinte, explicando que ele e outros correspondentes estavam na segunda leva que seguia atrás dos fuzileiros navais, no Atol de Kwajalein. Ao avançarem, viram um jovem fuzileiro boiando com o rosto para baixo, sem dúvida, gravemente ferido. A água rasa ao seu redor estava vermelha de sangue. Então, viram outro fuzileiro se movendo na direção do camarada ferido. O segundo fuzileiro também estava ferido, com o braço esquerdo pendente sem forças ao seu lado. Ele ergueu a cabeça do que estava flutuando na água para impedir que se afogasse. Com pânico na voz gritou por socorro. Os correspondentes olharam novamente para o rapaz que ele segurava e gritaram: “Filho, não há nada que possamos fazer por esse rapaz”.

“Então”, escreveu o correspondente, “vi algo que jamais tinha visto antes”. Aquele rapaz, ele próprio muito ferido, arrastou-se até a praia levando o corpo aparentemente inerte de seu companheiro. Ele “colocou a cabeça do companheiro sobre os joelhos. (...) Que cena extraordinária — aqueles dois rapazes mortalmente feridos — ambos (...) puros e de excelente aparência, mesmo naquela situação agonizante. O rapaz abaixou a cabeça sobre o outro e disse: ‘Eu te ordeno, em nome de Jesus Cristo e pelo poder do sacerdócio, que permaneças vivo até que eu consiga socorro médico’”. O correspondente concluiu seu artigo, dizendo: “Nós três [os dois fuzileiros e eu], estamos aqui no hospital. Os médicos não sabem [como ele conseguiu sobreviver], mas eu sei”.¹¹

São vistos milagres em toda parte quando o sacerdócio é compreendido, quando seu poder é honrado e devidamente utilizado, exercendo-se fé. Quando a fé substitui a dúvida, quando o serviço abnegado elimina o empenho egoísta, o poder de Deus leva a efeito Seus propósitos.

O chamado ao dever pode vir sem alarde, quando nós que portamos o sacerdócio atendermos às designações que recebermos. O Presidente George Albert Smith, aquele líder modesto porém muito eficaz, declarou: “É nosso dever, acima de tudo, saber o que o Senhor deseja e, então, pelo poder e pela força de Seu santo Sacerdócio, magnificar [de tal maneira] nosso chamado na presença de nossos companheiros (...) de modo que as pessoas tenham alegria em seguir-nos”.¹²

Recebi um desses chamados ao dever — bem menos dramático, mas que também ajudou a salvar uma alma — em 1950, quando eu havia recentemente sido chamado bispo. Tinha muitas responsabilidades nesse cargo e tentava fazer o melhor que podia para realizar tudo o que me era exigido. Os Estados Unidos travavam outra guerra na época. Como muitos de nossos membros serviam nas forças armadas, todos os bispos receberam da sede da Igreja a designação de providenciar uma assinatura do jornal *Church News* e da revista *Improvement Era*, a revista da Igreja na época, para todos os militares. Além disso, foi pedido a cada bispo que escrevesse mensalmente uma carta pessoal a cada militar de sua ala. Nossa ala tinha 23 homens nas forças armadas. Os quóruns do sacerdócio, com grande esforço, forneceram os fundos para as assinaturas das publicações. Assumi a tarefa, sim, o dever, de escrever 23 cartas pessoais a cada mês. Após todos esses anos, ainda tenho cópias de muitas das minhas cartas e das respostas que recebi. As lágrimas me afloram facilmente quando releio essas cartas. É uma alegria ver novamente a determinação de um soldado em viver o evangelho, a decisão de um marinheiro de manter a fé com sua família.

Certa noite, entreguei a uma irmã da ala o maço com as 23 cartas daquele mês. O encargo dela era enviar a correspondência e manter atualizada a lista de endereços que estava sempre mudando. Ela olhou para um dos envelopes e, com um sorriso, perguntou: “Bispo, você não fica desanimado? Aqui está outra

carta para o irmão Bryson. É a décima sétima carta que você envia a ele, sem receber resposta”.

Respondi: “Bem, pode ser que ele responda este mês”. Acontece que aquele *foi* o mês em que ele, pela primeira vez, respondeu a minha carta. Sua resposta foi um tesouro para ser guardado. Ele servia numa praia distante e sentia-se isolado, solitário e com saudades de casa. Ele escreveu: “Querido bispo, não sou muito de escrever cartas”. (Eu poderia ter dito *isso* a ele vários meses antes.) A carta prosseguia: “Obrigado pelo *Church News* e pelas revistas, mas acima de tudo, obrigado por suas cartas pessoais. Fiz um grande progresso em minha vida. Fui ordenado sacerdote no Sacerdócio Aarônico. Sinto o coração cheio. Sou um homem feliz”.

O irmão Bryson não ficou mais feliz do que o bispo dele. Descobri a aplicação prática do ditado: “Faça o [seu] dever, é o melhor a fazer; deixe o restante com [o] Senhor”.¹³

Anos mais tarde, quando frequentava a estaca Salt Lake Cottonwood, na época em que James E. Faust servia como presidente, relatei o ocorrido para incentivar a atenção dada a nossos militares. Depois da reunião, um rapaz de boa aparência me procurou. Apertou-me a mão e perguntou: “Bispo Monson, lembra-se de mim?”

De repente, percebi quem era ele. “Irmão Bryson!” exclamei. “Como vai? O que está fazendo na Igreja?”

Com emoção e visível orgulho, ele respondeu: “Vou muito bem. Sirvo na presidência de meu quórum de élderes. Obrigado novamente por sua preocupação comigo e pelas cartas pessoais que me enviou e que ainda guardo com carinho”.

Irmãos, o mundo precisa de nossa ajuda. Será que estamos fazendo tudo o que devemos? Será que nos lembramos das palavras do Presidente John Taylor: “Caso não cumpram o seu chamado honrosamente, Deus os considera responsáveis pelas pessoas a quem poderiam ter salvado se houvessem feito a sua obrigação”?¹⁴ Há pés que precisam ser firmados, mãos para segurar, mentes para incentivar, corações para inspirar e almas para salvar. As bênçãos da eternidade nos aguardam. Temos o privilégio de não ser apenas espectadores, mas participantes no palco do serviço no sacerdócio. Atendamos ao lembrete

encontrado na Epístola de Tiago: “Sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos”.¹⁵

Aprendamos nosso dever e pensemos nele. Estejamos dispostos e dignos para servir. No cumprimento de nosso dever, sigamos os passos do Mestre. À medida que trilharmos o caminho que Jesus seguiu, descobriremos que Ele foi mais do que o infante de Belém, mais do que o filho do carpinteiro, mais do que o maior mestre que já viveu. Viremos a conhecê-Lo como o Filho de Deus, nosso Salvador e nosso Redentor. Quando a Ele veio o chamado ao dever, respondeu: “Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre”.¹⁶ Que cada um de nós faça o mesmo, é minha oração, em Seu santo nome, o nome de Jesus Cristo, o Senhor. Amém.

Notas

1. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja*: Joseph Smith, 2007, p. 109.
2. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja*: Wilford Woodruff, 2004, p. 39.
3. Ver Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, 1975, pp. 143–144; grifo do autor (tradução atualizada).
4. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja*: John Taylor, 2001, p. 119.
5. Doutrina e Convênios 107:99; grifo do autor.
6. 1 Néfi 3:7; ver também versículos 1–5.
7. Ver 1 Néfi 3:5.
8. Rabindranath Tagore, William Jay Jacobs, *Mother Teresa: Helping the Poor* [Madre Teresa: Ajudar os Pobres], 1991, p. 42.
9. Robert Louis Stevenson, Elbert Hubbard II, comp., *The Note Book of Elbert Hubbard: Mottoes, Epigrams, Short Essays, Passages, Orphic Sayings and Preachments* [O Caderno de Anotações de Elbert Hubbard: Lemas, Epigramas, Pequenas Dissertações, Viagens, Declarações e Pergaminhos Orfistas], 1927, p. 55.
10. *Stand Ye in Holy Places: Selected Sermons and Writings of President Harold B. Lee* [Permaneça em Lugares Santos: Seleção de Sermões e Escritos do Presidente Harold B. Lee], 1976, p. 255.
11. Ernest Eberhard Jr., “Giving Our Young Men the Proper Priesthood Perspective” [Dar aos Nossos Rapazes a Perspectiva Adequada do Sacerdócio], datilografado, 19 de julho de 1971, pp. 4–5, Biblioteca de História da Igreja.
12. George Albert Smith, *Conference Report*, abril de 1942, p. 14.
13. Henry Wadsworth Longfellow, “The Legend Beautiful” [A Linda Lenda], *The Complete Poetical Works of Longfellow* [A Obra Poética Completa de Longfellow], 1893, p. 258.
14. *Ensinaamentos*: John Taylor, p. 164.
15. Tiago 1:22.
16. Moisés 4:2.

Os Misericordiosos Obterão Misericórdia

Presidente Dieter F. Uchtdorf

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

*Quando nosso coração se enche do amor de Deus,
tornamo-nos “para com os outros benignos,
misericordiosos, perdoadando-[nos] uns aos outros”.*

Meus amados irmãos e irmãs, há algum tempo recebi uma carta de uma mãe preocupada que me pedia para fazer um discurso na conferência geral sobre um tópico que poderia especificamente ajudar os dois filhos dela. Uma contenda havia surgido entre eles, e tinham parado de se falar. A mãe ficou desolada. Na carta, ela me assegurava que uma mensagem na conferência geral sobre esse assunto traria a reconciliação entre seus filhos e tudo ficaria bem.

O apelo sincero e profundo dessa boa irmã foi apenas uma das muitas sugestões que tenho recebido nos últimos meses para que dissesse algumas palavras sobre um assunto de crescente preocupação — não só para uma mãe preocupada, mas para muitos na Igreja e, de fato, no mundo todo.

Fiquei tocado pela fé dessa mãe amorosa de que um discurso da conferência geral pudesse ajudar a curar um relacionamento entre seus filhos. Tenho certeza de que a confiança dela não repousa tanto nas habilidades dos oradores quanto na “virtude da palavra de Deus”, que “[surte] efeito mais poderoso sobre a mente do povo do que (...) qualquer outra coisa”.¹ Querida irmã, oro para que o Espírito toque o coração de seus filhos.

Quando os Relacionamentos Não Vão Bem

Relacionamentos estremecidos ou arruinados são uma coisa tão antiga quanto à própria humanidade. Caim, na Antiguidade, foi o primeiro a permitir que o câncer da amargura e da malícia tomasse seu coração. Ele plantou no solo da própria alma a inveja e o ódio e permitiu que esses sentimentos amadurecessem até que fez o impensável — assassinar seu próprio irmão e tornar-se por isso o pai das mentiras de Satanás.²

Desde aquela época, o espírito de inveja e ódio tem levado alguns a protagonizar as mais trágicas histórias. Ele fez Saul voltar-se contra Davi, os filhos de Jacó contra seu irmão, José, Lamã e Lemuel contra Néfi, e Amaliquias contra Morôni.

Imagino que cada pessoa na Terra tenha sido afetada de alguma forma pelo destrutivo espírito de contenda, ressentimento e vingança. Talvez haja momentos em que reconheçamos esse espírito em nós mesmos. Ao nos sentirmos magoados, nervosos ou invejosos, é muito fácil julgar os outros, em geral presumindo motivos torpes em suas ações para justificar nossos próprios ressentimentos.

A Doutrina

Claro que sabemos que isso é errado. A doutrina é clara. Todos nós dependemos do Salvador; ninguém pode ser salvo sem Ele. A Expição de Cristo é infinita e eterna. O perdão de *nossos* pecados só vem condicionalmente. Devemos arrependermos e precisamos ter o desejo de perdoar os outros. Jesus ensinou: “[Perdoai-vos] uns aos outros; pois aquele que não perdoa (...) está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior”³ e “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia”.⁴

É claro que tais palavras soam totalmente adequadas — quando se aplicam aos outros. É claro e fácil perceber os resultados danosos que advêm quando os *outros* julgam e guardam rancor. E com certeza não gostamos nada de quando os outros nos julgam.

Mas no que diz respeito a nossos preconceitos e nossas queixas, frequentemente consideramos justa nossa raiva e o nosso julgamento como confiável e apropriado. Embora não possamos

ver o coração do outro, presumimos que conhecemos motivações ruins ou até mesmo que sabemos que a pessoa é má. Achamos que é exceção quando é a nossa própria amargura porque sentimos que, no nosso caso, temos toda a informação necessária que justifica desprezar alguém.

O Apóstolo Paulo, em sua carta aos romanos, disse que julgar os outros é “inescusável”. No momento em que julgamos os outros, explicou ele, condenamos a nós próprios, pois ninguém há sem pecado.⁵ Recusar-se a perdoar é um pecado grave — pecado contra o qual o Salvador alertou. Os próprios discípulos de Jesus “procuraram pretextos uns contra os outros e em seu coração não se perdoaram; e por esse mal foram afligidos e severamente repreendidos”.⁶

Nosso Salvador falou com tanta clareza sobre isso que pouco espaço há para interpretações. “Eu, o Senhor, perdorei a quem desejo perdoar”, mas Ele disse, “de vós é exigido que perdoeis a todos os homens”.⁷

Posso acrescentar algo aqui? Quando o Senhor requer que perdoemos a todos os homens — isso inclui perdoar a nós mesmos. Às vezes, de todas as pessoas do mundo, a que temos maior dificuldade de perdoar — assim como a que talvez mais precise do perdão — é aquela que encaramos ao olhar no espelho.

Resumindo

Esse assunto de julgar os outros poderia, de fato, ser ensinado em um sermão de duas palavras. No que se relaciona a ódio, maledicência, desprezo, infâmia, rancor ou o desejo de magoar, apliquem o seguinte:

Parem já!

É muito simples. Simplesmente temos de parar de julgar os outros e devemos substituir os pensamentos e sentimentos dessa natureza por um coração cheio de amor a Deus e a Seus filhos. Deus é nosso Pai. Somos Seus filhos. Somos todos irmãos e irmãs. Não tenho palavras exatas para expressar com suficiente eloquência, ardor e persuasão para que fique bem marcada essa questão de *não julgar os outros*. Consigo citar escrituras, tentar expor a doutrina e vou até mesmo citar um adesivo que vi recentemente. Estava afixado no para-choque traseiro de um carro cujo motorista parecia ser um pouco ríspido, mas as

palavras do adesivo ensinam uma lição profunda. Dizia: “Não me julgue só porque o meu pecado é diferente do seu”.

Devemos reconhecer que todos somos imperfeitos — que somos todos mendigos diante de Deus. Quem entre nós, em uma ocasião ou outra, ainda não se aproximou do trono da misericórdia e implorou pela graça? Não ansiamos com toda a força da alma pela misericórdia — pelo perdão dos erros e pecados que cometemos?

Por dependermos todos da misericórdia de Deus, como podemos negar aos outros, em qualquer medida, a graça de que desesperadamente também necessitamos? Meus amados irmãos e irmãs, não devemos perdoar da mesma forma que desejamos o perdão?

O Amor de Deus

É difícil fazer isso?

Claro que sim!

Perdoar a nós mesmos e aos outros não é fácil. De fato, a maioria de nós precisará de uma mudança de atitude e da maneira de pensar — até mesmo uma mudança de coração. Mas a boa notícia é que essa “vigorosa mudança”⁸ de coração é exatamente a que o evangelho de Jesus Cristo pode trazer a nossa vida.

Como ela se dá? Por meio do amor de Deus.

Quando nosso coração está repleto do amor de Deus, algo bom e puro acontece a nós. “[Guardamos] os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados. Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo.”⁹

Quanto mais permitirmos que o amor de Deus governe nossa mente e nossas emoções — quanto mais nosso amor pelo Pai Celestial aumentar em nosso coração — mais fácil será amar os outros com o puro amor de Cristo. Ao abrirmos nosso coração para a resplandecente alvorada do amor de Deus, a escuridão e o frio da animosidade e da inveja vão-se definir.

Como sempre, Cristo é o nosso exemplo. Em Seus ensinamentos e em Sua vida, Ele mostrou-nos o caminho. Ele amou os iníquos e os perdoou, assim como aos vis e àqueles que procuraram feri-Lo e magoá-Lo.

Jesus disse que é fácil amar a quem nos ama; até mesmo os iníquos conseguem *isso*. Porém, Jesus Cristo ensinou uma lei mais elevada. Suas palavras ecoam através dos séculos e servem para nós hoje. Elas se destinam a todos os que desejam ser Seus discípulos. Elas se destinam a vocês e a mim: “Amam a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”.¹⁰

Quando nosso coração se enche do amor de Deus, tornamo-nos “para com os outros benignos, misericordiosos, perdoados [nos] uns aos outros, como também Deus [nos] perdoou em Cristo”.¹¹

O puro amor de Cristo pode remover as escamas de ressentimento e a ira de nossos olhos, permitindo-nos ver os outros da maneira que o Pai Celestial vê a nós: como mortais imperfeitos e falhos que têm potencial e valor muito além do que conseguirmos imaginar. Pelo fato de Deus nos amar tanto, nós também devemos amar e perdoar uns aos outros.

O Caminho do Discípulo

Meus queridos irmãos e irmãs, considerem estas perguntas como um teste pessoal:

Você guarda ressentimento contra alguém?

Você fala da vida dos outros, mesmo que possa ser verdade?

Você exclui, afasta ou castiga outras pessoas por algo que tenham feito?

Você inveja alguém secretamente?

Deseja causar mal a alguém?

Se você respondeu sim a uma dessas perguntas, talvez queira aplicar o sermão de duas palavras que preguei antes: Pare já!

Em um mundo pleno de acusação e inimizade, é fácil reunir pedras e atirá-las. Mas antes de pensar em fazer isso, lembremo-nos das palavras Daquela que é nosso Mestre e modelo: “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra”.¹²

Irmãos e irmãs, vamos abandonar nossas pedras.

Sejamos bondosos.

Perdoemos.

Falemos uns aos outros com mansidão.

Deixemos que o amor de Deus encha nosso coração.

“Façamos bem a todos.”¹³

O Salvador prometeu: “Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalçada, sacudida e transbordando, (...) porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo”.¹⁴

Não deveria essa promessa bastar para sempre emprendermos esforços em atos de bondade, perdão e caridade, em vez de termos qualquer comportamento negativo?

Vamos nós, como discípulos de Jesus Cristo, pagar o mal com o bem.¹⁵ Não vamos nos vingar ou permitir que a ira nos domine.

“Porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor.

Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber. (...)

Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.”¹⁶

Lembrem-se: no final, são os misericordiosos que obterão a misericórdia.¹⁷

Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, onde quer que estejamos, que sejamos conhecidos como aqueles que “[amam] uns aos outros”.¹⁸

Amai-vos Uns aos Outros

Irmãos e irmãs já existem pesar e tristeza suficientes nesta vida sem precisarmos acrescentar a isso teimosia, amargura e ressentimentos.

Não somos perfeitos.

As pessoas ao nosso redor não são perfeitas.¹⁹ Às vezes fazem coisas que nos incomodam, decepcionam e enraivecem. Nesta vida mortal sempre será assim.

No entanto, devemos livrar-nos dos ressentimentos. Parte do propósito da mortalidade é aprender a nos livrar de tais coisas. *Este é o caminho do Senhor.*

Lembrem-se de que o céu está cheio de pessoas que têm em comum o seguinte: Elas foram perdoadas. E elas perdoam.

Depositem sua carga aos pés do Salvador. Parem de julgar. Permitam que a Expição de Cristo mude e cure seu coração. Amem uns aos outros. Perdoem uns aos outros.

Os misericordiosos obterão misericórdia.

Disso testifico em nome Daquele que amou tanto e tão completamente que deu Sua vida por nós, Seus amigos — no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Alma 31:5.
2. Ver Moisés 5:16–32.
3. Doutrina e Convênios 64:9.
4. Mateus 5:7.
5. Ver Romanos 2:1.
6. Doutrina e Convênios 64:8.
7. Doutrina e Convênios 64:10; grifo do autor.
8. Mosias 5:2.
9. I João 5:3–4.
10. Mateus 5:44; ver também versículos 45–47.
11. Efésios 4:32.
12. João 8:7.
13. Gálatas 6:10.
14. Lucas 6:38.
15. Ver Mateus 5:39–41.
16. Romanos 12:19–21.
17. Ver Mateus 5:7.
18. João 13:35.
19. Ver Romanos 3:23.

Graças Demos a Deus

Élder Russell M. Nelson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Quão melhor seria se todos nós pudéssemos estar mais cientes da providência e do amor de Deus e expressar a Ele essa gratidão.

Queridos irmãos e irmãs, agradecemos a vocês por seu apoio e sua devoção. Expressamos nossa gratidão e nosso amor a cada um de vocês.

Recentemente, minha mulher e eu admiramos a beleza de peixes tropicais em um pequeno aquário particular. Havia peixes de cores vívidas de diversos tamanhos e formas nadando rapidamente de um lado para outro. Perguntei à funcionária que estava por perto: “Quem alimenta esses belos peixes?”

Ela respondeu: “Sou eu”.

Então perguntei: “Alguém já lhe agradeceu por isso?”

Ela respondeu: “Ainda não!”

Pensei em algumas pessoas que conheço que igualmente se esquecem de ser gratas ao Criador, de seu verdadeiro “pão da vida”.¹ Vivem o dia a dia sem tomar conhecimento de Deus ou de Sua bondade para com elas.

Quão melhor seria se todos nós pudéssemos estar mais cientes da providência e do amor de Deus e expressar a Ele essa gratidão. Amon ensinou: “Demos graças a [Deus], porque ele pratica a justiça eternamente!”² A intensidade de nossa gratidão é uma medida de nosso amor por Ele.

Deus é o Pai de nosso espírito.³ Ele tem um corpo glorificado e aperfeiçoado de carne e ossos.⁴ Vivíamos com Ele no céu antes de nascer.⁵ Quando Ele nos criou fisicamente, fomos criados à imagem de Deus, cada um com seu próprio corpo.⁶

Pensem em nosso sustento físico. Ele é realmente enviado pelo céu. O ar, o alimento e a água de que todos necessitamos nos são concedidos como dádivas de um Pai Celestial amoroso. A Terra foi criada para sustentar nossa breve passagem pela mortalidade.⁷ Nascermos com a capacidade de crescer, amar, casar e formar uma família.

O casamento e a família foram ordenados por Deus. A família é a mais importante unidade social, nesta vida e na eternidade. Pelo grande plano de felicidade organizado por Deus, a família pode ser selada no templo e preparar-se para voltar a habitar em Sua santa presença para sempre. Essa é a vida eterna! Ela satisfaz os mais profundos anseios da alma humana: a aspiração natural a um convívio eterno com os entes queridos de nossa família.

Fazemos parte de Seu propósito divino: “Minha obra e minha glória”, disse Ele, é “levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”.⁸ Para alcançar esses objetivos, “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.⁹ Esse ato foi uma manifestação sublime do amor de Deus. “Porque [Ele] enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.”¹⁰

Um ponto central do plano eterno de Deus é a missão de Seu Filho Jesus Cristo.¹¹ Ele veio para redimir os filhos de Deus.¹² Graças à Expição do Senhor, a ressurreição (ou imortalidade) se tornou realidade.¹³ Graças à Expição, a vida eterna se tornou uma possibilidade para todos os que se qualificarem. Jesus explicou assim:

“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá”.¹⁴

Pela Expição do Senhor e Sua dádiva da ressurreição — por esta sublime mensagem de Páscoa — graças demos a Deus!

Dádivas Físicas

Nosso Pai Celestial ama Seus filhos.¹⁵ Ele abençoou cada um com dádivas físicas e espirituais. Quero abordar cada uma delas. Quando cantarem “Sou um Filho de Deus”, pensem na dádiva Dele para vocês — seu próprio corpo físico. Os muitos atributos

admiráveis de seu corpo comprovam a própria “natureza divina”.¹⁶

Cada órgão de seu corpo é uma maravilhosa dádiva de Deus. Cada olho tem uma lente com foco automático. Há nervos e músculos que controlam os dois olhos para formar uma única imagem tridimensional. Os olhos estão conectados ao cérebro, que registra as coisas que eles veem.

O coração é uma bomba incrível.¹⁷ Ele possui quatro válvulas delicadas que controlam a direção do fluxo de sangue. Essas válvulas abrem e fecham mais de 100.000 vezes por dia: 36 milhões de vezes por ano. Contudo, a menos que sejam alteradas por alguma doença, elas podem suportar esse esforço quase indefinidamente.

Pensem no sistema de defesa do corpo. Para protegê-lo de lesões, ele percebe a dor. Em resposta à infecção, gera anticorpos. A pele oferece proteção. Ela alerta contra as lesões que o calor ou o frio excessivo podem causar.

O corpo renova as próprias células antigas e regula o nível de seus elementos vitais. O corpo cura suas feridas, seus cortes e ossos quebrados. Sua capacidade de reprodução é outra dádiva sagrada de Deus.

Lembrem que não se exige um corpo perfeito para alcançarmos um destino divino. Na verdade, alguns dos espíritos mais especiais habitam um corpo frágil ou imperfeito. Em geral, as pessoas com deficiências físicas desenvolvem grande força espiritual, justamente por terem essas deficiências.

Todo aquele que estuda o funcionamento do corpo humano sem dúvida “viu Deus movendo-se em sua majestade e poder”.¹⁸ Como o corpo é governado por lei divina, toda cura vem pela obediência à lei na qual aquela bênção se baseia.¹⁹

No entanto, algumas pessoas erroneamente pensam que esses maravilhosos atributos físicos aconteceram por acaso ou como consequência de um grande “big bang” ocorrido em algum lugar. Perguntem a si mesmos: “Poderia a explosão de uma gráfica produzir um dicionário?” A probabilidade de que isso ocorra é *extremamente* remota. Mas se isso acontecesse, ele jamais conseguiria reparar as próprias páginas rasgadas ou reproduzir as próprias novas edições!

Se a capacidade normal do corpo — de funcionamento, defesa, reparação, regulação e regeneração — prevalecesse sem limites, a vida aqui continuaria perpetuamente. Sim, estaríamos presos aqui na Terra! Felizmente para nós, nosso Criador providenciou um processo de envelhecimento e outros processos que acabam por resultar em nossa morte física. A morte, tal como o nascimento, faz parte da vida. As escrituras ensinam que “não era conveniente que o homem fosse resgatado dessa morte física, porque isso destruiria o grande plano de felicidade”.²⁰ O retorno a Deus pelo portão que chamamos de morte é uma alegria para aqueles que O amam e estão preparados para encontrar-se com Ele.²¹ Por fim, chegará o momento em que cada “espírito e (...) corpo [será reunido] em (...) perfeita forma; os membros e juntas serão reconstituídos em sua estrutura natural”²² para nunca mais se separarem. Por essas dádivas físicas, graças demos a Deus!

Dádivas Espirituais

Por mais importante que seja o corpo, ele serve de tabernáculo para um espírito eterno. Nosso espírito existia na esfera pré-mortal²³ e continuará a viver depois que o corpo morrer.²⁴ O espírito provê ao corpo a vitalidade e a personalidade.²⁵ Nesta vida e na vindoura, o espírito e o corpo unidos tornam-se uma alma vivente de sublime valor.

Por ser tão importante o espírito de uma pessoa, seu desenvolvimento tem consequências eternas. Ele é fortalecido quando nos comunicamos em humilde oração com nosso amoroso Pai Celestial.²⁶

Os atributos pelos quais seremos um dia julgados são todos espirituais.²⁷ Incluem o amor, a virtude, a integridade, a compaixão e o serviço ao próximo.²⁸ O espírito, combinado ao corpo no qual habita, pode desenvolver-se e manifestar esses atributos de maneiras vitais para nosso progresso eterno.²⁹ O progresso espiritual é atingido por meio dos seguintes passos: fé, arrependimento, batismo, dom do Espírito Santo e a perseverança até o fim, incluindo a investidura e as ordenanças de selamento do templo sagrado.³⁰

Assim como o corpo exige alimento diário para sobreviver, o espírito também precisa ser nutrido. O espírito é nutrido pela verdade eterna. No ano passado, comemoramos o

quadricentenário da tradução que o Rei Jaime fez da Bíblia Sagrada. E temos o Livro de Mórmon já há quase 200 anos. Ele está hoje traduzido, completamente ou em parte, em 107 idiomas. Por causa dessas e de outras escrituras preciosas, sabemos que Deus é nosso Pai Eterno e que Seu Filho, Jesus Cristo, é nosso Salvador e Redentor. Por essas dádivas espirituais, graças demos a Deus!

Dádivas do Evangelho

Sabemos que os profetas de muitas dispensações, como Adão, Noé, Moisés e Abraão, todos eles ensinaram sobre a divindade de nosso Pai Celestial e de Jesus Cristo. Nossa atual dispensação foi iniciada pelo Pai Celestial e por Jesus Cristo, quando apareceram ao Profeta Joseph Smith, em 1820. A Igreja foi organizada em 1830. Hoje, 182 anos depois, continuamos sob o convênio de levar o evangelho a “toda nação, tribo, língua e povo”.³¹ Ao fazermos isso, tanto aquele que doa quanto aquele que recebe serão abençoados.

Temos a responsabilidade de ensinar Seus filhos e de despertar neles a consciência de Deus. Há muito tempo, o rei Benjamim disse:

“Acreditai em Deus; acreditai que ele existe e que criou todas as coisas, tanto no céu como na Terra; acreditai que ele tem toda a sabedoria e todo o poder, tanto no céu como na Terra. (...)”

Acreditai que vos deveis arrepender de vossos pecados e abandoná-los e humilhar-vos diante de Deus; e pedir com sinceridade de coração que ele vos perdoe; e agora, se acreditais em todas estas coisas, procurai fazê-las”.³²

Deus é o mesmo ontem, hoje e para sempre, mas nós não somos. A cada dia, temos o desafio de recorrer ao poder da Expição para que possamos realmente mudar, tornando-nos mais semelhantes a Cristo, e de qualificar-nos para a dádiva da exaltação e para viver eternamente com Deus, Jesus Cristo e nossa família.³³ Por esses poderes, privilégios e dádivas do evangelho, graças demos a Deus!

Testifico que Ele vive, que Jesus é o Cristo e que esta é Sua Igreja, restaurada nestes últimos dias para cumprir seu destino eterno. Somos liderados hoje pelo Presidente Thomas S. Monson, a quem amamos e apoiamos de todo o coração, e também

apoiamos seus conselheiros e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores. Presto testemunho disso no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. João 6:35, 48; ver também o versículo 51.
2. Alma 26:8; ver também Alma 7:23.
3. Ver Atos 17:27–29.
4. Ver Doutrina e Convênios 130:22.
5. Ver Moisés 6:51; Romanos 8:16; Hebreus 12:9; Jeremias 1:4–55.
6. Ver Gênesis 2:7; I Coríntios 15:44; Moisés 3:7.
7. Ver 1 Néfi 17:36.
8. Moisés 1:39.
9. João 3:16.
10. João 3:17.
11. Seus propósitos são resumidos sucintamente em 3 Néfi 27:13–22.
12. Ver Alma 11:40.
13. Ver 2 Néfi 9:6–7, 20–22.
14. João 11:25–26.
15. Ver 1 Néfi 17:40; I João 4:10.
16. II Pedro 1:4.
17. O coração bombeia cerca de sete mil e quinhentos litros de sangue por dia.
18. Doutrina e Convênios 88:47.
19. Ver Doutrina e Convênios 130:21. Realmente essa lei divina é incontestável.
20. Alma 42:8.
21. O salmista expressou o ponto de vista de Deus: “Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos” (Salmos 116:15); ver também Eclesiastes 12:7.
22. Alma 11:43; ver também Eclesiastes 12:7; Alma 40:23; Doutrina e Convênios 138:17.
23. Ver Doutrina e Convênios 93:38.
24. Ver Alma 40:11; Abraão 3:18.
25. O espírito é à semelhança da pessoa (ver Doutrina e Convênios 77:2).
26. Ver 3 Néfi 14:9–11.
27. O espírito, não o corpo, é o componente ativo e responsável da alma. Sem o espírito, o corpo está morto (ver Tiago 2:26). É o espírito, portanto, que escolhe o bem ou o mal, e que será considerado responsável pelos atributos positivos ou negativos que tiver no Julgamento Final (ver Alma 41:3–7).
28. Atributos espirituais também incluem: “fé, virtude, conhecimento, temperança, paciência, bondade fraternal, piedade, caridade, humildade [e] diligência” (Doutrina e Convênios 4:6).
29. Ver 2 Néfi 2:11–16, 21–26; Morôni 10:33–34.
30. Essa é a doutrina de Cristo (ver 2 Néfi 31:11–21).
31. Mosias 15:28; ver também 1 Néfi 19:17; 2 Néfi 26:13; Mosias 3:20; 15:28; 16:1; Alma 37:4; Doutrina e Convênios 1:18–23; 77:11; 133:37.
32. Mosias 4:9–10.
33. “A vida eterna (...) é o maior de todos os dons de Deus” (Doutrina e Convênios 14:7).

Lições Especiais

Élder Ronald A. Rasband

Da Presidência dos Setenta

É minha esperança e oração que continuemos a carregar nobremente os nossos fardos e a ajudar aqueles dentre nós que estão sofrendo.

Nos últimos vinte meses, nossa família foi abençoada com o privilégio de ter um bebê muito especial.

O pequeno Paxton, nosso neto, nasceu com uma deleção cromossômica muito rara, uma doença genética que o distingue, literalmente, como um em centenas de milhões. Para nossa filha e seu marido, teve início uma jornada rumo ao desconhecido que mudou a vida deles, quando Paxton nasceu. Esse fato se tornou um fogo refinador para o aprendizado de lições especiais vinculadas à eternidade.

O querido Élder Russell M. Nelson, que nos dirigiu a palavra há pouco, ensinou:

“Por motivos geralmente desconhecidos, algumas pessoas nascem com limitações físicas. Partes específicas do corpo podem ser anormais. Os sistemas regulatórios podem estar em desequilíbrio. E todos nós temos um corpo que está sujeito à doença e à morte. No entanto, a dádiva de um corpo físico não tem preço. (...)”

Não se exige um corpo perfeito para alcançarmos um destino divino. Na verdade, alguns dos espíritos mais especiais habitam um corpo frágil. (...)”

Por fim, chegará o momento em que cada ‘espírito e (...) corpo [será reunido] em (...) perfeita forma; os membros e juntas serão reconstituídos em sua estrutura natural’ (Alma 11:43). Então, graças à Expição de Jesus Cristo, poderemos ser aperfeiçoados Nele”.¹

Para todos vocês que têm desafios, preocupações, decepções ou tristezas com um ente querido, saibam disso: com infinito amor e compaixão eterna, Deus, nosso Pai Celestial, ama seu filho atribulado e ama vocês!

Alguns podem perguntar, ao se deparar com tal sofrimento, como foi que Deus Todo-Poderoso pôde deixar isso acontecer? E segue-se a pergunta aparentemente inevitável: Por que isso aconteceu comigo? Por que temos de testemunhar doenças e ocorrências que incapacitam nossos preciosos membros da família ou que lhes encurtam a vida ou que lhes prolongam os anos em dor? Por que temos de sofrer?

Nesses momentos, podemos nos voltar para o grande plano de felicidade criado por nosso Pai Celestial. Esse plano, quando foi apresentado na vida pré-terrena, fez com que todos nós gritássemos de alegria.² Em termos simples, esta vida é o treinamento para a exaltação eterna, e esse processo significa testes e provações. Sempre foi assim, e ninguém é poupado.

A confiança em Deus é um ponto central de nossa mortalidade. Com fé Nele, recorremos ao poder da Expição de Cristo naqueles momentos em que há muitas dúvidas e poucas respostas.

Após Sua Ressurreição, ao visitar as Américas, nosso Salvador Jesus Cristo fez a todos o seguinte convite:

“Tendes enfermos entre vós? Trazei-os aqui. Há entre vós coxos ou cegos ou aleijados ou mutilados ou leprosos ou atrofiados ou surdos ou pessoas que estejam aflitas de algum modo? Trazei-os aqui e eu os curarei, porque tenho compaixão de vós; minhas entranhas estão cheias de misericórdia. (...)”

E aconteceu que depois de ele haver assim falado, toda a multidão, de comum acordo, adiantou-se com seus doentes e seus aflitos e seus coxos; e com seus cegos e com seus mudos e com todos aqueles que estavam aflitos de qualquer forma; e ele curou a todos, à medida que foram conduzidos a sua presença”.³

Tiramos grande força das palavras “toda a multidão (...) adiantou-se” — *toda*, irmãos e irmãs. *Todos* enfrentamos desafios. E então, a frase: “que estejam aflitas de algum modo”. Todos nos identificamos com isso, não é mesmo?

Logo que nosso precioso Paxton nasceu, soubemos que o Pai Celestial nos abençoaria e nos ensinaria lições especiais. Quando o pai dele e eu impusemos nossos dedos sobre sua pequenina cabeça, na primeira de muitas bênçãos do sacerdócio, vieram-me à mente as palavras do capítulo nove de João: “para que se manifestem nele as obras de Deus”.⁴

As obras de Deus estão, sem dúvida, manifestando-se por intermédio do Paxton.

Estamos aprendendo paciência, fé e gratidão por meio do bálsamo do serviço, de horas intermináveis de intensas emoções, de lágrimas de empatia e de orações e expressões de amor em favor de entes queridos necessitados, especialmente pelo Paxton e os pais dele.

O Presidente James E. Faust, que foi meu presidente de estaca quando eu era menino, disse: “Tenho grande apreço pelos pais amorosos que estoicamente suportam e vencem sua angústia e dor por um filho que nasceu com grave enfermidade mental ou física ou que veio a desenvolvê-la. Essa angústia persiste a cada dia, sem alívio, por toda a vida dos pais ou do filho. Com frequência, exige-se dos pais uma dedicação sobre-humana que nunca cessa, dia e noite. Muitas mães sentiram o coração e os braços doloridos por anos a fio, consolando e aliviando o sofrimento de seu filho especial”.⁵

Como descrito em Mosias, testemunhamos o puro amor do Salvador oferecido à família do Paxton, amor esse que está ao alcance de todos: “E aconteceu que as cargas impostas a Alma e seus irmãos se tornaram leves; sim, o Senhor fortaleceu-os para que pudessem carregar seus fardos com facilidade; e submeteram-se de bom grado e com paciência a toda a vontade do Senhor”.⁶

Uma noite, quando o Paxton era bem novo, estávamos na unidade de terapia intensiva neonatal do maravilhoso Centro Médico das Crianças da Primária, em Salt Lake City, Utah, admirados com a dedicada e integral atenção oferecida por médicos, enfermeiras e atendentes. Perguntei a minha filha como eles conseguiriam pagar tudo aquilo e arrisquei uma estimativa de qual seria o custo envolvido. Um médico que estava por perto disse que minha estimativa estava bem aquém da verdade e que

os cuidados do pequeno Paxton custariam muito mais do que eu havia previsto. Ficamos sabendo que grande parte das despesas do atendimento oferecido naquele hospital é coberta por generosas dádivas de tempo e contribuições monetárias de outras pessoas. Suas palavras fizeram-me sentir humilde, ao pensar no valor daquela pequena alma para os que tão carinhosamente cuidavam dela.

Lembrei-me de uma escritura missionária bem conhecida, que adquiriu novo significado para mim: “Lembrai-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus”.⁷

Chorei ao ponderar o amor irrestrito que nosso Pai Celestial e Seu Amado Filho, Jesus Cristo, têm por todos nós, ao mesmo tempo em que aprendi de modo vigoroso qual o valor de uma alma, tanto física quanto espiritualmente, para Deus.

A família do Paxton aprendeu que estamos rodeados de incontáveis anjos ministradores celestes e terrenos. Alguns aparecem serenamente, quando necessário, e saem silenciosamente. Outros batem à porta trazendo alimentos, oferecendo-se para lavar a roupa ou cuidar dos irmãos do Paxton, ligando para dizer palavras de incentivo e principalmente orando por ele. Assim, outra lição especial foi aprendida: ao ver uma pessoa se afogando, será que devemos perguntar se ela precisa de ajuda? Não seria melhor simplesmente mergulhar e salvá-la das águas profundas? A oferta, embora feita com boas intenções e com frequência, “Se precisar de algo é só dizer”, na verdade não ajuda em nada.

Continuamos a aprender o importante valor de estarmos cientes e interessados na vida das pessoas que nos cercam, aprendendo não apenas a importância de oferecer auxílio, mas também a imensa alegria que sentimos ao ajudar as pessoas.

O querido Presidente Thomas S. Monson, que é um magnífico exemplo de alguém que ergue o abatido, disse: “Deus abençoe todos os que se dispõem a ser o guardião de seu irmão, que se doam para aliviar o sofrimento, que se esforçam com tudo de bom que há neles para tornar o mundo melhor. Já notaram que essas pessoas têm um sorriso mais radiante? Seus passos são mais seguros. Elas têm uma aura de contentamento e satisfação

em torno de si (...) porque ninguém participa do auxílio ao próximo sem sentir-se ele mesmo ricamente abençoado”.⁸

Embora enfrentemos provações, adversidades, deficiências, tristezas e toda espécie de aflições, nosso carinhoso e amoroso Salvador sempre estará ao nosso lado. Ele prometeu:

“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. (...)”

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize”.⁹

Quão gratos somos a nosso Pai Celestial pelo lutador que é o Paxton. Por intermédio dele o Senhor manifestou Suas obras e continua a ensinar-nos essas valiosas, sagradas e especiais lições.

Gostaria de concluir com a letra de um hino muito querido:

Somos os soldados que combatem o mal:

Vamos marchar! Vamos marchar!

A coroa nos espera do vencedor —

*Vamos conquistá-la com valor!*¹⁰

Irmãos e irmãs, é minha esperança e oração que continuemos a carregar nobremente os nossos fardos e a ajudar aqueles dentre nós que estão sofrendo e precisam ser erguidos e encorajados. Agradeçamos a Deus por Suas bênçãos e renovemos o compromisso que fizemos com o Pai Celestial de prestar humilde serviço a Seus filhos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Russell M. Nelson, “Somos Filhos de Deus”, *A Liahona*, janeiro de 1999, p. 101.

2. Ver Jó 38:7.

3. 3 Néfi 17:7, 9.

4. João 9:3.

5. James E. Faust, “The Works of God” [As Obras de Deus], *Ensign*, novembro de 1984, p. 54.

6. Mosias 24:15.

7. Doutrina e Convênios 18:10.

8. Thomas S. Monson, “Our Brothers’ Keepers” [Guardadores de Nossos Irmãos], *Ensign*, junho de 1998, p. 39.

9. João 14:18, 27.

10. “Somos os Soldados”, *Hinos*, nº 160.

A Visão dos Profetas Concernente à Sociedade de Socorro: Fé, Família e Auxílio

Julie B. Beck

Presidente Geral da Sociedade de Socorro, Desobrigada Recentemente

Fé, família e auxílio — essas três palavras simples passaram a expressar a visão dos profetas no tocante às irmãs da Igreja.

Nos últimos anos, com frequência tenho sido inspirada a falar sobre a Sociedade de Socorro — seus propósitos e suas qualidades,¹ o valor de sua história,² seu trabalho e parceria com os bispos e quóruns do Sacerdócio de Melquisedeque.³ Parece-me relevante agora concentrar nossa atenção na visão dos profetas concernente à Sociedade de Socorro.⁴

Assim como os profetas do Senhor têm continuamente ensinado aos élderes e sumos sacerdotes os seus propósitos e deveres, eles também têm compartilhado sua visão em relação às irmãs da Sociedade de Socorro. Pelos seus conselhos, fica evidente que os propósitos da Sociedade de Socorro são: aumentar a fé e a retidão pessoal, fortalecer a família e o lar, e procurar e ajudar os necessitados. *Fé, família e auxílio* — essas três palavras simples passaram a expressar a visão dos profetas no tocante às irmãs da Igreja.

Desde o início da Restauração os profetas têm compartilhado sua visão a respeito de mulheres fortes, fiéis e decididas, que entendem seu valor e propósito eternos. Ao estabelecer a Sociedade de Socorro, o Profeta Joseph Smith instruiu a primeira

presidente a “presidir esta sociedade, para cuidar dos pobres — cuidando de suas necessidades e atendendo aos vários assuntos da instituição”.⁵ Ele visualizou a organização como “uma sociedade seleta, separada de todos os males do mundo”.⁶

Brigham Young, o segundo Presidente da Igreja, instruiu seus conselheiros e o Quórum dos Doze Apóstolos a orientarem os bispos a “[deixar as irmãs] organizarem a Sociedade de Socorro Feminina nas diversas alas”. Ele acrescentou: “Algumas pessoas podem pensar que isso é uma coisa sem importância, mas não é”.⁷

Posteriormente, o Presidente Joseph F. Smith disse que, em contraste com as organizações do mundo, que são “feitas por homens ou por mulheres”, a Sociedade de Socorro “foi criada por Deus, autorizada por Deus, instituída por Deus e ordenada por Deus”.⁸ O Presidente Joseph F. Smith disse às irmãs que a elas “foram dados poder e autoridade para fazer muitas coisas grandiosas”.⁹ Ele disse: “Vocês são membros da maior organização de mulheres do mundo, uma organização que é parte vital do reino de Deus na Terra e cujo desígnio e funcionamento ajudam seus membros fiéis a alcançar a vida eterna no reino de nosso Pai”.¹⁰

Uma Esfera de Influência Mais Abrangente

A cada ano, centenas de milhares de mulheres e moças tornam-se parte desse “círculo de irmãs”¹¹ que está sempre se expandindo. Depois disso, seja onde for que a irmã more ou onde quer que sirva, ela mantém sua condição e associação como membro da Sociedade de Socorro.¹² Por causa dos importantes propósitos da Sociedade de Socorro, a Primeira Presidência expressou o desejo de que as moças comecem a preparar-se para a Sociedade de Socorro bem antes de completar dezoito anos de idade.¹³

A Sociedade de Socorro não é um programa. É uma parte oficial da Igreja do Senhor que foi “ordenada por Deus” para ensinar, fortalecer e inspirar as irmãs em seus objetivos concernentes à fé, à família e ao auxílio prestado às pessoas. A Sociedade de Socorro é um modo de vida para as mulheres santos dos últimos dias e sua influência vai bem além da aula de domingo ou de uma atividade social. A Sociedade de Socorro

segue o padrão das discípulas que serviram com o Senhor Jesus Cristo e Seus apóstolos em Sua Igreja primitiva.¹⁴ Foi-nos ensinado que “é tão obrigatório para uma mulher incorporar em sua vida as virtudes que são promovidas pela Sociedade de Socorro quanto é, para os homens, desenvolver em sua vida os padrões de caráter promovidos pelo sacerdócio”.¹⁵

Quando o Profeta Joseph Smith organizou a Sociedade de Socorro, ele ensinou às irmãs que elas deveriam “socorrer os pobres” e “salvar almas”.¹⁶ Em seu encargo de “salvar almas”, as irmãs foram autorizadas a organizar uma esfera de influência mais abrangente e a participar dela. A primeira presidente da Sociedade de Socorro foi designada a fim de expor as escrituras, e a Sociedade de Socorro ainda tem, na Igreja do Senhor, a responsabilidade essencial de ensinar. Quando Joseph Smith disse às irmãs que a organização da Sociedade de Socorro as prepararia para os “privilégios, bênçãos e dons do Sacerdócio”,¹⁷ o trabalho de salvação, estabelecido pelo Senhor, foi aberto para elas. O encargo de salvar almas inclui o trabalho de compartilhar o evangelho e participar da obra missionária. Inclui o engajamento no trabalho do templo e de história da família. Inclui fazer tudo o que for possível para tornar-se espiritual e temporalmente autossuficiente.

O Élder John A. Widtsoe declarou que a Sociedade de Socorro oferece “socorro na pobreza, socorro na doença, socorro na dúvida, socorro na ignorância — socorro em tudo o que impeça a alegria e o progresso da mulher. Que missão magnífica!”¹⁸

O Presidente Boyd K. Packer comparou a Sociedade de Socorro a um “muro de proteção”.¹⁹ A responsabilidade de proteger as irmãs e suas respectivas famílias aumenta a importância do cuidado e ministério das professoras visitantes e é uma demonstração de nossa disposição de lembrar nossos convênios com o Senhor. Ao “ministrar aos necessitados e aos aflitos”, trabalhamos em harmonia com os bispos para cuidar das necessidades temporais e espirituais dos santos.²⁰

O Presidente Spencer W. Kimball disse: “Há muitas irmãs que se vestem com trapos — trapos espirituais. Elas têm o direito de vestir luxuosos mantos espirituais. (...) Temos o privilégio de entrar nos lares e trocar os trapos por mantos”.²¹ O Presidente

Harold B. Lee também tinha essa visão. Ele disse: “Conseguem ver por que o Senhor encarregou (...) a Sociedade de Socorro de visitar esses lares? Porque depois do próprio Salvador, não há mais ninguém [na] Igreja que tenha um toque tão amável e uma compreensão tão plena do coração e da vida dessas pessoas”.²²

O Presidente Joseph F. Smith alertou as irmãs da Sociedade de Socorro e suas líderes, dizendo que não queria “ver o momento em que nossa Sociedade de Socorro perdesse sua própria identidade ao misturar-se com essas organizações criadas por mulheres”. Ele esperava que as irmãs “[liderassem] o mundo e, em especial, as mulheres do mundo, em tudo o que [fosse] digno de louvor, tudo que [fosse] divino, tudo que [elevasse] e [purificasse] os filhos dos homens”.²³ Seu conselho enfatizava a necessidade de eliminarmos quaisquer tradições, temas, modismos, tendências e práticas que não fossem condizentes com o propósito da Sociedade de Socorro.

As líderes que buscam revelação podem certificar-se de que cada reunião, lição, aula, atividade e tarefa da Sociedade de Socorro cumpra os propósitos para os quais ela foi organizada. A sociabilidade, a amizade e a união que desejamos serão os doces resultados advindos de servirmos com o Senhor em Seu trabalho.

Cumprir a Visão dos Profetas

O Presidente Thomas S. Monson e seus conselheiros testificaram recentemente que “o Senhor restaurou a plenitude do evangelho por intermédio do Profeta Joseph Smith e que a Sociedade de Socorro é uma parte importante dessa restauração”. Como prova de seu desejo de que a “gloriosa herança” da Sociedade de Socorro seja preservada, a Primeira Presidência recentemente publicou e distribuiu no mundo inteiro o livro *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*. Nas páginas desse livro, podemos encontrar padrões e exemplos de irmãs e irmãos que trabalham em parceria na família e na Igreja, e podemos aprender princípios sobre quem somos, em que acreditamos e o que devemos proteger. Temos sido encorajadas pela Primeira Presidência a estudar esse importante livro e “a permitir que suas verdades sempre atuais e seus exemplos inspiradores influenciem [nossa] vida”.²⁴

À medida que as irmãs alinharem sua vida com os objetivos da Sociedade de Socorro, a visão dos profetas será cumprida. O Presidente Kimball disse: “Há um grande poder nessa organização [da Sociedade de Socorro] que ainda não foi plenamente exercido para fortalecer os lares de Sião e edificar o Reino de Deus — nem será, até que tanto as irmãs quanto o sacerdócio compreendam o valor da Sociedade de Socorro”.²⁵ Ele profetizou que “grande parte do crescimento da Igreja nos últimos dias acontecerá porque muitas das boas mulheres do mundo (em que frequentemente (...) há um senso inato de espiritualidade) serão atraídas para a Igreja em grande número. Isso acontecerá na medida em que as mulheres da Igreja (...) forem vistas de modo positivo, como diferentes e distintas das mulheres do mundo”.²⁶

Sou grata pela visão dos profetas concernente à Sociedade de Socorro. Eu, assim como o Presidente Gordon B. Hincley, “estou [convencida] de que não existe nenhuma outra organização em qualquer parte que se compare à Sociedade de Socorro desta Igreja”.²⁷ É nossa responsabilidade agora alinhar-nos à visão dos profetas concernente à Sociedade de Socorro, ao buscarmos aumentar a fé, fortalecer a família e prover auxílio.

Encerro com as palavras do Presidente Lorenzo Snow: “O futuro da Sociedade [de Socorro] é pleno de promessas. À medida que a Igreja cresce, seu campo de atuação será correspondentemente ampliado, e será ainda mais capaz de fazer o bem do que foi no passado”.²⁸ Para as irmãs que ajudam no crescimento da Igreja, ele disse: “Ao compartilharem esses trabalhos, vocês sem dúvida compartilharão o triunfo da obra, exaltação e glória que o Senhor dará a Seus filhos fiéis”.²⁹ Dessa visão também presto testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Ver Julie B. Beck, “Cumprir o Propósito da Sociedade de Socorro”, *A Liahona*, novembro de 2008, p. 108.
2. Ver Julie B. Beck, discurso proferido na Conferência das Mulheres da BYU (29 de abril de

2011), http://ce.byu.edu/cw/womensconferance/archive/2011/pdf/JulieB_openingS.pdf; “O que Espero que Minhas Netas (e Netos) Compreendam sobre a Sociedade de Socorro”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 109; “Sociedade de

- Socorro — Um Trabalho Sagrado”, *A Liahona*, novembro de 2009, p. 110.
3. Ver Julie B. Beck, “Why We Are Organized into Quorums and Relief Societies” (discurso proferido em devocional da Universidade Brigham Young, 17 de janeiro de 2012), speeches.byu.edu.
 4. Esta mensagem não é um resumo completo de todas as declarações proféticas concernentes à Sociedade de Socorro. Trata-se apenas de uma amostra de sua visão e orientação. *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, as conferências gerais e outras publicações da Igreja contêm mais ensinamentos sobre esse tema.
 5. Joseph Smith, *Filhas em Meu Reino: A História e o Trabalho da Sociedade de Socorro*, 2011, p. 13.
 6. Joseph Smith, *Filhas em Meu Reino*, pp. 15–16.
 7. Brigham Young, *Filhas em Meu Reino*, p. 45.
 8. Joseph F. Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 72.
 9. Joseph Fielding Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 155.
 10. Joseph Fielding Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 105.
 11. Boyd K. Packer, *Filhas em Meu Reino*, p. 93.
 12. Ver Boyd K. Packer, “The Circle of Sisters”, *Ensign*, novembro de 1980, p. 110.
 13. Ver cartas da Primeira Presidência, 19 de março de 2003 e 23 de fevereiro de 2007.
 14. Ver *Filhas em Meu Reino*, pp. 3–7.
 15. Boyd K. Packer, *Filhas em Meu Reino*, p. 16.
 16. Joseph Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 17.
 17. Joseph Smith, *History of the Church*, volume 4, p. 602.
 18. John A. Widtsoe, *Filhas em Meu Reino*, p. 26.
 19. Boyd K. Packer, *Ensign*, novembro de 1980, p. 110.
 20. Joseph Fielding Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 155.
 21. Spencer W. Kimball, *Filhas em Meu Reino*, p. 129.
 22. Harold B. Lee, “The Place of Relief Society in the Welfare Plan”, *Relief Society Magazine*, dezembro de 1946, p. 842.
 23. Joseph F. Smith, *Filhas em Meu Reino*, p. 72.
 24. A Primeira Presidência, *Filhas em Meu Reino*, p. ix.
 25. Spencer W. Kimball, *Filhas em Meu Reino*, p. 155.
 26. Spencer W. Kimball, *Filhas em Meu Reino*, p. 104.
 27. Gordon B. Hinckley, *Filhas em Meu Reino*, p. 174.
 28. Lorenzo Snow, *Filhas em Meu Reino*, p. 19.
 29. Lorenzo Snow, *Filhas em Meu Reino*, p. 7.

A Doutrina de Cristo

Élder D. Todd Christofferson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Atualmente na Igreja, tal como no passado, o estabelecimento da doutrina de Cristo ou a correção dos desvios doutrinários é uma questão de revelação divina.

Nossa mais profunda gratidão e amor à irmã Beck, à irmã Allred, à irmã Thompson e também à junta geral da Sociedade de Socorro.

Tem havido ultimamente um crescente interesse do público pelas crenças da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Isso nos alegra porque, afinal, nosso encargo fundamental é o de ensinar o evangelho de Jesus Cristo e Sua doutrina ao mundo inteiro (ver Mateus 28:19–20; D&C 112:28). Esse é um assunto muito importante. Mas temos de admitir que ainda persiste alguma confusão em relação a nossa doutrina e ao modo como ela foi estabelecida. Esse é o assunto que quero abordar hoje.

O Salvador ensinou Sua doutrina no meridiano dos tempos e Seus apóstolos esforçaram-se arduamente para preservar a doutrina contra a ameaça das falsas tradições e filosofias. As epístolas do Novo Testamento citam vários incidentes que demonstram que uma grave e disseminada apostasia já ocorria durante o ministério dos apóstolos.¹

Os séculos que se seguiram foram iluminados por ocasionais raios de luz do evangelho, até que, no século dezanove, a brilhante alvorada da Restauração despontou no mundo, e o evangelho de Cristo, pleno e completo, estava novamente sobre a Terra. Aquele dia glorioso começou quando, num pilar de luz “mais brilhante que o sol” (Joseph Smith–História 1:16), Deus, o Pai, e Seu Filho Amado, Jesus Cristo, visitaram o jovem Joseph

Smith e deram início ao que se tornaria praticamente uma série de revelações vinculadas ao poder e à autoridade divinos.

Nessas revelações encontramos o que poderia ser chamado de a doutrina essencial da Igreja de Jesus Cristo restabelecida na Terra. O próprio Jesus definiu essa doutrina com estas palavras, registradas no Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo:

“E esta é minha doutrina e é a doutrina que o Pai me deu; e dou testemunho do Pai e o Pai dá testemunho de mim e o Espírito Santo dá testemunho do Pai e de mim; e eu dou testemunho de que o Pai ordena a todos os homens, em todos os lugares, que se arrependam e creiam em mim.

E os que creem em mim e forem batizados, esses serão salvos; e eles são os que herdarão o reino de Deus.

E os que não creem em mim e não forem batizados, serão condenados.

“(...) E todo aquele que crê em mim, crê também no Pai; e a ele o Pai dará testemunho de mim, pois visitá-lo-á com fogo e com o Espírito Santo. (...)

Em verdade, em verdade vos digo que esta é minha doutrina e os que edificam sobre isto edificam sobre minha rocha; e as portas do inferno não prevalecerão contra eles” (3 Néfi 11:32–35, 39).

Essa é a nossa mensagem, a rocha sobre a qual edificamos, o alicerce de todas as outras coisas na Igreja. Como tudo o que vem de Deus, essa doutrina é pura, clara e de fácil compreensão, mesmo para uma criança. Com o coração cheio de alegria, convidamos todos a recebê-la.

Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, “cremos em tudo o que Deus revelou, em tudo o que Ele revela agora e cremos que Ele ainda revelará muitas coisas grandiosas e importantes relativas ao Reino de Deus” (Regras de Fé 1:9). Isso quer dizer que, embora haja muitas coisas que ainda não sabemos, as verdades e a doutrina que recebemos vieram e continuarão a vir por revelação divina. Em algumas tradições religiosas, os teólogos afirmam ter tanta autoridade para ensinar quanto a hierarquia eclesiástica, e os assuntos doutrinários podem vir a tornar-se uma disputa de opiniões entre eles. Alguns

se apoiam nos conselhos ecumênicos da Idade Média e em seus credos. Outros enfatizam principalmente as argumentações de teólogos do período pós-apostólico ou as hermenêuticas e exegeses bíblicas. Nós valorizamos o estudo acadêmico que amplia a compreensão, mas atualmente na Igreja, tal como no passado, o estabelecimento da doutrina de Cristo ou a correção dos desvios doutrinários é uma questão de revelação divina concedida aos que o Senhor investiu com autoridade apostólica.²

Em 1954, o Presidente J. Reuben Clark Jr., que na época era conselheiro na Primeira Presidência, explicou a maneira pela qual a doutrina é promulgada na Igreja e o papel preeminente do presidente da Igreja. Referindo-se aos membros da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos, ele declarou: “Devemos ter em mente que algumas Autoridades Gerais foram designadas a um chamado especial. Eles possuem um dom especial. Foram apoiados profetas, videntes e reveladores, isso lhes concede uma investidura espiritual especial em relação ao que ensinam às pessoas. Eles têm o direito, o poder e a autoridade para declarar a mente e a vontade de Deus a seu povo, estando sujeitos ao poder e à autoridade supremos do presidente da Igreja. As outras Autoridades Gerais não receberam essa autoridade e investidura espiritual especial em relação a seus ensinamentos. Consequentemente, estão limitados e a resultante limitação de seu poder e de sua autoridade para ensinar se aplica a todos os outros líderes e membros da Igreja, porque nenhum deles foi espiritualmente investido como profeta, vidente e revelador. Além disso, conforme acabamos de explicar, o presidente da Igreja tem uma investidura espiritual especial a mais no tocante a isso, porque ele é o Profeta, Vidente e Revelador para toda a Igreja”.³

Como é que o Salvador revela Sua vontade e doutrina aos profetas, videntes e reveladores? Ele pode agir por intermédio de um mensageiro ou fazê-lo pessoalmente. Ele pode falar com Sua própria voz ou pela voz do Santo Espírito: uma comunicação de Espírito para espírito que pode ser expressa em palavras ou em sentimentos que transmitem uma compreensão e transcendem as palavras (ver 1 Néfi 17:45; D&C 9:8). Ele pode dirigir-Se a Seus

servos individualmente ou reunidos em conselho (ver 3 Néfi 27:1–8).

Vou citar dois exemplos do Novo Testamento. O primeiro foi uma revelação dada ao cabeça da Igreja. No começo do livro de Atos, vemos que os apóstolos de Cristo declaravam a mensagem do evangelho apenas aos judeus, seguindo o padrão do ministério de Jesus Cristo (ver Mateus 15:24). Mas no cronograma do Senhor, chegara o momento de haver uma mudança. Em Jope, Pedro teve um sonho no qual ele viu vários animais serem baixados do céu para a Terra em “um grande lençol atado pelas quatro pontas” (Atos 10:11), sendo-lhe ordenado: “mata e come” (Atos 10:13). Pedro mostrou-se relutante, porque alguns dos animais eram “imundos” pela lei de Moisés, e Pedro jamais violara o mandamento que proibia seu uso como alimento. Não obstante, a voz disse a Pedro em seu sonho: “Não faças tu comum ao que Deus purificou” (Atos 10:15).

O significado daquele sonho ficou claro quando, logo em seguida, vários homens enviados por Cornélio, um centurião romano, chegaram ao lugar em que Pedro estava hospedado, pedindo que ele fosse ensinar seu mestre. Cornélio havia reunido um grupo considerável de parentes e amigos, e ao ver que o esperavam para receber sua mensagem, Pedro disse:

“Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo (...).

(...) Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas;

Mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo” (Atos 10:28, 34–35; ver também os versículos 17–24).

“E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.

E os fiéis [que acompanhavam Pedro] maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios.

(...) Respondeu, então, Pedro:

Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?” (Atos 10:44–47).

Por intermédio desse fato e dessa revelação dada a Pedro, o Senhor modificou a prática da Igreja e revelou a Seus discípulos um entendimento doutrinário mais completo. E assim, a pregação do evangelho foi ampliada de modo a englobar toda a humanidade.

Posteriormente, no livro de Atos, encontramos outro exemplo, de certa forma correlato, mostrando, dessa vez, a maneira como a revelação referente a questões doutrinárias pode ser dada a um grupo reunido em conselho. Surgiu uma controvérsia sobre a circuncisão exigida pela lei de Moisés, se ela continuaria a ser um mandamento do evangelho e da Igreja de Cristo (ver Atos 15:1, 5). “Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto” (Atos 15:6). O registro que temos daquele conselho sem dúvida está incompleto, mas vemos que após “grande contenda” (Atos 15:7), Pedro, o Apóstolo sênior, levantou-se e declarou aquilo que o Santo Espírito lhe confirmara. Ele lembrou os membros do conselho de que, quando o evangelho começou a ser pregado aos gentios incircuncisos na casa de Cornélio, eles receberam o Espírito Santo tal como havia acontecido com os conversos que eram judeus circuncidados. Deus, disse ele, “não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé.

Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar?

Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também” (Atos 15:9–11; ver também o versículo 8).

Depois que Paulo, Barnabé e talvez outros se manifestaram a favor da declaração de Pedro, Tiago propôs que a decisão fosse implementada por carta à Igreja, e o conselho dispôs-se “concordemente” (Atos 15:25; ver também os versículos 12–23). Na carta que anunciava sua decisão, os apóstolos escreveram: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (Atos 15:28). Em outras palavras, aquela decisão veio por revelação divina por intermédio do Santo Espírito.

Esse mesmo padrão é seguido hoje na Igreja restaurada de Jesus Cristo. O presidente da Igreja pode anunciar ou interpretar

doutrinas com base em revelações recebidas por ele (ver, por exemplo, D&C 138). A exposição da doutrina também pode vir por meio do conselho conjunto da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze Apóstolos (ver, por exemplo, a Declaração Oficial 2). As deliberações do conselho, com frequência, incluem a avaliação de escrituras canônicas, os ensinamentos dos líderes da Igreja e as práticas anteriores. Mas no final, assim como na Igreja do Novo Testamento, o objetivo não é simplesmente o consenso entre os membros do conselho, mas, sim, a revelação de Deus. É um processo que envolve tanto a razão quanto a fé para se conhecer a mente e a vontade do Senhor.⁴

Ao mesmo tempo, devemos lembrar que nem toda declaração feita por um líder da Igreja, no passado ou no presente, é obrigatoriamente doutrina. É consenso na Igreja que uma declaração feita por um líder em uma única ocasião representa geralmente uma opinião pessoal, embora bem ponderada, sem a intenção de que se torne oficial ou válida para toda a Igreja. O Profeta Joseph Smith ensinou que “um profeta só [é] profeta quando [está] atuando como tal”.⁵ O já citado Presidente Clark observou:

“A esse respeito há uma história que meu pai me contou quando eu era menino — não sei se é verídica, mas ela ilustra essa questão. Ele me contou que, na comoção gerada pela chegada do exército do general [Johnston], o irmão Brigham pregou um vigoroso sermão ao povo em uma reunião matutina, desafiando o exército que se aproximava e declarando sua intenção de opor-se a eles e de rechaçá-los. Na reunião vespertina, ele se levantou e disse que Brigham Young estivera falando pela manhã, mas que o Senhor iria falar naquele momento. Proferiu então um discurso, cuja disposição era o oposto da expressa no discurso da manhã. (...)”

“(...) A Igreja saberá, pelo testemunho do Espírito Santo ao corpo de membros, se os líderes, ao expressar seu ponto de vista, estão sendo movidos pelo Espírito Santo e, no devido tempo, esse conhecimento se manifestará”.⁶

O Profeta Joseph Smith confirmou o papel central do Salvador em nossa doutrina em uma frase conclusiva: “Os princípios fundamentais de nossa religião são o testemunho dos

Apóstolos e Profetas a respeito de Jesus Cristo, que Ele morreu, foi sepultado, ressuscitou no terceiro dia e ascendeu ao céu; todas as outras coisas de nossa religião são meros apêndices disso”.⁷ O testemunho que Joseph Smith prestou de Jesus é o de que Ele vive, porque ele O viu, “sim, à direita de Deus; e [ouviu] a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai” (D&C 76:23; ver também o versículo 22). Peço a todos que ouvem ou leem esta mensagem que busquem por meio de oração e estudo das escrituras o mesmo testemunho do caráter divino, da Expição e da Ressurreição de Jesus Cristo. Aceitem essa doutrina, arrependendo-se, sendo batizados, recebendo o dom do Espírito Santo e depois seguindo por toda a vida as leis e os convênios do evangelho de Jesus Cristo.

Com a aproximação da comemoração da Páscoa, expresso meu testemunho de que Jesus de Nazaré foi e é o Filho de Deus, o próprio Messias das antigas profecias. Ele é o Cristo, sofreu no Getsêmani, morreu na cruz, foi sepultado e realmente ressuscitou no terceiro dia. Ele é o Senhor ressuscitado, por meio do Qual todos seremos ressuscitados e por Quem todos podem ser redimidos e exaltados em Seu reino celestial. Essa é a nossa doutrina, que confirma todos os testamentos anteriores de Jesus Cristo, declarada novamente para nossa própria época, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Ver Neal A. Maxwell, “From the Beginning”, *Ensign*, novembro de 1993, pp.18–19.

“Tiago condenou as ‘guerras e pelejas entre’ os membros da Igreja (Tiago 4:1). Paulo lamentou as ‘dissensões’ na Igreja e o fato de que ‘lobos cruéis’ não poupavam ‘o rebanho’ (I Coríntios 11:18; Atos 20:29–31). Ele sabia que uma apostasia era iminente e escreveu aos tessalonicenses dizendo que a segunda vinda de Jesus não ocorreria ‘sem que antes [visse] a apostasia’, advertindo ainda que ‘já (...) [a] injustiça [operava]’ (II Tessalonicenses 2:3, 7).

Próximo do fim, Paulo reconheceu a extensão do distanciamento [da verdade]: ‘Os que estão na Ásia todos se apartaram de mim’ (II Timóteo 1:15). (...)

A difusão da fornicção e da idolatria alarmaram os apóstolos (ver I Coríntios 5:9; Efésios 5:3; Judas 1:7). João e Paulo lamentaram o surgimento dos falsos apóstolos (ver II Coríntios 11:13; Apocalipse 2:2). Percebia-se claramente que a Igreja estava sitiada. Alguns não apenas caíram, mas também se opuseram abertamente. Em certa ocasião, Paulo permaneceu sozinho e

lamentou: ‘Todos me desampararam’ (II Timóteo 4:16). Ele também censurou os que ‘[transtornaram] casas inteiras’ (Tito 1:11).

Alguns líderes locais se rebelaram, como no caso em que um deles, que presava muito sua preeminência, recusou-se a receber os irmãos da Igreja (ver III João 1:9–10).

Não é de se admirar que o Presidente Brigham Young tenha comentado: ‘Diz-se que o Sacerdócio foi tirado da Igreja, mas não é bem assim; a Igreja é que se afastou do Sacerdócio’ (*Journal of Discourses*, vol. 12, p. 69)“.

Ao longo do tempo, como comentou o Élder Maxwell, “a razão, a tradição da filosofia grega, dominou, depois substituiu a confiança na revelação, um resultado provavelmente apressado por cristãos bem intencionados que desejavam fazer com que suas crenças entrassem em sintonia com a tendência da cultura contemporânea da época. (...)

Que [também nós] nos acautelemos de acomodar a teologia revelada à sabedoria convencional” (*Ensign*, novembro de 1993, pp. 19–20).

2. Os apóstolos e profetas, como Joseph Smith, declaram a palavra de Deus, mas, além disso, acreditamos que os homens e as mulheres, de modo geral, e até mesmo as crianças podem aprender por inspiração divina e ser guiados por ela, em resposta à oração e ao estudo das escrituras. Assim como nos dias dos apóstolos antigos, os membros da Igreja de Jesus Cristo recebem o dom do Espírito Santo, que facilita uma comunicação contínua com o Pai Celestial ou, em outras palavras, a revelação pessoal (ver Atos

2:37–38). Desse modo, a Igreja se torna um corpo de indivíduos comprometidos e espiritualmente maduros, cuja fé não é cega, mas visivelmente instruída e confirmada pelo Santo Espírito. Isso não quer dizer que todo membro possa falar pela Igreja ou definir suas doutrinas, mas sim, que cada um pode receber orientação divina para lidar com os desafios e as oportunidades da própria vida.

3. J. Reuben Clark Jr., “Leaders’ Words Entitled to Claim of Scripture”, *Church News*, 31 de julho de 1954, pp. 9–10; ver também Doutrina e Convênios 28:1–2, 6–7, 11–13.
4. A preparação e as qualificações exigidas para a participação nos conselhos são “retidão, (...) santidade e humildade de coração, mansidão e longanimidade; e (...) fé e virtude e conhecimento, temperança, paciência, piedade, bondade fraternal e caridade;

Porque existe a promessa de que se estas coisas sobejarem neles, não serão estéreis no conhecimento do Senhor” (Doutrina e Convênios 107:30–31).
5. Joseph Smith, *History of the Church*, vol. 5, p. 265.
6. J. Reuben Clark Jr., “Church Leaders’ Words”, p. 10. Quanto à história que seu pai contou-lhe sobre Brigham Young, o Presidente Clark escreveu mais:

“Não sei se isso alguma vez já aconteceu, mas digo que isso ilustra um princípio, que mesmo o Presidente da Igreja talvez nem sempre seja ‘movido pelo Espírito Santo’ ao falar com as pessoas. Isso aconteceu com relação a questões doutrinárias (geralmente de caráter altamente especulativo) em que Presidentes da Igreja subsequentes e as próprias pessoas sentiram que

ao declarar a doutrina, o anunciante não fora 'movido pelo Espírito'.

Como a Igreja saberá quando essas expedições audaciosas dos líderes nesses princípios e doutrinas especulativos estão de acordo com as exigências dos estatutos de que o anunciante estava 'movido pelo Espírito

Santo'? A Igreja saberá pelo testemunho do Espírito Santo sobre a assembleia de membros se os líderes, ao declararem sua visão, estão '[movid] pelo Espírito Santo'; e no devido tempo essa compreensão se manifestará" ("Church Leaders' Words", p. 10).

7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith, 2007, p. 52.*

A Corrida da Vida

Presidente Thomas S. Monson

De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde iremos quando partirmos desta vida? Essas perguntas universais não precisam mais ficar sem respostas.

Amados irmãos e irmãs, nesta sessão desejo falar-lhes sobre verdades eternas; verdades que enriquecerão nossa vida e nos levarão em segurança ao nosso lar.

Em toda parte, as pessoas estão com pressa. Aviões a jato transportam sua preciosa carga humana através de imensos continentes e vastos oceanos para que reuniões de negócios sejam realizadas, obrigações sejam cumpridas, férias sejam desfrutadas ou parentes sejam visitados. Em toda parte há rodovias — vias expressas, autopistas e autoestradas — nas quais trafegam milhões de automóveis, levando milhões de pessoas num fluxo aparentemente interminável, por uma infinidade de motivos em nossa corrida diária.

Nesse ritmo frenético da vida, será que fazemos uma pausa para alguns momentos de meditação, sim, para pensar nas verdades eternas?

Comparadas às verdades eternas, a maioria das questões e preocupações cotidianas são realmente bem triviais. O que teremos para o jantar? Qual cor devemos usar para pintar a sala? Será que devemos inscrever o Joãozinho no futebol? Essas questões e muitas outras semelhantes perdem seu significado quando surge uma crise, quando nossos entes queridos são feridos ou magoados, quando a doença acomete os saudáveis, quando a chama da vida enfraquece e a escuridão nos ameaça. Nossos pensamentos se aguçam e conseguimos facilmente

distinguir o que é realmente importante daquilo que é meramente trivial.

Conversei recentemente com uma mulher que vem lutando contra uma doença grave há dois anos. Ela disse que, antes da doença, seus dias eram cheios de atividades tais como limpar a casa com perfeição e enchê-la de móveis belos. Ia ao cabeleireiro duas vezes por semana e gastava dinheiro e tempo todo mês para adicionar novos vestidos a seu guarda-roupa. Os netos pouco eram convidados a visitá-la, porque sempre se preocupava achando que aquilo que considerava ser seus preciosos bens poderia quebrar-se ou estragar-se nas mãozinhas descuidadas deles.

Então, recebeu a chocante notícia de que sua vida corria risco e que talvez lhe restasse pouco tempo aqui. No momento em que ouviu o diagnóstico do médico, ela soube de imediato que passaria todo o tempo que lhe restasse de vida com a família e os amigos, tendo o evangelho no centro de sua vida, porque era isso que considerava mais precioso.

Esses momentos de clareza chegam na vida de todos, uma hora ou outra, embora nem sempre de modo tão drástico. Vemos com clareza o que realmente importa na vida e como deveríamos estar conduzindo nossa vida.

O Salvador disse:

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.¹

Em nossos momentos de mais profunda reflexão ou de maior necessidade, a alma do homem se volta para o céu, buscando uma resposta divina para as maiores perguntas da vida: *De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde iremos quando partirmos desta vida?*

A resposta a essas perguntas não se descobre folheando as páginas de livros acadêmicos ou pesquisando. Essas perguntas transcendem a mortalidade. Elas abrangem a eternidade.

De onde viemos? Essa é a dúvida inevitável, mesmo que não expressa, de todo ser humano que tem a consciência de ter existido antes desta vida mortal.

O Apóstolo Paulo disse aos atenienses, no Areópago, que somos “geração de Deus”.² Sabendo que nosso corpo físico foi gerado por nossos pais mortais, temos de explorar o significado da declaração de Paulo. O Senhor declarou que “o espírito e o corpo são a alma do homem”.³ Portanto, o espírito é que foi gerado por Deus. O autor de Hebreus O chama de “Pai dos espíritos”.⁴ O espírito de cada homem e de cada mulher é literalmente um filho e uma filha “gerados para Deus”.⁵

Vemos que poetas inspirados, ao refletir sobre o assunto, deixaram mensagens tocantes e registraram pensamentos transcendentais. William Wordsworth escreveu esta verdade:

*Nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento;
A alma que surge conosco, nossa Estrela da vida,
Teve outro lugar para habitar,
E veio de longe;
Não em total esquecimento
Nem em completa nudez,
Mas seguindo nuvens de glória, viemos
De Deus, que é nosso lar!
O céu nos circunda em nossa infância!*⁶

Os pais ponderam sua responsabilidade de ensinar, inspirar e orientar os filhos e ser-lhes um exemplo. Enquanto isso, os filhos, particularmente os jovens, fazem a pungente pergunta: “Por que estamos aqui?” Geralmente, ela é feita em silêncio no fundo da alma e é formulada desta maneira: “Por que *eu* estou aqui?”

Quão gratos devemos ser por sabermos que um sábio Criador criou a Terra e nos colocou aqui, esquecidos de nossa existência pré-mortal, para que passássemos por um período de provação, uma oportunidade de provar-nos, a fim de nos qualificar para tudo o que Deus preparou para nós.

Está claro que o propósito primordial de nossa existência aqui na Terra é obter um corpo de carne e ossos. Também nos foi concedida a dádiva do arbítrio. De inúmeras maneiras, temos o privilégio de escolher por nós mesmos. Estamos aqui para

aprender na árdua escola da experiência. Discernimos o bem do mal. Diferenciamos o amargo do doce. Descobrimos quais são as consequências associadas a nossas ações.

Pela obediência aos mandamentos de Deus, podemos qualificar-nos para a “casa” mencionada por Jesus, ao declarar: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. (...) Vou preparar-vos lugar (...) para que onde eu estiver estejais vós também”.⁷

Embora venhamos à imortalidade “seguindo nuvens de glória”, a vida segue, inexoravelmente, seu curso. A juventude vem após a infância e a maturidade chega quase imperceptivelmente. Adquirimos pela experiência a necessidade que temos de buscar a assistência dos céus ao seguirmos nosso caminho pela vida.

Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor, demarcaram o caminho para a perfeição. Eles nos chamam para que escolhamos as verdades eternas e nos tornemos perfeitos como Eles são perfeitos.⁸

O Apóstolo Paulo comparou a vida a uma corrida com uma meta claramente definida. Exortou os hebreus, dizendo: “Deixemos (...) o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta”.⁹

Em nosso zelo, não esqueçamos o sábio conselho de Eclesiastes: “Não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha”.¹⁰ Na verdade, o prêmio pertence à pessoa que persevera até o fim.

Ao refletir sobre a corrida da vida, lembro-me de outra corrida dos meus tempos de criança. Meus amigos e eu esculpíamos a canivete pequenos barcos de brinquedo com a madeira macia de um salgueiro. Com uma vela triangular de pano, lançávamos nossas toscas embarcações em uma corrida nas águas relativamente turbulentas do Rio Provo aqui em Utah. Corríamos ao longo da margem do rio e víamos os barquinhos sendo, às vezes, sacudidos violentamente na rápida correnteza, e às vezes, navegando serenamente quando o rio ficava mais profundo.

Numa daquelas corridas, vimos que um barco liderava os demais na direção da linha de chegada. De repente, a correnteza o arrastou para muito perto de um grande redemoinho, e o barco

adernou e emborcou. Ficou ali girando e girando, sem poder voltar à corrente principal. Por fim, foi parar no fundo do redemoinho, no meio de restos e destroços, preso pelos tentáculos ávidos do musgo verde.

Os barquinhos de brinquedo da minha infância não tinham quilha para estabilizá-los, leme para guiá-los, nem fonte de força. Seu destino inevitável era rio abaixo: a trilha com menor resistência.

Ao contrário dos barcos de brinquedo, fomos abençoados com atributos divinos para guiar nossa jornada. Não viemos à mortalidade para flutuar ao sabor das correntes da vida, mas com a capacidade de pensar, raciocinar e realizar.

Nosso Pai Celestial não nos lançou em nossa jornada eterna sem preparar meios pelos quais pudéssemos receber orientação para garantir nosso retorno seguro. Refiro-me à oração. Refiro-me também ao sussurro da voz mansa e delicada; sem esquecer as santas escrituras, que contêm a palavra do Senhor e as palavras dos profetas, dadas a nós para ajudar-nos a cruzar com sucesso a linha de chegada.

Em algum momento de nossa missão mortal, surge o passo vacilante, o sorriso abatido, as dores da doença, sim, o final do verão, a aproximação do outono, o frio do inverno e a transição que chamamos de morte.

Toda pessoa ponderada já se fez a pergunta tão bem expressa por Jó, no passado: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?”¹¹ Por mais que tentemos afastar essa pergunta do pensamento, ela sempre volta. A morte chega para todos os seres humanos. Chega para os idosos que caminham com passos vacilantes. Seu chamado é ouvido por aqueles que mal venceram a metade da jornada da vida. Às vezes, silencia o riso de criancinhas.

E quanto à vida após a morte? Seria a morte o fim de tudo? Robert Blatchford, em seu livro *God and My Neighbor* [Deus e Meu Próximo], atacou vigorosamente crenças cristãs como Deus, Cristo, oração e, em especial, a imortalidade. Ele audaciosamente afirmou que a morte era o fim de nossa existência e que ninguém era capaz de provar o contrário. Foi então que algo surpreendente aconteceu. Sua muralha de ceticismo veio abaixo, deixando-o

exposto e indefeso. Aos poucos ele começou a sentir seu retorno à fé que ridicularizara e abandonara. O que causou tamanha mudança em sua perspectiva? A morte de sua esposa. Com o coração partido ele entrou no aposento onde estava o que restara dela e olhou novamente para a face de quem ele tanto amou. Ao sair, disse a um amigo: “É ela, mas ao mesmo tempo, não é. Tudo mudou. Algo que antes havia ali foi levado. Ela não é a mesma. O que pode tê-la deixado senão sua alma?”

Mais tarde ele escreveu: “A morte não é o que alguns imaginam. É apenas como se alguém tivesse passado para outro aposento. Nesse outro aposento encontraremos (...) os amados homens e mulheres e as amáveis crianças que amávamos e perdemos”.¹²

Irmãos e irmãs, sabemos que a morte não é o fim. Essa verdade tem sido ensinada por profetas vivos em todas as épocas. Também se encontra nas sagradas escrituras. No Livro de Mórmon lemos estas palavras específicas e consoladoras:

“Ora, com relação ao estado da alma entre a morte e a ressurreição — eis que me foi dado saber por um anjo que o espírito de todos os homens, logo que deixa este corpo mortal, sim, o espírito de todos os homens, sejam eles bons ou maus, é levado de volta para aquele Deus que lhes deu vida.

E então acontecerá que o espírito daqueles que são justos será recebido num estado de felicidade, que é chamado paraíso, um estado de descanso, um estado de paz, onde descansará de todas as suas aflições e de todos os seus cuidados e tristezas”.¹³

Depois que o Salvador foi crucificado e após Seu corpo ter permanecido no sepulcro por três dias, o espírito voltou a entrar Nele. A pedra foi rolada e o Redentor ressuscitado dali saiu, revestido de um corpo imortal de carne e ossos.

A resposta à pergunta de Jó — “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” — foi dada quando Maria e outras mulheres se aproximaram do sepulcro e viram dois homens com roupas brilhantes, que lhes disseram: “Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou”.¹⁴

Graças à vitória de Cristo sobre a morte, todos seremos ressuscitados. Essa é a redenção da alma. Paulo escreveu: “E há

corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres”.¹⁵

É a glória celestial que buscamos. É na presença de Deus que desejamos habitar. É de uma família eterna que queremos ser membros. Essas bênçãos são alcançadas por meio de uma vida de esforço, de busca, de arrependimento e de sucesso final.

De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde iremos quando partirmos desta vida? Essas perguntas universais não precisam mais ficar sem respostas. Do mais profundo de minha alma e com toda a humildade, testifico que estas coisas de que falei são verdadeiras.

Nosso Pai Celestial Se alegra com aqueles que guardam Seus mandamentos. Também Se preocupa com o filho perdido, o adolescente indolente, o jovem rebelde, o pai ou a mãe delinquente. Na verdade, o Mestre lhes fala, com ternura, dizendo a todos: “Voltem. Subam. Entrem. Voltem para casa. Voltem para mim”.

Dentro de uma semana celebraremos a Páscoa. Nossos pensamentos se voltarão para a vida do Salvador, para Sua morte e Sua Ressurreição. Como Sua testemunha especial, testifico que Ele vive e que aguarda nosso retorno triunfante. Que possamos retornar, é minha humilde oração em Seu santo nome, sim, Jesus Cristo, nosso Salvador e nosso Redentor. Amém.

Notas

- | | |
|--|---|
| 1. Mateus 6:19–21. | 8. Ver Mateus 5:48; 3 Néfi 12:48. |
| 2. Atos 17:29. | 9. Hebreus 12:1. |
| 3. Doutrina e Convênios 88:15. | 10. Eclesiastes 9:11. |
| 4. Hebreus 12:9. | 11. Jó 14:14. |
| 5. Doutrina e Convênios 76:24. | 12. Ver Robert Blatchford, <i>More Things in Heaven and Earth: Adventures in Quest of a Soul</i> , 1925, p. 11. |
| 6. William Wordsworth, “ <i>Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood</i> ”, 1884, pp.23–24. | 13. Alma 40:11–12. |
| 7. João 14:2–3. | 14. Lucas 24:5–6. |
| | 15. I Coríntios 15:40. |

O Poder da Libertação

Élder L. Tom Perry

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Podemos ser libertados dos caminhos do mal e da iniquidade, voltando-nos para os ensinamentos das sagradas escrituras.

Tenho um grande amigo que me envia uma gravata nova para usar na sessão em que vou falar em cada conferência geral. Ele tem bom gosto, vocês não acham?

Meu jovem amigo tem alguns desafios difíceis que o limitam em alguns aspectos, mas de outras maneiras, ele é extraordinário. Por exemplo, seu destemor como missionário se compara ao dos filhos de Mosias. A simplicidade de sua crença faz com que suas convicções sejam incrivelmente firmes e sólidas. Creio que na mente do Scott é inimaginável que alguém não seja membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e que nem todos tenham lido o Livro de Mórmon e tenham um testemunho de sua veracidade.

Quero contar-lhes algo que aconteceu com o Scott quando ele estava fazendo sozinho seu primeiro voo de avião para visitar o irmão. Um vizinho que estava sentado perto dele ouviu a conversa do Scott com a pessoa ao lado dele:

“Olá, meu nome é Scott. Qual é o seu nome?”

A pessoa a seu lado lhe disse o nome.

“O que você faz?”

“Sou engenheiro.”

“Que bom. Onde você mora?”

“Em Las Vegas.”

“Temos um templo lá. Sabe onde fica o templo mórmon?”

“Sei. É um belo edifício.”

“Você é mórmon?”

“Não.”

“Ora, devia ser. É uma ótima religião. Você já leu o Livro de Mórmon?”

“Não.”

“Bem, devia ler. É um livro excelente.”

Concordo plenamente com o Scott, o Livro de Mórmon é um livro excelente. As palavras do Profeta Joseph Smith citadas na página introdutória do Livro de Mórmon sempre me tocaram: “Eu disse aos irmãos que o Livro de Mórmon era o mais correto de todos os livros da Terra e a pedra fundamental de nossa religião; e que seguindo seus preceitos o homem se aproximaria mais de Deus do que seguindo os de qualquer outro livro”.

Este ano, em nossas classes da Escola Dominical, estamos estudando o Livro de Mórmon. À medida que nos prepararmos e participarmos das aulas, talvez sejamos motivados a seguir o corajoso exemplo do Scott e compartilhar nosso apreço por esse livro especial de escrituras com pessoas que não sejam membros da Igreja.

Um tema dominante do Livro de Mórmon foi expresso no versículo final do primeiro capítulo de 1 Néfi. Néfi escreveu: “E eis, porém, que eu, Néfi, vos mostrarei que as ternas misericórdias do Senhor estão sobre todos aqueles que ele escolheu por causa de sua fé, para torná-los fortes com o poder de libertação” (1 Néfi 1:20).

Gostaria de falar sobre como o Livro de Mórmon, que é uma terna misericórdia do Senhor preservada para estes últimos dias, liberta-nos, ensinando-nos de modo puro e “mais correto” a doutrina de Cristo.

Muitas histórias do Livro de Mórmon falam de libertação. A partida de Leí para o deserto com sua família fala de como eles foram salvos da destruição de Jerusalém. A história dos Jareditas é uma história de libertação, tal como a história dos mulequitas. Alma, o filho, foi libertado do pecado. Os jovens guerreiros de Helamã foram preservados na batalha. Néfi e Leí foram libertados da prisão. O tema da libertação é bem evidente em todo o Livro de Mórmon.

Há duas histórias do Livro de Mórmon que são muito semelhantes e ensinam uma importante lição. A primeira está no livro de Mosias, começando pelo capítulo dezenove. Lemos ali a respeito do rei Lími, que morava na terra de Néfi. Os lamanitas travaram guerra contra o povo de Lími. O desfecho da guerra foi que os lamanitas permitiram ao rei Lími que governasse seu povo, mas eles seriam escravos deles. Foi um período de paz muito tenso (ver Mosias 19–20).

Quando o povo de Lími se fartou dos maus-tratos impostos pelos lamanitas, convenceram o rei a guerrear contra eles. Por três vezes o povo de Lími foi derrotado. Pesados fardos lhes foram impostos. Por fim, eles se humilharam e clamaram vigorosamente ao Senhor, pedindo que os libertasse (ver Mosias 21:1–14). No versículo 15 do capítulo 21 lemos a resposta do Senhor: “E o Senhor mostrava-se vagaroso em ouvir-lhes as lamentações, por causa de suas iniquidades; não obstante, o Senhor ouviu-lhes os lamentos e começou a abrandar o coração dos lamanitas, de modo que principiaram a aliviar-lhes a carga; contudo o Senhor não julgou oportuno livrá-los do cativeiro”.

Logo em seguida, chegou Amon com um pequeno grupo de homens de Zараenla, e com a ajuda de Gideão, um dos líderes do povo de Lími, elaboraram um plano que foi bem-sucedido e fugiram dos maus-tratos impostos pelos lamanitas. O Senhor foi vagaroso em ouvir o clamor deles. Por quê? Por causa de suas iniquidades.

A segunda história é semelhante em muitos aspectos, mas também diferente. O relato se encontra em Mosias 24.

Alma e seu povo tinham-se estabelecido na terra de Helã, quando um exército dos lamanitas chegou às fronteiras daquela terra. Eles se reuniram e elaboraram uma solução pacífica (ver Mosias 23:25–29). Logo, os líderes dos lamanitas começaram a impor sua vontade sobre o povo de Alma e a colocar pesados fardos sobre eles (ver Mosias 24:8). No versículo 13, lemos: “E aconteceu que a voz do Senhor lhes falou em suas aflições, dizendo: Levantai a cabeça e tende bom ânimo, porque sei do convênio que fizestes comigo; e farei um convênio com o meu povo e libertá-lo-ei do cativeiro”.

O povo de Alma foi libertado das mãos dos lamanitas e trilhou em segurança o caminho de volta para junto do povo de Zaraenla.

Qual era a diferença entre o povo de Alma e o povo do rei Lími? Obviamente, havia várias diferenças: o povo de Alma era pacífico e mais justo; eles já tinham sido batizados e feito um convênio com o Senhor; eles se humilharam perante o Senhor, mesmo antes de suas tribulações começarem. Todas essas diferenças fizeram com que fosse adequado e justo que o Senhor os livrasse rapidamente, de maneira milagrosa, da mão dos que os mantinham em cativeiro. Essas escrituras nos ensinam sobre o poder de libertação que o Senhor possui.

As profecias que predizem a vida e a missão de Jesus Cristo prometem-nos a libertação que Ele proverá. Sua Expição e Ressurreição proporcionam a todos nós um escape da morte física e, se nos arrependermos, um escape da morte espiritual, trazendo consigo as bênçãos da vida eterna. As promessas da Expição e da Ressurreição, as promessas de livramento da morte física e espiritual, foram declaradas por Deus a Moisés quando Ele disse: “Pois eis que esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem” (Moisés 1:39).

Em contraste com as crenças lindamente descritas para nós nas sagradas escrituras, encontramos as forças de oposição do secularismo que se empenham em questionar as crenças de longa data nos escritos sagrados — escritos esses que nos orientaram ao longo de muitos séculos na definição dos padrões e valores eternos para nossa conduta na vida. Declaram que os ensinamentos da Bíblia são falsos e que os ensinamentos do Mestre estão ultrapassados. Erguem a voz dizendo que todos devem ter a liberdade de definir seus próprios padrões; procuram alterar os direitos daqueles que creem, contrariando o que é ensinado nas escrituras e nas palavras dos profetas.

Que bênção é ter o relato da missão de nosso Senhor e Salvador, registrado no Livro de Mórmon, para acrescentar uma segunda testemunha à doutrina declarada na Bíblia. Por que é importante que o mundo tenha tanto a Bíblia quanto o Livro de Mórmon? Creio que a resposta se encontra no capítulo treze de 1 Néfi. Néfi escreveu: “E falou-me o anjo, dizendo: Estes últimos

registros que viste entre os gentios [O Livro de Mórmon] confirmarão a verdade dos primeiros [a Bíblia], que são dos doze apóstolos do Cordeiro, e divulgarão as coisas claras e preciosas que deles foram suprimidas; e mostrarão a todas as tribos, línguas e povos que o Cordeiro de Deus é o Filho do Pai Eterno e o Salvador do mundo; e que todos os homens devem vir a ele, pois do contrário não poderão ser salvos” (1 Néfi 13:40).

Nem a Bíblia nem o Livro de Mórmon são suficientes por si mesmos e isoladamente. Ambos são necessários para que ensinemos e aprendamos a doutrina plena e completa de Cristo. A necessidade do outro não diminui a importância de nenhum dos livros. Tanto a Bíblia quanto o Livro de Mórmon são necessários para nossa salvação e exaltação. Como o Presidente Ezra Taft Benson ensinou de modo tão vigoroso: “Quando usados em conjunto, a Bíblia e o Livro de Mórmon confundem as doutrinas falsas” (“A New Witness for Christ”, *Ensign*, novembro de 1984, p. 8).

Quero encerrar citando duas histórias, uma do Velho Testamento e outra do Livro de Mórmon, para mostrar como os livros funcionam harmoniosamente juntos.

A história de Abraão começa com sua libertação dos caldeus idólatras (ver Gênesis 11:27–31; Abraão 2:1–4). Ele e a esposa, Sara, foram posteriormente libertados de sua tristeza, sendo-lhes prometido que, por meio de sua posteridade, todas as nações da Terra seriam abençoadas (ver Gênesis 18:18).

O Velho Testamento contém o relato de quando Abraão levou consigo Ló, seu sobrinho, e saiu com ele do Egito. Sendo-lhe oferecido o direito de escolher a terra, Ló escolheu a campina do Jordão e armou sua tenda de frente para Sodoma, uma cidade de grande iniquidade (ver Gênesis 13:1–12). A maioria dos problemas que Ló enfrentaria mais tarde na vida — e houve vários — teve início em sua decisão de posicionar a porta de sua tenda de frente para Sodoma.

Abraão, o pai dos fiéis, teve uma vida diferente. Com certeza, houve muitas dificuldades, mas sua vida foi abençoada. Não sei para que lado se voltava a porta da tenda de Abraão, mas há um forte indício no último versículo do capítulo treze de Gênesis, onde lemos: “E Abrão [ou Abraão] mudou as suas tendas, e foi, e

habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e edificou ali um altar ao Senhor” (Gênesis 13:18).

Embora eu não saiba a resposta, pessoalmente acredito que a porta da tenda de Abraão se voltava para o altar que ele construiu para o Senhor. Como cheguei a essa conclusão? É porque conheço a história do Livro de Mórmon sobre as instruções do rei Benjamim para o seu povo quando eles se reuniram para ouvir seu discurso final. O rei Benjamim os instruiu a posicionar a porta de suas tendas de frente para o templo (ver Mosias 2:1–6).

Podemos ser libertados dos caminhos do mal e da iniquidade, voltando-nos para os ensinamentos das sagradas escrituras. O Salvador é o Grande Libertador, pois Ele nos livra da morte e do pecado (ver Romanos 11:26; 2 Néfi 9:12).

Declaro que Jesus é o Cristo, e que podemos chegar-nos a Ele lendo o Livro de Mórmon. O Livro de Mórmon é outro testamento de Jesus Cristo. Os primeiros testamentos de nosso Salvador são o Velho e o Novo Testamentos, ou seja, a Bíblia.

Novamente, vamos lembrar como o meu amigo Scott descreveu o Livro de Mórmon: “É um livro excelente”. Testifico a vocês que grande parte da excelência do Livro de Mórmon advém da harmonia que ele tem com a Bíblia Sagrada, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Para Encontrar a Que Se Perdeu

Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

À medida que vocês e sua família procurarem viver o evangelho e a doutrina de Cristo, o Espírito Santo vai guiá-los.

Irmãos e irmãs, de acordo com as escrituras, a Liahona era “uma esfera esmeradamente trabalhada” que possuía dois ponteiros, um dos quais indicava o caminho que a família do patriarca Leí deveria seguir no deserto (1 Néfi 16:10).

Acho que sei por que Leí ficou tão admirado quando a viu pela primeira vez, porque lembro minha reação quando vi pela primeira vez um dispositivo GPS. Na minha mente, tratava-se de um dispositivo moderno “esmeradamente trabalhado”. De um modo que nem consigo imaginar, este pequeno dispositivo, bem aqui no meu celular, pode localizar exatamente onde eu me encontro e indicar precisamente como chegar aonde quero ir.

Tanto para minha mulher, Barbara, quanto para mim, o GPS é uma bênção. Para a Barbara, isso significa que ela não precisa me mandar parar e pedir orientações; e para mim, significa que posso ter razão ao dizer: “Não preciso perguntar a ninguém. Sei exatamente para onde estou indo”.

Ora, irmãos e irmãs, temos a nossa disposição uma ferramenta ainda mais extraordinária do que o melhor GPS. Todos perdem o rumo em algum momento, em relação a algumas coisas. É por meio dos sussurros do Espírito Santo que podemos ser conduzidos de volta em segurança para o caminho certo; e é o sacrifício expiatório do Salvador que pode nos levar de volta para casa.

Tanto indivíduos quanto sociedades inteiras podem-se perder. Vivemos hoje numa época em que grande parte do mundo perdeu o rumo, particularmente em relação aos valores e às prioridades no lar.

Há cem anos, o Presidente Joseph F. Smith vinculou a felicidade diretamente à família e nos admoestou a concentrar nossos esforços no lar. Ele disse: “Não pode haver felicidade genuína longe e distante do lar. (...) Não existe felicidade sem serviço, e não há serviço maior do que aquele que converte o lar em uma instituição divina e que promove e preserva a vida em família. (...) [O lar é que precisa ser melhorado]” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith, 1998, p. 382*).

É o nosso lar e a nossa família que precisam ser melhorados neste mundo cada vez mais materialista e secular. Um exemplo espantoso é o crescente descaso em relação ao casamento aqui nos Estados Unidos. No começo deste ano, o jornal *New York Times* relatou que “a porcentagem de crianças nascidas de mulheres solteiras ultrapassou um limiar: mais da metade dos filhos de mulheres norte-americanas com menos de 30 anos nascem fora do casamento” (Jason DeParle e Sabrina Tavernise, “Unwanted Mothers Now a Majority Before Age 30”, *New York Times*, 18 de fevereiro de 2012, A1).

Também sabemos que entre aqueles que se casam, nos Estados Unidos, quase metade dos casais se divorciam. Até aqueles que permanecem casados frequentemente perdem o rumo deixando que outras coisas interfiram em seu relacionamento familiar.

Igualmente preocupante é o sempre crescente vão que separa ricos de pobres e que se interpõe entre aqueles que se esforçam para preservar os valores e os compromissos familiares e aqueles que desistiram de fazê-lo. Estatisticamente, os que têm menos instrução formal, e conseqüentemente menor renda, têm menor probabilidade de se casar e de ir à Igreja, sendo bem mais provável que se envolvam em crimes e tenham filhos fora dos laços do matrimônio. E essas tendências também são preocupantes em várias outras partes do mundo (ver W. Bradford Wilcox et al., “No Money, No Honey, No Church: The Deinstitutionalization of Religious Life among the White

Working Class”, disponível em www.virginia.edu/marriageproject/pdfs/Religion WorkingPaper.pdf).

Ao contrário do que muitos pensavam, a prosperidade e a instrução parecem estar ligadas a uma maior probabilidade de se ter uma família e valores tradicionais.

A dúvida real, é claro, está na *causa* e no *efeito*. Será que alguns setores de nossa sociedade têm valores e famílias mais fortes *porque* são mais instruídos e prósperos, ou será que eles são mais instruídos e prósperos *porque* têm valores e famílias fortes? Nesta Igreja mundial, sabemos que a última afirmação é a verdadeira. Quando as pessoas assumem compromissos familiares e religiosos em relação aos princípios do evangelho, elas começam a progredir espiritualmente e, com frequência, materialmente também.

E a sociedade, de modo geral, é fortalecida quando as famílias se tornam mais fortes. O comprometimento com a família e com os valores são a *causa* básica. Quase tudo o mais é *efeito*. Quando os casais se casam e assumem compromissos um com o outro, sua chance de bem-estar econômico aumenta muito. Quando os filhos nascem dentro dos laços do casamento, tendo tanto uma mãe quanto um pai, suas oportunidades e probabilidade de ter sucesso profissional crescem vertiginosamente. E quando as famílias trabalham e brincam juntas, as vizinhanças e as comunidades florescem, a economia melhora, e menos “redes de segurança” governamentais dispendiosas se fazem necessárias.

Portanto, a má notícia é que a dissolução da família está causando uma série de males sociais e econômicos. Mas a boa notícia é que, tal como qualquer causa e efeito, esses males podem ser revertidos se houver uma mudança naquilo que os está causando. As desigualdades são resolvidas pela aplicação prática de princípios e valores corretos. Irmãos e irmãs, a *causa* mais importante de nossa vida mortal é a nossa família. Se nos dedicarmos a essa causa, melhoraremos todos os outros aspectos da nossa vida e nos tornaremos, como povo e como Igreja, um exemplo e um farol para todas as pessoas da Terra.

Mas isso não é fácil num mundo em que o coração das pessoas se volta para muitas direções e o planeta inteiro parece

estar constantemente se movendo e mudando, numa velocidade jamais imaginada. Nada permanece igual por muito tempo. Os estilos, as tendências, a moda, o conceito do que é politicamente correto e até a noção de certo e errado mudam e variam. Como predisse o profeta Isaías, o errado é retratado como certo, e o certo, como errado (ver Isaías 5:20).

A divisão espiritual fica ainda maior à medida que o mal se torna cada vez mais enganador e sutil, atraindo para si as pessoas como um ímã maligno — da mesma forma que o evangelho da verdade e luz atrai os sinceros de coração e as pessoas honradas da Terra que procuram as coisas moralmente corretas e boas.

Podemos ser relativamente poucos em número, mas como membros desta Igreja, podemos reduzir esse vão que separa as pessoas. Conhecemos o poder do serviço centralizado em Cristo que une os filhos de Deus, independentemente de sua condição espiritual ou econômica. Há um ano, a Primeira Presidência nos convidou a participar de um dia de serviço para comemorar os 75 anos do Programa de Bem-Estar, que ajuda as pessoas a se tornarem mais autossuficientes. Milhões de horas foram doadas por nossos membros no mundo inteiro.

A Igreja é um porto seguro neste mar tempestuoso, uma âncora nas águas turbulentas da mudança e da divisão, e um farol para aqueles que valorizam e buscam a retidão. O Senhor usa esta Igreja como ferramenta para atrair Seus filhos, no mundo inteiro, para a proteção de Seu evangelho.

O Espírito de Elias, que não tem fronteiras, também é um grande poder nos desígnios do Senhor para o destino eterno de Seus filhos. Citando as palavras de Malaquias, o Espírito Santo “[converte] o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais” (Malaquias 4:6).

A Igreja é um exemplo na conversão de corações e um catalisador para o bem no mundo. Entre os membros da Igreja que se casam no templo e que frequentam regularmente as reuniões dominicais, o índice de divórcio é significativamente menor do que o do mundo, e as famílias permanecem mais próximas e têm comunicação mais frequente. A saúde em nossas famílias é melhor, e vivemos vários anos a mais do que a média da população. Contribuímos, por pessoa, com mais recursos

financeiros e serviço aos necessitados, e temos maior probabilidade de buscar instrução superior. Saliento essas coisas não para nos vangloriar, mas para testificar que a vida é melhor (e muito mais feliz) quando o coração se volta para a família e quando as famílias vivem na luz do evangelho de Cristo.

Portanto, o que podemos fazer para não nos perder? Em primeiro lugar, sugiro que estabeleçamos *prioridades*. Que tudo o que fizerem fora do lar esteja sujeito ao que acontece no lar e em harmonia com ele. Lembrem-se do conselho do Presidente Harold B. Lee de que “o trabalho mais importante (...) será aquele que realizaremos entre as paredes do nosso próprio lar” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee*, 2000, p. 134) e do sempre atual conselho do Presidente David O. McKay de que “nenhum sucesso compensa o fracasso no lar” (citado em J. E. McCulloch, *Home: The Savior of Civilization*, 1924, p. 42; *Conference Report*, abril de 1935, p. 116).

Organizem sua vida pessoal de modo a reservar tempo para a oração, as escrituras e as atividades familiares. Deem a seus filhos responsabilidades no lar que os ensinem a trabalhar. Ensinem a eles que a aplicação prática do evangelho vai afastá-los da imundície, da promiscuidade e da violência da Internet, da mídia e dos videogames. Eles não se perderão e estarão preparados para lidar com as responsabilidades, quando estas lhes forem impostas.

Em segundo lugar, precisamos fazer as coisas na *ordem correta!* O casamento em primeiro lugar e depois a família. Grande parte do mundo se esqueceu dessa ordem natural das coisas, achando que elas podem mudar ou até ser invertidas. Eliminem todos os seus temores, com fé. Confiem no poder de Deus para guiá-los.

Para vocês que ainda não se casaram, prestem muita atenção ao escolherem seu companheiro ou sua companheira eterna. Rapazes, lembrem-se de outra coisa que o Presidente Joseph F. Smith disse: “Permanecer solteiro (...) [é algo] que à mente superficial [aparenta] ser [desejável] porque [carrega] consigo um mínimo de responsabilidades. A verdadeira culpa está nos rapazes. A falta de restrições da juventude os afasta da senda do dever e da responsabilidade. (...) Suas irmãs são as vítimas (...)”

elas se casariam se pudessem, e aceitariam com alegria as responsabilidades da vida familiar” (*Doutrina do Evangelho*, 1975, pp. 255–256). Tradução atualizada.

E para as moças, eu acrescentaria que vocês também não devem perder a visão dessa responsabilidade. Nenhuma carreira pode dar-lhes maior sentimento de realização do que a criação de uma família. Quando tiverem a minha idade, reconhecerão isso ainda mais.

Em terceiro lugar, maridos e mulheres, vocês devem ser *parceiros iguais* em seu casamento. Leiam sempre e procurem compreender a proclamação sobre a família e segui-la. Abstenham-se de todo tipo de injusto domínio. Ninguém é dono do cônjuge ou dos filhos. Deus é o Pai de todos nós e deu-nos o privilégio de ter nossa própria família, que anteriormente era apenas Dele, para ajudar-nos a tornar-nos semelhantes a Ele. Como Seus filhos, devemos aprender no lar a amar a Deus e a saber que podemos pedir Sua ajuda quando precisarmos. Todos, casados ou solteiros, podem ser felizes e atenciosos, em qualquer família que tiverem.

E por fim, usem os *recursos familiares* da Igreja. Ao criar os filhos, a família pode contar com a ajuda da ala. Apoie e trabalhem em conjunto com os líderes do sacerdócio e das auxiliares e aproveitem as vantagens dos programas voltados para os jovens e para as famílias da Igreja. Lembrem-se de outra frase inspirada do Presidente Lee: a Igreja é o andaime com o qual edificamos uma família eterna (ver *Ensinaamentos de Harold B. Lee*, 2000, p. 148).

Se por qualquer motivo vocês, individualmente ou como família, perderam o rumo, então somente precisam aplicar os ensinamentos do Salvador encontrados no capítulo quinze de Lucas para corrigir sua rota. Nesse capítulo o Salvador narra o esforço de um pastor para procurar sua ovelha desgarrada, o empenho de uma mulher que procurava uma moeda perdida e a calorosa recepção do filho pródigo que retorna ao lar. Por que Jesus ensinou essas parábolas? Ele queria que soubéssemos que nenhum de nós ficará tão perdido a ponto de não poder encontrar o caminho de volta por meio de Sua Expição e de Seus ensinamentos.

À medida que vocês e sua família procurarem viver o evangelho e a doutrina de Cristo, o Espírito Santo vai guiá-los. Vocês têm um GPS espiritual que sempre lhes dirá onde estão e para onde estão indo. Presto testemunho de que o Redentor ressuscitado da humanidade ama todos nós e de que Ele prometeu que, se O seguirmos, Ele nos conduzirá em segurança de volta à presença de nosso Pai Celestial. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém.

Ter a Visão de Fazer

Élder O. Vincent Haleck

Dos Setenta

Se quisermos prosperar e não perecer, devemos ter uma visão de nós mesmos como o Salvador nos vê.

Como todos os bons pais, os meus também desejavam um futuro brilhante para seus filhos. Meu pai não era membro da Igreja, e devido a circunstâncias incomuns que existiam naquela época, meus pais determinaram que meus irmãos, minhas irmãs e eu deveríamos deixar a nossa casa na ilha, na Samoa Americana, no Pacífico Sul, e viajar para os Estados Unidos, a fim de irmos à escola.

A decisão de se separarem de nós foi difícil para meus pais, especialmente para minha mãe. Eles sabiam que haveria desafios imprevisíveis ao sermos colocados em um ambiente desconhecido. No entanto, com fé e determinação, seguiram em frente com seu plano.

Por ter sido criada na Igreja, minha mãe estava acostumada com os princípios do jejum e da oração, e meus pais sentiram que precisavam das bênçãos do céu para ajudar os filhos. Nesse espírito, começaram a reservar um dia por semana para jejuar e orar por nós. Sua visão era a de preparar os filhos para um futuro brilhante. Agiram de acordo com aquela visão, exercendo fé e buscando as bênçãos do Senhor. Por meio do jejum e da oração, receberam a certeza, o consolo e a paz de que tudo ficaria bem.

Como é que nós, em meio aos desafios da vida, adquirimos a visão necessária para fazer as coisas que nos levarão para mais perto do Salvador? Falando de visão, o livro de Provérbios ensina esta verdade: “Não havendo profecia, o povo perece” (Provérbios 29:18). Se quisermos prosperar e não perecer, devemos ter uma visão de nós mesmos como o Salvador nos vê.

O Salvador viu mais nos pescadores humildes, que Ele chamou para segui-Lo, do que eles viam em si mesmos. Ele teve uma visão do que eles poderiam se tornar. Conhecia a bondade e o potencial deles, e agiu de acordo com essa visão ao chamá-los. Eles não tinham experiência, no início, mas à medida que O seguiam, viram Seu exemplo, aprenderam Seus ensinamentos e se tornaram Seus discípulos. Houve um momento em que alguns de Seus discípulos deixaram de segui-Lo, porque as coisas que ouviram lhes foram difíceis de entender. Sabendo que outros poderiam também fazer o mesmo, Jesus perguntou aos Doze: “Quereis vós também retirar-vos?” (João 6:67). A resposta de Pedro mostrou como ele tinha mudado e adquirido a visão de quem era o Salvador. “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna?” (João 6:68), respondeu ele.

Com essa visão, aqueles discípulos fiéis e dedicados foram capazes de fazer coisas difíceis ao viajar para pregar o evangelho e estabelecer a Igreja depois que o Salvador partiu. Por fim, alguns deles sacrificaram a vida por seus testemunhos.

Há outros exemplos, nas escrituras, de pessoas que captaram a visão do evangelho e, em seguida, agiram de acordo com essa visão. O profeta Alma adquiriu sua visão quando ouviu Abinádi ensinar e testemunhar corajosamente perante o rei Noé. Alma agiu de acordo com os ensinamentos de Abinádi e começou a ensinar as coisas que havia aprendido, batizando muitos que acreditaram em suas palavras (ver Mosias 17:1–4; 18:1–16). Enquanto perseguia os primeiros santos, o Apóstolo Paulo foi convertido na estrada para Damasco e, em seguida, agiu de acordo com essa visão ao ensinar e prestar testemunho de Cristo (ver Atos 9:1–6, 20–22, 29).

Em nossos dias, há muitos rapazes, muitas moças e muitos casais idosos que atenderam ao chamado de um profeta de Deus para servir missão. Com fé e coragem, deixaram sua casa e tudo o que lhes era familiar devido a sua fé no grande bem que poderiam fazer como missionários. Ao agir de acordo com sua visão para servir, abençoam a vida de muitos e, nesse processo, mudam a própria vida. Na última conferência geral, o Presidente Thomas S. Monson nos agradeceu pelo serviço que prestamos uns aos outros e nos lembrou da nossa responsabilidade de ser as

mãos de Deus para abençoar Seus filhos aqui na Terra (ver “Até Voltarmos a Nos Encontrar”, *A Liahona*, novembro 2011, p. 108). O cumprimento desse encargo foi emocionante, ao vermos os membros da Igreja agirem de acordo com essa sua visão.

Antes de o Salvador partir, compreendendo que precisaríamos de ajuda, Ele disse: “Não vos deixarei órfãos” (João 14:18). Ele ensinou a Seus discípulos: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (João 14:26). Esse é o mesmo Espírito Santo que pode capacitar-nos e motivar-nos a fazer as coisas que o Salvador e nossos profetas e apóstolos modernos ensinam.

Ao colocar em ação os ensinamentos de nossos líderes, ganhamos uma compreensão mais profunda da visão que nosso Salvador tem de nós. Nesta conferência, recebemos conselhos inspirados dos profetas e apóstolos. Estudem seus ensinamentos e ponderem-nos em seu coração, buscando o Espírito Santo para ajudá-los a adquirir uma visão desses ensinamentos em sua vida. Com essa visão, exerçam sua fé e ajam de acordo com seus conselhos.

Examinem e estudem as escrituras para receber mais luz e conhecimento da mensagem deles para vocês. Ponderem-nas em seu coração e permitam que elas os inspirem. Em seguida, ajam de acordo com sua inspiração.

Como aprendemos em nossa família, agimos quando jejuamos e oramos. Alma falou do jejum e da oração como uma maneira de receber a confirmação da verdade, quando disse: “Eis que jejei e orei durante muitos dias, a fim de saber estas coisas por mim mesmo” (Alma 5:46). Nós também podemos aprender a lidar com os desafios da vida por meio do jejum e da oração.

Passamos por coisas difíceis em nossa vida e isso, às vezes, diminui nossa visão e fé para fazer as coisas que devemos fazer. Ficamos tão ocupados que muitas vezes nos sentimos sobrecarregados e incapazes de fazer mais nada. Embora cada um seja diferente, sugiro humildemente que concentremos nossa visão no Salvador e em Seus ensinamentos. O que Ele viu em Pedro, Tiago, João e nos outros apóstolos que O levou a agir, convidando-os a segui-Lo? Assim como o Salvador tinha uma

visão deles, Ele tem uma grandiosa visão do que podemos nos tornar. Precisaremos da mesma fé e coragem que os primeiros apóstolos tiveram, para que possamos redirecionar a atenção às coisas que mais importam, a fim de alcançarmos felicidade duradoura e grande alegria.

Quando estudamos a vida de nosso Salvador e Seus ensinamentos, nós O vemos em meio às pessoas ensinando, orando, inspirando e curando. Quando O imitamos e fazemos as coisas que O vimos fazer, começamos a ter a visão de quem podemos nos tornar. Seremos abençoados com visão por meio da ajuda do Espírito Santo para fazer mais coisas boas. Começarão a ocorrer mudanças, trazendo uma ordem diferente para nossa vida, e isso vai abençoar a nós e a nossa família. Durante Seu ministério entre os nefitas, o Salvador perguntou: “Que tipo de homens deveis ser?” Ele respondeu: “Deveis ser como eu sou” (3 Néfi 27:27). Precisamos de Sua ajuda para nos tornarmos como Ele é, e Ele nos mostrou o caminho: “Portanto, pedi e receberéis; batei e ser-vos-á aberto; porque aquele que pede, recebe; e ao que bate, ser-lhe-á aberto” (3 Néfi 27:29).

Sei que, à medida que adquirirmos uma visão de nós mesmos como o Salvador nos vê, e ao agirmos de acordo com essa visão, nossa vida será abençoada de maneira inesperada. Graças à visão de meus pais, não só minha vida foi abençoada com experiências educacionais, mas fui colocado em circunstâncias que me permitiram encontrar e aceitar o evangelho. E o mais importante é que aprendi a importância de ter pais bons e fiéis. Em termos simples, minha vida mudou para sempre.

Assim como uma visão levou meus pais a jejuar e orar pelo bem-estar de seus filhos, e assim como a visão dos primeiros apóstolos os levou a seguir o Salvador, essa mesma visão está a nosso alcance para inspirar-nos e ajudar-nos a agir. Irmãos e irmãs, somos um povo com uma história de visão, fé e coragem para fazer. Vejam aonde chegamos e as bênçãos que recebemos! Creiam que Ele pode abençoar-nos com visão em nossa vida e com coragem para agir.

Presto-lhes meu testemunho do Salvador e de Seu desejo de que voltemos à presença Dele. Para isso, devemos ter fé para agir

— para segui-Lo e para ser como Ele é. Em vários momentos de nossa vida, Ele estende a mão e nos convida:

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11:29–30).

Assim como o Salvador viu um grande potencial em Seus primeiros discípulos, Ele também vê o mesmo em nós. Que possamos ver-nos como o Salvador nos vê. Oro para que tenhamos essa visão, com a fé e a coragem de fazer, em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Não Ser de Acordo com os Princípios da Retidão

Élder Larry Y. Wilson

Dos Setenta

Os pais sábios preparam os filhos para que eles saibam se virar sem eles. Proporcionam oportunidades de crescimento, à medida que os filhos adquirem maturidade espiritual para exercer devidamente seu arbítrio.

Um mês e pouco depois de nos casarmos, minha mulher e eu fazíamos uma longa viagem de carro. Ela dirigia, e eu tentava relaxar. Digo *tentava*, porque a estrada pela qual seguíamos tinha a fama de ter muitos radares, e minha mulher tinha na época a leve tendência de pisar demais no acelerador. Eu disse: “Você está indo muito rápido. Reduza a velocidade”.

“Ora”, pensou ela consigo mesma, “já dirijo há quase dez anos e nunca ninguém, além de meu instrutor da autoescola, teve de me dizer como devo dirigir”. Por isso, ela replicou: “O que lhe dá o direito de me dizer como devo dirigir?”

Francamente, a pergunta dela me pegou de surpresa. No entanto, sentindo que precisava estar à altura de minhas novas responsabilidades como homem casado, eu disse: “Não sei — porque sou seu marido e tenho o sacerdócio”.

Irmãos, uma pequena sugestão: se estiverem um dia em situação semelhante, essa *não* é a resposta certa. E fico feliz em dizer que aquela foi a única vez em que cometi esse erro.

Doutrina e Convênios explica que o direito de usar o sacerdócio no lar ou em qualquer outro lugar está diretamente ligado à retidão em nossa vida: “Os poderes do céu não podem

ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão”.¹ O versículo prossegue dizendo que perdemos esse poder, quando “[exercemos] controle ou domínio ou coação sobre a alma dos [outros] em *qualquer* grau de iniquidade”.²

Essa escritura diz que precisamos liderar pelos “princípios da retidão”. Esses princípios se aplicam a todos os líderes da Igreja, bem como ao pai e à mãe no lar.³ Perdemos nosso direito ao Espírito do Senhor e a qualquer autoridade que recebemos de Deus quando exercemos controle sobre outra pessoa de modo injusto.⁴ Podemos até achar que esses métodos são para o bem da pessoa que está sendo “controlada”. Mas, toda vez que tentamos compelir à retidão, alguém que *pode* e *deve* exercer o próprio arbítrio moral, estamos agindo de modo injusto. Quando a determinação de limites firmes para alguém *for* necessária, tais limites devem sempre ser administrados com paciência amorosa e de forma a ensinar princípios eternos.

Simplemente não podemos forçar os outros a fazerem a coisa certa. As escrituras deixam claro que essa não é a forma de Deus agir. A coação cria ressentimento, causa desconfiança e mágoa, e leva a pessoa a sentir-se incompetente. Perdem-se oportunidades de ensino quando a pessoa controladora presume orgulhosamente que tem todas as respostas certas para os outros. As escrituras declaram “que é a natureza e índole de quase todos os homens” exercer esse domínio injusto⁵, portanto devemos estar cientes de que essa é uma armadilha em que facilmente podemos cair. As mulheres também podem exercer injusto domínio, embora as escrituras identifiquem o problema especialmente em relação aos homens.

O injusto domínio com frequência vem acompanhando de críticas constantes e da recusa em demonstrar aprovação ou amor. Aqueles que são submetidos a esse domínio sentem que jamais conseguirão agradar os líderes, o pai ou a mãe, e que sempre fracassarão. Pais sábios devem ponderar sobre quando os filhos estão prontos para começar a exercer o próprio arbítrio em cada setor da vida deles. Mas se os pais retiverem o poder de tomar *todas* as decisões e considerarem isso seu “direito”, eles

limitarão severamente o crescimento e o desenvolvimento dos filhos.

Nossos filhos permanecem em nosso lar por um tempo limitado. Se esperarmos até que saiam de casa para entregar-lhes o controle de seu arbítrio moral, teremos esperado demais. Eles não vão desenvolver de repente a capacidade de tomar decisões sábias, se jamais tiveram a liberdade de tomar alguma decisão importante enquanto estavam em casa. Esses filhos, em geral, se rebelam contra essa coação ou se tornam incapazes de tomar qualquer decisão própria.

Os pais sábios preparam os filhos para que eles saibam se virar sem eles. Proporcionam oportunidades de crescimento, à medida que os filhos adquirem maturidade espiritual para exercer devidamente seu arbítrio. E, sim, isso significa que os filhos, às vezes, cometerão erros e aprenderão com eles.

Aconteceu algo em nossa família que nos ensinou a ajudar os filhos a desenvolver sua capacidade de fazer escolhas. Nossa filha, Mary, se destacava num time de futebol que, como já devem ter imaginado, chegou à final do campeonato, que seria disputada no domingo. Em sua adolescência, Mary aprendera por muitos anos que o Dia do Senhor era para descanso e renovação espiritual, e não para recreação. Mesmo assim, ela sentiu a pressão dos treinadores e das colegas do time para jogar, bem como seu desejo de não decepcionar a equipe.

Perguntou-nos o que devia fazer. Minha mulher e eu poderíamos facilmente ter tomado a decisão por ela. Contudo, decidimos, após fervorosa reflexão, que naquele caso nossa filha estava pronta para assumir a responsabilidade espiritual por sua própria decisão. Lemos algumas escrituras com ela e incentivamos Mary a orar e a pensar a respeito do assunto.

Após alguns dias, ela anunciou sua decisão. Ela iria disputar o jogo no domingo. E agora, o que devíamos fazer? Depois de conversar mais um pouco e sentir a confirmação do Espírito, fizemos o que havíamos prometido e permitimos que ela tomasse sua própria decisão. Depois do término do jogo, Mary caminhou lentamente até a mãe, que a esperava. “Oh, mãe”, disse ela, “senti-me *muito mal*. Nunca mais quero me sentir assim de novo.

Nunca mais vou disputar outro jogo no Dia do Senhor”. E ela nunca mais o fez.

Mary compreendeu o princípio da observância do Dia do Senhor. Se a tivéssemos obrigado a não disputar o jogo, nós a teríamos privado de uma preciosa e vigorosa experiência de aprendizado com o Espírito.

Como podem ver, para ajudar nossos filhos a exercer devidamente seu arbítrio, é preciso que os ensinemos a orar e a receber resposta a suas orações. Também precisamos ensiná-los a respeito do valor e do propósito da obediência, bem como de todos os outros princípios essenciais do evangelho.⁶

Ao criar nossa família, decidimos que nossa meta mais importante seria ajudar nossos filhos a estabelecer sua própria comunicação com o céu. Sabíamos que, no final, eles precisariam confiar no Senhor, e não em nós. Brigham Young disse: “[Dentre] todos os deveres exigidos dos (...) homens, (...) escolheria primeiramente e acima de tudo o dever de invocar nosso Senhor e Deus até que pudéssemos abrir a via de comunicação dos céus à Terra — de Deus a nossa própria alma”.⁷

Mary havia recebido resposta a suas orações em outras situações anteriores, e tínhamos certeza de que nossa filha vinha sempre desenvolvendo essa via de comunicação com os céus em sua vida. Assim, ela aprendeu algo positivo com sua experiência e ficou mais bem preparada para fazer escolhas melhores no futuro. Sem uma ligação com o Espírito, os filhos e os pais poderiam justificar todo tipo de decisões erradas em nome do exercício de seu arbítrio. A promessa das escrituras é a de que “aqueles que são prudentes e tiverem (...) tomado o Santo Espírito por seu guia (...) [não serão] enganados”.⁸

Outro trágico efeito colateral do injusto domínio pode ser a perda da confiança no amor de Deus. Conheci pessoas que estiveram sujeitas a líderes ou pais exigentes e controladores, e vi que elas achavam difícil sentir o real amor do Pai Celestial, que as sustentaria e as motivaria ao longo do caminho da retidão.

Se quisermos ajudar aqueles que estão sob nossa mordomia a criar a importantíssima ligação com o céu, precisamos ser o tipo de pais ou líderes descritos na seção 121 de Doutrina e Convênios. Precisamos agir somente “com persuasão, com

longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido”.⁹ O Presidente Henry B. Eyring disse: “De toda a ajuda que podemos oferecer [aos] jovens, a maior será permitir que sintam nossa confiança de que eles estão no caminho de volta ao lar, rumo à presença de Deus, e que podem conseguir chegar lá”.¹⁰

Ao ponderar os princípios que devem guiar-nos na Igreja e no lar, gostaria de encerrar com uma ilustração contida na biografia do Presidente Thomas S. Monson. Ann Dibb, filha do casal Monson, disse que até hoje, quando ela entra pela porta da frente da casa na qual foi criada, o pai diz: “Oh, vejam quem está aqui. Estamos muito felizes em recebê-la. Como você está bonita!” Ela prosseguiu, dizendo: “Meus pais sempre me elogiam. Não importa a minha aparência ou o que estive fazendo. (...) Quando vou visitar meus pais, sei que sou amada, sou elogiada, e eles me fazem sentir que sou bem-vinda, que estou em casa”.¹¹

Irmãos e irmãs, esse é o modo de agir do Senhor. Mesmo que vocês tenham sido maltratados no passado, sei que o Senhor deseja que se achem a Ele.¹² *Todos* são amados. *Todos* são bem-vindos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Doutrina e Convênios 121:36.
2. Doutrina e Convênios 121:37; grifo do autor.
3. Ver Neal A. Maxwell, “Put Off the Natural Man, and Come Off Conqueror”, *Tambuli*, janeiro de 1991, pp. 13–14.
4. Ver Doutrina e Convênios 121:37.
5. Doutrina e Convênios 121:39.
6. Ver Doutrina e Convênios 68:25–29.
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young*, 1997, p. 44.
8. Doutrina e Convênios 45:57.
9. Doutrina e Convênios 121:41.
10. Henry B. Eyring, “Ajudá-los no Caminho para Casa”, *A Liahona*, maio de 2010, p. 22.
11. Ver Heidi S. Swinton, *To the Rescue: The Biography of Thomas S. Monson*, 2010, p. 372.
12. Ver Mateus 11:28.

Valeu a Pena?

Élder David F. Evans

Dos Setenta

O trabalho de compartilhar o evangelho de modo natural e normal com aqueles por quem temos carinho e amor será a obra e a alegria de nossa vida.

Durante esta conferência e em outras reuniões recentes¹, muitos de nós nos perguntamos: o que posso fazer para ajudar a edificar a Igreja do Senhor e ver um real crescimento no lugar em que moro?

Neste e em qualquer outro encargo importante, nosso trabalho principal sempre é o que realizamos dentro de nosso próprio lar e na família.² É nas famílias que a Igreja é estabelecida e o real crescimento ocorre.³ Devemos ensinar a nossos filhos os princípios e as doutrinas do evangelho. Precisamos ajudá-los a ter fé em Jesus Cristo e prepará-los para o batismo quando tiverem oito anos de idade.⁴ Precisamos, nós mesmos, ser fiéis para que eles vejam nosso exemplo de amor ao Senhor e a Sua Igreja. Isso ajuda nossos filhos a sentir alegria no cumprimento dos mandamentos, na felicidade da família e na gratidão pelo serviço ao próximo. Dentro de nosso lar, devemos seguir o padrão dado por Néfi ao dizer:

“Trabalhamos diligentemente para (...) persuadir nossos filhos (...) a acreditarem em Cristo e a reconciliarem-se com Deus.

(...) Falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte procurar a remissão de seus pecados”.⁵

Trabalhamos diligentemente para proporcionar essas bênçãos a nossos filhos, frequentando a Igreja com eles, realizando a noite familiar e lendo as escrituras em família. Oramos diariamente

com nossa família, aceitamos chamados, visitamos os enfermos e solitários, e fazemos outras coisas que permitem que nossos filhos saibam que os amamos e que amamos nosso Pai Celestial, Seu Filho e Sua Igreja.

Falamos e profetizamos sobre Cristo ao dar uma aula na noite familiar ou ao sentar com um dos filhos para falar do amor que temos por esse filho ou essa filha e sobre nosso testemunho do evangelho restaurado.

Podemos escrever a respeito de Cristo enviando cartas aos que estão distantes. Os missionários no campo, os filhos nas forças armadas e nossos entes queridos são todos abençoados pelas cartas que escrevemos. As cartas de casa não são apenas rápidos e-mails. As cartas reais proporcionam algo tangível que se pode tocar, ponderar e entesourar.

Ajudamos nossos filhos a confiar na Expição do Salvador e conhecer o perdão de um Pai Celestial amoroso demonstrando amor e perdão em nosso próprio papel de pais. Nosso amor e perdão não apenas atrairão nossos filhos para perto de nós, mas também edificarão sua fé na certeza de que o Pai Celestial os ama e que Ele os perdoará, ao se arrependerem e se esforçarem para agir melhor e ser melhores. Eles confiarão nessa verdade por vivenciarem o mesmo com seus pais terrenos.

Além do trabalho que faremos dentro de nossa própria família, Néfi ensinou que “trabalhamos diligentemente para (...) persuadir nossos (...) irmãos a acreditarem em Cristo e a reconciliarem-se com Deus”.⁶ Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, todos temos a bênção e a responsabilidade de compartilhar o evangelho. Alguns daqueles que precisam do evangelho na vida ainda não são membros da Igreja. Alguns já estiveram conosco mas precisam sentir novamente a alegria que sentiram quando aceitaram o evangelho naquela época da vida. O Senhor ama tanto a pessoa que nunca teve o evangelho quanto a pessoa que volta para Ele.⁷ Isso não importa para Ele e nem para nós. Tudo é um só trabalho. É o valor das almas, sejam quais forem suas condições, que é grande para nosso Pai Celestial, para Seu Filho e para nós.⁸ A obra de nosso Pai Celestial e de Seu Filho é a de “levar a efeito a imortalidade e vida eterna”⁹ de todos os Seus filhos,

independentemente de suas circunstâncias atuais. Temos a bênção de ajudar nessa grande obra.

O Presidente Thomas S. Monson explicou como podemos ajudar, ao dizer: “Nossas experiências missionárias precisam ser atuais. Não é suficiente lembrar e ponderar experiências passadas. Para sentir-nos realizados, temos que continuar compartilhando o evangelho de modo natural e normal”.¹⁰

O trabalho de compartilhar o evangelho de modo natural e normal com aqueles por quem temos carinho e amor será a obra e a alegria de nossa vida. Quero contar-lhes duas dessas experiências.

Dave Orchard cresceu em Salt Lake City, onde a maioria de seus amigos era membro da Igreja. Eles tiveram grande influência sobre ele. Além disso, os líderes da Igreja em sua vizinhança sempre o convidavam para as atividades. Seus amigos faziam o mesmo. Embora não tivesse se filiado à Igreja naquela época, seus anos de formação foram abençoados pela influência de bons amigos SUD e por atividades patrocinadas pela Igreja. Depois de entrar na faculdade, mudou de casa, e a maioria de seus amigos partiu para a missão. Ele sentiu falta da influência deles em sua vida.

Um dos amigos de Dave, do Ensino Médio, continuava em casa. Esse amigo se reunia toda semana com seu bispo no empenho de colocar sua vida em ordem e poder servir como missionário. Ele e Dave tornaram-se companheiros de quarto e, como seria natural e normal, conversaram sobre o motivo pelo qual ele não estava servindo como missionário e por que se reunia frequentemente com o bispo. O amigo expressou sua gratidão e respeito pelo bispo e pela oportunidade de arrepender-se e de servir. Perguntou então a Dave se ele gostaria de acompanhá-lo na entrevista seguinte. Que convite! Mas no contexto de sua amizade e circunstâncias, foi algo natural e normal.

Dave concordou e, pouco depois, ele mesmo passou a ter entrevistas com o bispo. Isso fez Dave decidir falar com os missionários. Ele adquiriu um testemunho de que o evangelho era verdadeiro, e foi marcada a data de batismo. Dave foi batizado pelo bispo e, um ano depois, Dave Orchard e Katherine

Evans se casaram no templo. Tiveram cinco belos filhos. Katherine é minha irmã caçula. Sempre serei grato àquele bom amigo que, com a ajuda de um bom bispo, trouxeram o Dave para a Igreja.

Quando Dave falou de sua conversão e prestou testemunho do que aconteceu, ele fez esta pergunta: “Então, valeu a pena? Valeu a pena todo o empenho dos amigos e dos líderes dos jovens e do meu bispo, ao longo de todos aqueles anos, só para que um único rapaz fosse batizado? Apontando para Katherine e seus cinco filhos, ele disse: “Bem, ao menos para minha mulher e nossos cinco filhos, a resposta é sim”.

Sempre que o evangelho é compartilhado, nunca é “apenas um rapaz”. Sempre que ocorre uma conversão ou alguém volta para o Senhor, é uma família que se salva. À medida que os filhos de Dave e Katherine cresceram, todos aceitaram o evangelho. Uma filha e dois filhos serviram como missionários e outro acabou de receber o chamado para servir na Missão Alpina de Língua Alemã. Os dois mais velhos se casaram no templo, e o caçula está agora no Ensino Médio, fiel em todos os aspectos. Valeu a pena? Oh, sim, valeu.

A irmã Eileen Waite assistiu à mesma conferência de estaca em que Dave Orchard contou como foi convertido. Durante a conferência, ela só conseguia pensar na própria família e, em especial, em sua irmã Michelle, que há muito estava afastada da Igreja. Michelle era divorciada e criava os quatro filhos sozinha. Eileen sentiu-se inspirada a enviar-lhe um exemplar do livro do Élder M. Russell Ballard, *Nossa Busca da Felicidade*, com seu testemunho escrito nele, e foi o que fez. Logo na semana seguinte, outra amiga disse a Eileen que também sentira que devia entrar em contato com a Michelle. Aquela amiga também escreveu um bilhete para Michelle, compartilhando seu testemunho e expressando seu amor. Não é interessante a frequência com que o Espírito trabalha com várias pessoas para ajudar aquela que necessita de ajuda?

O tempo passou. Michelle ligou para Eileen e agradeceu pelo livro. Disse que estava começando a reconhecer o vazio espiritual que havia em sua vida. Eileen lhe disse que sabia que a paz que ela procurava podia ser encontrada no evangelho. Disse que a

amava e que queria que ela fosse feliz. Michelle começou a fazer mudanças em sua vida. Pouco depois, ela conheceu um homem maravilhoso que era ativo na Igreja. Casaram-se e, um ano depois, foram selados no Templo de Ogden Utah. Recentemente, seu filho de 24 anos foi batizado.

Aos outros parentes de Michelle e a todos os outros que ainda não sabem que esta Igreja é verdadeira, convido-os a considerar, em espírito de oração, se esta Igreja é verdadeira. Deixem que sua família, seus amigos e os missionários os ajudem. Quando souberem que ela é verdadeira, e ela é, juntem-se a nós dando o mesmo passo em sua vida.

O final dessa história ainda não foi escrito, mas muitas bênçãos foram concedidas àquela mulher maravilhosa e sua família, quando as pessoas que a amam colocaram em prática uma inspiração e, de modo natural e normal, compartilharam seu testemunho e a convidaram a voltar.

Pensei muito nessas duas histórias de vida. Um rapaz que se esforçava para colocar a vida em ordem ajudou outro rapaz que buscava a verdade. Uma mulher compartilhou seu testemunho e sua fé com a irmã que estivera afastada da Igreja por vinte anos. Se orarmos e perguntarmos ao Pai Celestial quem nós podemos ajudar e prometermos colocar em prática a inspiração que Ele nos der, fazendo-nos saber como podemos ajudar, Ele responderá a nossas orações e nos tornaremos instrumentos em Suas mãos para fazer Sua obra. O catalisador disso é colocar em prática com amor a inspiração dada pelo Espírito.¹¹

Ao ouvir essas experiências em que o evangelho foi compartilhado de modo normal e natural com pessoas queridas, muitos de vocês sentiram as mesmas coisas que Eileen Waite sentiu. Vocês pensaram em alguém a quem devem ajudar e a quem devem convidar a voltar para a Igreja ou compartilhar com essa pessoa seus sentimentos sobre o evangelho de Jesus Cristo. Meu convite é que coloquem em prática, sem demora, essa inspiração. Conversem com seu amigo ou membro da família. Façam isso de modo natural e normal. Façam com que a pessoa saiba do amor que vocês têm por ela e pelo Senhor. Os missionários podem ajudar. Meu conselho é o mesmo que o Presidente Monson lhes deu tantas vezes deste mesmo púlpito:

“Nunca demorem para atender a uma inspiração”.¹² Ao colocarem em prática a inspiração, fazendo-o com amor, observem como nosso Pai Celestial usa sua disposição para agir a fim de realizar um milagre em sua vida e na vida da pessoa com quem você se importa.¹³

Meus queridos irmãos e irmãs, podemos edificar Sua Igreja e ver um crescimento real se trabalharmos para proporcionar as bênçãos do evangelho a nossos familiares e entes queridos. Esta é a obra de nosso Pai Celestial e Seu Filho. Sei que Eles vivem e que respondem a nossas orações. Se colocarmos em prática essa inspiração, tendo fé em Sua capacidade de realizar um milagre, ocorrerão milagres e vidas serão mudadas. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Ver Reunião Mundial de Treinamento de Liderança, 11 de fevereiro de 2012, LDS.org.
2. Ver *Ensinos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee*, 2000, p. 119.
3. Ver Boyd K. Packer, “O Poder do Sacerdócio no Lar”, Reunião Mundial de Treinamento de Liderança, 11 de fevereiro de 2012, LDS.org.
4. Ver Doutrina e Convênios 68:25–28.
5. 2 Néfi 25:23, 26.
6. 2 Néfi 25:23.
7. Ver Lucas 15:4–7.
8. Ver Doutrina e Convênios 18:10.
9. Moisés 1:39.
10. “Status Report on Missionary Work: A Conversation with Elder Thomas S. Monson, Chairman of the Missionary Committee of the Council of the Twelve”, *Ensign*, outubro de 1977, p. 14.
11. Ver Thomas S. Monson, “Ocupar-se Zelosamente”, *A Liahona*, novembro de 2004, p. 56; “Ao Resgate”, *A Liahona*, julho de 2001, p. 57; “A Porta do Amor”, *Liahona*, outubro de 1996, p. 3.
12. Ver Ann M. Dibb, “My Father Is a Prophet” (devocional da Universidade Brigham Young–Idaho, 19 de fevereiro de 2008), byui.edu/devotionalsandspeeches/; Thomas S. Monson, “Permaneçam Firmes no Ofício Que Lhes Foi Designado”, *A Liahona*, maio de 2003, p. 54; “Paz, Não Temais”, *A Liahona*, novembro de 2002, p. 53; “O Poder do Sacerdócio”, *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 58; “The Spirit Giveth Life”, *Ensign*, maio de 1985, pp. 68–70.
13. Além do Presidente Thomas S. Monson, outros profetas ensinaram o mesmo princípio. O Presidente Spencer W. Kimball, por exemplo, ensinou a importância de seguirmos a inspiração dada pelo Espírito, ao dizer: “Deus está atento a nós e preocupa-Se conosco. Contudo, é por meio de outras pessoas que Ele costuma atender a nossas necessidades. Portanto, é vital que sirvamos uns aos outros no reino” (*Ensinos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball*, 2006, p. 92).

Considerar Sagrado

Élder Paul B. Pieper

Dos Setenta

As coisas sagradas devem ser tratadas com mais cuidado, receber mais deferência e ser apreciadas com mais reverência.

Aproximadamente 1.500 anos antes de Cristo, um pastor foi atraído para uma sarça ardente na encosta do monte Horebe. Aquele encontro com o divino deu início à transformação de Moisés, de pastor a profeta, e de seu trabalho de pastorear ovelhas ao de reunir Israel. Cerca de 1.300 anos depois, um jovem sacerdote privilegiado da corte de um rei foi cativado pelo testemunho de um profeta condenado. Aquele encontro deu início à evolução de Alma, de servo do rei para servo de Deus. Quase 2.000 anos depois, um menino de quatorze anos entrou num bosque, em busca de resposta para uma dúvida sincera. O encontro de Joseph Smith no bosque colocou-o no caminho de seu papel como profeta da restauração.

Moisés, Alma e Joseph Smith tiveram a vida mudada após o encontro com o divino. Aqueles acontecimentos os fortaleceram para que permanecessem fiéis ao Senhor e a Sua obra por toda a vida, a despeito de uma oposição avassaladora e das difíceis provações que se seguiram.

Nosso encontro com o divino talvez não seja tão direto ou drástico, tampouco nossos desafios serão tão assustadores. Contudo, tal como aconteceu com os profetas, nossa força para perseverar até o fim depende do fato de reconhecermos, lembrarmos e considerarmos sagrado aquilo que recebemos do alto.

Atualmente, a autoridade, as chaves e as ordenanças foram restauradas na Terra. Há também escrituras e testemunhas

especiais. Aqueles que buscam a Deus podem receber o batismo para a remissão de pecados e a confirmação “pela imposição de mãos para o batismo de fogo e do Espírito Santo” (D&C 20:41). Com essas preciosas dádivas restauradas, nossos encontros com o divino, em sua maioria, envolverão o terceiro membro da Trindade, o Espírito Santo.

*“O Espírito Santo sussurra, com suave voz,
E testifica de Jesus que ama todos nós”*

(“O Espírito Santo”, *Músicas para Crianças*, p. 56)

*“Santo Espírito de Deus
Testifica de Jesus,
O caminho vem mostrar,
Que nos leva ao céu e à luz”*

(“Santo Espírito de Deus”, *Hinos*, nº 80).

Ao buscarmos respostas de Deus, sentimos a voz mansa e delicada sussurrar a nosso espírito. Esses sentimentos — essas impressões — são tão naturais e sutis que podemos deixá-las passar despercebidas ou atribuí-las à razão ou intuição. Essas mensagens personalizadas testificam a respeito do amor e da preocupação que Deus tem individualmente por Seus filhos e pela missão mortal de cada um deles. A reflexão diária e o registro das impressões que vêm do Espírito têm o duplo propósito de ajudar-nos (1) a reconhecer nossos encontros pessoais com o divino e (2) a preservar um relato deles para nós mesmos e para nossa posteridade. O registro desses sentimentos também é um reconhecimento e uma demonstração formal de nossa gratidão a Deus, porque “em nada ofende o homem a Deus ou contra ninguém está acesa sua ira, a não ser contra os que não confessam sua mão em todas as coisas” (D&C 59:21).

No tocante ao que recebemos pelo Espírito, o Senhor disse: “Lembraí-vos de que aquilo que vem de cima é sagrado” (D&C 63:64). Sua declaração é mais que um lembrete: também é uma definição e uma explicação. Luz e conhecimento do céu são sagrados. São sagrados porque o céu é sua fonte.

Sagrado significa digno de veneração e respeito. Ao chamar algo de sagrado, o Senhor indica que esse algo tem maior valor e prioridade do que outras coisas. As coisas sagradas devem ser tratadas com mais cuidado, receber mais deferência e ser apreciadas com mais reverência. Sagrado significa elevado na hierarquia dos valores celestes.

Aquilo que é sagrado para Deus somente se torna sagrado para nós pelo exercício do arbítrio. Cada pessoa precisa aceitar e considerar sagrado aquilo que Deus definiu como sagrado. O Senhor envia luz e conhecimento do céu e convida-nos a receber o que Ele enviou e considerá-lo sagrado.

Mas “[há] uma oposição em todas as coisas” (2 Néfi 2:11). O oposto do sagrado é o profano ou secular: aquilo que é temporal ou mundano. As coisas mundanas sempre competem com as sagradas para atrair nossa atenção e prioridades. O conhecimento do secular é essencial para nossa vida temporal diária. O Senhor nos instrui a buscar conhecimento e sabedoria nos melhores livros, a estudar, aprender e a conhecer idiomas, línguas e povos (ver D&C 88:118; 90:15). Portanto, a decisão de colocar o sagrado acima do secular é uma questão de prioridade relativa e não de exclusividade. “É bom ser instruído, *quando* se dá ouvidos aos conselhos de Deus” (2 Néfi 9:29; grifo do autor).

A batalha pela prioridade entre o sagrado e o secular no coração do homem pode ser ilustrada pelo que aconteceu com Moisés na sarça ardente. Ali, Moisés recebeu seu chamado sagrado de Jeová para que libertasse os filhos de Israel do cativeiro. Contudo, a princípio, seu conhecimento secular do poder do Egito e do faraó fez com que duvidasse. Por fim, Moisés exerceu fé na palavra do Senhor, sobrepujando seu conhecimento secular e confiando no sagrado. Essa confiança lhe deu poder para sobrepujar as provações temporais e conduzir Israel para fora do Egito.

Depois de escapar dos exércitos de Noé e, em seguida, ser submetido à escravidão sob as mãos de Amulom, Alma poderia ter duvidado do testemunho que recebeu ao ouvir Abinádi. Contudo, ele confiou no sagrado e recebeu forças para perseverar e escapar de suas tribulações temporais.

Joseph Smith enfrentou um dilema semelhante nos primeiros dias da tradução do Livro de Mórmon. Ele sabia da natureza sagrada das placas e do trabalho de tradução. Mas mesmo assim, foi persuadido por Martin Harris a dar prioridade às questões temporais da amizade e das finanças e contrariar as instruções sagradas. Conseqüentemente, o manuscrito da tradução se perdeu. O Senhor repreendeu Joseph por entregar “aquilo que era sagrado à iniquidade” (D&C 10:9) e tirou dele, por algum tempo, as placas e o dom de traduzir. Quando as prioridades de Joseph foram devidamente restabelecidas, as coisas sagradas foram-lhe devolvidas e o trabalho prosseguiu.

O Livro de Mórmon dá outros exemplos da batalha de dar prioridade ao sagrado. Ele fala sobre os fiéis cuja fé os conduziu à árvore da vida para partilhar de seu fruto sagrado, o amor de Deus. Depois, a zombaria dos que estavam no grande e espaçoso edifício fez com que os fiéis mudassem seu foco do sagrado para o secular (ver 1 Néfi 8:11, 24–28). Mais tarde, os nefitas escolheram o orgulho e negaram o espírito de profecia e revelação, “zombando de tudo quanto era sagrado” (Helamã 4:12). Até alguns que haviam testemunhado pessoalmente os sinais e milagres associados ao nascimento do Senhor rejeitaram as manifestações sagradas do céu em favor de explicações seculares (ver 3 Néfi 2:1–3).

Hoje a batalha continua. As vozes seculares crescem em volume e intensidade. Elas instam cada vez mais os fiéis a abandonar crenças que o mundo considera irracionais. Como “agora vemos por espelho em enigma” (I Coríntios 13:12) e “não [conhecemos] o significado de todas as coisas” (1 Néfi 11:17), às vezes nos sentimos vulneráveis, tendo necessidade de maior certeza espiritual. O Senhor lembrou o seguinte a Oliver Cowdery:

“Se desejas mais um testemunho, volve tua mente para a noite em que clamaste a mim em teu coração a fim de saberes a respeito da veracidade destas coisas.

Não dei paz a tua mente quanto ao assunto? Que maior testemunho podes ter que o de Deus?” (D&C 6:22–23).

O Senhor lembrou a Oliver e a nós que devemos confiar no testemunho sagrado que já recebemos quando nossa fé é

desafiada. Tal como aconteceu com Moisés, Alma e Joseph, esses encontros divinos servem de âncora espiritual para manter-nos seguros e no rumo certo nos momentos de provação.

Não se pode capitular seletivamente o sagrado. Aqueles que decidem abandonar as coisas sagradas ficarão com a mente obscurecida (ver D&C 84:54) e, a menos que se arrependam, a luz que possuíam lhes será tirada (ver D&C 1:33). Sem o alicerce do sagrado, eles ficarão moralmente à deriva no mar do secular. Por outro lado, aqueles que consideram santas as coisas sagradas recebem promessas: “Aquilo que é de Deus é luz; e aquele que recebe luz e persevera em Deus recebe mais luz; e essa luz se torna mais e mais brilhante, até o dia perfeito” (D&C 50:24).

Que o Senhor nos abençoe para que sempre — e para sempre — reconheçamos, lembremos e consideremos sagrado aquilo que recebemos do alto. Testifico-lhes que, se assim fizermos, teremos poder para suportar as provações e vencer os desafios de nossos dias. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Que Cristo Pensa de Mim?

Élder Neil L. Andersen

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Se O amarem, confiarem Nele, acreditarem Nele e O seguirem, vocês sentirão Seu amor e Sua aprovação.

Um repórter de uma importante revista do Brasil pesquisou a Igreja a fim de preparar a publicação de um artigo de destaque.¹ Ele analisou nossa doutrina e visitou o Centro de Treinamento Missionário e o centro de auxílio humanitário. Conversou com amigos da Igreja e com outros que não eram tão favoráveis a ela. Na entrevista que fez comigo, o repórter parecia sinceramente intrigado, ao perguntar: “Como é que alguém pode não considerá-los cristãos?” Eu sabia que ele estava se referindo à Igreja, mas minha mente formulou a pergunta de modo mais pessoal, e me questionei: “Será que minha vida reflete o amor e a devoção que sinto pelo Salvador?”

Jesus perguntou aos fariseus: “Que pensais vós do Cristo?”² Na avaliação final, nosso discipulado pessoal não será julgado por amigos nem inimigos. Em vez disso, como Paulo disse: “Todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo”.³ Naquele dia, a pergunta importante para cada um de nós será: “O que Cristo pensa de mim?”

Mesmo com Seu amor por toda a humanidade, Jesus referiu-Se de modo reprovador a alguns a Seu redor, chamando-os de hipócritas,⁴ insensatos⁵ e praticantes da iniquidade.⁶ A outros, Ele chamou com aprovação de filhos do reino⁷ e luz do mundo.⁸ Com desaprovação, chamou alguns de cegos⁹ e infrutíferos;¹⁰ elogiou outros, chamando-os de limpos de coração¹¹ e ávidos por retidão.¹² Lamentou que alguns fossem incrédulos¹³ e do

mundo,¹⁴ mas a outros considerou escolhidos,¹⁵ discípulos,¹⁶ amigos.¹⁷ Portanto, cada um de nós deve perguntar: “O que Cristo pensa de mim?”

O Presidente Thomas S. Monson disse que nossos dias estão se afastando “das coisas espirituais (...) [com] os ventos da mudança [soprando] a nosso redor e a fibra moral da sociedade [continuando] a se desintegrar diante de nossos olhos”.¹⁸ É uma época de crescente descrença em Cristo e desprezo em relação a Ele e Seus ensinamentos.

Nesse ambiente turbulento, regozijamo-nos por ser discípulos de Jesus Cristo. Vemos a mão do Senhor em toda a nossa volta. Nosso destino está lindamente traçado diante de nós. Jesus orou, dizendo: “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”.¹⁹ Ser um discípulo nestes dias decisivos será um distintivo de honra por todas as eternidades.

As mensagens que ouvimos nesta conferência são marcos sinalizadores do Senhor em nossa jornada do discipulado. Ao ouvirmos os discursos, nestes últimos dois dias, e enquanto orávamos por orientação espiritual, e ao estudarmos e orarmos a respeito das mensagens nos dias que virão, o Senhor vai abençoar-nos com uma orientação personalizada por meio do dom do Espírito Santo. Esses sentimentos nos dirigem cada vez mais a Deus, levando-nos a arrepender-nos, obedecer, crer e confiar. O Salvador responde a nossos atos de fé. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada.”²⁰

O convite de Jesus “vem, e segue-me”²¹ não é apenas para os que estão preparados para competir em uma olimpíada espiritual. Na verdade, o discipulado não é de forma alguma uma competição, mas um convite para todos. Nossa jornada do discipulado não é uma corrida rápida na pista, nem se compara a uma longa maratona. Na verdade, é uma migração ao longo de toda uma vida para um mundo mais celestial.

Seu convite é uma conclamação a um dever diário. Jesus disse: “Se me amais, guardai os meus mandamentos”.²² “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.”²³ Talvez não estejamos em nossa melhor

forma todos os dias, mas se estivermos nos empenhando, o convite de Jesus está repleto de incentivo e esperança: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.²⁴

Onde quer que estejam na estrada do discipulado, estão no caminho certo: o caminho que conduz à vida eterna. Juntos podemos erguer e fortalecer uns aos outros nos grandes e importantes dias que estão para vir. Sejam quais forem as dificuldades que enfrentarmos, as fraquezas que nos restringirem ou as impossibilidades que nos rodearem, tenhamos fé no Filho de Deus, que declarou: “Tudo é possível ao que crê”.²⁵

Quero compartilhar dois exemplos de discipulado em ação. O primeiro é da vida do Presidente Thomas S. Monson, demonstrando o poder da simples bondade e do ensinamento de Jesus: “O maior dentre vós será vosso servo”.²⁶

Há quase vinte anos, o Presidente Monson falou em uma conferência geral sobre uma menina de doze anos que estava com câncer. Contou a respeito da coragem dela e da bondade de seus amigos que a carregaram até o alto do Monte Timpanogos, na região central de Utah.

Há poucos anos, conheci Jami Palmer Brinton e ouvi a história de uma perspectiva diferente — a perspectiva do que o Presidente Monson tinha feito por ela.

Jami conheceu o Presidente Monson em 1993, um dia depois de saber que um inchaço que surgira em seu joelho direito era um câncer ósseo de rápido crescimento. Com a ajuda do pai dela, o Presidente Monson deu-lhe uma bênção do sacerdócio, prometendo: “Jesus estará a sua direita e a sua esquerda para erguê-la”.

“Ao deixar a sala dele naquele dia”, contou Jami, “desatei um balão que estava amarrado a minha cadeira de rodas e o dei para ele. ‘Você É o Máximo’, estava escrito nele em letras brilhantes”.

Durante seu tratamento de quimioterapia e a cirurgia para salvar-lhe a perna, o Presidente Monson não se esqueceu dela. Jami disse: “O Presidente Monson foi um exemplo do que significa ser um verdadeiro discípulo de Cristo. [Ele] me ergueu da tristeza para uma grande e duradoura esperança”. Três anos após seu primeiro encontro, Jami foi novamente à sala do

Presidente Monson. No final da reunião, ele fez algo que Jami jamais esqueceria. Da maneira prestativa que lhe é característica, o Presidente Monson a surpreendeu com o mesmo balão que ela lhe dera três anos antes. “Você É o Máximo!” proclamava o balão. Ele o guardara, sabendo que ela voltaria a sua sala quando ficasse curada do câncer. Quatorze anos depois de conhecer Jami, o Presidente Monson realizou o casamento dela com Jason Brinton, no Templo de Salt Lake.²⁷

Podemos aprender muito com o discipulado do Presidente Monson. Com frequência, ele lembra as Autoridades Gerais a ter esta simples pergunta em mente: “O que Jesus faria?”

Jesus disse ao líder da sinagoga: “Não temas, crê somente”.²⁸ O discipulado é acreditar Nele nos momentos de paz e nos momentos difíceis, quando nossa dor e temor somente são amenizados pela convicção de que Ele nos ama e cumpre Suas promessas.

Recentemente, conheci uma família que é um belo exemplo de como cremos Nele. Olgan e Soline Saintelus, de Porto Príncipe, Haiti, contaram-me sua história.

Em 12 de janeiro de 2010, Olgan estava no trabalho e Soline estava na Igreja, quando ocorreu um terremoto devastador no Haiti. Seus três filhos, Gancci, de cinco anos, Angie, de três anos, e Gansly, de um ano, estavam em seu apartamento com uma amiga.

A devastação foi terrível em toda parte. Como se lembram, dezenas de milhares perderam a vida naquele mês de janeiro, no Haiti. Olgan e Soline correram o mais rápido que puderam para seu apartamento a fim de procurar os filhos. O prédio de três andares onde a família Saintelus morava tinha desmoronado.

As crianças não puderam escapar. Nenhum trabalho de resgate seria efetuado em um edifício tão completamente destruído.

Tanto Olgan quanto Soline Saintelus tinham servido missão de tempo integral e tinham-se selado no templo. Eles acreditavam no Salvador e em Suas promessas para eles. Ainda assim, ficaram arrasados. Choraram incontrolavelmente.

Olgan me disse que em sua hora mais tenebrosa, ele começou a orar: “Pai Celestial, se for de Tua vontade e se houver apenas

um de meus filhos vivo, por favor, ajuda-nos". Caminhou diversas vezes ao redor do edifício, orando por inspiração. Os vizinhos tentaram consolá-lo e ajudá-lo a aceitar a perda de seus filhos. Olgan continuou a caminhar em volta das ruínas do prédio desabado, tendo esperança e orando. Então, algo extremamente milagroso aconteceu. Olgan ouviu o quase inaudível choro de um bebê. Era o choro de seu bebê.

Por horas, os vizinhos cavaram freneticamente os escombros, arriscando a própria vida. Na escuridão da noite, em meio aos estridentes ruídos de martelos e picaretas, a equipe de resgate ouviu outro som. Pararam de bater e escutaram. Mal conseguiam acreditar no que ouviam. Era o som de um menino — e ele estava cantando. Gancci, de cinco anos, contou mais tarde que sabia que o pai o ouviria se ele cantasse. Sob o peso do concreto esmagador que mais tarde resultaria na amputação de seu braço, Gancci estava cantando seu hino favorito: "Sou um Filho de Deus".²⁹

À medida que as horas passavam, em meio à escuridão, a morte e o desespero de tantos outros filhos e filhas preciosos de Deus no Haiti, a família Saintelus presenciou um milagre. Gancci, Angie e Gansly foram encontrados vivos sob o edifício em ruínas.³⁰

Os milagres nem sempre são tão imediatos. Às vezes nos perguntamos por que o milagre pelo qual oramos tão fervorosamente não acontece aqui e agora. Mas, se confiarmos no Salvador, os milagres prometidos vão acontecer. Seja nesta vida ou na próxima, tudo será acertado. O Salvador declarou: "Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize".³¹ "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo."³²

Testifico que se O amarem, confiarem Nele, acreditarem Nele e O seguirem, vocês sentirão Seu amor e Sua aprovação. Ao perguntarem: "O que Cristo pensa de mim?" saberão que são Seus discípulos. Vocês são Seus amigos. Por Sua graça, Ele fará por vocês o que não podem fazer por si mesmos.

Aguardamos ansiosamente os comentários finais de nosso amado profeta. O Presidente Thomas S. Monson foi ordenado apóstolo do Senhor Jesus Cristo quando eu tinha doze anos de idade. Por mais de 48 anos, tivemos a bênção de ouvi-lo prestar

testemunho de Jesus Cristo. Testifico que ele hoje é o apóstolo sênior do Salvador na Terra.

Com grande amor e admiração pelos muitos discípulos de Jesus Cristo, que não são membros desta Igreja, declaro humildemente que os anjos retornaram à Terra em nossos dias. A Igreja de Jesus Cristo como Ele a estabeleceu no passado foi restaurada, com o poder, as ordenanças e as bênçãos do céu. O Livro de Mórmon é outro testamento de Jesus Cristo.

Testifico que Jesus Cristo é o Salvador do mundo. Ele sofreu e morreu por nossos pecados e ressuscitou no terceiro dia. Ele ressuscitou. Em um dia futuro, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Ele é o Cristo.³³ Naquele dia, nossa preocupação não há de ser: “Será que os outros me consideram cristão?” Naquele momento, nossos olhos estarão fitos Nele e nossa alma estará fixa na pergunta: “O que Cristo pensa de mim?” Ele vive. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Ver André Petry, “Entre a Fé e a Urna”, *Véja*, 2 de novembro de 2011, p. 96.
2. Mateus 22:42.
3. Romanos 14:10.
4. Ver Mateus 6:2.
5. Ver Mateus 23:17.
6. Ver Mateus 7:23.
7. Ver Mateus 13:38.
8. Ver Mateus 5:14.
9. Ver Mateus 15:14.
10. Ver Mateus 13:22.
11. Ver Mateus 5:8.
12. Ver Mateus 5:6.
13. Ver Mateus 17:17.
14. Ver João 8:23.
15. Ver João 6:70.
16. Ver João 13:35.
17. Ver João 15:13.
18. Thomas S. Monson, “Permanecer em Lugares Santos”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 82.
19. João 17:3.
20. João 14:23.
21. Lucas 18:22.
22. João 14:15.
23. Lucas 9:23.
24. Mateus 11:28.
25. Marcos 9:23.
26. Mateus 23:11.
27. Jami Brinton, carta para o autor, 27 de janeiro de 2012.
28. Marcos 5:36.
29. “Sou um Filho de Deus”, *Músicas para Crianças*, pp. 2–3.
30. Extraído de uma conversa com Olgan e Soline Saintelus, em 10 de fevereiro de 2012; ver também Jennifer Samuels, “Family Reunited in Miami after Trauma in Haiti” [Família Reunida em Miami Após a Catástrofe no Haiti], *Church News*, 30 de janeiro de 2010, p. 6.
31. João 14:27.
32. João 16:33.
33. Ver Romanos 14:11.

Ao Encerrarmos Esta Conferência

Presidente Thomas S. Monson

Peço que ponderem as verdades que ouviram, e que elas os ajudem a tornarem-se ainda melhores do que eram quando a conferência começou.

Sinto o coração pleno ao chegarmos ao final desta gloriosa conferência. Fomos ricamente abençoados ao ouvir o conselho e os testemunhos daqueles que nos falaram. Acho que concordo comigo que sentimos o Espírito do Senhor, e que nosso coração foi tocado e nosso testemunho foi fortalecido.

Novamente desfrutamos a bela música que aprimorou e enriqueceu cada sessão da conferência. Expresso minha gratidão a todos os que compartilharam conosco seus talentos.

Meus sinceros agradecimentos a cada um dos oradores e aos que fizeram as orações em cada uma das sessões.

Há inúmeras pessoas que exercem funções de apoio ou que desempenham cargos menos visíveis a cada conferência. Não nos seria possível realizar estas sessões sem a ajuda delas. Agradeço a todas elas também.

Sei que me acompanharão ao expressar profunda gratidão aos irmãos e às irmãs que foram desobrigados nesta conferência. Teremos saudades deles. Sua contribuição para a obra do Senhor foi imensa e será sentida por muitas gerações ainda por vir.

Também apoiamos, com a mão erguida, os irmãos e as irmãs que foram chamados a um novo cargo nesta conferência. Damos-lhes as boas-vindas e queremos que saibam que ansiamos em

servir com eles na causa do Mestre. Foram chamados por inspiração do alto.

Tivemos uma cobertura sem precedentes nesta conferência, que se estendeu por continentes e oceanos para pessoas do mundo inteiro. Embora estejamos bem distantes de muitos de vocês, sentimos seu espírito e sua dedicação, e lhes enviamos nosso amor e gratidão, onde quer que estejam.

Quão abençoados somos, meus irmãos e irmãs, por ter o evangelho restaurado de Jesus Cristo em nossa vida e em nosso coração. Ele nos proporciona respostas para as grandes dúvidas da vida. Dá significado, propósito e esperança a nossa vida.

Vivemos em tempos conturbados. Asseguro-lhes que nosso Pai Celestial está ciente dos desafios que enfrentamos. Ele ama cada um de nós e deseja abençoar-nos e ajudar-nos. Roguemos a Ele em oração, como nos admoestou, dizendo: “Ora sempre e derramarei meu Espírito sobre ti e grande será tua bênção—sim, até maior do que se obtivesses tesouros da Terra e corruptibilidade na mesma medida”.¹

Meus amados irmãos e irmãs, que nosso lar seja pleno de amor e bondade e do Espírito do Senhor. Amem sua família. Se houver discórdias ou contendas entre vocês, peço que as resolvam — agora. O Salvador disse:

“Não haverá disputas entre vós. (...)

Pois em verdade, em verdade vos digo que aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do diabo, que é o pai da discórdia e leva a cólera ao coração dos homens, para contenderem uns com os outros.

[Mas] eis que esta não é minha doutrina, (...); *esta*, porém, é minha doutrina: que estas coisas devem cessar”.²

Como seu humilde servo, reitero as palavras do rei Benjamim em seu discurso a seu povo, quando ele disse:

“Não ordenei que (...) pensásseis que eu, por mim mesmo, seja mais que um homem mortal.

Mas sou como vós mesmos, sujeito a toda sorte de enfermidades do corpo e da mente; contudo fui escolhido (...) [pela] mão do Senhor (...) e fui guardado e preservado por seu incomparável poder para servir-vos com todo o poder, mente e força que o Senhor me concedeu”.³

Meus amados irmãos e irmãs, desejo de todo o coração fazer a vontade de Deus e servir a Ele e a vocês.

Ao deixarmos esta conferência, invoco as bênçãos do céu sobre cada um de vocês. Que vocês que estão longe de casa retornem para lá em segurança. Peço que ponderem as verdades que ouviram, e que elas os ajudem a tornarem-se ainda melhores do que eram quando a conferência começou, há dois dias.

Até que voltemos a nos reunir, daqui a seis meses, rogo que as bênçãos do Senhor estejam sobre vocês e, de fato, sobre todos nós, e faço isso em Seu santo nome, sim, Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Notas

1. Doutrina e Convênios 19:38.
2. 3 Néfi 11:28–30; grifo do autor.
3. Mosias 2:10–11.

Erguei-vos e Brilhai

Ann M. Dibb

Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

Um dos melhores meios de nos erguer e brilhar é obedecer com confiança aos mandamentos de Deus.

Para mim, é um privilégio compartilhar esta noite com vocês. Toda vez que chega janeiro, espero ansiosamente o anúncio do novo tema da Mutual. Contudo, sempre aproveito a ocasião para avaliar se aprendemos bem as lições do tema do ano *anterior*.

Vamos recapitular brevemente os temas recentes: “Que a virtude adorne teus pensamentos incessantemente”,¹ “Sede firmes e inamovíveis, sobejando sempre em boas obras”,² “Sê o exemplo dos fiéis”,³ “Esforça-te e Tem Bom Ânimo”,⁴ e a décima terceira regra de fé: “Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens”.⁵

O estudo e enfoque dessas escrituras, por um ano inteiro, permitiram que elas fizessem parte de nosso coração, de nossa alma e de nosso testemunho. Esperamos que vocês continuem a seguir a orientação delas, ao voltarmos a atenção para o tema da Mutual de 2012, que se encontra em Doutrina e Convênios.

O cabeçalho da seção 115 explica que o ano era 1838, e o local era Far West, Missouri. Joseph Smith estava “informando a vontade do Senhor concernente ao desenvolvimento do lugar e à construção da casa do Senhor”. O profeta sentia-se otimista e animado. No versículo 5, onde encontramos o tema deste ano, o Senhor disse: “Em verdade eu digo a vós todos: Erguei-vos e brilhai, para que vossa luz seja um estandarte para as nações”.

O que lhes vem à mente, quando ouvem a exortação *erguei-vos*? Pessoalmente, eu penso em vocês, a nobre estirpe da Igreja.

Visualizo vocês erguendo-se diligentemente da cama todas as manhãs para o seminário matutino. Vejo vocês erguendo-se fielmente, depois de terminar suas orações diárias. Penso em vocês erguendo-se corajosamente para prestar testemunho e defender seus padrões. Sinto-me inspirada por seu comprometimento de viver o evangelho e por seu bom exemplo. Muitas de vocês já aceitaram esse convite para se erguer e brilhar, e sua luz incentiva outras pessoas a fazerem o mesmo.

Um dos melhores meios de nos erguer e brilhar é obedecer com confiança aos mandamentos de Deus. Aprendemos esses mandamentos nas escrituras, com os profetas modernos e nas páginas do livreto *Para o Vigor da Juventude*. Cada uma de vocês deve ter seu próprio exemplar. Em meu livreto pessoal, escrevi e destaquei as palavras *para você*, na capa, como me ensinou uma amiga que respeito muito. Isso me faz lembrar que esses padrões não são apenas diretrizes gerais: eles são especificamente *para mim*. Espero que se disponham a escrever essas palavras em seu próprio livreto, a lê-lo de capa a capa, e a sentir o Espírito testificar-lhes que os padrões são *para vocês* também.

Pode haver quem fique tentado a negligenciar ou desprezar os padrões do livreto *Para o Vigor da Juventude*. Pode ser que olhem para ele e digam: “Viu, mãe, o livreto não fala nada sobre [complete com o assunto em questão]”. Ou talvez se justifiquem dizendo: “O que estou fazendo não é tão ruim assim. Sem dúvida não sou tão ruim quanto a [insira o nome de uma amiga ou conhecida]”.

O Presidente Harold B. Lee ensinou: “O mais importante de todos os mandamentos de Deus é aquele que temos a maior dificuldade para cumprir hoje”.⁶ O rei Benjamim explicou: “Não vos posso dizer todas as coisas pelas quais podeis cometer pecado; porque há vários modos e meios, tantos que não os posso enumerar”.⁷ Se estiverem tendo dificuldade em cumprir esses padrões e mandamentos, incentivo vocês a procurar apoio no evangelho. Leiam as escrituras. Passem algum tempo consultando o site oficial da Igreja, LDS.org, para encontrar respostas a suas perguntas. Conversem com seus pais, com seus líderes da Igreja e com pessoas que brilham resplendentemente ao viver o evangelho. Orem. Abram o coração para o Pai

Celestial, que ama vocês. Usem o dom do arrependimento diariamente. Sirvam ao próximo. E o mais importante, ouçam e sigam os sussurros do Espírito Santo.

O Presidente Thomas S. Monson incentiva-nos a todos com estas palavras: “Meus jovens amigos, sejam fortes. (...) Vocês sabem o que é certo e o que é errado, e nenhum disfarce, por mais atraente que seja, pode mudar isso (...) Se seus pretensos amigos o instarem a fazer algo que você sabe ser errado, é *você* que deve defender o certo, mesmo que fique sozinho”.⁸

O Pai Celestial não quer que olhemos para o mundo e *sigamos* suas tendências, que sempre mudam. Ele quer que olhemos para Ele e sigamos Sua orientação, que nunca muda. Ele quer que vivamos o evangelho e *lideremos* outros a ele, estabelecendo um padrão elevado.

As escrituras fornecem muitos bons exemplos para ilustrar esse conceito. No livro de Juízes, no Velho Testamento, aprendemos a respeito de Sansão. Ele nasceu com grande potencial. Foi prometido à mãe dele: “Ele começará a livrar a Israel da mão dos filisteus”.⁹ Mas quando cresceu, Sansão olhou mais para as tentações do mundo do que para a orientação de Deus. Ele tomava uma decisão “porque ela [agradava] aos [seus] olhos”,¹⁰ e não porque era o certo. Repetidas vezes, as escrituras usam a expressão “E desceu”,¹¹ ao relatar as jornadas, ações e escolhas de Sansão. Em vez de erguer-se e brilhar para cumprir seu grande potencial, Sansão se deixou vencer pelo mundo, perdeu o poder que recebera de Deus e teve uma morte trágica e precoce.

Por outro lado, as escrituras nos dão o exemplo de Daniel. Ele também nasceu com grande potencial. No livro de Daniel, capítulo seis, lemos: “Daniel sobrepujou a estes presidentes e príncipes; porque nele havia um espírito excelente”.¹² Quando enfrentou desafios mundanos, Daniel não olhou para o mundo — ergueu-se e olhou para o céu. Em vez de seguir o decreto mundano do rei de que ninguém devia orar a não ser para o rei por 30 dias, Daniel “entrou em sua casa (ora havia no seu quarto janelas abertas, do lado de Jerusalém), e três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças diante do seu Deus, como também antes costumava fazer”.¹³

Daniel não teve medo de erguer-se e brilhar para seguir os mandamentos de Deus. Embora passasse uma noite desconfortável na cova dos leões por defender o que era certo, foi protegido e abençoado por sua obediência. Quando o rei Dario retirou Daniel da cova dos leões, no dia seguinte, promulgou um decreto de que todos deviam temer o Deus de Daniel e seguir o exemplo de fidelidade de Daniel. Realmente, Daniel mostrou-nos o que significa ser um estandarte para as nações e jamais rebaixar nossos padrões ao enfrentar as tentações mundanas.

Tive a bênção de ouvir muitos exemplos modernos de jovens, iguais a vocês, que não têm medo de erguer-se e brilhar, permitindo que sua luz seja um estandarte entre suas colegas. Joanna era uma das três únicas pessoas membros da Igreja em sua escola do Ensino Médio e a única moça de sua ala. Ela comprometeu-se consigo mesma e com o Senhor de que jamais diria palavrões. Em um projeto da escola, ao fazer par com um rapaz que não tinha assumido esse mesmo compromisso, ela não rebaixou seus padrões. Pediu a ele que respeitasse e honrasse os valores dela. Com o tempo, e após muitos lembretes gentis e nem tão gentis, o amigo dela adquiriu novos hábitos e passou a usar uma linguagem mais limpa. Muitas pessoas notaram a diferença, inclusive o pai do rapaz, que agradeceu a Joanna por ser uma boa influência na vida do filho.¹⁴

Em uma recente designação nas Filipinas, conheci Karen, que me contou o que lhe aconteceu quando era Laurel e fazia um curso universitário de administração de hotéis e restaurantes. Um professor exigiu que cada aluno aprendesse a preparar e provasse várias bebidas que seriam servidas em seus restaurantes. Algumas bebidas eram alcoólicas, e Karen sabia que se as provasse estaria quebrando os mandamentos do Senhor. Desafiando sérias consequências, Karen teve a coragem de erguer-se e brilhar, e não provou aquelas bebidas.

Karen explicou: “Meu professor veio falar comigo e perguntou por que eu não estava bebendo. Ele disse: ‘Senhorita Karen, como vai saber o sabor delas e passar nesta importante matéria sem ao menos provar as bebidas?’ Eu lhe disse que era membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e que, como membros, não bebíamos coisas que nos eram

prejudiciais. Independentemente do que ele esperasse de mim, mesmo que eu precisasse ser reprovada, eu compreenderia, mas não deixaria de cumprir meus padrões pessoais”.

Passaram-se semanas e nada mais foi dito sobre aquele dia. No final do semestre, Karen sabia que sua nota final refletiria sua recusa em provar as bebidas. Ela hesitou em olhar sua nota, mas quando o fez, viu que tinha recebido a nota mais alta da classe!

Ela disse: “Aprendi com isso que Deus (...) sem dúvida nos abençoa quando O seguimos. Também sei que, mesmo que eu tivesse sido reprovada, não lamentaria o que fiz. Sei que jamais serei reprovada à vista do Senhor, se decidir fazer o que sei ser a coisa certa”.¹⁵

Queridas moças, cada uma de vocês nasceu com um grande potencial. Vocês são filhas amadas do Pai Celestial. Ele as conhece e as ama. E as convidou a “erguer-se e brilhar” e prometeu que, se o fizessem, Ele as apoiaria e abençoaria. Oro para que cada uma de vocês encontre coragem para aceitar Seu convite e receber Suas promessas. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Doutrina e Convênios 121:45.
2. Mosias 5:15.
3. I Timóteo 4:12.
4. Josué 1:9.
5. Regras de Fé 1:13.
6. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee*, 2000, p. 30.
7. Mosias 4:29.
8. Thomas S. Monson, “Exemplos de Retidão”, *A Liahona*, maio de 2008, p. 65.
9. Juízes 13:5.
10. Juízes 14:3.
11. Juízes 14:7.
12. Daniel 6:3.
13. Daniel 6:10.
14. Para um trecho desta história, ver Joanna Ehrisman, “The Thing about Being Mormon” [O Fato de Ser Mórmon], Katilin Medlin e outros, eds., *Going on 15: Memoirs of Freshmen*, 2010, pp. 93–96.
15. Correspondência pessoal com a autora, 2012.

Procurem Conhecimento: Vocês Têm um Trabalho a Realizar

Mary N. Cook

Primeira Conselheira na Presidência Geral das Moças

Abençoem seus filhos e o seu futuro lar, aprendendo o máximo que puderem agora.

Minhas queridas moças, amamos imensamente cada uma de vocês. Nós as vemos erguendo-se corajosamente e brilhando num mundo em que grandes desafios acompanham grandes oportunidades. Isso pode fazê-las perguntar: “O que o futuro reserva para mim?” Asseguro-lhes que, como filhas virtuosas de Deus, seu futuro é brilhante! Vocês vivem numa época em que as verdades do evangelho foram restauradas, e essas verdades podem ser encontradas nas escrituras. Receberam o dom do Espírito Santo por ocasião de seu batismo, e o Espírito Santo vai ensinar-lhes a verdade e prepará-las para os desafios da vida.

Deus deu-lhes o arbítrio moral e a oportunidade de aprender enquanto estão na Terra, e Ele tem um trabalho para vocês fazerem. Para realizar esse trabalho, vocês têm a responsabilidade individual de buscar conhecimento. A chave de seu futuro, seu brilhante “raio de esperança”,¹ pode ser encontrada no novo livreto *Para o Vigor da Juventude*, no padrão educação, e no valor “conhecimento” das Moças.

“A educação (...) abrirá as portas de oportunidades.”² À medida que seguirem a admoestação do Senhor de “[procurar] conhecimento, sim, pelo estudo e também pela fé”,³ vocês vão adquirir não apenas conhecimento, por seu estudo, mas também mais luz, ao aprenderem pela fé.

Procurem conhecimento estudando diligentemente. Vocês terão raras oportunidades de passar tanto tempo dedicando-se ao aprendizado como podem fazê-lo agora. O Presidente Gordon B. Hinckley aconselhou sabiamente aos jovens da Igreja: “O padrão de estudo que estabelecerem durante sua educação formal vai afetar em grande medida a sede de conhecimento que terão por toda a vida”.⁴ “Vocês precisam adquirir toda instrução que puderem. (...) Sacrifiquem tudo o que for necessário a fim de qualificarem-se para realizar o trabalho [deste] mundo. (...) Eduquem a mente e as mãos para tornarem-se uma influência para o bem, ao seguirem pela vida.”⁵

Falando especificamente para as moças, o Presidente Thomas S. Monson disse: “O futuro é muitas vezes uma incógnita; portanto, cabe a nós preparar-nos para as incertezas. (...) Exorto-as a que estudem e desenvolvam aptidões que estejam em demanda no mercado de trabalho, para que, se a situação surgir, vocês estejam preparadas para enfrentá-la”.⁶

Moças, sigam o conselho desses sábios e inspirados profetas. Sejam boas alunas. Ergam-se e brilhem na escola com trabalho árduo, honestidade e integridade. Se tiverem dificuldade ou sentirem-se desanimadas com seu desempenho escolar, procurem a ajuda de seus pais, de professores e de membros prestativos da Igreja. Nunca desistam!

Façam uma lista das coisas que desejam aprender e depois compartilhem as metas educacionais com sua família, seus amigos e líderes para que eles possam apoiá-las e encorajá-las”.⁷ Esse é o padrão do Progresso Pessoal.

Com a tecnologia, vocês estão testemunhando uma explosão de conhecimento. Estão sendo constantemente bombardeadas com som, vídeo e redes sociais. Sejam seletivas e não permitam que essa enxurrada de informações as distraia ou retarde seu progresso. Ergam-se, moças! *Vocês* determinam suas metas. *Vocês* decidem o que entra em sua mente e em seu coração.

Parte de seu aprendizado mais importante acontecerá fora da sala de aula. Cerquem-se de mulheres exemplares que possam ensinar-lhes habilidades no cuidado do lar, na arte, na música, na história da família, nos esportes, na redação ou na oratória. Procurem conhecê-las e peçam que elas sejam suas mentoras.

Quando aprenderem algo novo, ensinem isso na Mutual ou tornem-se mentoras de outras jovens, como parte dos requisitos de sua Honra da Abelhinha.

Além de minha maravilhosa mãe, tive muitas mentoras na vida. Entrei em contato pela primeira vez com o processo de ter uma mentora quando tinha apenas nove anos. Minha professora da Primária ensinou-me a bordar “Trarei a Luz do Evangelho para o Meu Lar”, um quadro que esteve pendurado em meu quarto em minha adolescência. Ela me guiou, me corrigiu e sempre me encorajou ao longo do caminho. Seguiram-se outras mentoras. Duas excelentes costureiras de minha ala me ensinaram a costurar. Com a orientação, a paciência e o incentivo delas, inscrevi um vestido em um concurso de costura, quando tinha quatorze anos, e cheguei a ganhar um prêmio! O processo aumentou minha sede de conhecimento e de excelência em outras áreas também.

A aquisição de conhecimento terá imenso retorno quando se tornarem mães. “O nível de educação da mãe exerce profunda influência nas escolhas educacionais [dos filhos].”⁸ A formação educacional da mãe é “a chave para romper o ciclo da pobreza”.⁹ As mulheres com nível educacional mais elevado (...) “tendem a: dar à luz bebês mais saudáveis, ter filhos mais saudáveis, ser mais confiantes e aptas a suportar pressões, e ter melhor raciocínio e bom-senso”.¹⁰

Aprendemos em “A Família: Proclamação ao Mundo” que “a responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos”.¹¹ A tarefa de prover a educação dos filhos faz parte dessa criação e é sua responsabilidade sagrada. Como os jovens guerreiros, que “tinham sido ensinados por suas mães”,¹² vocês serão a professora mais importante que seus filhos terão. Por isso, escolham cuidadosamente o que aprendem. Abençoem seus filhos e seu futuro lar, aprendendo o máximo que puderem agora.

Busquem conhecimento pela fé. Aprendemos pela fé ao, diligentemente, adquirirmos conhecimento espiritual por meio da oração, do estudo das escrituras e da obediência, buscando a orientação do Espírito Santo, que presta testemunho de toda a verdade. Se fizerem sua parte para adquirir conhecimento, o Espírito Santo pode iluminar-lhes a mente. Se vocês se esforçarem

para ser dignas, o Espírito Santo lhes dará orientação e mais luz em seu aprendizado.

Quando eu era jovem, peguei emprestados esquis que eram longos demais e botas que eram grandes demais, e uma amiga me ensinou a esquiar. Era um belo dia de primavera, cheio de sol, com a neve perfeita, e um céu azul sem nuvens. A ansiedade de descer as encostas íngremes foi dando lugar ao deleite, à medida que aprendia. Embora tenha sofrido muitas quedas com aqueles esquis longos, levantava-me e continuava tentando. Acabei aprendendo a amar esse esporte!

No entanto, em pouco tempo descobri que nem todos os dias e nem todas as condições climáticas eram tão ideais para esquiar quanto aqueles. Nos dias nublados, esquiávamos na condições de “luz difusa”. Isso acontece quando a luz do sol é difundida pelas nuvens. Ao se olhar para a neve branca à frente, perde-se a noção de profundidade e fica difícil julgar a inclinação das encostas ou ver as lombadas e protuberâncias na montanha.

Moças, pode ser que estejam olhando para seu futuro como eu olhei para aquela íngreme encosta de esqui. Talvez sintam, às vezes, que estão sob luz difusa, incapazes de ver o que está à frente. O aprendizado pela fé lhes dará confiança e as ajudará a trilhar seu caminho nos momentos de incerteza.

No capítulo 25 de Mateus, a parábola das dez virgens nos ensina que a preparação espiritual é essencial e precisa ser realizada individualmente. Devem lembrar que todas as dez virgens foram convidadas para acompanhar o noivo ao banquete de núpcias, mas somente as cinco virgens sábias estavam preparadas com óleo em suas lâmpadas quando o noivo chegou.

“E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam”.

Mas as sábias responderam, dizendo: “Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.

E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.”¹³

Talvez achem que foi egoísmo da parte das cinco virgens sábias, elas não compartilharem seu azeite, mas isso era

impossível. A preparação espiritual precisa ser adquirida individualmente, gota a gota, e não pode ser compartilhada.

Agora é o momento para vocês se aplicarem diligentemente à tarefa de aumentar seu conhecimento espiritual, gota a gota, por meio da oração, do estudo das escrituras e da obediência. Agora é a hora de procurarem adquirir instrução formal, gota a gota. Cada pensamento e ato virtuoso também acrescenta óleo a sua lâmpada, qualificando-as para a orientação do Espírito Santo, nosso professor divino.

O Espírito Santo vai guiá-las em sua jornada na mortalidade, mesmo quando sentirem que estão sob luz difusa, sem ter certeza do que há pela frente. Vocês não precisam temer. Se permanecerem no caminho que conduz à vida eterna, o Espírito Santo vai orientá-las em suas decisões e em seu aprendizado.

Testifico por experiência própria que, se buscarem conhecimento, não apenas pelo estudo, mas também pela fé, vocês *serão* guiadas naquilo que “o Senhor precisará que façam e no que precisam saber”.¹⁴

Recebi minha bênção patriarcal quando era jovem e fui aconselhada a preparar-me com uma boa formação educacional e a aprender cedo na vida as virtudes necessárias para cuidar da casa e criar uma família. Por isso, quis ter a bênção de uma família, porém essa bênção só chegou após os 37 anos de idade, quando finalmente me casei. Meu marido era viúvo e, no dia em que fomos selados no templo, fui abençoada, de repente, não só com um marido, mas também com uma família de quatro filhos.

Bem antes disso, houve muitos dias em que me sentia como se estivesse esquiando sob luz difusa, perguntando-me: “O que o futuro reserva para mim?” Procurei seguir os conselhos de minha bênção patriarcal. Estudei diligentemente para tornar-me professora e prossegui meus estudos para tornar-me diretora de escola do Ensino Fundamental. Orei a meu Pai Celestial e busquei a orientação do Espírito Santo. Apeguei-me fervorosamente à promessa dos profetas, que me garantiram que se eu “permanecesse fiel e leal, guardasse [meus] convênios, servisse a Deus, amasse [meu] Pai Celestial e o Senhor Jesus Cristo, não [me] seria negada nenhuma das bênçãos eternas que nosso Pai Celestial reservou para Seus filhos fiéis”.¹⁵

Sei hoje que minha formação educacional preparou-me para uma vida diferente da que eu tinha visualizado quando jovem. Achei que estava estudando pedagogia para dar aulas na escola e para meus futuros filhos, mas não sabia que o Senhor também estava me preparando para ensinar inglês na Mongólia, em uma missão com meu marido, para ensinar as moças da Igreja no mundo inteiro, e para ensinar aos meus netos o valor do conhecimento — todas essas bênçãos maravilhosas que eu nunca teria imaginado.

Testifico-lhes que nosso Pai Celestial as conhece e as ama. Ele depositou grande confiança em vocês e tem um trabalho que somente *vocês* podem fazer. Quero assegurar-lhes que *estarão* preparadas para esse grande trabalho, se buscarem conhecimento pelo estudo e também pela fé. Disso presto testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Gordon B. Hinckley, “Estender a Mão para Erguer Outra Pessoa”, *A Liahona*, janeiro de 2002, p. 60.
2. *Para o Vigor da Juventude*, livreto, 2011, p. 9.
3. Doutrina e Convênios 88:118.
4. Gordon B. Hinckley, *Way to Be! Nine Ways to Be Happy and Make Something of Your Life*, 2002, p. 28.
5. Gordon B. Hinckley, “Seek Learning,” *New Era*, setembro de 2007, pp. 2, 4.
6. Thomas S. Monson, “Se Estiverdes [Preparadas] Não Temereis” *A Liahona*, novembro de 2004, p. 116.
7. *Para o Vigor da Juventude*, p. 9.
8. Cheryl Hanewicz e Susan R. Madsen, “The Influence of a Mother on a Daughter’s College Decision”, *Utah Women and Education Project Research Snapshots*, número 3, janeiro de 2011. 1.
9. Marjorie Cortez, “Mom’s Education Key to Halt Poverty Cycle”, *Deseret News*, 23 de setembro de 2011, A1.
10. Olene Walker, “More Utah Women Need to Finish College”, *Salt Lake Tribune*, 30 de outubro de 2011, O4.
11. “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, novembro de 2010, última contracapa.
12. Alma 56:47.
13. Mateus 25:8–10.
14. Henry B. Eyring, “Education for Real Life”, *Ensign*, outubro de 2002, p. 18.
15. M. Russell Ballard, “Preparing for the Future”, *Ensign*, setembro de 2011, p. 27.

Este É o Momento de Erguer-se e Brilhar!

Elaine S. Dalton

Presidente Geral das Moças

Como filhas de Deus, vocês nasceram para liderar.

Da minha janela do escritório das Moças, tenho uma vista espetacular do Templo de Salt Lake. Todos os dias, vejo o anjo Morôni no alto do templo, como um símbolo reluzente não apenas de sua fé, mas da nossa. Amo Morôni, porque numa sociedade extremamente degenerada, ele se manteve puro e fiel. Ele é o meu herói. Resistiu sozinho. Sinto que, elevando-se acima do topo do templo, ele nos conclama hoje a ter coragem, a lembrar quem somos e a ser dignas de entrar no templo sagrado — a “erguer-nos e elevar-nos”¹ acima do clamor do mundo e, como Isaías profetizou, “[ir] (...) ao monte do Senhor”² — o templo sagrado.

Reunidas aqui hoje estão as filhas eleitas do Senhor. Não há grupo mais influente que defenda a verdade e a retidão em todo o mundo do que as moças e as mulheres da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Vejo sua nobreza e conheço sua identidade e destino divinos. Vocês se destacaram na existência pré-mortal. Sua linhagem carrega consigo convênios e promessas. Vocês herdaram os atributos espirituais dos fiéis patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Um profeta de Deus, certa vez, referiu-se a cada uma de vocês reunidas hoje como “um raio luminoso de esperança”³ no futuro. E eu concordo! Num mundo muito desafiador, sua luz brilha resplandecente. De fato, estes são “dias inesquecíveis”.⁴ Estes são os *seus* dias, e *agora* é o momento para que as moças de toda parte “[se ergam e brilhem], para que [sua] luz seja um estandarte para as nações”.⁵

“Um estandarte é como um padrão de medida pelo qual determinamos a exatidão ou a perfeição.”⁶ Devemos ser um padrão de santidade para que o mundo inteiro veja! O novo livreto *Para o Vigor da Juventude* revisado contém não apenas padrões para ser seguidos com exatidão, mas também as bênçãos prometidas por fazermos isso. As palavras contidas nesse importante livreto são padrões para o mundo, e o cumprimento desses padrões vai permitir que vocês saibam o que fazer para tornar-se mais semelhantes ao Salvador e para ser felizes num mundo cada vez mais tenebroso. O cumprimento dos padrões desse livreto vai ajudá-las a qualificar-se para a companhia constante do Espírito Santo. E no mundo em que vivem, precisarão dessa companhia para tomar decisões vitais que vão determinar grande parte de seu futuro sucesso e felicidade. O cumprimento desses padrões vai ajudar cada uma de vocês a qualificar-se para entrar nos templos sagrados do Senhor e ali receber as bênçãos e o poder que as esperam, quando fizerem e cumprirem convênios sagrados.⁷

Quando nossa filha, Emi, era pequena, ela gostava de observar cada movimento meu, quando me preparava para a Igreja. Depois de observar minha rotina, ela penteava os cabelos e punha seu vestido, e, depois sempre me pedia que passasse um pouco de “brilho” no rosto dela. O que ela chamava de “brilho” era o creme grosso e pegajoso que eu usava para prevenir rugas. Tal como ela pedia, eu passava um pouco nas bochechas e nos lábios de Emi, que então sorria, dizendo: “Agora estamos prontas para ir!” O que Emi não percebia é que ela já possuía seu próprio “brilho”. Seu rosto brilhava porque ela era pura, inocente e boa, e porque tinha o Espírito com ela, e isso era visível.

Gostaria que toda moça aqui reunida hoje soubesse e compreendesse que sua beleza — seu “brilho” — não está na maquiagem, nos cremes pegajosos ou na última moda em roupas ou cortes de cabelo. Está em sua pureza pessoal. Quando vocês cumprem os padrões e se qualificam para a companhia constante do Espírito Santo, podem exercer uma influência vigorosa no mundo. Seu exemplo, até a luz de seus olhos, vai influenciar as pessoas que veem seu “brilho”, e elas vão querer ser como vocês. Onde vocês conseguem essa luz? O Senhor é a luz, “e o Espírito

dá luz a todo homem que vem ao mundo; e o Espírito ilumina todo homem no mundo que dá ouvidos a sua voz”.⁸ Há uma luz divina em nossos olhos e em nosso semblante, quando nos achegamos a nosso Pai Celestial e a Seu Filho, Jesus Cristo. É assim que conseguimos o “brilho”! Além disso, como todas podem ver, aquele “creme brilhante” não funcionou muito bem nas minhas rugas!

A conclamação para “erguer-nos e brilhar” é um chamado para que cada uma de vocês lidere o mundo em uma causa vigorosa — que elevem os padrões — e liderem esta geração em virtude, pureza e dignidade para o templo. Se quiserem fazer uma diferença no mundo, *vocês precisam ser diferentes do mundo*. Repito as palavras do Presidente Joseph F. Smith, que disse às mulheres de sua época: “Vocês não devem ser lideradas pelas [moças] do mundo; vocês devem liderar (...) as [moças] do mundo, em tudo o que (...) purifique os filhos dos homens”.⁹ Essas palavras são verdadeiras hoje. Como filhas de Deus, vocês nasceram para liderar.

No mundo em que vivemos, sua capacidade de liderar vai exigir a orientação e a companhia constante do Espírito Santo, que lhes dirá “todas as coisas que deveis fazer”¹⁰ ao reconhecerem Sua orientação e inspiração, e ao confiarem nelas. E como o Espírito Santo não habita em templos impuros, cada uma de nós precisa fazer uma avaliação de nossos hábitos e de nosso coração. Todas precisamos mudar algo — arrepender-nos. Conforme declarou o pai do rei Lamôni, no Livro de Mórmon: “Abandonarei *todos* os meus pecados para conhecer-te”.¹¹ Será que nós todas, vocês e eu, estamos dispostas a fazer o mesmo?

Um grupo de jovens de Queen Creek, Arizona, determinouse a “erguer-se e brilhar” e a liderar os jovens de sua comunidade de acordo com os padrões estabelecidos em *Para o Vigor da Juventude*. Cada um deles escreveu no diário algo que sentia que impedia seu progresso ou algo que queria mudar em sua vida, e depois cavaram literalmente um buraco. Reuniram-se, arrancaram aquela página do diário e a jogaram dentro do buraco feito na terra, assim como o povo de Amon, no Livro de Mórmon, fez com suas armas de guerra.¹² Eles enterraram aquelas páginas e, nesse dia, cada um deles assumiu o compromisso de mudar.

Eles se arrependeram. Decidiram firmemente que iriam erguer-se!

Há algo em sua vida que vocês precisam mudar? Vocês podem fazê-lo. Podem arrepender-se, graças ao infinito sacrifício expiatório do Salvador, que nos possibilita mudar, tornar-nos novamente puras e limpas, e ser semelhantes a Ele. Ele prometeu que, quando fizermos isso, nunca mais Se lembrará de nossos erros e pecados.¹³

Às vezes parece quase impossível continuar brilhando. Vocês encontram muitos desafios que podem obscurecer a fonte de toda a luz, que é o Salvador. Às vezes, o caminho é difícil e, às vezes, pode parecer que uma densa névoa esconde a luz. Foi isso que aconteceu com uma moça chamada Florence Chadwick. Aos dez anos de idade, Florence descobriu que tinha um grande talento para a natação. Cruzou a nado o Canal da Mancha no tempo recorde de treze horas e vinte minutos. Florence adorava desafios e, mais tarde, tentou nadar da costa da Califórnia até a Ilha Catalina: uma distância de aproximadamente 40 quilômetros. Nesse trajeto, ela se cansou depois de nadar grande parte do percurso. Uma densa neblina obscureceu-lhe a visão da costa. A mãe seguia a seu lado de barco, e Florence disse-lhe que achava que não conseguiria terminar o percurso. A mãe e a treinadora a incentivaram a continuar, mas ela só conseguia ver a neblina. Ela desistiu do objetivo e, quando estava dentro do barco, descobriu que havia desistido quando faltava menos de dois quilômetros para chegar à Ilha Catalina. Mais tarde, quando foi entrevistada e lhe perguntaram por que havia abandonado a prova, ela confessou que não havia sido por causa da água fria nem da distância. Ela disse: "Fui derrotada pela neblina".¹⁴

Mais tarde, tentou repetir a prova, e novamente houve densa neblina. Mas dessa vez, continuou nadando e conseguiu chegar à costa. Dessa vez, quando lhe perguntaram o que fizera a diferença, ela disse que mantivera uma imagem mental da costa em sua mente ao cruzar a densa neblina e durante todo o percurso.¹⁵

Para Florence Chadwick, a costa era sua meta. Para cada uma de nós, a meta é o templo. Moças, mantenham o foco! Não percamos sua meta de vista. Não deixem que a densa névoa da

poluição moral ou as vozes depreciativas do mundo as impeçam de atingir suas metas, de viver os padrões, de desfrutar a companhia do Espírito Santo e de ser dignas de entrar nos templos sagrados. Mantenham sempre no coração e na mente a visão do templo — a casa santa do Salvador.

Há várias semanas, estive na sala celestial do Templo de Reno Nevada. A luz que permeava aquela sala era brilhante e se tornava ainda mais radiante por causa do lustre de cristais, que refletiam a luz em suas muitas facetas lapidadas, formando pequenos arco-íris de luz em toda parte. Fiquei sem fôlego ao dar-me conta de que o Salvador é “a luz e a vida do mundo”,¹⁶ e que é a *Sua* luz que devemos erguer e refletir. *Nós* somos os pequenos cristais que refletem Sua luz, e para isso, precisamos estar limpas e livres da poeira do mundo. Ali naquela sala, ouvi de novo na mente a conclamação de Morôni para nós, filhas de Sião: “Desperta e levanta-te do pó”.¹⁷ “Não [toqueis] nem na dádiva má nem no que é impuro.”¹⁸ “Desperta e levanta-te do pó, (...) e veste-te com teus vestidos formosos, ó filha de Sião (...), para que se cumpram os convênios que o Pai Eterno fez contigo, ó casa de Israel!”¹⁹

As bênçãos prometidas do templo não se estendem apenas a vocês, mas a todas as gerações. Ao fazerem do templo a sua meta, sua influência para o bem transcenderá o tempo e o espaço, e o trabalho que realizarem por aqueles que já faleceram será o cumprimento da profecia!

Na última conferência geral, fiquei encantada ao ouvir o Élder David A. Bednar convidar cada uma de vocês a ocupar-se zelosamente em fazer sua própria história da família e o trabalho do templo por aqueles que morreram sem ter as bênçãos do evangelho restaurado de Jesus Cristo.²⁰ Quando ele lhes fez esse convite, senti o coração saltar dentro de mim. Em Doutrina e Convênios, lemos a respeito de “outros espíritos preciosos que foram reservados para nascer na plenitude dos tempos a fim de participar no estabelecimento dos alicerces da grande obra dos últimos dias, incluindo a construção de templos e a realização, neles, de ordenanças para a redenção dos mortos”.²¹ Este é o seu dia, e seu trabalho já começou! Agora é o momento de ser dignas

de obter uma recomendação para o templo. À medida que fizerem esse trabalho, vão se tornar salvadoras no Monte Sião.²²

O Élder Russell M. Nelson disse o seguinte a seu respeito: “A influência das moças da Igreja, tal como um gigante adormecido, vai despertar, erguer-se e inspirar os habitantes da Terra, como uma vigorosa força para a retidão”.²³ Moças, ergam-se e assumam seu lugar nos gloriosos acontecimentos que vão moldar seu futuro e o futuro do mundo. Agora é o momento!

“No monte a bandeira se alteia já, com júbilo proclama: ‘O Senhor virá!’”²⁴ Moças, vocês são a bandeira! Sejam virtuosas e puras, busquem a companhia do Espírito Santo, enterrem seus pecados e suas transgressões, mantenham o foco e não permitam que a névoa da poluição moral obscureça suas metas. Sejam dignas, desde já, de entrar no templo. Ponham no rosto o seu “brilho”! Testifico do fundo do coração que Deus vive e que Ele vai iluminar nossa vida, se nos achegarmos ao Seu Filho Amado, nosso Salvador, Jesus Cristo. E oro para que, tal como Morôni, nos “[ergamos e brilhemos], para que [nossa] luz seja um estandarte para as nações”!²⁵ No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. Doutrina e Convênios 115:5.
2. Isaías 2:3; 2 Néfi 12:3.
3. Gordon B. Hinckley, “Permanecer Firmes e Inamovíveis”, *Reunião Mundial de Treinamento de Liderança*, 10 de janeiro de 2004, p. 20.
4. Oliver Cowdery, Joseph Smith—História 1:71, nota.
5. Doutrina e Convênios 115:5.
6. Ezra Taft Benson, “Strengthen Thy Stakes”, *Tambuli*, agosto de 1991, p. 4.
7. Ver Doutrina e Convênios 109:22.
8. Doutrina e Convênios 84:46.
9. *Ensinaamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith*, 1998, p. 184.
10. 2 Néfi 32:5.
11. Alma 22:18; grifo do autor.
12. Ver Alma 24:17.
13. Ver Doutrina e Convênios 58:42.
14. Ver Sterling W. Sill, *Conference Report*, abril de 1955, p. 117.
15. Ver Randy Alcom, “Florence Chadwick and the Fog”, <http://www.epm.org/resources/2010/Jan/21/florence-chadwick-and-fog/>. Ver também “Florence Chadwick”, *Encyclopedia of World Biography*, vol. 19, 2004, pp. 64–66; “Navigation Information” e “Swim Successes,” Catalina Channel Swimming Federation, swimcatalina.com, acessado em 27 de março de 2012. Existem outros relatos diferentes a respeito de Florence Chadwick.
16. 3 Néfi 9:18.
17. Morôni 10:31.
18. Morôni 10:30.
19. Morôni 10:31.
20. Ver David A. Bednar, “O Coração dos Filhos Voltar-se-á”, *A Liahona*, novembro de 2011, p. 24.
21. Doutrina e Convênios 138:53–54.

22. Ver Obadias 1:21; Doutrina e Convênios 103:9; e *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 472–473.
23. Russell M. Nelson, “Daughters of Zion,” *New Era Young Women Special Issue*, YW novembro de 1985, p. 9.
24. “No Monte a Bandeira”, *Hinos*, nº 4.
25. Doutrina e Convênios 115:5.

Crer, Obedecer e Perseverar

Presidente Thomas S. Monson

Creiam que o fato de permanecerem firmes e fiéis às verdades do evangelho é algo de vital importância. Testifico a vocês que é!

Minhas queridas jovens irmãs, sinto-me extremamente humilde pela responsabilidade de falar a vocês. Oro pedindo a ajuda divina, para que eu possa estar à altura desta oportunidade.

Há apenas vinte anos, vocês não tinham iniciado sua jornada pela mortalidade. Ainda estavam em seu lar celestial. Ali, estavam entre aqueles que as amavam e se preocupavam com seu bem-estar eterno. Por fim, a vida na Terra se tornou essencial para seu progresso. Sem dúvida, houve despedidas e muitas expressões de confiança em vocês. Vocês ganharam um corpo e se tornaram mortais, afastadas da presença de seu Pai Celestial.

Contudo, uma calorosa recepção as aguardava aqui na Terra. Aqueles primeiros anos foram preciosos e especiais. Satanás não tinha poder para tentá-las, porque ainda não se haviam tornado responsáveis por seus atos. Eram inocentes perante Deus.

Pouco depois, entraram no período que alguns chamam de “terrível adolescência”. Eu prefiro “maravilhosa adolescência”. Que época de oportunidades! Uma época de crescimento, de desenvolvimento, marcada pela aquisição de conhecimento e da busca pela verdade.

Ninguém descreveu o período da adolescência como fácil. Geralmente são anos de insegurança, de sentimentos de

incapacidade, da busca de um lugar em meio a seus colegas, de um desejo de fazer parte da turma. É uma época em que vocês estão-se tornando mais independentes — e talvez desejem mais liberdade do que seus pais estão dispostos a conceder-lhes neste exato momento. Também é a principal época em que Satanás vai tentá-las, e vai fazer de tudo para seduzi-las e desviá-las do caminho que as levará de volta ao lar celestial de onde vieram, de volta a seus entes queridos que lá estão, e de volta ao seu Pai Celestial.

O mundo ao seu redor não está equipado para oferecer-lhes a ajuda necessária para realizar essa jornada, muitas vezes, traiçoeira. Por isso, muitos que vivem em nossa sociedade atual parecem ter-se soltado das amarras de segurança e se afastado do porto de paz.

A permissividade, a imoralidade, a pornografia, as drogas, o poder de pressão dos colegas, tudo isso e muito mais levam muitos a ser lançados no mar do pecado e esmagados nos recifes pontiagudos das oportunidades perdidas, das bênçãos negadas e dos sonhos destruídos.

Existe um caminho para a segurança? Existe uma saída dessa ameaça de destruição? A resposta é um grande e sonoro *sim!* Aconselho-as a olhar para o farol do Senhor. Já disse isso antes, e vou dizer novamente: não há nevoeiro tão denso, nem noite tão escura, nem ventania tão forte, nem marinheiro tão perdido, que o farol do Senhor não possa resgatar. Ele brilha em meio às tempestades da vida. Ele chama, dizendo: “*Este é o caminho para a segurança. Este é o caminho para casa*”. Ele envia sinais de luz facilmente vistos, e nunca falha. Se forem seguidos, esses sinais vão guiá-las de volta ao seu lar celestial.

Quero falar-lhes hoje acerca de três sinais vitais do farol do Senhor que vão ajudá-las a regressar ao Pai, que aguarda ansiosamente seu retorno triunfante. Esses três sinais são *crer, obedecer e perseverar*.

Primeiro, quero mencionar um sinal que é básico e essencial: *creiam*. Creiam que são filhas do Pai Celestial, que Ele as ama e que vocês estão aqui para atingir um propósito glorioso, que é alcançar sua salvação eterna. Creiam que o fato de permanecerem

firmes e fiéis às verdades do evangelho é algo de vital importância. Testifico a vocês que é!

Minhas jovens amigas, creiam nas palavras que vocês dizem todas as semanas, ao recitar o tema das Moças. Pensem no significado dessas palavras. Há verdade nelas. Esforcem-se sempre para viver os valores nelas estabelecidos. Creiam, como declara o tema, que, se aceitarem e agirem de acordo com esses valores, estarão preparadas para fortalecer o lar e a família, fazer e cumprir convênios sagrados, receber as ordenanças do templo e, por fim, desfrutar as bênçãos da exaltação. Essas são belas verdades do evangelho e, pelo cumprimento delas, vocês serão mais felizes aqui nesta vida e no futuro do que seriam se as ignorarem.

Muitas de vocês aprenderam as verdades do evangelho desde pequenas. Foram ensinadas por pais amorosos e professores carinhosos. As verdades que eles lhes transmitiram as ajudaram a adquirir um testemunho. Vocês creram no que lhes foi ensinado. Embora esse testemunho possa continuar a ser nutrido espiritualmente e a crescer, à medida que estudam, que oram pedindo orientação e que frequentam as reuniões da Igreja a cada semana, cabe a vocês manter esse testemunho vivo. Satanás vai tentar destruí-lo com todo o poder que ele tem. Ao longo de sua vida inteira, vocês precisam nutri-lo. Como a chama de um fogo brilhante, o seu testemunho — se não for continuamente alimentado — vai reduzir-se a brasas e, depois, esfriar completamente. Vocês não podem deixar isso acontecer.

Além de frequentar as reuniões de domingo e as atividades semanais, quando tiverem a chance de participar do seminário, seja matutino ou parte do currículo escolar, aproveitem essa oportunidade. Muitas de vocês já frequentam o seminário. Como tudo na vida, muito do que adquirem no seminário depende de sua atitude e de sua disposição de ser ensinadas. Que sua atitude seja de humildade e de desejo de aprender. Como sou grato pela oportunidade que tive, quando adolescente, de frequentar o seminário matutino, porque ele desempenhou um papel vital no meu desenvolvimento e no desenvolvimento de meu testemunho! O seminário pode mudar a vida das pessoas.

Há alguns anos, participei de um conselho empresarial do qual fazia parte um bom homem, extremamente bem-sucedido na vida. Fiquei impressionado com sua integridade e sua lealdade à Igreja. Descobri que ele havia adquirido um testemunho e se filiado à Igreja graças ao seminário. Quando se casou, sua esposa era membro da Igreja desde o nascimento. Ele não tinha religião. Ao longo dos anos e a despeito do esforço dela, ele não mostrou interesse em frequentar a Igreja com a esposa e os filhos. Então, começou a levar de carro duas de suas filhas para o seminário matutino. Ele ficava no carro enquanto elas tinham aula, e depois as levava para a escola. Certo dia, estava chovendo, e uma de suas filhas disse: “Entre, papai. Você pode ficar sentado no corredor”. Ele aceitou o convite. A porta da sala de aula estava aberta, e ele começou a ouvir. Seu coração foi tocado. No restante daquele ano letivo, ele frequentou o seminário com as filhas, o que acabou levando-o a tornar-se membro e a dedicar uma vida inteira de atividade na Igreja. Deixem que o seminário as ajude a edificar e fortalecer seu testemunho.

Haverá ocasiões em que enfrentarão desafios que podem colocar em risco seu testemunho, ou irão negligenciá-lo ao buscar outros interesses. Rogo-lhes que o mantenham forte. É sua, e somente sua, a responsabilidade de manter sua chama brilhando intensamente. É preciso esforço, mas é um esforço do qual jamais se arrependerão. Lembro-me da letra de um hino escrito por Julie de Azevedo Hanks. Referindo-se a seu testemunho, ela escreveu:

*Em meio aos ventos da mudança
 Envolta nas nuvens da dor
 Guardo-o com minha vida
 Preciso do calor, preciso da luz
 Embora a tempestade ressoe
 Mantenho-me firme sob a chuva torrencial
 Continuo
 A ser a guardiã da chama.¹*

Que vocês criam e que mantenham a chama de seu testemunho brilhando intensamente, aconteça o que acontecer.

Em seguida, moças, peço-lhes que *obedeçam*. Obedeçam a seus pais. Obedeçam às leis de Deus. Elas nos foram dadas por um Pai Celestial amoroso. Se forem cumpridas, nossa vida será mais plena de realizações, menos complicada. Nossos desafios e problemas serão mais fáceis de suportar. Receberemos as bênçãos prometidas pelo Senhor. Ele disse: “O Senhor requer o coração e uma mente solícita; e os que são solícitos e obedientes comerão do bem da terra de Sião nestes últimos dias”.²

Vocês têm uma só vida para viver. Mantenham-na tão livre de problemas quanto for possível. Vocês serão tentadas, muitas vezes, por pessoas que vocês consideram amigas.

Há alguns anos, falei com uma consultora das Meninas-Moças, que me contou algo que acontecera com ela e uma das moças de sua classe. Aquela moça foi tentada muitas e muitas vezes a deixar o caminho da verdade e a seguir o desvio do pecado. Pela constante persuasão de algumas amigas da escola, ela finalmente concordou em seguir aquele desvio. Arquitetaram um plano: ela diria aos pais que iria para a noite de atividades das Moças. Planejava, porém, ficar ali apenas o tempo suficiente para que suas amigas e os namorados delas fossem buscá-la. Iriam para uma festa em que seriam consumidas bebidas alcoólicas e na qual a conduta seria totalmente contrária ao que aquela moça sabia ser o certo.

A professora tinha orado pedindo inspiração para ajudar todas as moças, especialmente aquela jovem, que parecia tão incerta quanto a seu comprometimento de viver o evangelho. Naquela noite, a professora recebeu a inspiração de não dar a lição que havia planejado, mas de falar às moças sobre a importância de permanecer moralmente limpas. Quando começou a compartilhar seus pensamentos e sentimentos, a moça em questão olhou para o relógio para certificar-se de que não deixaria passar a hora marcada para encontrar-se com suas amigas. No entanto, com o desenrolar da aula, seu coração foi tocado, sua consciência foi despertada e sua determinação foi renovada. Quando chegou a hora, ela ignorou o repetido som da buzina do carro que a chamava. Permaneceu a noite inteira com a professora e as outras moças da classe. A tentação de sair do aprovado caminho de Deus foi vencida. Satanás tinha fracassado.

A moça permaneceu na sala depois que as outras saíram, para agradecer à professora e contar-lhe como a aula a havia ajudado a evitar o que teria sido um final trágico. A oração de uma professora havia sido respondida.

Mais tarde, fiquei sabendo que, por ter tomado a decisão de não sair com os amigos naquela noite — algumas das moças e dos rapazes mais populares da escola — a moça foi ignorada por eles e, por muitos meses, ficou sem ter amigos na escola. Não podiam admitir que ela não estivesse disposta a fazer as mesmas coisas que eles faziam. Foi um período extremamente difícil e solitário, mas ela permaneceu firme e acabou fazendo amizade com pessoas que compartilhavam seus padrões. Agora, muitos anos depois, está casada no templo e tem quatro belos filhos. Quão diferente poderia ter sido sua vida! Nossas decisões determinam nosso destino.

Jovens preciosas, façam com que todas as decisões que pretendem tomar passem no seguinte teste: “O que isso faz para mim? O que isso faz por mim?” E que seu código de conduta não enfatize a pergunta: “O que os outros vão pensar?” mas, sim: “O que vou pensar de mim mesma?” Sejam influenciadas por essa voz mansa e delicada. Lembrem-se de que alguém, com autoridade, impôs as mãos sobre sua cabeça no momento de sua confirmação e disse: “Recebe o Espírito Santo”. Abram o coração, sim, a própria alma, para o som daquela voz especial que testifica a verdade. Conforme prometeu o profeta Isaías: “E os teus ouvidos ouvirão a palavra (...) dizendo: Este é o caminho, andai nele”.³

A tendência geral de nossa época é a permissividade. As revistas e os programas de televisão mostram os astros e as estrelas do cinema, os heróis dos esportes — pessoas que muitos jovens querem imitar — desprezando as leis de Deus e alardeando práticas pecaminosas, sem consequências aparentes. Não acreditem nisso! Haverá um momento em que teremos de prestar contas do que fizemos. Toda Cinderela tem sua meia-noite — se não for nesta vida, será na vida futura. O Dia do Julgamento chegará para todos. Vocês estão preparadas? Estão satisfeitas com o próprio desempenho?

Se alguma de vocês tropeçou na jornada, prometo que há um caminho de volta. O processo se chama arrependimento. Nosso Salvador morreu para prover-nos essa dádiva abençoada. Embora o caminho seja difícil, a promessa é real. O Senhor disse: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve”.⁴ “E nunca mais me lembrarei [deles].”⁵

Minhas amadas jovens irmãs, vocês têm a preciosa dádiva do arbítrio. Rogo-lhes que escolham obedecer.

Por fim, peço que *perseverem*. O que significa perseverar? Amo esta definição: *suportar com coragem*. Talvez seja necessário ter coragem para crer. Poderá ser necessário tê-la, também, para obedecer. Sem dúvida, será exigido que perseverem até o dia em que deixarem esta existência mortal.

Conversei, ao longo dos anos, com muitas pessoas que me disseram: “Tenho tantos problemas, tantas preocupações sérias. Estou sobrecarregado com os desafios da vida. O que posso fazer?” Eu lhes dei, como agora lhes dou, esta sugestão específica: busquem auxílio celeste um dia por vez. A vida a longo prazo é árdua, mas a curto prazo é fácil. Todos podemos ser fiéis por um único dia — e depois por mais um, e mais outro depois daquele — até que tenhamos vivido uma vida inteira guiados pelo Espírito, uma vida inteira próximos do Senhor, uma vida inteira de boas ações e de retidão. O Salvador prometeu: “Confiai em mim e perseverai até o fim e vivereis; porque àquele que perseverar até o fim, darei vida eterna”.⁶

Para esse propósito vocês vieram para a mortalidade, minhas jovens amigas. Nada é mais importante do que a meta que vocês procuram alcançar, sim, a vida eterna no reino de seu Pai.

Vocês são filhas extremamente preciosas de nosso Pai Celestial, enviadas à Terra nestes dias e nesta época, por um propósito. Foram reservadas até este exato momento. Coisas maravilhosas e gloriosas as aguardam, se simplesmente crerem, obedecerem e perseverarem. Que essa seja sua bênção. É minha oração, em nome de Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém.

Notas

1. Julie de Azevedo Hanks, "Keeper of the Flame", *Treasure the Truth*, compact disc, 1997.
2. Doutrina e Convênios 64:34.
3. Isaías 30:21.
4. Isaías 1:18.
5. Jeremias 31:34.
6. 3 Néfi 15:9.